

# O CAVALO

MAIS DE  
**400 MIL**  
EXEMPLARES  
VENDIDOS

# STEVEN JAMES



Companhia  
Editora Nacional

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*





**O CAVALO**

*Os arquivos Bowers*

*volume 3*

STEVEN JAMES

Tradução: Rafael Farinaccio



Companhia  
Editora Nacional

## Sumário

---

**Capa**

**Página de Título**

**Direitos Autorais**

**Nota do Tradutor**

**1**

**2**

**3**

**4**

**5**

**6**

**7**

**8**

**9**

**10**

**11**

**12**

**13**

**14**

**15**

**16**

**17**

**18**

**19**

**20**

**21**

22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31  
32  
33  
34  
35  
36  
37  
38  
39  
40  
41  
42  
43  
44  
45  
46  
47  
48  
49  
50  
51

52  
53  
54  
55  
56  
57  
58  
59  
60  
61  
62  
63  
64  
65  
66  
67  
68  
69  
70  
71  
72  
73  
74  
75  
76  
77  
78  
79  
80  
81



82  
83  
84  
85  
86  
87  
88  
89  
90  
91  
92  
93  
94  
95  
96  
97  
98  
99  
100  
101  
102  
103  
104  
105  
106  
107  
108  
109  
110  
111

112

113

114

115

116

117

**Epílogo**

**Agradecimentos**

**O Bispo: Os arquivos Bowers**

1

2

*Para Jen e Kristin*

*Obrigado pela paciência*

Você não sabe como o treinador de tigres faz? Ele não ousa dar ao tigre nenhuma coisa viva para comer, com medo de que ele possa conhecer o gosto da fúria ao matá-la. Ele não ousa dar a ele nenhuma coisa inteira para comer, com medo de que ele possa conhecer o gosto da fúria ao despedaçá-la.

Ele mede o estado do apetite do tigre e compreende completamente sua disposição feroz. Tigres são de uma raça diferente dos homens... os homens que acabam mortos são os que vão contra eles.

– *Chuang Tzu, filósofo chinês, 351 a.C.*



### **NOTA DO TRADUTOR**

Para melhor compreensão da história, é necessário que se faça uma observação acerca de seu título. O autor, Steven James, criou a série de histórias do agente especial Patrick Bowers seguindo um padrão: cada livro é intitulado de acordo com o nome das peças do jogo de xadrez. Depois de *O Peão* e *A Torre*, este terceiro volume recebeu o título em português de *O Cavalo*, como a peça do jogo.

Porém, é necessário lembrar, para que certas partes do enredo façam maior sentido, que o nome original da história, assim como o da peça de xadrez em inglês, é *The Knight*, que, traduzido literalmente para o português, seria *O Cavaleiro*. A alteração do título se dá apenas para seguir o padrão dos nomes das peças, desejado originalmente pelo autor.



## 1

Quinta-feira, 15 de maio  
Mina de Bearcroft  
Montanhas Rochosas, 65 quilômetros a oeste de Denver  
17h19

O cheiro triste e maturado da morte emanava da entrada da mina abandonada.

Alguns agentes do FBI acostumam-se com esse cheiro em momentos como esse e, depois de um tempo, ele se torna parte da rotina diária.

Isso não aconteceu comigo.

Minha lanterna emitia um feixe estreito de luz através da escuridão, mas iluminava o suficiente para mostrar que a mulher ainda estava vestida, sem sinais de abuso sexual. Dez velas grossas a cercavam, suas chamas dançando e lambendo o ar empoeirado, conferindo ao túnel uma sensação fantasmagórica e transcendental. Ela estava a cerca de 10 metros de distância e deitada como se estivesse dormindo, com as mãos no peito. E em suas mãos estava o motivo pelo qual eu havia sido chamado.

Um coração humano em lento processo de decomposição. Nenhum sinal da segunda vítima.

E as velas tremeluziam ao redor dela no escuro.

Parte dos meus deveres no escritório local do FBI de Denver inclui trabalhar com o Departamento de Polícia de Denver em uma força-tarefa conjunta que investiga os infratores criminosos mais violentos da região metropolitana de Denver, ajudando a analisar evidências e sugerir estratégias de investigação. Como esse crime parecia estar ligado a outro duplo homicídio cometido no dia anterior, em Littleton, o tenente Kurt Mason pediu minha ajuda.

Porém, alguns oficiais da força policial local tendem a ser territorialistas e, no momento em que pisei fora do helicóptero da força-tarefa, percebi o quanto os quatro homens da perícia ficaram animados por eu estar lá. Provavelmente não faria diferença informar que Kurt queria

que eu analisasse a cena com ele antes de me conduzirem ao túnel.

A mina mal tinha altura suficiente para que eu ficasse de pé e era estreita, de modo que eu podia tocar os dois lados ao mesmo tempo. A cada cinco ou 10 metros, grossas vigas escoravam as paredes e o teto, evitando desmoronamentos.

Um trilho enferrujado que havia sido usado por mineradores para conduzir vagonetes de minério pela mina corria pelo chão e desaparecia na escuridão em algum lugar além do corpo da mulher.

Enquanto dava alguns passos para dentro do túnel, verifiquei se meus tênis deixavam pegadas, mas vi que o chão era muito duro. Então, era improvável que também tivéssemos impressões de pegadas do assassino.

A cada passo, a temperatura diminuía, aproximando-se dos 5 °C. A hora da morte ainda era desconhecida, mas o ar frio teria tornado a decomposição mais lenta e ajudado a preservar o corpo. A mulher poderia estar lá há dois ou três dias.

Uma das velas se apagou.

*Por que você a trouxe aqui? Por que hoje? Por que essa mina? De quem é aquele coração nas mãos dela?*

A voz de um dos membros da perícia cortou o silêncio escuro.

– Sim, o agente especial Bowers entrou. Ele não está com pressa.

– Eu espero que não – era o tenente Mason, e fiquei feliz por ele estar ali. Ele esteve ao telefone desde que eu havia chegado, e agora parei e esperei que se juntasse a mim.

Um feixe de luz passou por mim quando ele ligou sua lanterna e logo depois ele estava ao meu lado.

– Obrigado por aparecer, Pat – ele falou em voz baixa, um pequeno gesto de respeito com a morte. – Eu sei que você está partindo para lecionar na Academia semana que vem. Espero que...

– Posso dar consultoria lá de Quântico, se for preciso.

Ele fez um pequeno aceno com a cabeça.

Com 41 anos de idade, óculos estilosos de aro fino e olhos rápidos e inteligentes, Kurt parecia mais um banqueiro de investimentos do que um detetive experiente, mas era um dos melhores investigadores de homicídios que eu já havia conhecido. Havia sido um ano difícil para ele, porém, e isso estava estampado em seu rosto. Cinco anos atrás, quando ele e a esposa Cheryl tinham saído, a filha deles, Hannah, de um ano e três meses, afogou-se na banheira enquanto a babá estava na sala de estar enviando uma mensagem de texto para um amigo. Kurt e eu nos conhecíamos há apenas alguns meses, quando sua filha morreu, mas eu havia perdido recentemente minha esposa e, de certo modo, a noção de tragédia compartilhada tinha aprofundado nossa amizade.

Silenciosamente, colocamos luvas de látex. Começamos a andar em direção ao corpo da mulher.

– O nome dela é Heather Fain – sua voz soava solitária e oca dentro do túnel. – Acabei de ficar sabendo. Desapareceu de seu apartamento em Aurora na segunda-feira. Ninguém viu o namorado dela desde então, um cara chamado Chris Arlington. Estávamos de olho nele... até... – sua voz foi sumindo. Estava observando o coração.

Olhei para o corpo de Heather, ainda a cinco metros de distância, e deixei seu nome caminhar em minha mente.

*Heather.*

*Heather Fain.*

Isso não era apenas um cadáver, eram os restos mortais trágicos de uma

jovem mulher que tinha um namorado, sonhos e uma vida em Aurora, Colorado. Uma jovem mulher com paixões, esperanças e angústias.

Até esta semana.

A tristeza me penetrou como uma faca.

O comentário de Kurt me fez pensar que ele poderia ter um motivo para acreditar que aquele era o coração de Chris Arlington.

– Nós sabemos a identidade da segunda vítima? – perguntei. – Se é ou não Chris?

– Ainda não – um nervosismo tomou conta de sua voz. – E eu sei o que você está pensando,

Pat: não suponha, examine.

– Não se preocupe. Vou examinar.

– Eu sei.

– Temos de começar de algum lugar.

Focalizei o feixe de luz no coração.

– Sim, temos mesmo.

Juntos, nos aproximamos do corpo.





## 2

As velas emitiam um cheiro de baunilha que se misturava com o cheiro de carne em decomposição e o forte odor de enxofre vindo das profundezas da mina. Imaginei se as velas eram a maneira que o assassino encontrou para mascarar o cheiro do corpo quando este começasse a se decompor; imaginei onde ele poderia tê-las comprado, e há quanto tempo estavam queimando.

Detalhes.

Tempo.

– Eu devo te contar – Kurt disse – que o capitão Terrell não está feliz pelo fato de isso estar nas mãos da força-tarefa. Ele quer que fique totalmente com a polícia local.

– Obrigado por avisar – mesmo a três metros de distância eu podia ver as veias carnudas e intrincadas do coração. – A gente resolve isso depois.

Chegamos ao corpo de Heather.

Caucasiana. Por volta de 25 anos, corpo mediano, cabelo castanho empoeirado. Batom fresco. Imaginei-a viva, se mexendo, respirando, rindo. Tomando por base a estrutura óssea do rosto, ela devia ter um sorriso tímido e adorável.

Sua pele estava marcada e manchada, e houve certa atividade de insetos, mas a temperatura baixa fez com que fosse mínima.

Analisei por um momento o coração, preto-avermelhado e preso nas mãos dela. Parecia muito escuro, e terrível, apoiado em seu peito.

Então minha visão voltou-se para as velas. Através dos anos descobri que ter um entendimento claro do local e da relação de tempo de um crime é o ponto mais importante para se começar uma investigação. Olhei o relógio e então assoprei as cinco velas em volta das pernas dela.

– Anote 17h28.

Kurt escreveu os números em sua caderneta.

– Fluxo de cera?

– Sim – mais tarde, faríamos com que os técnicos forenses queimassem velas dessa marca nessa altitude e nessa temperatura e comparassem a taxa de derretimento e a quantidade do fluxo de cera para determinar por quanto tempo as velas ficaram queimando. Isso nos diria quando foi a última vez que o assassino esteve ali. Eu não precisava dizer nada disso para Kurt; nós estávamos na mesma sintonia.

Analisei a posição do corpo em relação ao modo como o túnel se curvava para a esquerda, seguindo o veio mineral que penetrava a montanha. Parecia que o corpo de Heather não havia sido colocado a esmo na mina. O assassino havia centralizado o corpo entre duas vigas de suporte.

*Ele queria que a vissemos assim que entrássemos na mina. Ele a emoldurou. Como uma foto.*

– Só mais alguns minutos – Kurt disse, tirando-me dos meus pensamentos. – Então terei de deixar os caras da perícia entrarem.

Inclinei-me sobre o corpo.

Os olhos dela estavam fechados.

Nenhuma tatuagem visível.

Nenhuma roupa rasgada, nenhum sinal de luta. Calça preta, botas

de couro marrom, uma blusa florida amarela e laranja com uma mancha escura de sangue que havia escorrido do coração.

Empurrei uma mecha de cabelo que cobria sua orelha esquerda e vi que ela era furada em três lugares, mas ela não usava nenhum brinco. Verifiquei a outra orelha. Nenhuma joia.

– Vamos descobrir se ela estava usando brincos no dia em que foi sequestrada. Se ela estava, verifique com o ViCAP<sup>1</sup> sobre outros casos de assassinos que levam brincos como troféus de seus assassinatos.

Ele escreveu na caderneta.

– Kurt, além de você, quantos policiais estiveram aqui?

– Apenas dois – ele apontou sua luz na direção de um túnel em uma interseção que levava para o leste. – Verifiquei os túneis antes de eles chegarem aqui. Está limpo. Nenhum outro corpo.

Pingava água em algum lugar fora da vista no fundo da mina. Ecos molhados rastejando em minha direção.

– Nós sabemos quem é o dono dessa mina?

Ele balançou a cabeça.

– Aqui em cima, os direitos sobre os minérios mudam muito de mãos. São herdados, revendidos. É difícil rastrear. Jameson está trabalhando nisso.

Voltei minha atenção para Heather novamente.

Nenhuma contusão na face, nem sangue no cabelo, nem marcas no

pescoço. *Como ele te matou, Heather? Segurou um travesseiro contra seu rosto? Te afogou? Te envenenou?*

– Vamos fazer um exame toxicológico.

– O médico forense está a caminho para dar continuidade à investigação. A vela ao lado do ombro direito dela piscou.

Movimentei meu feixe de luz para além do coração e o direcionei para as leves dobras e rugas de sua roupa.

Kurt se inclinou ao meu lado, apontando primeiro para os ombros dela, então para os tornozelos.

– Não há aglomeração ou aglutinação nas roupas dela – ele disse. – Ele não a arrastou para cá; ele a carregou.

– É o que parece. Mesmo assim, ele gastou um tempo para alisar sua roupa, pentear seus

cabelos. Ele passou um tempo com ela. Preparando-a. Garantindo que tudo estava certo.

Senti uma tristeza renovada diante da morte dela e da pessoa cujo coração agora descansava em meu peito. Movimentando o feixe de luz sobre o corpo, pensei em quantos assassinos retornavam para o local de descarte de suas vítimas para violar seus restos, para reviver a emoção do assassinato, mas não havia sinais de que ele tivesse corrompido o corpo. E eu estava grato por isso acima de tudo.

*Por que aqui? Por que você a trouxe aqui?* Quando estou no meio de uma investigação tenho a mania de conversar comigo mesmo, e não percebi que havia feito mais do que apenas pensar minhas duas perguntas até ouvir uma voz de mulher atrás de mim:

– Ele está nos mandando uma mensagem.

Então, passos, rápidos, firmes, com propósito. Com cuidado para não direcionar o feixe de luz em seus olhos, virei minha lanterna na direção da mulher que se aproximava de nós. No canto da luz pude ver seu rosto de *cowgirl* naturalmente bonito e seus cabelos loiros avermelhados.

– Detetive Warren – eu disse.

– Agente Bowers.

Aos 29 anos, Cheyenne foi a mulher mais jovem a ser promovida a detetive de homicídios do Departamento de Polícia de Denver. Ela era inteligente, tinha os pés no chão, era dedicada e eu gostava dela. Eu havia trabalhado com ela em seis casos da força-tarefa no último ano, e a cada vez ficava mais impressionado.

Mesmo sendo sete anos mais velho, com certeza havia química entre nós, e ela havia tomado a dianteira e me chamado duas vezes para sair, mas aconteceram alguns desencontros. No entanto, à luz dos problemas que eu estava tendo em meu relacionamento atual, esses dois casos vieram à minha cabeça.

Os olhos dela passaram por mim e encontraram o corpo iluminado pela lanterna de Kurt.

– Posicionamento ritualístico – ela disse. – Ele levou um tempo para deixar tudo certo.

– Sim – focalizei minha luz em Heather novamente.

Um dos membros da perícia chamou Kurt em voz alta. Vi sua mandíbula tensa; ele ficou um momento em uma ponderação silenciosa, então entregou para Cheyenne a lanterna, pediu licença e saiu.

Voltei minha atenção para Heather e, quando me inclinei para perto de seu rosto, percebi algo em sua boca. Gentilmente, puxei seu lábio inferior para ver dentro.

Um dispositivo preto do tamanho de um chiclete em tira dobrado estava em sua língua.

Cheyenne também viu. Ajoelhou-se ao meu lado. A maior parte da minha atenção permaneceu na cena do crime, mas um pouco voltou-se para ela, para o suave toque do seu braço contra o meu.

Ambos examinamos o objeto.

– O que é isso? – ela perguntou.

– Não sei.

– Já volto – ela saiu da mina enquanto eu usava meu celular para tirar fotos do rosto de Heather e do posicionamento do objeto em sua boca.

Cheyenne retornou com pinças plásticas e um saco para coleta de evidências.

– A perícia ficou emocionada em passar isso para a frente.

– Tenho certeza de que ficaram.

Ela me deu a pinça e eu a deslizei cuidadosamente para dentro da boca de Heather. Apertei o objeto para removê-lo.

E ouvi uma voz.

“Vejo você...”

Caí para trás.

“...em Chicago...”

Uma gravação.

“...agente Bowers.”

Recuperei o fôlego.

Senti meu coração disparar.

Olhei para a pinça e para o pequeno dispositivo de gravação. Parecia um daqueles que você encontra em alguns tipos de cartão de festas. A pressão dos lados o ativou.

– Ok – Cheyenne soltou um suspiro fino e comprimido. – Eu não estava preparada para isso.

Meu coração ainda estava martelando.

– Nem eu.

A mensagem se repetiu. “*Vejo você em Chicago, agente Bowers.*” Esperei para ver se havia mais alguma coisa, mas aquelas seis palavras se repetiam a cada seis segundos. Cuidadosamente, coloquei o dispositi

tivo de gravação no saco para evidências.

– Ele sabe sobre Chicago – Cheyenne disse, pegando o saco comigo.

– Sobre o julgamento de Basque.

No dia seguinte de manhã eu iria para Chicago para depor no segundo julgamento de um assassino em série chamado Richard Devin Basque, um homem que eu havia detido 13 anos atrás, no começo da minha carreira como investigador. Ele fora declarado culpado e estava preso desde então, mas recentemente novas evidências surgiram e, agora, era possível que fosse solto.

Eu não queria pensar naquilo agora.

A gravação continuava tocando: “*Vejo você em Chicago, agente Bowers*”. O som distante de água pingando.

Por um momento, ouvi o túnel. Meus pensamentos.

Quem quer que tenha deixado a gravação não apenas sabia que eu estaria em Chicago amanhã, mas sabia também que eu estaria aqui, nesta cena de crime, hoje.

*Mas como?*

*E como este assassinato está ligado ao julgamento de Basque?*

Outra vela se apagou. A escuridão rastejou em nossa direção das profundezas da mina, e o coração ao qual Heather estava agarrada não mais apresentava a cor vermelha: estava completamente preto.

Vozes atrás de mim. Kurt e a unidade de perícia.

– Tudo bem – Cheyenne disse. – Aí vêm eles.

A gravação continuava repetindo a mensagem. Eu queria saber como desligá-la.

Enquanto a equipe se aproximava, deixei minha luz afastar-se do corpo de Heather e caminhar pela parede do túnel, onde analisei o brilho emitido pelos minerais incorporados na montanha. Fissuras e fendas ocasionais de apenas alguns centímetros de largura atravessavam a rocha.

Uma antiga escada de madeira tosca desaparecia por um poço a quatro metros do corpo. Andei até ela e mirei minha lanterna para baixo. O poço era tão estreito que mal permitia que uma pessoa descesse. Cerca de 10 metros abaixo, ele terminava em outro túnel.

– Alguma ideia do tamanho dessa mina? – perguntei para Cheyenne.

– Ainda não, mas algumas dessas antigas minas de ouro percorriam quilômetros.

Então a perícia chegou. Nós deixamos o dispositivo de gravação com eles e Cheyenne e eu fomos para a entrada da mina.

Quando passei pelos homens a caminho da saída, cumprimentei-os discretamente, mas Kurt foi o único que respondeu.



Cheyenne andava ao meu lado.

– Você acha que foi Taylor que deixou a mensagem? – ela perguntou.

Sebastian Taylor era um ex-assassino na lista dos mais procurados do FBI que havia tomado especial interesse por mim alguns meses atrás e havia começado a me mandar cartas provocativas e fotos de pessoas da minha família. Ele assinava todos os bilhetes como “Shade”, o codinome que uma dupla de assassinos tinha usado em San Diego em um caso no qual trabalhei em fevereiro. O exame de DNA realizado em um dos envelopes nos mostrou que era Taylor quem estava mandando as mensagens e que ele era, na verdade, o pai de um daqueles assassinos.

Duas semanas atrás, um policial havia encontrado marcas de pneu na lama próximas a uma caixa de correio rural que Taylor havia usado para enviar um envelope. Nós não sabíamos ainda se as marcas de pneu eram do veículo dele, mas pareciam uma boa pista. A equipe de Kurt estava encarregada disso.

– Isso não parece o tipo de crime de Taylor – eu disse para Cheyenne.

– E todas as suas mensagens anteriores para mim haviam sido escritas à mão, e não gravadas.

– Algum outro assassino com o hábito de mandar mensagens pessoais para você?

– No momento, não.

Se Taylor fosse o assassino e estivesse realmente planejando me ver em Chicago, eu queria estar pronto para ele. Então, quando Cheyenne e eu nos aproximamos da entrada, peguei meu celular.

– Vou ligar para um amigo meu do *Bureau* para fazer algumas coisas acontecerem.

– Cuidado, Pat – sua voz carregava uma profunda preocupação. Mais profunda do que a preocupação de uma colega de trabalho. – Isso é diferente. Eu não gosto disso. De nada disso.

– Eu entendo – um leve desconforto passou-se entre nós, e ela, então, voltou para a mina, e eu disquei o número de Ralph.



O agente especial Ralph Hawkins não era apenas o diretor interino do National Center for the Analysis of Violent Crime<sup>2</sup> do FBI, ou NCAVC, mas era também um dos meus amigos mais próximos. Apesar de ele estar em Washington, no quartel-general do FBI, eu sabia que se tinha alguém que podia colocar uma equipe de prontidão no tribunal de Chicago amanhã, esse alguém seria ele.

Enquanto esperava que ele atendesse, percebi que o sol havia se escondido quase totalmente atrás das montanhas e que o dia começava a desaparecer. Logo após o trecho plano de terra onde o helicóptero estava pousado, florestas selvagens de abetos se espalhavam pelas encostas. Além delas, picos irregulares cobertos de neve projetavam-se para o céu.

O sinal do meu celular desapareceu, e segui em direção ao helicóptero. Tentei novamente.

Próximo dali, um carro parou na estrada esburacada que levava até a mina e o dr. Eric Bender, médico forense de Denver, saiu do veículo. Óculos grossos. Rosto sereno. Eric tinha quase 1,95m, era magro e tinha um andar inclinado que fazia parecer que ele estava sempre levemente desequilibrado. Ele deve ter percebido que eu estava ao telefone, pois, em vez de me cumprimentar com palavras, apenas acenou para mim.

Acenei de volta. Conheci Eric no ano passado, um mês depois de ter me mudado para Denver com minha enteada. Tessa não fazia amigos facilmente, então fiquei grato quando descobri que a filha dele, Dora, também estava no Ensino Médio, e fiquei mais grato ainda quando as duas garotas se deram bem.

Eric desapareceu dentro da mina na hora em que Ralph atendeu. Informei a ele sobre a mensagem gravada e da possibilidade de ser Taylor.

– Tudo bem – ele disse. – Vou fazer algumas ligações. Eu mesmo irei para Chicago. Quando você depõe?

– Às 13h. Calvin vai me buscar no aeroporto.

– Werjonic?

– Sim.

– Encontro com você no tribunal – Ralph raramente falava mais do que o necessário. – Se for Taylor, nós o pegaremos – e finalizou a ligação.

Poderíamos colocar mais pessoas vigiando os aeroportos da região, mas eu tinha a sensação de que, se Taylor quisesse chegar em Chicago, ele encontraria um jeito. Ainda assim, liguei para meu supervisor no escritório local do FBI em Denver e pedi a ele para enviar um alerta para todos os aeroportos do Oeste e Meio-Oeste.

O piloto do helicóptero da força-tarefa que havia me trazido da central de polícia estava inclinado contra a cabine. Ele tirou os olhos da edição do *Wall Street Journal* que lia e me olhou.

– Pronto?

– Só mais um minuto.

O tenente-coronel Cliff Freeman havia se aposentado da Força Aérea ano passado, aos 44 anos, e agora pilotava helicópteros em meio período para o governo federal. Um homem de família com dois filhos gêmeos de 11 anos, ele tinha o cabelo cortado curto, ainda estava em boa forma e tinha uma habilidade especial sobre o mercado de ações de alta tecnologia.

Voltei para o túnel para dar uma última olhada no corpo de Heather e, em seguida, me juntei a Cliff na cabine do helicóptero.

Assim que decolamos, reparei nas trilhas escassas e nas estradas de terra que desciam as

montanhas íngremes e atravessavam a Floresta Nacional de Arapaho. A rota de saída que o assassino provavelmente usou não deveria ser difícil de descobrir. Analisei a topografia da área. Memorizei-a.

Então o sol deslizou para trás das montanhas, e a noite começou a rastejar pelas Montanhas Rochosas.

A mensagem gravada ecoava em minha cabeça: *“Vejo você em Chicago, agente Bowers”*.

– Verei você também – eu disse para mim mesmo.

E sobrevoamos as montanhas em direção a Denver para que eu pudesse fazer as malas e pegar meu voo.





27 quilômetros a sudeste da Mina de Bearcroft  
20h12

Com o passar dos anos, Sebastian Taylor aprendeu a tomar cuidado.

Tomar cuidado enquanto ele trabalhava para a CIA encontrando maneiras permanentes para lidar com pessoas problemáticas; tomar cuidado na década seguinte, para manter sua antiga linha de trabalho em segredo enquanto lançava sua carreira política; tomar mais cuidado ainda durante seus quatro anos como governador da Carolina do Norte, armando terreno para concorrer futuramente à presidência. Tomar cuidado, tomar cuidado. Sempre tomar cuidado.

Ele saiu do chuveiro e se enxugou; depois pegou sua Glock da bancada ao lado da pia e abriu a porta para o quarto.

Sempre tomando cuidado.

Mas além de tudo, ele havia tomado cuidado durante os últimos sete meses após sua queda, depois de assassinar um ex-associado e ir parar na lista dos mais procurados do FBI.

Por décadas, Sebastian havia feito apenas o que era melhor para os Estados Unidos. Mas, desde que seu país havia se virado contra ele em outubro passado e começado a caçá-lo como um procurado, ele encontrou espaço em sua consciência para um tipo diferente de lealdade e descobriu que dinheiro podia ser um motivo pelo menos tão satisfatório quanto o patriotismo.

Sebastian pensou nessas coisas enquanto terminava de se vestir, se armava e calçava seu sapato Oxford Taryn Rose Chester feito à mão. Sapatos italianos eram os mais bem-feitos do mundo, e mesmo tendo consciência de que deveria ser discreto com suas aquisições, ele ainda se permitia alguns luxos. Um toque das coisas mais finas da vida.

Nos últimos poucos meses ele havia construído uma nova identidade, escolhido uma casa isolada nas montanhas 50 quilômetros a oeste de Denver e então, cuidadosamente, cobriu seus

rastros enquanto planejava seu próximo passo contra um certo agente do FBI problemático que parecia surgir sempre no lugar errado na hora errada.

O agente especial Patrick Bowers.

Sebastian terminou de amarrar os sapatos, levantou-se e alisou o paletó Anderson & Sheppard costurado à mão para cobrir seu coldre de ombro. Sim. As coisas mais finas.

E era por isso que ele estava indo ver Brigitte Marcello novamente, essa noite.

Mesmo já tendo passado dos 50 anos, Sebastian mantinha-se em uma forma impecável, o que era útil para alguém que preferia mulheres mais jovens. E, aos 27 anos, Brigitte ainda não tinha começado a ceder à ação do tempo. Ela ainda estava inteira. Ainda estava linda. Ainda era digna de sua atenção.

Depois de fazer amor em uma noite no mês passado, ela disse a ele suave e amavelmente:

– Eu não acredito que estou fazendo isso. Você tem idade suficiente para ser meu pai.

– E você tem idade suficiente – ele disse enquanto a puxava para perto de si – para ser meu verdadeiro amor – e então ela se derreteu em seus braços e eles fizeram sexo novamente. Sim, para conseguir o que você quer das pessoas, você simplesmente tem de dizer a elas o que querem ouvir.

Ele pegou o envelope de papel pardo contendo as fotos da enteadada de Bowers, Tessa. Colocou-o dentro de sua maleta.

Uma rápida olhada no relógio: 20h22.

Tempo suficiente para enviar as fotos pelo correio antes de buscar Brigitte às 21h. Depois de oito envelopes, o FBI com certeza havia instalado câmeras de segurança para reconhecimento de rostos nos correios da área de Denver. Muito melhor deixar que os federais rastreiem suas cartas até casas escolhidas aleatoriamente pela cidade – era só encontrar uma bandeira de caixa de correio virada para cima na casa de alguém tolo o suficiente para colocar suas cartas na caixa durante a noite em vez de fazer isso pela manhã, e então enfiar o envelope dentro da caixa.

Tomando cuidado.

Alerta.

Sebastian Taylor não era o tipo de homem com quem se brinca.

Ele entrou na garagem, ligou as luzes e foi até seu Lexus RX, corretamente chamado de veículo utilitário de luxo em vez de veículo utilitário esportivo. Abriu a porta do motorista.

E sentiu a lâmina, fria e veloz, morder seu tendão de Aquiles direito...Sentiu a força em sua perna ir embora enquanto o intruso cortava o tendão de sua perna esquerda também, ainda mais profundamente.

E mesmo que Sebastian tenha sido treinado para lidar com a dor, ele involuntariamente engasgou enquanto desabava no chão.

Mas quando chegou ao chão, ele já havia sacado sua Glock

Ele girou, de barriga para baixo, e mirou, mas percebeu tarde demais que o homem havia dado a volta por trás do Lexus, e antes que pudesse virar e atirar o intruso estava sobre ele, forçando um joelho contra suas costas, pressionando seu peito contra o concreto e agarrando seu pulso e seu antebraço direitos.

Não.

Sebastian reconheceu a posição das mãos do homem e soube o que estava prestes a acontecer.

Não.

Mas por causa do ângulo estranho, ele era incapaz de impedir.

Não!

Com uma força rápida e precisa, o homem se inclinou para a frente enquanto simultaneamente girava as duas mãos.

Houve um estalo úmido e grave quando os ossos do pulso direito de Sebastian se quebraram.

O homem tirou a Glock de sua mão mole e lançou-a para longe do alcance, em direção à porta da cozinha.

E, por um momento, Sebastian sentiu apenas a dor subindo pelo seu braço e por sua perna. Ele ficou parado, tentando controlá-la.

Não conseguiu.

Agora de pé, o homem tinha recuperado a navalha que devia ter derubado depois de cortar os dois tendões de Aquiles de Sebastian.

– Desculpe pelo pulso, governador. Você sacou sua arma mais rápido do que imaginei. Você realmente é bom no que faz.

Sebastian se virou para ver seu agressor.

Máscara de esqui preta. Blusa preta. Jeans. Luvas de couro marrom.

A navalha que ele segurava pingava sangue vermelho e brilhante no concreto. Mas quem? Quem era ele?

Alguém do seu passado?

Um alvo que ele não havia acertado?

*Controle a dor. Controle a dor.*

Não, ele sempre havia cumprido suas tarefas à risca. Nunca deixava nenhuma ponta solta.

– Quem é você? – Sebastian perguntou, escondendo qualquer sinal de dor de sua voz.

Por um momento, o homem o observou como se ele fosse um animal em exposição, e não um ser humano.

– Você pode me chamar de Giovanni. Vamos fazer desse jeito esta noite, o que você acha, Shade?

*Como ele sabe quem você é?*

Sebastian apertou os olhos.

– Por que a máscara de esqui? Só covardes se escondem por trás de máscaras.

– Você é um homem esperto. Eu localizei e desabilitei três de suas câmeras de vigilância, mas é possível que você tenha mais. Eu não podia me arriscar a ser identificado pela polícia depois que você estiver morto.

Sebastian deixou a ameaça de morte pairar sobre ele. Ele não ia morrer naquela noite.

O homem que preferia ser chamado de Giovanni analisou a crescente poça de sangue aos pés de Sebastian, então sacou um lenço branco do bolso e começou a limpar a navalha.

– Esse pulso deve estar doendo mesmo. Os tendões de Aquiles também. Ouvi falar que apenas partos e fraturas no fêmur são mais dolorosos que ter esses tendões cortados.

Sebastian sabia que xingar, implorar, chorar não ajudaria em uma situação daquelas. Então, apesar da dor estonteante, ele se manteve quieto. Apenas ouviu e planejou. Preparou-se para responder.

O homem terminou de limpar a lâmina, dobrou a navalha e deslizou-a para dentro do bolso da calça.

Sebastian podia sentir as contrações em suas pernas. Ele tentou controlá-las, interromper os tremores involuntários, mas não conseguia, e Giovanni deve ter percebido.

– Não tenha vergonha – Sebastian percebeu um toque de admiração na voz do homem. – Sério. Você está lidando com a dor incrivelmente bem.

Lentamente, Sebastian pressionou a mão esquerda contra o concreto frio. Ele precisava de apenas um momento para deslizar a mão até a arma reserva.

Com cuidado. Sim, agora era uma hora em que ele era grato por ser cuidadoso.

A Smith and Wesson M&P 340, com armação de escândio, calibre .357 de cano curto localizada em seu coldre de tornozelo era uma das mais poderosas armas de cano curto que a S&W já havia feito.

As coisas mais finas.

Não era um homem com quem se brinca.

Giovanni pegou a maleta que Sebastian havia derrubado quando caiu e colocou-a na bancada situada ao longo da lateral da garagem.

– Governador, você não ouviu as histórias? Sobre o louco que espera debaixo dos carros das pessoas em suas garagens e em estacionamentos de shoppings e então, quando estão prestes a entrar no carro, corta os tendões para incapacitá-las? Você deveria ter verificado debaixo do seu carro.

Sebastian o viu abrir a maleta e remover o envelope contendo as fotos de Tessa Bernice Ellis. Ele pegou uma caneta hidrográfica preta do bolso e escreveu algo que Sebastian não pôde ler no envelope.

*Pegue a arma. Apenas pegue a arma.*

Giovanni pegou uma bolsa esportiva preta debaixo do Lexus onde ele aparentemente havia se escondido mais cedo.

– Você conhece a história sobre como o tendão de Aquiles recebeu esse nome, não é? – ele colocou a bolsa no chão, fora do alcance de Sebastian. – Aquiles. O maior guerreiro da Grécia, mas ele tinha uma fraqueza.

*Paciência. Paciência.*

– Existia somente um lugar onde ele era vulnerável. Aquele tendão na parte de trás da perna, logo acima do calcanhar. Sua única pequena fraqueza. E você sabe qual foi a sua? Orgulho. Soberba. Você encobriu seus rastros, mas nunca realmente achou que podia ser encontrado.

Com o pulso quebrado, Sebastian só poderia usar a mão esquerda. Mas ele sabia que ainda poderia disparar uma arma.

Lentamente, ele começou a arrastar a perna pelo concreto em direção à sua mão.

– Você foi cauteloso, mas não se manteve atento. Mas não se sinta mal. Todo mundo tem isso. Aquele lugarzinho onde a flecha vai perfurar.

Giovanni abriu a bolsa esportiva e olhou para seu relógio.

– Eu gostaria de poder dizer que nosso tempo juntos será prazeroso, mas infelizmente as coisas vão ficar um pouco bagunçadas.

Sebastian puxou a perna mais alguns centímetros na direção de sua mão. *Só mais um pouco e você consegue.*

*Mais um pouco.*

Giovanni pegou um cortador de tapetes. Abriu a lâmina. Colocou-o sobre a bancada.

Enquanto Sebastian mexia a perna, o calcanhar raspava no chão, abrindo o corte em seu tendão de Aquiles. Ele respirou fundo para calar a dor. Descansou a perna. Estabilizou-se. De algum modo, conseguiu não gritar.

Giovanni sacou dois rolos de corda da bolsa e os colocou organizadamente à sua frente na bancada.

Então, um alicate.

Depois, uma faca de caça.

Sebastian sabia que não tinha muito tempo.

Ele agarrou a perna, puxou-a para cima e o ferimento abriu. Sua perna se contorceu em espasmos, e uma tontura escura passou por ele, mas ele não gritou. Apenas alcançou a arma.

Tudo em um instante, Sebastian instintivamente abriu o coldre, pegou a arma de cano curto e girou-a em direção a Giovanni.

– Eu tenho uma .357 mirada para suas costas – ele estava surpreso com sua calma, considerando a tremenda dor que sentia.

Giovanni congelou.

O jogo havia mudado.

– Tente qualquer coisa e eu atiro – mas antes de Sebastian matá-lo, ele queria saber quem era aquele homem. – Agora, mãos para o alto, ou vou garantir que você morra muito, muito lentamente. Afinal, como você disse antes, eu sou bom no que faço.

O homem que preferia ser chamado de Giovanni não se moveu. Sebastian não queria matá-lo até ter algumas respostas, mas se o homem não obedecesse, ele apertaria o gatilho e não deixaria isso incomodá-lo nem por um instante.

– Estou te falando, você não quer abusar da sorte. Coloque as mãos para o alto e vire-se para mim.

Giovanni lentamente levantou as mãos e começou a virar.

– Quem te mandou?

Nenhuma resposta.

– Eu perguntei: quem te mandou? Como você me encontrou? Quando Giovanni finalmente o encarou, Sebastian pôde ver uma tremida levemente visível descer pela garganta do homem. Ainda sem resposta.

– Essa enrolação vai te custar caro – Sebastian disse. – Agora, tire a máscara.

Giovanni deixou seus olhos se moverem rapidamente na direção da Glock de Sebastian caída no chão perto da porta da cozinha. Mas aquela olhada entregou tudo.

Assim que ele pulou na direção da arma, Sebastian apertou o gatilho da sua .357.

Um clique.

Nada mais.

Giovanni tropeçou pela garagem. Sebastian atirou novamente.

Um clique.

Nada. De novo.

*Como poderia a arma estar vazia? Você sempre a mantém carregada. Sempre!* Giovanni levantou-se, segurando a Glock Encarou Sebastian.

– Como eu estava, um momento atrás? – ele perguntou. – Eu pareci com medo? Eu ensaiei, sabe, em frente ao espelho. Eu não sou um ator tão bom, e não achei que seria convincente se eu improvisasse. Mas eu enganei você, não foi? Parece que sim.

Ele mirou a Glock no rosto de Sebastian.

*Não!*

Sebastian respirou fundo.

Giovanni atirou.

Nada.

O homem observou friamente Sebastian e balançou a cabeça, desapontado.

– Governador, por favor. Você realmente acha que eu deixaria você entrar na garagem com alguma de suas armas carregada? Você é um homem muito perigoso. Isso não seria muito esperto da minha parte. Você não deveria deixar a arma em sua cama. Ou, ainda, deixar sua Glock sobre a bancada do seu banheiro. Alguém poderia entrar na sua casa e esvaziá-las enquanto você está tomando banho.

– Quem é você? – Sebastian ouviu sua voz indo da confiança para o medo.

A única resposta de Giovanni foi pegar uma das cordas da bancada e, com a rapidez de um

gato, correr em direção a Sebastian. Antes que ele pudesse sair do caminho, Giovanni enrolou a corda em torno do seu pulso não machucado e torceu o braço de Sebastian na direção da bancada. Um instante depois, ele havia amarrado o pulso a uma das pernas da bancada.

Agora ele estava de pé, pegando a outra corda.

Sebastian sabia que não podia deixar Giovanni amarrar sua outra mão. Se ele fizesse isso, ficaria completamente desamparado. Tudo acabaria. Ele rolou na direção do pulso amarrado e tentou puxar a corda, tentou desamarrá-la, mas como o pulso estava quebrado, ele não tinha forças para fazer isso.

Então Giovanni veio em direção a ele novamente. Sebastian tentou lutar contra ele, mas seu agressor torceu seu braço com força, e um dos ossos em seu antebraço arrebentou-se. Dessa vez Sebastian não pôde evitar e soltou um grito agudo de dor. A estranha protuberância na manga do paletó mostrou que o osso do braço havia atravessado a pele.

– Está tudo bem – Giovanni estava puxando seu braço na direção do carro. – A maioria dos homens já estaria chorando agora. Eu tenho enorme respeito por você – ele soava genuinamente impressionado. – Você está fazendo um trabalho admirável!

Sebastian puxou seu pulso amarrado, mas o nó que Giovanni havia feito só ficava mais apertado. Com um último surto de força, ele tentou empurrar Giovanni, mas falhou.

Em poucos segundos, Giovanni havia amarrado o pulso quebrado de Sebastian nas rodas de liga de alumínio de 18 polegadas e sete raios de seu veículo utilitário de luxo, o Lexus RX de cem mil dólares, e Sebastian Taylor estava indefeso, com os braços esticados, um para cada lado, os dois pulsos amarrados.

Giovanni examinou as cordas para garantir que eram seguras.

– Pronto – então ele se levantou, andou na direção da bolsa esportiva e pegou um serrote.

– Tudo bem se você gritar, de verdade, não vou pensar menos de você – ele mexeu novamente na bolsa e pegou uma tira grossa de tecido.

– Agora, eu posso te amordaçar até acabarmos, se você quiser. Pode tornar as coisas mais fáceis. Baseado no que eu vejo, morder uma mordaca parece ajudar as pessoas a lidar com a dor. Para mim, tanto faz. Deixo a escolha com você.

Sebastian estava cansado de ser legal. Ele soltou uma enxurrada de xingamentos e terminou dizendo:

– Você é um homem morto. Não faz ideia de com quem está lidando. Giovanni colocou a mordaca de volta na bolsa esportiva.

– Tudo bem, então. Vamos começar.

Carregando o serrote, ele se ajoelhou e posicionou a lâmina contra o joelho esquerdo de Sebastian, logo abaixo da patela. Então segurou a perna com força contra o concreto com a outra mão.

– Nós temos uma noite longa à nossa frente. Eu não vou muito fundo nesse primeiro corte, então sugiro que você não se mexa demais. Só vai fazer mais bagunça e me obrigar a demorar mais. Eu acho que você não ia gostar. Mas, novamente, a escolha é sua.

Sebastian sentiu o medo, bruto e profundo, atravessá-lo. Ele cerrou os dentes, tentou se preparar para o que estava por vir, sentiu um grito se aproximando, mas então, antes que o homem pudesse começar a serrar, ele ouviu o barulho do cascalho na parte de fora da garagem.

Um carro.

Ele um pequeno brilho de esperança. Talvez, só talvez, ele ainda pudesse sair dessa vivo.

Giovanni correu para o interruptor de luz e desligou-o. Apenas o leve brilho dos faróis e do luar pela janela permaneceram.

Ele pegou a mordaca.

– Parece que isso não é mais opcional...

Sebastian começou a pedir socorro, mas seu grito foi rapidamente interrompido quando Giovanni colocou o tecido grosso em sua boca e amarrou atrás da cabeça.

Fora da janela, os faróis piscaram e uma porta de carro se abriu e depois se fechou.

Giovanni levantou-se.

– Deve ser Brigitte. Muito pontual. Muito solícita. Depois de receber aquela mensagem de texto que mandei para ela mais cedo em seu nome, ela deve ter decidido se apressar – Giovanni pegou outro pedaço de corda da bolsa esportiva. – Acredito que você disse a ela que houve uma mudança de planos. Que você planejou uma noite inesquecível e se ela poderia, por favor, trazer comida chinesa. Achei que seria mais fácil desse jeito, ter vocês dois no mesmo lugar, e, além do mais, eu gosto de comida chinesa e tenho certeza de que no fim dessa noite eu vou estar faminto. É conveniente para todo mundo.

Sebastian tentou gritar, tentou tirar a mordaca de sua boca, mas não era possível.

Na luz fraca da garagem, ele viu Giovanni sacar a navalha.

– Sabe, de acordo com a história, eu preciso matá-la primeiro, deixar você assistir, então é assim que vamos fazer – ele parou e olhou para baixo, para Sebastian, com simpatia. – Bom, tudo bem, então. Eu já volto – e desapareceu pela porta que levava para a casa.

Sebastian Taylor, o ex-assassino que chamava a si mesmo de Shade, não acreditava no Todo-Poderoso. Se ele acreditasse, teria rezado, teria implorado por piedade divina por tudo que ele havia feito em seu passado secreto, mas, em vez disso, ele apenas pôde xingar seu captor, e o mundo e sua própria falta de cuidado. E lutou sem esperança contra suas amarras enquanto seus tendões rasgados escoavam sangue no chão da garagem, marchando permanentemente os saltos de seus sapatos de couro italiano de 495 dólares.

Ele ouviu a porta da frente se abrindo.

Brigitte havia chegado.

A longa e última noite havia começado.



Sexta-feira, 16 de maio  
Denver, Colorado  
6h32

Acordei.

Tomei banho.

Me vesti.

Encontrei meu celular e vi que Cheyenne havia deixado uma mensagem de voz: o laboratório forense havia ligado o DNA de Chris Arlington ao do coração.

– Então, para ser franca – ela não soava insensível, apenas foi direto ao assunto –, ele não é mais um suspeito. – Ontem parecia bem possível que Chris fosse a segunda vítima, então a mensagem dela não me surpreendeu.

E agora, o desafio: encontrar uma maneira de concentrar meus pensamentos no julgamento vindouro em vez de deixar minha atenção ser desviada para as mortes no Colorado. Eu sempre trabalho em múltiplos casos simultaneamente, mas tirar um deles da minha cabeça enquanto trabalho em outro é uma luta constante.

Levei um momento para revisar minhas anotações sobre o caso de Basque, então terminei de arrumar minha mala e fiz um pouco de café para conseguir sobreviver à manhã. Eu estava na metade de uma xícara de Sana`ani – um grão encorpado e robusto do Iêmen – quando minha enteada Tessa apareceu na porta da cozinha, colocando seu piercing da sobrancelha para ir para a escola.

– Oi – ela disse. Ela vestia jeans desbotados, tênis de lona e uma camiseta que dizia “Viva o Verde ou Morra”. A linha de cicatrizes finas que ela havia feito em si mesma nos meses após a



morte da mãe era visível em seu braço direito, e a ponta de sua tatuagem de corvo aparecia por debaixo de sua manga esquerda. A sombra de olho, o batom e o esmalte das unhas combinavam com o cabelo preto e davam personalidade às suas feições delicadas, fazendo-a parecer bonita, mas também levemente ameaçadora. Do jeito que ela gostava.

– Bom dia – eu disse.

– Eu sei que você não vai me dizer onde é esse julgamento, mas eu vou perguntar mesmo assim – ela pegou uma blusa do cabide na parede e jogou o cachecol prateado que eu havia comprado para ela na minha última viagem para a Índia em torno do pescoço. – Onde é o julgamento, Patrick?

Por causa de seus cabelos negros e espírito livre, peguei a mania de chamá-la de Raven<sup>3</sup>. Às vezes – parte do motivo pelo qual ela havia escolhido aquela imagem para sua tatuagem – e agora eu disse:

– Eu não posso te contar sobre o julgamento, Raven. Você sabe que minha vida profissional e minha vida familiar têm de estar...

– Separadas. Eu sei. Só pensei em perguntar.

Ela andou entre as caixas de mudança e serviu-se de uma xícara de café. Nenhum de nós sabia quem era o pai biológico dela, e ela não tinha nenhum parente próximo, então, após a mãe ter morrido, nós dois sofremos juntos, lutamos juntos e finalmente acabamos nos amando de um jeito que me fazia sentir como seu verdadeiro pai.

Olhei o relógio. Com minha permissão do FBI eu poderia ir direto para o portão de embarque do aeroporto, então a segurança não seria problema, mas o trânsito poderia ser.

– Escute, eu preciso...

– Esse é diferente, não é? – ela estava olhando para seu café e girando uma colher dentro dele, apesar de eu não me lembrar de ela ter colocado nada dentro da caneca.

Pensei que eu sabia aonde ela estava querendo chegar com a pergunta, mas esperava estar errado.

– O que você quer dizer?

– Tipo, quando você estava se preparando pra isso e tal – ela não levantou o olhar da xícara de café. – Eu observei você. Dava pra ver. É...

Ela deve ter parado para procurar pela palavra certa, mas por mais brilhante que ela fosse, eu duvidei. Suspeitei que ela estava esperando para que eu completasse o espaço vazio – provavelmente com a palavra *peçoal* –, mas em vez disso, eu apenas disse:

– Sim. Esse é diferente.

Ela fez uma pequena pausa. Ela pegou a xícara e passou andando por mim em direção ao quarto dela.

– Vamos. Me ajude com meu colar. Eu nunca consigo fazer esse fecho funcionar.

Chegar ao aeroporto na hora seria difícil, mas eu podia ver que algo mais importante além do colar estava na cabeça dela. Eu decidi me dar mais alguns minutos.

Quando cheguei ao quarto dela, ela já havia colocado o café sobre a cômoda e estava procurando em sua caixa de joias.

– Quem é? Esse cara, esse julgamento. Pelo menos me diz o nome dele.

– Tessa, você sabe que eu não posso falar sobre meu...

– Só o nome.

– Ele é um assassino, Tessa, é tudo que você precisa saber. Fui eu que o peguei, há muito tempo. Antes mesmo de conhecer sua mãe.

– Então o que ele fazia com suas vítimas?

– Ele as matava.

– Ele fazia mais que isso, ou não te incomodaria tanto.  
– Tessa...  
– Vamos. Você sempre faz isso, você toca no assunto e daí não quer terminar de falar sobre ele.

Pisquei.

– Eu não toquei no assunto, você que tocou.

Ela pegou o colar de turmalina negra que eu havia dado para ela em outubro passado, no seu aniversário.

– Pare de discutir – ela me deu o colar, sentou-se na cama e me observou pelo espelho do quarto.

– Não estou discutindo – passei o colar em torno do pescoço dela. Tentei travar o fecho.

– Está, sim.

– Não estou.

– Eu digo que você está discutindo.

– E eu digo que...

Ela sorriu e levantou suavemente a sobrancelha.

– Olhe – adolescentes não deviam poder fazer isso. Devia existir uma regra. – Conversamos sobre isso depois.

– Agora você está evitando minha pergunta.

Eu ainda estava brigando com o fecho. Ela estava certa, era complicado.

– Tessa, você odeia ouvir sobre cadáveres. Sangue, todo esse tipo de coisa. Aliás, a propósito – aponte para os pôsteres da banda favorita dela, Death Nail 13, e a foto emoldurada de Edgar Allan Poe, seus olhos escuros e perturbadores olhando para mim através do quarto –, o que acontece com você e essas bandas, e Poe? Quero dizer, tudo que ele escreve é sobre a morte e o macabro.

– Apenas uma das minhas incoerências cativantes, parte do que me faz ser tão adorável.

Incoerências cativantes.

Ótimo.

– Você escuta *death metal* e dorme com um ursinho de pelúcia.

– Você está tentando mudar de assunto, e não vai funcionar. Apenas resume para mim. Em linhas gerais.

Resolvi o problema do colar. Tentei pensar em um jeito apropriado de descrever para uma garota de 17 anos o que Basque havia feito, e finalmente acabei dizendo:

– Esse homem, ele fez muitas coisas ruins.

– Ah, jura? Um assassino que faz coisas ruins? Que coisa estranha – ela ainda estava me observando pelo espelho. – Eu nunca teria imaginado isso – então, após um momento, quando eu não respondi, sua voz ficou mais fina, mais séria. Uma ponta de apreensão. – Quão ruins?

Uma pausa.

– Ruins tipo *Silêncio dos Inocentes* – eu disse finalmente. Ela olhou para mim pelo espelho.

– Você está com medo dele?

– Olha, podemos parar com isso? Eu preciso ir para o aeroporto...

– Você está? – ela virou-se e me olhou diretamente nos olhos.

Admitir que eu estava com medo de alguém não parecia coisa de um

“valoroso agente do FBI”, mas percebi que ela saberia se eu não fosse sincero com ela. Tomei um pouquinho de ar.

– O que ele fez para aquelas mulheres... Ele me fez questionar certas coisas. Sobre a quantidade de maldade que somos capazes de fazer, sobre o que cada um de nós é...

Ela me observou imóvel por um momento, e eu podia ver sua curiosidade insaciável lutando contra sua aversão sobre a morte.

– Então – ela disse afinal –, você está com medo dele.

Eu disse a ela a verdade.

– Sim.

Ela ficou quieta por um longo tempo.

– Bom – ela disse finalmente. – Fico feliz.

Eu não estava certo sobre o que dizer.

Um momento sombrio se estabeleceu à nossa volta, e ainda que eu precisasse ir embora, não queria deixá-la sozinha pensando sobre assassinos e morte.

– Boa sorte nas suas provas.

– Elas só começam segunda-feira.

– Saquei. E você vai passar a noite na Dora hoje, certo? – quando ela acenou com a cabeça, acrescentei: – Não atrapalhem a noite de sono do dr. Bender.

– Certo.

Quando viajo, Tessa normalmente fica com meus pais, que moram a cerca de 15 minutos, nos arredores de Denver. Essa semana, meu pai estava em uma viagem de pescaria em Wisconsin com meu irmão Sean, mas minha mãe ainda estava em casa.

– Ligue para Martha se tiver algum problema.

– Ligo – ela pegou um chapéu de lona cinza do mancebo e colocou na cabeça. O chapéu parecia ter sido atropelado uma dúzia de vezes por um caminhão.

– Quando você voltar para casa de manhã, empacote algumas coisas, ok? Ela resmungou e virou os olhos.

– Eu não entendo por que temos de levar tanta coisa. Nós só vamos passar o verão, não é como se...

– Empacote algumas coisas, ok?

– Tanto faz.

– Que na verdade é o seu jeito de dizer “eu te amo e ficarei feliz em fazer isso para você, Patrick”. Não é?

Um pequeno sorriso.

– Possivelmente.

Deixamos o quarto dela e no meu caminho pela casa, peguei minha mala e a bolsa do computador no meu quarto e então a encontrei na porta da frente.

– Tudo bem. Eu devo voltar amanhã por volta do meio-dia. Podemos almoçar juntos – coloquei minha bagagem no chão e dei um pequeno abraço nela. – Preciso ir.

– Espere – ela me segurou pelo braço. – Existe alguma chance de ele ser solto?

– Sempre tem uma chance.

Ela me olhou de um jeito inquieto e solene.

– Se ele te assusta... Quer dizer... Tem uma... Só faça um bom trabalho, ok? *Tudo que posso fazer é dizer a verdade.*

– Ok – eu disse.

Então beijei-a na testa, peguei minhas malas e parti para Chicago.



## 6

Tribunal Criminal do Condado de Cook  
Esquina da West 26th com a South California Avenue  
Chicago, Illinois  
11h52 no fuso horário central americano

Com o número de manifestantes a favor e contra a pena de morte cercando o tribunal, a South California Avenue havia sido fechada, então o dr. Calvin Werjonic e eu estacionamos a um quarteirão de distância. Saímos do carro dele e protegi os olhos da chuva torrencial.

Apesar da tempestade, havia atiradores posicionados por toda a volta do tribunal.

Por causa da possibilidade de Sebastian Taylor aparecer, Ralph coordenou esforços com o Departamento de Polícia de Chicago e o U.S. Marshals Service<sup>4</sup> para fornecer proteção. Mas mesmo com a ajuda deles, eu não tinha certeza de que conseguiríamos localizar Taylor. Ele era um dos homens mais esquivos e perigosos que eu já havia conhecido, e eu não conhecia muitas pessoas que fossem boas o bastante para detê-lo.

A mensagem gravada na mina não continha nenhuma ameaça específica contra mim, mas se Taylor estivesse aqui, eu queria pegá-lo, então, mesmo tendo um estacionamento seguro no subsolo do tribunal, eu insisti que não o usássemos.

Eu queria estar em um local aberto, onde ele pudesse me encontrar. Agora, enquanto eu procurava algum trocado nos bolsos, Calvin, que tinha perto de 75 anos e parecia estar prestes a ser carregado pelo vento, apertou o casaco londrino contra si mesmo.

– Te encontro lá dentro, garoto – seu leve sotaque inglês dava sabor a cada palavra.

– Tudo bem.

Quando ele desapareceu pela chuva escura, relâmpagos serpenteavam pelo céu, deixando o soar dos trovões pelo caminho. Coloquei algumas moedas no parquímetro.

Calvin Werjonic, Ph.D, doutor em Jurisprudência, havia sido meu orientador nove anos atrás, quando comecei meu programa de doutorado em criminologia ambiental. Esse também foi o ano em que passei de detetive do Departamento de Polícia de Milwaukee a agente do FBI.

Pelos próximos quatro anos me enterrei nos meus estudos de pós-graduação, enquanto ainda trabalhava em tempo integral para o National Center for the Analysis of Violent Crime do FBI. Anos difíceis. Muito pouca vida pessoal. Apenas alguns poucos amigos, mas quando eu finalmente terminei meus estudos, Calvin deixou de ser meu professor para se tornar um deles.

Parquímetro alimentado, atravessei a rua em direção ao tribunal, de olho nos manifestantes. Eu pensei que as tempestades iriam mantê-los longe, mas apesar do tempo ruim, parecia que 300 ou 400 pessoas haviam aparecido.



Imaginei quais delas poderiam ser agentes do FBI ou policiais disfarçados. Enquanto caminhava para o prédio, cogitei a possibilidade de Taylor não ser quem deixou o dispositivo de gravação na boca de Heather. Na verdade, poderia ter sido praticamente qualquer uma daquelas pessoas na multidão.

Procurei por rostos familiares, por qualquer um que estivesse fazendo contato visual desnecessário comigo, ou propositalmente evitando-o, mas não vi nada de anormal.

Havia pelo menos 150 apoiadores da pena de morte, alguns carregando placas com fotos ampliadas das vítimas, outros segurando cartazes que diziam “Olho por olho. Vida por vida”.

As pessoas reunidas do outro lado da rua seguravam cartazes com “A morte Não é Igual à Justiça” e “Recuperar Para Não Matar”. Os dois grupos tentavam gritar mais alto que o outro.

Dois visões de justiça.

Dois lados da equação.

Felizmente, a polícia havia liberado um caminho e o bloqueou com cavaletes de madeira, portanto pude chegar à escadaria do tribunal. Subi com o vento rasgando pelo canal entre o prédio administrativo vizinho e o tribunal, fazendo a chuva jorrar em meu rosto.



Calvin estava secando a chuva do casaco quando o encontrei no saguão de entrada.

– Que cena lá fora – ele disse.

– Não estou surpreso – enxuguei o cabelo. – Considerando quem está sendo julgado. – Mesmo estando na parte de dentro, a temperatura não havia mudado. O sistema de ar central não deveria estar funcionando apropriadamente. Imaginei que estava fazendo em torno de 16 °C. Talvez mais frio.

Calvin ficou em silêncio por um momento e, então, disse:

– Estou um pouco surpreso por eles não terem reconhecido você, garoto.

– Faz 13 anos.

– Sim – ele disse pensativo. – Acho que sim.

Eu estava examinando os rostos dos repórteres e dos transeuntes no saguão, tentando não parecer que estava olhando. Alguns membros das famílias das vítimas usavam faixas pretas nos braços.

– Além do mais, assassinos são muito mais memoráveis do que os caras que os pegam. Ninguém faz figurinhas de agentes do FBI ou de policiais, mas três companhias diferentes fazem com assassinos em série.

– Isso é um pouco perturbador.

– Mais do que só um pouco.

Um conjunto de repórteres olhou em nossa direção e aparentemente reconheceu Calvin, pois eles começaram a vir até nós como um rebanho, os olhos fixos nele. Ele estava acostumado com a atenção da mídia, sendo um dos especialistas em criminologia mais acionados pela CNN, então não me surpreendeu, mas eu gosto de entrevistas da mídia tanto quanto gosto de café de beira de estrada, e acho que Calvin sabia disso, pois passou por mim para interceptá-los.

– Te vejo na sala do tribunal – ele disse.

Agradei e fui em direção ao posto de segurança onde seis policiais estavam de guarda ao

lado de três detectores de metal. Um dos policiais, um homem atarracado com uma cabeça incomum coberta por cabelos cortados bem rente, acenou para que eu desse um passo à frente. Demorou um pouco para que eu esvaziasse meus bolsos e colocasse minhas chaves com minhas lâminas de abrir fechaduras, junto com minha minilanterna de LED e alguns trocados, na máquina de raio X.

Antes que o policial pudesse pedir, dei a ele minha identificação e disse:

– FBI.

Então removi minha SIG P229 .357 e a faca que Ralph havia me dado

– uma Randall King TSAVO-Wraith preta, automática – e entreguei a eles também.

A Wraith não era o tipo de faca que eu teria escolhido por minha conta, mas Ralph havia me dito que eu precisava de uma faca boa e tinha me dado aquela mês passado. Tessa disse que a Wraith era “animal”.

O que era na verdade uma descrição muito boa.

O policial, cujo distintivo dizia Jamel Fohay, colocou a arma e a faca em uma mesa ao lado dele, então olhou para minha identificação enquanto eu colocava a bolsa do computador na esteira transportadora.

– Federal, é? – ele disse. – Um cara grande passou por aqui há alguns minutos.

Deveria ser Ralph.

– Agente Hawkins.

– Vocês dois estão aqui para depor?

– Ele depôs mês passado. Eu vou agora.

Ele não pareceu ter pressa para devolver minha identificação, e a fila de repórteres esperando para entrar no tribunal estava crescendo rapidamente atrás de mim, então tomei minha identificação da mão dele e ele se afastou para que eu passasse.

Ele gesticulou em direção à minha Wraith.

– 75 gramas. Lâmina de aço inoxidável ATS-34. Feita nos Estados Unidos da América. Ótima escolha.

– Você conhece bem facas.

– Eu trabalho na sala de evidências – ele explicou – sempre que não fico preso sendo babá dessa máquina de raio X. Vejo um monte de facas passando. Sempre é bom ver uma Randall King. Vai ter de deixá-la aqui, no entanto. A SIG também. Você conhece o procedimento – ele as colocou dentro de um armário de metal preso à parede. Fechou com uma chave. Deu-a para mim.

Depois de todas as vezes que havia sido convocado como testemunha especialista, eu estava bem familiarizado com os procedimentos e o protocolo do tribunal. Mesmo variando entre jurisdições, eu sabia que aqui em Illinois ninguém podia portar armas no tribunal com exceção dos dois policiais que ficam de guarda na porta principal. Alguns estados permitem que juizes tenham armas escondidas sob a mesa.

Mas não Illinois.

Enquanto pegava meus objetos pessoais, vi a atenção do oficial Fohay mudar para a fila de repórteres se formando no posto de segurança.

– Quando você depuser – ele disse –, lembre-se daquelas mulheres. *Eu lembro delas todos os dias*, pensei.

Mas em vez de responder, peguei minhas coisas e me dirigi para os elevadores.

Sim, eu me lembro delas; e agora mais do que nunca, pois um erro que cometi quando prendi o assassino pode ser suficiente para libertá-lo.



Basque usava um matadouro abandonado.

Era para lá que ele levava as mulheres. Era onde ele as torturava, sempre tomando cuidado para mantê-las vivas o suficiente para que o vissem remover cirurgicamente e comer pedaços de seus pulmões.

Baseado nos relatórios do médico forense, às vezes ele conseguia manter as vítimas vivas por mais de 12 horas – um fato que ainda me causava calafrios.

Quando o encontrei no matadouro, ele estava de pé sobre Sylvia Padilla, segurando um bisturi.

Gritei para ele largar a faca e ele tentou fugir, atirando em mim com uma Smith & Wesson Sigma, acertando meu ombro esquerdo. Quando minha arma falhou, corri na direção dele e lancei um gancho de carne em seu rosto. Ele se esquivou e consegui derrubá-lo e algemá-lo. Então corri para tentar salvar Sylvia.

E quando fiz isso, ele caçoou dela enquanto ela sofria.

E quando o sofrimento dela acabou, ele caçoou dela enquanto ela morria.

Então, o meu erro.

Eu acertei ele. Forte. Duas vezes. Mesmo ele estando algemado, e sem ter tentado fugir ou resistir à prisão. E em um momento escuro de fúria pelo que ele havia feito, peguei o bisturi para usar nele, mas felizmente consegui me controlar. Seja como for, eu apenas quebrei sua mandíbula.

Mais tarde, por alguma razão que nunca consegui adivinhar, ele disse aos oficiais que o interrogaram que ele havia quebrado a mandíbula quando o gancho de carne o acertou, mesmo nunca tendo acertado.

Naquele momento, eu não queria que nada compromettesse o caso, então, no meu relatório oficial, não esclareci as coisas cuidadosamente como deveria ter feito.

– Houve um confronto – escrevi. – Mais tarde foi descoberto que a mandíbula do suspeito foi quebrada em algum momento durante sua prisão – era verdade, só não era toda a verdade. As



evidências físicas eram suficientes para condená-lo, e a defesa não ligou muito para a mandíbula quebrada, especialmente porque o próprio Basque alegou ter sido um acidente. As circunstâncias acerca da luta nunca foram tratadas no julgamento. Ele foi condenado, sentenciado, e acabou assim.

Mas não acabou assim.

Eu ainda carregava a lembrança comigo. Eu havia atacado fisicamente um suspeito e, depois, omitido informações pertinentes no meu relatório. Era um segredo do qual não me orgulhava. E Basque sabia disso. E quando alguém conhece seus segredos, ele tem poder sobre você.

Mais do que tudo, psicopatas anseiam por poder e controle. Então talvez fosse isso. Talvez fosse por isso que ele se manteve quieto por todos esses anos. Não tinha como saber.

Mas uma coisa eu sabia: eu não gostava do fato de Basque ter poder sobre alguém. Especialmente sobre mim.

Encontrei Ralph me esperando ao lado do elevador.

Mesmo ele não sendo tão alto quanto eu, ele ainda tinha mais de 1,80m, e, com seus ombros largos, ele parecia preencher todo o corredor. Ultimamente, ele vem tentando voltar a levantar pesos como fazia quando era um Army Ranger,<sup>5</sup> antes de entrar para o FBI. Talvez fosse uma crise de meia-idade, não sei. Pelo que ouvi, ele estava fazendo repetições com 100 quilos – o que queria dizer que ele provavelmente conseguiria levantar um máximo de 180 quilos. Nada mau para um cara com quase 40 anos.

– Vamos subir pelo caminho de trás – ele disse. Ele estava comendo algum tipo de petisco branco do tamanho de um M&M. Empurrou uma porta próxima e eu o segui através de um corredor estreito em direção às escadas dos fundos.

– Alguma coisa sobre o Taylor? – perguntei.

– Nada ainda. Se ele estiver aqui, é uma fantasma.

Passamos por uma janela e eu vi a Cadeia do Condado de Cook envolta por cercas de arame farpado logo do outro lado de um beco. Era ali que estavam mantendo Basque.

Quando eu ainda era detetive no Departamento de Polícia de Milwaukee, trabalhando no caso de Basque, Ralph havia me encorajado a entrar para a academia do FBI. Foi alguns anos antes de eu aceitar o convite dele, mas no fim aceitei, e nos tornamos grandes amigos desde então.

Ralph tinha raspado a cabeça desde a última vez que eu o havia visto, e decidi que isso era digno de um comentário.

– Belo corte de cabelo – eu disse.

– Ideia da Brineesha – ele resmungou, esfregando uma enorme pata por sua cabeça. – Disse que fico sexy. Eu me sinto como uma bola de sinuca.

– Eu concordo com sua esposa. Ficou bem em você, amigo.

Mesmo com algumas pessoas cruzando no final do corredor, nós acabamos em uma parte relativamente deserta do prédio. Talvez Ralph tivesse escolhido esse caminho de propósito para que pudéssemos conversar sem ninguém ouvir nosso papo.

Ele comeu mais do petisco que segurava.

– Lien-hua vai ficar com ciúme quando eu contar a ela que você dis se isso.

Senti uma pontada de arrependimento quando ele mencionou o nome dela. Lien-hua era a mulher com quem eu vinha saindo nos últimos quatro meses, uma colega do FBI, criadora de perfis. Ralph não sabia que nosso relacionamento estava dando seus últimos suspiros, e não parecia o melhor momento para contar para ele, então decidi mudar de assunto.

– O que você está comendo?

A escada que era usada para transferir prisioneiros da cadeia para o tribunal estava bem à frente.

– Passas cobertas com iogurte – ele deslizou a mão para dentro do bolso e sacou outro punhado. Atirou em sua boca.

– Você tá brincando.

– Brineesha me fez ficar viciado nisso semana passada – ele estava falando com a boca cheia.

– Você já experimentou? É incrível.

Ele me ofereceu um punhado de seu bolso. Uma bola de fiapos de pano veio junto.

– Não, obrigado – eu disse. – Eu não sou um grande fã de iogurte.

– Como quiser – ele lançou o punhado todo na boca, com fiapo e tudo. – Você não sabe o que está perdendo.

– Nem quero saber.

Passamos por um bebedouro e ele acenou na direção de um banheiro próximo à escada.

– Ei, preciso mijar.

Pensei em como eu teria de ficar preso na sala do tribunal pelas próximas horas e decidi que deveria passar no banheiro também.

Ralph parou no bebedouro para tomar água, então passei por ele, empurrei a porta do banheiro masculino e parei no meio do caminho.

Encarando-me, a um metro de distância e ladeado por um par de enormes policiais do Departamento do Xerife do Condado de Cook, estava Richard Devin Basque.



Assim que vi Basque, senti um aperto no peito, um surto agudo de raiva e arrependimento, o passado me soterrando. *Se você tivesse mantido a calma após Sylvia ter morrido... Se você tivesse chegado ao matadouro mais cedo, ela poderia estar viva... Se você tivesse desvendado o caso um dia antes...*

Ele sorriu para mim.

– Detetive Bowers – por alguma razão, percebi que seus dentes estavam todos no lugar, impecáveis. Sua mandíbula parecia perfeita também; os cirurgiões fizeram um bom trabalho. – Não, espere... é dr. Bowers agora, não é? Um agente do FBI? Como o tempo voa. É bom vê-lo novamente.

Eu não respondi.

Ralph apareceu ao meu lado na porta, bloqueando o caminho.

– Vamos – latiu um dos policiais, conduzindo Basque na direção da porta. – Vamos embora – mas Ralph colocou sua mão no ombro do homem. Na hora, parecia que o cara ia empurrar a mão dali, mas então ele percebeu os músculos no antebraço de Ralph e parou.

– Tudo bem, cara. Deixa ele – Ralph tirou sua mão quando achou que deveria. – Nós podemos conversar por um minuto. Estamos aqui apenas para mijar – mas Ralph não entrou no banheiro, apenas ficou barrando a porta.

Comecei a imaginar o que ele tinha na cabeça; eu tinha a sensação de que ele esperava que Basque tentasse algo para que ele pudesse derrubá-lo. Com força. Eu esperava que não fosse para isso que as coisas caminhariam.

– Só para deixar registrado, então – Basque disse –, eu renuncio a todos os meus direitos de ter um advogado presente. Um papo cairia bem.

– Viram? – Ralph disse para os policiais. – Pronto.

Ambos mediram Ralph e ninguém se moveu. Eles recuaram e todos nós nos encaramos.

Por motivo de segurança, decidi que não falaria com Basque antes de depor para não correr o

risco de ter problemas no julgamento.

Ele olhou para mim. Ele quase não havia mudado em 13 anos na prisão. Ainda tinha a aparência confiante e bonita de um galã de cinema, o olhar incisivo e o sorriso de baixar as defesas que tanto serviram a ele para atrair suas vítimas para seu carro. Assim como Ted Bundy e tantos outros assassinos, Basque havia usado charme e carisma como sua arma mais eficaz.

Com a aparência intacta, o tempo que passou na prisão havia servido apenas para endurecer suas feições, emprestar alguns vincos ao lado de seus olhos e envolvê-lo em uma espessa camada de músculos esculpidos que se flexionavam contra o terno de grife que seus advogados sem dúvida haviam comprado para o julgamento. No geral, ele parecia tão arrojado, confiável e elegante como sempre. Talvez até mais.

Um assassino canibal bonito e de aparência respeitável.

Eu costuma ficar chocado quando me encontrava com pessoas que cometiam os mais apavorantes crimes – torturar e eviscerar suas vítimas, comer ou estuprar cadáveres em decomposição – porque os infratores quase nunca têm a aparência que você imagina. Em vez de parecerem monstros, eles se parecem com técnicos de times infantis, professores de faculdade, presbíteros de igreja ou com aquele cara que mora na sua rua – porque na maioria das vezes, é exatamente quem eles são.

Basque mudou sua atenção para Ralph. Mostrou a ele um largo sorriso.

– Agente especial Hawkins. Eu gostei do seu depoimento mês passado. Muito persuasivo, eu achei. E como está Brineesha? Esse é o nome dela, né? Uma gracinha. Está cuidando bem dela, eu espero.

O rosto de Ralph ficou sombrio. Ele deu um passo à frente.

– Assim não – eu pedi a ele silenciosamente, mas tenho certeza de que Basque e os policiais me ouviram. – Não aqui – dirigi-me aos dois homens escoltando Basque. – Leve-o daqui.

Um deles agarrou o braço de Basque, mas ele continuou firme no lugar. Após 13 anos puxando ferro todos os dias, precisaria dos dois para movê-lo dali. Para piorar a situação, Ralph ainda bloqueava a porta.

Eu podia sentir o ar ficando pesado à nossa volta.

– Vamos – eu disse para Ralph, mas ele não se moveu. Nem Basque, e nem os policiais.

Basque olhou para mim novamente. Um sorriso suave e charmoso.

– Todos esses anos eu esperei que você me visitasse na prisão, Patrick Mas você tem tantos casos para resolver, eu imagino. Eu li sobre vários deles no jornal. Você tem andado ocupado – ele molhou os lábios. – Mas senti falta de te ver.

Ralph estalou o pescoço e disse:

– É, pode ficar muito solitário lá dentro. Tenho de certeza de que você achou vários...

– Às vezes solitário, robusto amigo, mas nunca sozinho – ele virou-se para encarar Ralph. – Não com o bom Deus ao meu lado.

Ah, eu quase havia me esquecido. Sete meses atrás na prisão, Richard Basque havia encontrado Jesus, assim como tantos condenados diante de uma audiência de condicional ou de um novo julgamento parecem fazer. A perspectiva de liberdade deve ser um forte incentivo para se fazer as pazes com Deus.

Os olhos de Ralph endureceram. Coloquei minha mão em seu ombro para puxá-lo, mas se Ralph quisesse fazer alguma coisa com Basque, eu não imaginava como conseguiria impedi-lo. Os policiais escoltando Basque ficaram tensos também. Tudo estava indo pelo caminho errado. Basque deixou seus olhos escuros se banquetarem na raiva crescente de Ralph.

– Até onde eu saiba – Ralph disse, com os punhos cerrados –, Deus está do lado das ovelhas, e

não dos lobos. Alguém como você vai queimar no...

– Ninguém está além da redenção, agente Hawkins.

Agarrei o braço de Ralph.

– Vamos. Preciso ir para a sala do tribunal.

Finalmente, Ralph saiu de lado e os policiais rapidamente direcionaram Basque para o corredor. Enquanto saíam, ele disse por sobre o ombro para mim:

– Patrick, quando isso acabar, espero que possamos nos encontrar novamente em uma situação menos desconfortável, talvez repartirmos o pão juntos. Partilhar do corpo e do sangue.

Suas palavras *do corpo e do sangue* ecoaram pelo corredor enquanto a porta se fechava e Ralph enchia o lugar de palavras que eu duvidava que Basque poderia encontrar em sua Bíblia recém-desempoeirada.

Olhei para meu relógio. O tempo havia evaporado. Eu precisava correr.

Fizemos o que tínhamos de fazer no banheiro, corremos pelas escadas e chegamos à sala do tribunal bem na hora em que a policial feminina com rosto sério estava se preparando para fechar as portas.



12h25

Todos na sala estavam se ajeitando em seus lugares.

Eu nunca havia estado nessa sala do tribunal antes e não pude deixar de pensar que, com suas paredes revestidas, colunas de mármore falso e cadeiras retas de madeira, ela era remanescente dos dias em que o prédio havia sido construído, há cerca de 100 anos.

Sob a luz moderada, tudo parecia imponente – a escrivaninha ampla do juiz, a bancada das testemunhas que se erguia a cerca de dois metros do piso da sala, assentos para mais de 200 pessoas nas galerias. O cheiro de pó e livros antigos preenchia o ar.

Na mesa da defesa, do outro lado da sala, uma mulher esguia e intensa, com seus 40 e poucos anos, estava sentada conversando com Basque. Ela tinha os lábios apertados e dedos finos e estava vestindo o mesmo terno feminino cinza-escuro que havia escolhido para uma entrevista na Fox News semana passada. Eu a reconheci imediatamente: srta. Priscilla Eldridge-Gorman, a advogada principal de Richard Basque. Sua equipe de advogados estava sentada ao lado dela.

Há 13 anos, Basque havia sido julgado e condenado no Condado de Delafield, Wisconsin. Desde então, ele havia sempre afirmado sua inocência e chegou a convencer um professor de direito da Michigan State University a dar uma olhada em seu caso. Por três anos, a professora Renée Lebreau fez seus estudantes de graduação revisarem os procedimentos e transcrições do julgamento, e acabaram encontrando discrepâncias na evidência de DNA e no depoimento de uma das testemunhas oculares que afirmou ter visto Basque deixando a cena de um dos assassinatos. A srta. Priscilla Eldridge-Gorman exigiu que a sentença de Basque fosse reduzida, mas após uma revisão judicial cuidadosa, a Corte do Sétimo Distrito decidiu a favor de um novo julgamento.

E, então, aqui estávamos.

Um homem hispânico muito bem vestido, chegando aos 40 anos, atravessou apressadamente a sala e escorregou para a cadeira ao meu lado, interrompendo meus pensamentos.

– Bom te ver, Pat.

– Emilio – eu conhecia o procurador-assistente Emilio Vandez de uma rápida reunião que tivemos no mês anterior para nos prepararmos para o julgamento.

Ele pegou uma pilha de pastas de arquivo de sua maleta e colocou-a em nossa frente. Levou um bom tempo ajustando-as.

– Parece que estamos bem para hoje.

– Fico feliz em saber disso.

Emilio colocou dois lápis ao lado da pilha e, então, cuidadosamente os posicionou em paralelo um com o outro. Respirou profundamente.

– Eu não sei o que há de errado com esse ar-condicionado. Eu deveria ter trazido um suéter – então olhou ao redor da sala como se estivesse procurando pelo motivo de estar tão frio.

Eu tinha ouvido falar que Priscilla Eldridge-Gorman era boa, muito boa, e comecei a imaginar se Emilio Vandez era páreo para ela.

Então, o oficial de justiça pediu a todos que se levantassem, o juiz entrou, e o julgamento de Richard Devin Basque foi retomado.



Vinte minutos antes, escondido e invisível no meio da multidão de manifestantes, Giovanni observou Patrick Bowers entrar no tribunal. Agora, ele voltava para seu carro alugado estacionado a uma quadra da barreira policial.

Ele havia chegado de avião e alugado o carro sob um nome falso, e usava um disfarce enquanto balançava seu cartaz de “A morte Não é Igual à Justiça”.

Ninguém sabia que ele estava lá.

Ele dirigiu até um beco próximo, ligou para o departamento de expedição de Denver e fez uma denúncia anônima reportando o local dos corpos de Sebastian Taylor e Brigitte Marcello. Então lançou o celular pré-pago em uma lixeira.

E, então, tudo estava no lugar.

Por meio de seus contatos, ele sabia que Sebastian Taylor havia tentado subornar membros do júri para que Basque fosse solto. Ele ainda não sabia por que Taylor queria que Basque fosse absolvido, e o governador havia ficado notavelmente de bico fechado a noite toda em relação a seus motivos, até quando as coisas progrediram para mais e mais desconforto. Mas isso não importava. Nada disso importava. O júri sequer daria um veredicto.

Não, Giovanni havia dado seus próprios passos.

Ele ligou o rádio de polícia que havia trazido consigo para monitorar os eventos da tarde.

E aguardou que a história se desenrolasse.



O julgamento, que havia sido marcado para começar no fim do outono passado, havia ficado atolado em um lamaçal jurídico por meses – adiado cinco vezes por revisões jurídicas e uma série de recessos e interrupções.

No entanto, isso foi uma boa notícia para mim porque queria dizer que eu não teria de passar por uma fase interminável de declarações de abertura, argumentos e contra-argumentos. Nós poderíamos ir direto ao assunto. E após os rituais preliminares do julgamento e uma hora de interrogatório de Emilio, a srta. Eldridge-Gorman caminhou até o meio da sala e parou por um momento ao lado da mesa contendo os sacos, fotos, esboços e outras evidências físicas para começar seu exame cruzado.

Ela lentamente virou o rosto para o júri.

– Antes de começarmos, eu gostaria de lembrar ao júri que consultamos três dos melhores analistas de DNA do país, e cada um deles corroborou a inocência do meu cliente. O sr. Basque é uma vítima do sistema que passou os últimos 13 anos em...

– Protesto, meritíssimo! – Emilio Vandez estava de pé antes que Priscilla pudesse terminar a frase. – Aqui vamos nós de novo. Ela vai interrogar a testemunha ou apenas rerepresentar o caso?

O juiz, um homem de cabelos brancos chamado Lawrence Craddock, olhou primeiro para Vandez, então para Priscilla Eldridge-Gorman.

– Faça logo suas perguntas. Nós já sabemos como você se sente em relação ao réu. Você esclareceu abundantemente nos últimos quatro meses – ele respirou longamente de modo que parecia ter puxado metade do ar dentro da sala do tribunal. Eu tive a impressão de que ele fosse falar mais, mas ele parou.

Ela acenou com a cabeça. Ela provavelmente estava esperando a objeção e estava apenas tirando vantagem da oportunidade para reiterar sua afirmação sobre a inocência de Basque. Só mais um artifício para manipular o sistema a favor de seu cliente. Eu odiava esses jogos de pose e exibicionismo. Com muita frequência eles obscurecem fatos e evidências e acabam



comprometendo a justiça.

– Dr. Bowers – a srta. Eldridge-Gorman prosseguiu –, por favor, diga seu nome e função para a corte.

– Agente especial Patrick Bowers. Sou um criminologista ambiental do National Center for the Analysis of Violent Crime do FBI. Atualmente, estou em serviço no escritório local em Denver e, quando necessário, sirvo em uma força-tarefa para crimes violentos em conjunto com o Departamento de Polícia de Denver.

– Mas você já foi detetive.

– Sim. No Departamento de Polícia de Milwaukee, por seis anos. Fui eu que fiz a prisão do réu.

– Sim – ela disse rigidamente. – Foi você. Mas chegaremos lá em um instante. Você poderia gentilmente citar suas qualificações?

Eu já tinha passado por tudo isso com Emilio, mas é típico da defesa pedir a você para repetir suas qualificações para que eles possam sabotar seu depoimento diminuindo-as ou desacreditando-as aos olhos dos jurados.

Repetir meu currículo era a última coisa que eu queria fazer, mas eu não queria que nada interferisse no caso da promotoria, então decidi acabar logo com aquilo. – Estou na divisão de crimes violentos do FBI há nove anos e, como mencionei, fui detetive de homicídios por seis anos. Durante os últimos 15 anos, fui assistente ou investigador principal de 618 casos e sete países, e servi como testemunha especialista em 91 julgamentos criminais e civis. Tenho bacharelado em justiça criminal pela University of Wisconsin-River Falls, um mestrado em criminologia e direito pela Marquette University e um Ph.D em criminologia ambiental pela Simon Fraser University. Também trabalhei como consultor para o National Law Enforcement and Corrections Technology Center<sup>6</sup> em Denver, Colorado, estive no conselho da American Academy of Forensic Sciences<sup>7</sup> e servi como contato entre a National Geospatial-Intelligence Agency<sup>8</sup> e o FBI para ajudar a integrar a pesquisa geoespacial militar com a pesquisa da comunidade policial.

Pronto. Feito. Chega disso.

A srta. Eldridge-Gorman caminhou firme em minha direção. O barulho forte de seus saltos confiantes ricocheteavam como tiros pela sala.

– E não é verdade, dr. Bowers, que cinco anos atrás você ganhou a Condecoração Presidencial de Serviço Exemplar por Inovação Policial e escreveu dois livros sobre investigação geoespacial, um dos quais ganhou o Prêmio Distintivo de Prata por Excelência em Crimes Verídicos?

– Sim, está correto.

– E, não seja modesto agora, você é um dos maiores especialistas em criminologia ambiental e investigação geoespacial do mundo.

Eu não estava gostando disso.

– Essas são minhas áreas de especialidade.

– Seu currículo é impressionante, doutor – presumi que ela estivesse me chamando de doutor sempre que tinha chance para tentar me fazer parecer CDF. Outra tática. Mais jogos. Ela saboreou um momento de silêncio e então acrescentou: – Parabéns!

– Obrigado – nunca é um bom sinal quando o advogado de defesa começa parabenizando você por suas conquistas. Ela me deu um sorriso artificial e percebi que ela não estava apenas buscando informações, mas já havia me colocado na boca de uma armadilha verbal.

– Como um investigador geoespacial, você estuda horário, local e progressão de crimes, correto?

- Sim.

- E usando modelos computadorizados e análise geoespacial, você cria o que é chamado de “perfil geográfico” para ajudar a diminuir o número de suspeitos ou focar a investigação em uma localização específica?

- Se o caso justifica a criação de um perfil geográfico, sim. Está correto. Olhando além dela vi Calvin no fundo da sala. Ele não estava ali para depor, apenas para observar, e ele deve ter notado algo, pois estava rabiscando ocupadamente em uma caderneta de papel.

- E você usa informações de satélites de defesa para estudar esses locais – ela consultou suas anotações. – Um sistema chamado FALCON.

- Sim: a sigla em inglês para Rede de Operação Secreta e Localizador Aeroespacial Federal.<sup>9</sup> É o programa de mapeamento digital geoespacial mais avançado do mundo.

O tom dela mudou da cortesia para a condescendência.

- É justo mencionar, porém, que sua abordagem é de certo modo controversa, não é, dr. Bowers?

- Protesto! – Vandez gritou. – As técnicas de investigação do dr. Bowers não estão sendo julgadas aqui. O sr. Basque está.

- A pergunta dela é relevante – respondeu severamente o juiz Craddock.

- Uma técnica pode ser controversa mas ainda assim eficaz e bem estabelecida – ele olhou para ela. – Mas a srta. Eldridge-Gorman deve se certificar de que não vai insultar ou importunar a testemunha.

- É claro, meritíssimo – ela pensou por um momento. – Deixe-me refazer a pergunta. Suas estratégias investigativas são consideradas por alguns como não convencionais...?

- Investigações deveriam ser mais focadas em descobrir a verdade – eu disse – do que em seguir a convenção.

- E você não procura por motivo?

- Não.

- Nem usa criação de perfil psicológico ou comportamental?

- Não.

- De fato – ela olhou para suas anotações –, você chegou até a escrever, e eu cito: “Eu não ligo para o porquê de alguém cometer o crime. Eu prefiro pegá-lo do que ficar tentando analisá-lo psicologicamente”.

Na verdade, eu tinha orgulho daquela frase.

- Sim. Eu escrevi isso, e o resto do parágrafo também: “Investigadores precisam parar de se perguntar ‘por que?’ e começar a perguntar ‘onde?’. Não importa por que o infrator cometeu o crime, nosso objetivo é descobrir onde ele está”.

- E você até ridicularizou o uso de análise de DNA. Não é verdade?

- Eu nunca ridicularizei, eu apenas não dependo disso. Criminosos assistem demais a *CSI*. Não é incomum eles deixarem sangue, cabelo, saliva, até sêmen de outras pessoas em cenas de crimes, para desorientar investigações. Eles estão usando o sistema contra nós. E são bons nisso.

- Então, você prefere a criação de perfil geográfico – ela não disse isso como uma pergunta.

- É uma das ferramentas mais eficazes que conheço para diminuir a lista de suspeitos em casos envolvendo infratores seriais.

- Mas dr. Bowers – ela saboreava suas palavras com um sarcasmo que aumentava lentamente –, a criação de perfil geográfico não seria útil apenas se houver cinco ou mais locais de crime? Esse não é o número mínimo necessário para um perfil geográfico preciso?

- Quanto mais casos ligados, mais precisos conseguimos ser, sim. Dados 12 ou mais lugares, nós podemos chegar a 97% de acerto em diminuir a lista de locais prováveis para a base de ação

do infrator.

Agora, ela fingia ignorância.

– Mas como você sabe que uma série de crimes estão ligados? Se você tiver, digamos, 16 assassinatos em dois estados por dois anos, como você pode dizer que todos foram cometidos pelo mesmo criminoso?

– A análise de ligação – eu disse –, também conhecida por Análise de Caso Comparativo, é normalmente responsabilidade da polícia local. A ACC é feita através de uma cuidadosa revisão de ligação iniciada pelo infrator, descrições de testemunhas oculares, localização das cenas dos crimes, vitimologia, ou seja, características ou relacionamentos das vítimas que apontam para uma ligação entre os crimes, e evidências físicas encontradas nas cenas dos crimes. Com relação aos 16 crimes pelos quais o sr. Basque é acusado, eu mesmo analisei os dados e tive a certeza de que os homicídios foram cometidos pela mesma pessoa.

– Mas você poderia ter errado?

Olhei para além dela, para as fotografias mórbidas espalhadas pela mesa de evidências.

– É possível. Todas as investigações trabalham com a hipótese de probabilidades, não de certezas.

Pensei que ela fosse se prender ao que falei, mas ela disse:

– E para seu método investigativo funcionar, não é verdade que o infrator deve ter um ponto de estadia estável? Não estar apenas passando pela região?

Ela havia feito uma pesquisa, eu tinha de dar esse crédito a ela. Ela estava citando quase que diretamente do capítulo 15 do meu livro *Entendendo o crime e o espaço*.

– Está certo – eu disse. – Infratores transitórios distorcem os resultados. Imagine uma pessoa dentro de um armário, pintando as paredes com tinta spray enquanto gira em um círculo. Se ela sair no meio do trabalho, é possível encontrar o local exato onde havia estado se analisarmos os padrões e a densidade das gotículas de tinta nas paredes. Mas seria obviamente impossível fazer o mesmo se ela andasse pelo armário enquanto estivesse pintando.

– Sim, mas e se essa pessoa estiver mesmo se movendo, dr. Bowers? E se o infrator for um viajante, vamos dizer assim? Ele dirige até a cidade, comete seu crime e então retorna para sua casa no subúrbio logo após. Isso é possível, não é? E isso faria o perfil geográfico ser completamente inútil, ou, na melhor das hipóteses, impreciso, correto?

Eu já tinha ouvido todas essas objeções antes, lidado com elas em profundidade no meu livro, abordado algumas delas anteriormente nos procedimentos durante a análise de Emilio.

– Assim como qualquer técnica investigativa, a criação de perfis geográficos tem suas limitações.

A srta. Eldridge-Gorman abriu a boca, mas antes que ela pudesse responder, eu adicionei:

– Mas é assim com qualquer método. Antes de comparar DNA você precisa encontrar algum DNA. É o mesmo com análise de impressões digitais, ou de cabelo, ou de marcas de mordida.

Após uma rápida tomada de fôlego, continuei:

– Nos softwares mais avançados de criação de perfis geográficos, estamos eliminando alguns dos problemas que você acabou de mencionar. Nós incluímos análises de movimento espaço-temporal que calculam o centro médio dos crimes baseado na sequência dos crimes e não apenas no local. Isso nos ajuda a ver se o ponto de ancoragem dos crimes está mudando. Topografias temporais virtuais aprimoradas revelam as mudanças sincrônicas e diacrônicas de padrões de crimes dentro de localidades especificadas. Além disso, adicionamos um modelo Bayesiano que incorpora as pesquisas atuais sobre...

Percebi os olhos vidrados dos membros do júri.

*Oh. Isso foi ótimo, Dr. CDF. Brilhante.*

Talvez eu devesse ter tratado do uso das estatísticas multivariadas também. Isso teria sido bom. Ou análise de densidade espacial e o uso de rotinas suavizadoras para reduzir os efeitos das barreiras psicológicas associadas a mapas mentais. Tenho certeza de que isso teria impressionado também.

Priscilla parecia satisfeita por ter me induzido a usar jargão técnico.

– Então, em termos leigos – ela disse –, você tem melhorado a tecnologia e refinado seu método desde a prisão de meu cliente há 13 anos.

– Correto.

– Então você admite que quando meu cliente foi preso, sua estratégia investigativa precisava de melhorias.

– Não é exatamente isso...

Um leve sorriso.

– De volta à minha pergunta. Se essa técnica só funciona com um infrator que possui um ponto de ancoragem estável ou uma moradia-base – ela levantou as mãos em uma demonstração dramática de espanto –, como você sabe que ele não é um viajante antes de pegá-lo? – então ela me deu um sorriso de mentira. – A resposta é: você não sabe, não é, dr. Bowers?

– Não...

– Então, suas conclusões podem ser completamente...

Eu estava cansado daquilo.

– Toda investigação é um processo global. Você continuamente avalia as provas e revisa sua estratégia investigativa quando necessário – minha voz havia ficado severa, argumentativa, e isso provavelmente era o que ela estava tentando conseguir. Tentei diminuir o tom. – A criação de perfis geográficos é apenas uma faceta de uma investigação bem-feita.

Quando disse as palavras “investigação bem-feita”, olhei novamente para as evidências colocadas na mesa. A blusa rosa desbotada de Juanita Worthy, salpicada de manchas escuras... o bisturi que Richard Devin Basque estava segurando quando o prendi... as fotos ampliadas da Associated Press das 16 vítimas conhecidas... um mapa do Meio-Oeste com as localidades de cada crime marcadas com tachinhas vermelhas... uma machadinha ainda manchada de sangue...

A srta. Eldridge-Gorman continuou, mas as evidências haviam tomado minha atenção e eu estava ouvindo-a apenas parcialmente.

– Não é verdade – ela estava andando de um jeito teatral na frente do júri – que quando você estava investigando os crimes para os quais meu cliente era... – ela hesitou, procurando pela frase correta – uma pessoa de interesse... que você comparou o horário dos crimes com os horários de trabalho dos suspeitos para tentar diminuir a relação de suspeitos?

Voltei minha atenção para ela.

– Sim. A natureza desses crimes exigia que o infrator estivesse presente enquanto ocorriam.

Mas na minha cabeça, eu estava pensando nos itens sobre a mesa, agora removidos dos sacos plásticos de evidência: a Smith & Wesson Sigma com a qual Basque atirou em mim... a chave do freezer do matadouro onde ele havia mantido quatro dos pulmões das mulheres...

Alguna coisa no posicionamento das evidências sobre a mesa não parecia certa.

– Dr. Bowers – Priscilla Eldridge-Gorman atravessou a sala do tribunal em minha direção –, você acha que a justiça é feita quando um homem é condenado por assassinato em primeiro grau baseado em seus dias de folga do trabalho?

Ela estava distorcendo minha pesquisa, tentando fazê-la soar ridícula. E mesmo eu não acreditando que júri algum daria crédito à linha de questionamento dela, pelo jeito que os jurados estavam me olhando, parecia que pelo menos alguns deles dariam.

A sala ainda não havia esquentado.

Ainda estava fria.

*As evidências.*

*Algo com as evidências.*

– Dados os horários e os locais dos crimes – eu disse –, os horários do sr. Basque teriam permitido que ele estivesse presente no local de cada um dos assassinatos.

A srta. Eldridge-Gorman segurou uma pasta de arquivo.

– E assim também poderiam estar seis outros empregados da firma de aquisições onde ele trabalhava – ela bateu a pasta na mesa, fazendo um barulho alto. – Eu verifiquei. E essa é apenas uma companhia. Milhares de pessoas poderiam ter cometido aqueles crimes.

*A mensagem gravada no Colorado disse: “Vejo você em Chicago”.*

*Será que o assassino de Heather Fain e Chris Arlington estava na sala do tribunal?*

Deixei meus olhos se distanciarem da mesa de evidências e irem para os rostos das pessoas na sala, mas Priscilla Eldridge-Gorman andou até a minha frente, bloqueando minha visão.

– Você realmente testemunhou meu cliente atacando Sylvia Padilla? Um dos homens na galeria fez contato visual comigo e então rápida mente olhou para outro lado.

– Não. O sr. Basque estava inclinado sobre o corpo dela quando cheguei. O homem estava usando uma faixa preta no braço, o que significava que ele era um membro da família de uma vítima. *Mas qual delas? Qual vítima?*

– Então você admite – a srta. Eldridge-Gorman disse – que é possível que meu cliente tenha ouvido os gritos de Sylvia Padilla, foi oferecer ajuda, como qualquer cidadão consciente faria, e estava se inclinando para ajudar a pobre mulher quando você correu na direção dele – ela olhou para mim com simpatia. – Sem dúvida com a simples intenção de cumprir seu dever como um oficial da lei, e então quando você mirou sua arma nele, ele compreensivelmente temeu por sua vida e foi forçado a se defender atirando com sua arma legalmente registrada. Isso é possível, não é?

– Ele estava segurando o bisturi.

O homem com a faixa no braço ainda estava evitando o contato visual.

– Meu cliente encontrou-o caído sobre o peito da mulher e removeu-o para que pudesse ajudar a parar o sangramento.

Senti minha paciência me abandonando novamente.

– Ele caçou dela quando ela morreu.

Ela levantou uma pasta de arquivo.

– De acordo com o relatório de polícia que você preencheu, meu cliente disse: “Parece que vamos precisar de uma ambulância, detetive”. E então: “Parece que não vamos precisar daquela ambulância, afinal”. Ele estava simplesmente mostrando preocupação por ela.

Aquilo era ridículo.

Mentalmente visualizei os rostos dos membros das famílias das vítimas. Fazia 13 anos, e o homem que eu observava estava ocultando o rosto, olhando para o relógio.

Se eu conseguisse uma vista desobstruída do seu rosto...

– Dr. Bowers – Priscilla disse, novamente interrompendo minha linha de raciocínio. – É possível que você tenha capturado o homem errado?

– Tenho certeza de que acertamos...

– Mas é possível?

– É possível – eu disse impacientemente. – Sim.

O homem com a faixa no braço finalmente olhou na minha direção. Sim. Eu o reconhecia.

Ele era o pai de Celeste Sikora, a penúltima vítima conhecida, uma das mulheres que eu poderia ter salvo se tivesse desvendado as coisas um pouco mais rápido.

– Mas – eu disse, elaborando minha resposta, tentando calar a frustração crescente na minha voz –, como eu disse há pouco, todas as investigações lidam com probabilidade, e não certeza. Nós não vivemos em um mundo perfeito. Não é pedido ao júri para determinar a culpa de uma pessoa com absoluta certeza, mas sim para além de qualquer dúvida razoável...

– Estou ciente dos requisitos legais da jurisprudência americana, dr. Bowers.

Sim, o pai de Celeste, Grant.

Ex-militar. Eu me lembro porque ele reagiu tão violentamente quando o informei que os ferimentos da filha foram fatais que ele teve de ser sedado.

*O julgamento, Pat. Concentre-se no julgamento.*

– Mas como eu estava dizendo... – continuei falando, mas minha atenção estava dividida. – As evidências apoiam fortemente a conclusão de que Richard Basque era...

– Dr. Bowers – a voz dela ficou gelada –, você agrediu fisicamente o meu cliente?

A sala girou ao meu redor. Tonto. Um redemoinho de cores. Então tudo se focalizou.

Ela diminuiu o espaço entre nós.

– Lá no matadouro, após ele ter sido algemado.

*Então Basque contou a ela. Ela sabe.*

Grant Sikora olhou para o relógio na parede. Uma gota de suor bri lhou em sua testa.

*Você jurou contar a verdade, toda a verdade e nada além da verdade.*

– Você quebrou a mandíbula de Richard Basque com o punho? – ela perguntou. – Você o agrediu após ele estar algemado?

*Você não pode deixar Basque escapar. Você sabe disso, Pat. Você não pode admitir que bateu nele.*

O tempo desacelerou.

*Suor? Por que Sikora está suando?*

Olhei de Grant Sikora para Priscilla. Além dela, vi Basque sorrindo, como se o momento pelo qual ele estava esperando todos esses anos tivesse finalmente chegado. Se eu falasse a verdade, ele poderia escapar, mas se eu mentisse, estaria cometendo perjúrio e indo contra tudo pelo qual eu havia trabalhado todos esses anos.

Outra gota de suor se formou na testa de Sikora.

*Está frio demais na sala do tribunal para se estar suando. Frio demais. A menos que...*

– Dr. Bowers! – a srta. Eldridge-Gorman havia parado na minha frente e agora plantava as mãos na cintura, seus dois cotovelos protuberantes como asas. – Você está tendo problemas para se lembrar daquela noite no matadouro?

Grant Sikora começou a seguir discretamente o caminho na direção da passagem lateral. Não é incomum pessoas saírem de um tribunal enquanto um julgamento está acontecendo, então ninguém mais pareceu perceber. Os olhos dele estavam cravados em mim.

*A mesa de evidências.*

*A machadinha... a faca... a pistola... uma arma... ele está atrás de uma arma?*

– Vou perguntar uma última vez – suas palavras eram como pedras frias caindo uma por uma sobre a sala imóvel. – Você agrediu fisicamente Richard Devin Basque após ele estar sob sua custódia no matadouro?

*Nada além da verdade.*

*Responda a ela, Pat. Você tem de responder a pergunta.*

Meus olhos passaram pela mesa de evidências, analisando, examinando o posicionamento dos itens. Reparei no furo de segurança da Sigma, a pequena ranhura que permite ao operador

observar a capa de bronze das balas se houver alguma emperrada.

A voz da srta. Eldridge-Gorman soou:

– Juiz Craddock, por favor, ordene à testemunha que responda! Dentro do furo de segurança vi um brilho da cor de bronze...

– Dr. Bowers, eu o aconselho a responder a pergunta da defesa. Aquele brilho poderia significar apenas uma coisa.

A srta. Eldridge-Gorman levantou as mãos.

Aquela arma estava carregada.

– Você vai responder à pergunta da defesa? – o juiz disse. *Sikora está atrás da arma!*

– Não – murmurei.

– Não? – o juiz gritou.

Grant Sikora chegou à passagem lateral e correu na direção da mesa de evidências.

*Você não pode deixá-lo pegar a arma.*

*Impeça-o, Pat. Você tem de impedi-lo!*

Agarrei o corrimão da bancada de testemunhas e me lancei por sobre a borda.



Meus sapatos escorregaram quando pousei. Bati no chão e quando consegui me levantar, a mão de Grant Sikora havia encontrado a arma.

Os três segundos seguintes pareceram durar uma eternidade e tudo aconteceu de uma só vez.

Corri na direção dele. O tempo ruiu e então se expandiu. Uma série de pensamentos terríveis percorreram minha mente. *A arma está carregada. Ele é o pai de Celeste. Ele vai atrás de Basque.*

Sikora ergueu a arma e os dois policiais de guarda na porta principal da sala do tribunal sacaram suas armas.

Eu instintivamente procurei por minha SIG. Encontrei apenas o coldre vazio.

Por toda minha volta, sons irreconhecíveis, palavras elásticas que de algum modo desaceleraram-se enquanto se moviam pelo ar entre os vincos do tempo. Gritos... berros... o movimento frenético de pessoas buscando proteção... Me senti como em uma cena de um filme onde as balas deslizam em câmera lenta pelo ar, só que dessa vez a bala ainda não havia sido atirada. E eu tinha chance de pará-la.

O juiz havia desaparecido atrás da mesa e Richard Basque havia levantado de seu assento e se virado na direção de Sikora. Imóvel como a morte, ele assistiu Grant girar a pistola em direção aos policiais que estavam gritando com ele para largar a arma.

Pelo canto dos olhos vi Ralph a caminho do atirador, atropelando uma multidão de pessoas sentadas na galeria. Mas eu estava mais perto. Muito mais perto.

A voz estridente de Priscilla Eldridge-Gorman atravessou a sala dizendo para Basque se abaixar. *Abaixe-se!* Ela se jogou para debaixo da mesa, mas ele não se moveu. Apenas ficou firme e imóvel.

Eu estava quase em Sikora.

Os dois policiais ergueram suas armas. Um deles atirou e a bala zum biu pelo meu rosto e



arrebentou o corrimão de madeira da bancada de testemunhas atrás de mim.

Alcancei Sikora, mas antes que eu pudesse agarrá-lo ele atirou, e um dos policiais sofreu um arranque para trás e com um grito agudo caiu no chão. A policial feminina que havia fechado as portas da sala do tribunal mais cedo hesitou, olhando rapidamente para seu parceiro.

Grant Sikora olhou para o cano da arma, parecendo aturdido por ter realmente puxado o gatilho.

E, então, cheguei até ele.

Agarrei seu braço e busquei a arma, mas ele se desvencilhou, girou e a levantou até meu rosto.

– Saia da frente.

O tempo alcançou a realidade e congelou. Eu já tive armas apontadas para meu rosto antes, mas não importa quantas vezes isso acontece, você nunca se acostuma. Senti meu coração martelando contra meu peito. *Calma, Pat. Calma.* Levantei as mãos para mostrar que eu não era uma ameaça.

– Largue sua arma! – a policial que não havia sido atingida gritou. Só então percebi que eu estava em sua linha de fogo. Ela não tinha uma visão desimpedida de Sikora, apenas de mim.

Pelo canto dos olhos eu podia ver o outro policial caído no chão, o sangue do ferimento à bala ensoando a manga de sua camisa, mas era apenas seu braço. Não parecia letal. *Isso é bom. Vai nos fazer ganhar tempo.*

– Largue a arma!

– Cale a boca – Grant berrou. – Todos calem a boca! – ele deu um passo na minha direção. O policial no chão estava lentamente sacando sua arma. – Larguem suas armas – Sikora gritou para os policiais. – Ou o agente do FBI morre.

Três metros à minha esquerda, Ralph silenciosamente posicionou-se ao lado da mesa do promotor. Todas as outras pessoas, com exceção de

Basque, ou estavam deitadas no chão ou ajoelhavam-se abaixadas. Algumas pessoas espiavam sobre as bordas das cadeiras e mesas para assistir aos acontecimentos. Nenhum dos policiais largou a arma. Basque ainda estava parado, calmamente assistindo tudo acontecer.

– Larguem as armas! – Grant gritou. – Joguem todas para cá!

Vi o dedo dele no gatilho e senti meu coração se contorcer. Ele nunca erraria dessa distância. De jeito nenhum.

– Larguem as armas! – Ralph ordenou. – Agora!

Sikora não pareceu se importar que mais alguém tenha gritado aque las palavras, ele apenas manteve os olhos grudados em mim. Manteve a arma imóvel.

Os dois policiais avaliaram a situação por um momento e finalmente ambos lançaram suas armas em nossa direção.

– Ninguém mais se mexe! – Sikora gritou, então olhou na direção de Ralph. – E você, afaste-se. Agora!

– Calma – Ralph ergueu a mão e deu um passo para trás, na direção da parede. – Estou me afastando, ok?

– Mais longe!

– Já estou – mais um passo.

– Continue.

Dois passos.

Sikora olhou para a policial de pé ao lado do parceiro.

– Saiam pela porta! Ninguém entra aqui. Se alguém tentar, qualquer um que for, se aquela porta se abrir, Bowers morre – ele balançou a cabeça para a esquerda. – O oficial de justiça e o

juiz vão com ela. Agora!

Após um momento, o juiz apareceu atrás de sua mesa, onde esteve escondido. Seu rosto estava marcado pela raiva, mas não disse nada. Ele e o oficial de justiça seguiram a policial pela porta, e então a fecharam atrás deles.

Ralph e eu ainda tínhamos uma chance de consertar as coisas, mas apenas se conseguíssemos chegar perto do suficiente de Sikora para derrubá-lo, mas para fazer isso eu precisava concentrar a atenção do homem em mim.

– É Grant, né? – eu disse. – Seu nome é Grant Sikora? Conheci você após a morte de sua filha. Ele olhou para mim, sem responder. Respirou duas vezes agitadamente.

Apontei.

– O policial em quem você atirou, ele vai ficar bem – eu falava lentamente, tentando acalmá-lo. – Acabe com isso agora. Eu entendo que você está nervoso...

– Não.

– Você tem direito de estar nervoso...

– Não!

– Mas atirar em pessoas não vai ajudar a...

– Quietos! – havia raiva em sua voz, mas o queixo estava tremendo. Uma lágrima escapou pelo canto do olho.

*Ele está arrependido, muito arrependido.*

– Ninguém mais precisa se machucar – me inclinei na direção dele. – Você não é um assassino.

Ele balançou a cabeça violentamente.

– Ele a matou. Ele matou minha Celeste.

*Tem outros agentes aqui? Onde eles estão?*

Sikora gritou para além de mim, na direção de Richard Basque:

– Você matou minha filha, seu filho da...

– Ela acreditava? – perguntou Basque, interrompendo Grant.

– O quê?

– O Senhor disse que aqueles que vivem e acreditam Nele nunca morrerão. Sua filha acreditava?

– Cale a boca – Grant estava tremendo, tomado pela tristeza e pelo ódio. – Cale a boca, cale a boca, cale a boca!

Seus olhos travaram em Basque novamente. Ele havia tomado sua decisão.

Moveu a arma na direção do homem que havia torturado, matado e devorado sua filha.

Minha chance. Minha única chance.

Agora ou nunca.

Agora.



Atirei-me na direção de Sikora e agarrei a arma, travando os dedos em torno de seu pulso e girando ao mesmo tempo. Puxei o cano para longe da direção da multidão e aponte para a parede vazia do lado norte. E dessa vez, garanti que Grant Sikora não pudesse me empurrar.

Ele deve ter escorregado o dedo do gatilho porque a Sigma não disparou. Com a força movida pela adrenalina, ele tentou se livrar de mim novamente. Torci o braço dele para trás, tentando controlá-lo, desarmá-lo, mas com sua outra mão ele agarrou algo da mesa de evidências e acertou-me do lado; um calor de esmagamento, uma rajada de dor me atravessou e imaginei se não teria me quebrado uma costela.

Com o que quer que ele tinha me batido, Grant me acertou do lado novamente, mas eu não iria soltar.

Um rápido movimento – Ralph no caminho em nossa direção, mas demoraria alguns segundos até que ele pudesse me ajudar.

Então percebi que Grant estava segurando a machadinha que Basque havia usado em três de suas vítimas. Felizmente, ele só havia conseguido acertar o cabo em mim, e não a lâmina, mas ainda assim, doía o suficiente para que eu perdesse o fôlego.

Quando ele rumou para acertar o cabo da machadinha em mim novamente, preni a respiração e acertei seu antebraço, mandando a machadinha para o chão.

Agora, a arma.

Nós estávamos nos encarando com a Sigma entre nós. Enquanto lutávamos por ela, Grant girou e caímos sobre a bancada de testemunhas.

– Largue a arma! – Ralph virou a mesa de evidências, espalhando o que estava sobre ela. Correu em nossa direção.

O rosto de Grant Sikora estava cheio de determinação e percebi que se Basque tivesse assassinado alguém que eu amava, eu estaria tão determinado quanto ele, com tanto ódio quanto ele.

– Ele... – seus dentes estavam cerrados pelo esforço de lutar comigo, mas ele conseguiu falar mesmo assim. – Ele... a... matou.

– Por favor – eu disse. Minha lateral estava latejando tanto que era difícil respirar. – Não...

– Ele a devorou – Grant disse. – Devorou minha Celeste...

Senti o cano da arma sendo pressionado contra minhas costelas machucadas. Tentei afastá-la, mas Sikora pendeu para o lado. As solas de seus sapatos escorregaram e juntos trombamos com a parede.

Foi quando a arma disparou.



Tudo pode mudar em um instante.

Senti o coice da arma passando pelo meu braço e acertando meu ombro. *Então é isso.*

O tempo acelerou.

*Após todos esses anos, isso termina assim.*

Esperei a dor do impacto da bala tomar conta de mim.

Não senti nada.

E então vi o rosto do sr. Sikora.

*Não.*

Seus olhos perdendo o foco, seu aperto em meu braço ficando fraco. *Não, por favor, não!*

O líquido quente se espalhou pelo meu abdômen, mas o ferimento não era meu.

Ralph estava do meu lado.

– Chamem uma ambulância – eu disse. Ele apalpou os bolsos procurando seu telefone enquanto eu colocava o sr. Sikora no chão deitado de costas.

Depois de tirar a arma da mão dele e jogá-la para longe de nós, apoiei sua cabeça gentilmente enquanto aplicava pressão sobre o ferimento à bala com a outra mão.

Mas eu não podia estancar o sangramento.

– Não o deixe... – Grant tossiu, lutando para respirar.

Eu queria dizer a ele que tudo ia ficar bem, que ele não precisava se preocupar, que o tiro não tinha sido perigoso, mas não sou bom mentiroso.

– Relaxe – eu disse suavemente. *Nada além da verdade.* – O socorro está chegando.

Ele puxou o ar engasgando, mas não disse nada.

O sangue no peito de Grant era espumoso e brilhante, o que queria dizer que a bala tinha acertado seu pulmão, possivelmente raspado em seu coração. Mesmo que os paramédicos chegassem nos próximos minutos, não achava que ele sobreviveria.

– Os paramédicos estão chegando – eu disse. Considerando a mensagem gravada no Colorado e a forte segurança aqui, deduzi que ele mesmo tivesse carregado a arma. – Quem carregou a arma para você, Grant?

Ele lutou para respirar.

– Ar....

– Eles estão vindo. Me diga um nome. Quem foi?

Ele engoliu, respirando com muita dificuldade.

– Você precisa pegar... ar...

Quatro policiais entraram com tudo pela porta e nos cercaram. Um deles pegou a S & W do chão, os outros três miraram as armas para o rosto do sr. Sikora.

– Afastem-se – eu disse. – Deem espaço para ele.

Eles hesitaram.

– Afastem-se!

Quando recuaram, Grant Sikora me puxou para perto.

– Por favor – ele tossiu e borrifou um pouco de sangue na minha bochecha. Eu tinha certeza de que era o único que podia ouvi-lo.

– Prometa-me que você não vai deixá-lo fazer isso de novo.

– Grant, você precisa...

– Prometa-me – urgência. Desespero. – Por ela. Por Celeste.

Eu precisava dizer algo.

– Eu prometo – eu disse suavemente. – Eu prometo que não vou deixá-lo fazer novamente.

Agora, por favor, diga-me quem carregou a arma. Um nome.

Mas ele não me ouviu concluir meu pedido. Enquanto eu falava, ele fechou os olhos, sua mão caiu do meu braço e Grant Sikora morreu.

*Não!*

Se fôssemos tentar trazê-lo de volta, eu precisava manter seu sangue circulando. Comecei a fazer compressões no peito, mas após alguns minutos, quando os paramédicos ainda não haviam chegado, senti a presença de Ralph ao meu lado, sua mão no meu ombro.

– Ele se foi – a voz de Ralph era o mais gentil possível. – Pat – ele se ajoelhou ao meu lado e colocou a mão no meu ombro. – Ele se foi.

Eu continuei. Talvez ele estivesse errado.

Mais duas compressões, mais três, mais quatro, mas não eram suficientes, nunca seriam suficientes. Uma equipe de paramédicos entrou na sala do tribunal e quando assumiram as tentativas de reviver Grant, eu me inclinei para trás, sem fôlego. Meu coração estava acelerado.

Tentei relaxar, acalmar minha respiração, mas parecia não conseguir.

Pela sala do tribunal, os espectadores e membros do júri estavam emergindo de seus esconderijos. Richard Basque estava próximo, me observando. Seus olhos profundos e tocantes me encontraram, fizeram uma varredura, uma mistura psicopata de frieza e calor.

– Obrigado, dr. Bowers – ele falou alto o suficiente para que eu ouvisse, então deixou um sorriso tomar seus lábios. – Devo minha vida a você.

Chega.

Levantei-me e fui na direção dele.

Dessa vez foi a hora de Ralph me segurar.

– Esquece isso, Pat – lutei para me livrar, mas ele não me soltou. – Como você disse antes, assim não.

– Eu estou bem.

Tentei tirar as mãos dele de mim. Finalmente, ele soltou por conta própria e estudou meu rosto.

– Eu estou. Estou bem.

– Isso é bom – ele disse suavemente. – Porque agora você precisa mesmo estar. – Ele se manteve perto de mim.

*O corpo e o sangue.*

Ainda tenso. Ainda com raiva.

Os paramédicos estavam usando um desfibrilador em Grant, mas pela cara do chefe dos paramédicos, dava para ver que esse era um paciente que eles não esperavam conseguir trazer de volta.

Um pai de luto estava morto, um assassino sem remorso estava vivo e eu havia feito uma promessa que não tinha certeza se poderia cumprir.

Tudo pode mudar em um instante.



6 minutos depois

Giovanni observou a ambulância sair do tribunal.

Por estar ouvindo o rádio da polícia, ele sabia que a ambulância carregava o corpo de Grant Sikora em vez de Richard Basque. E ele tinha usado suas credenciais para descobrir de um dos delegados fora do prédio que o agente especial Patrick Bowers era quem o havia impedido.

Bem.

Giovanni esperava, é claro, que Sikora fosse levado dali dentro de um saco preto, mas ele pensou que, com o passado dele como sargento de artilharia dos Fuzileiros Navais, ele seria capaz de completar sua missão primeiro. De todos os membros de família das vítimas, ele tinha sido a melhor escolha.

Mas ele não havia sido bom o suficiente para passar por Bowers, o que pelo menos confirmou o que Giovanni já suspeitava – que o agente especial Bowers era a escolha perfeita para a história número dez.

Parecia que uma pequena mudança de planos aconteceria.

Hora de voltar para Denver.

Para contar o conto número cinco.



A lateral do meu corpo doía.

Meu coração doía.

E Grant Sikora não sobreviveu.

Ele foi dado como morto ao chegar ao St. Francis Medical Center 30 minutos atrás. O policial em quem ele atirou precisaria de férias e fisioterapia para se recuperar, mas voltaria a usar normalmente o braço, então parecia que mesmo uma tragédia tendo acontecido, uma outra fora evitada.

Duas, se você considerar Basque escapando com vida.

A sala do tribunal onde estávamos havia se tornado uma cena de crime, por isso o oficial de justiça tinha levado os jurados para a sala do júri e todos os membros da mídia e parentes das vítimas haviam sido conduzidos para o saguão. A equipe médica e o pessoal da polícia, além de algumas pessoas como eu mesmo, que estiveram envolvidas no julgamento, foram movidos para uma sala menor do outro lado do corredor.

Localizei um dos detetives da polícia de Chicago e dei a ele meu depoimento, porém, com mais de uma centena de testemunhas na sala do tribunal, não havia muita ambiguidade sobre o que havia acabado de acontecer.

Mesmo não sendo a hora ou o lugar para conversarmos sobre todos os problemas que precisávamos discutir, após eu ter estado tão perto de ser atingido por um tiro, senti a necessidade de conversar com Lien-hua, de ouvir sua voz. Disquei o número dela, mas ela não atendeu.

Decidi não deixar nenhuma mensagem.

Deixei minha camisa, ainda ensopada com o sangue de Grant Sikora, com dois investigadores, e enquanto Ralph foi procurar Calvin para pegar uma troca de roupa na minha mala, no portamalas do carro, pedi para um dos paramédicos dar uma olhada nos ferimentos na lateral do meu corpo.

Um exame rápido foi suficiente.



– Você vai precisar de um raio X para ver se as costelas estão quebradas – ele disse.

Eu não era novo em brigas, então já sabia que o tratamento para costelas machucadas e costelas quebradas era praticamente o mesmo: mantê-las presas com gaze, evitar esforços e tomar muito analgésico. Concluí que esperaria para ver o quanto elas me incomodariam antes de fazer um raio X.

– Obrigado – eu disse.

Ele enrolou confortavelmente uma gaze em volta do meu peito e me deu um saco de gelo para reduzir o inchaço.

– Cuide disso, ok?

– Cuidarei. – Quando ele foi embora, vi Ralph se aproximando, me trazendo uma camisa limpa e uma calça jeans. Aceitei as roupas, agradei a ele e fui procurar um banheiro para me limpar e me trocar.

Alguns minutos mais tarde, quando estava afivelando meu cinto, meu telefone tocou e imaginei que Lien-hua deveria ter visto minha chamada perdida. Atendi. – Oi.

– Alô, Pat? – era a detetive Cheyenne Warren. – Fiquei sabendo do que aconteceu aí. Estou feliz por você estar bem.

– Somos dois, então – percebi que não fiquei desapontado por ser Cheyenne em vez de Lien-hua.

Ela foi direto ao assunto.

– Parece que não foi Taylor que deixou a gravação na mina.

– O quê? Como você sabe?

– Nós o encontramos hoje de manhã, morto, junto de sua mulher. Devo dizer que só achamos que é uma mulher. É difícil dizer.

Suas palavras só poderiam querer dizer uma coisa.

– Desmembrada?

– Sim. O assassino deixou-a na água na represa do Parque Estadual Cherry Creek. Porém, matou-a na casa de Taylor; nós comparamos o sangue nos dois locais.

Digerei suas palavras enquanto retornava para a sala do tribunal.

– Taylor tinha uma casa na região de Denver?

– Nas montanhas. Perto de Evergreen. Foi onde ele foi decapitado, não antes de ser torturado. Ainda estamos procurando a cabeça.

Inacreditável.

Os envelopes haviam sido todos enviados de dentro da área metro politana de Denver, então eu suspeitava que Taylor poderia estar vivendo na região, mas ainda assim, era desconcertante ouvir que ele havia estado tão perto de nós e nós não o encontramos.

– Suspeitos? – perguntei.

– Ainda não.

Eu estava pensando em tudo que ela havia acabado de me contar quando o oficial de justiça conduziu os jurados até a sala. Eu só tinha tempo para algumas perguntas rápidas.

– Além dos desmembramentos – perguntei –, existe alguma evidência ligada à morte de Heather Fain?

– Nenhuma evidência física ainda, mas houve uma denúncia anônima, do mesmo jeito que com o corpo de Heather.

O juiz Craddock e os dois advogados principais emergiram da entrada do juiz.

Tentei pensar em algum criminoso com o qual eu já houvesse me deparado que poderia ter encontrado, subjugado e assassinado Taylor, mas nenhum veio à mente.

– Mais alguma coisa?

– Nós vamos até a casa de Taylor de manhã para terminar de analisar a cena. Cedo: 7 da manhã. Fica a meia hora do centro da cidade; talvez você possa ir de carona comigo, para reduzir nossa emissão de carbono.

Normalmente, me irrita quando as pessoas tentam soar “sustentáveis” e “verdes” usando o clichê da “emissão de carbono”, mas vindo de Cheyenne, parecia natural.

– Eu iria – eu disse –, mas não devo chegar em Denver antes do meio-dia de amanhã.

– Então mude seu voo. Volte hoje à noite.

Era uma possibilidade.

Suspeitei que o juiz fosse pedir a anulação do julgamento, mas só saberia em alguns minutos.

– Vou mudar se eu conseguir. Eu te ligo de volta quando souber mais.

– O juiz Craddock colocou-se atrás de sua mesa e pediu ordem. Eu precisava sair do telefone. – Faça-me um favor. Mande uma mensagem para o agente Ralph Hawkins por mim. Informe-o sobre o assunto.

– Tudo bem.

Dei a ela o número de Ralph, finalizei a ligação e desliguei o celular.

Após todos terem tomado seus lugares, o juiz Craddock encarou os jurados e limpou a garganta.

– Esse incidente envolvendo o sr. Sikora não é de nenhuma relevância para o julgamento em questão. Estamos conduzindo um julgamento que diz respeito ao réu Richard Devin Basque, e não a esse homem que acabou de tentar matá-lo. Se for permitido que esse evento perturbe o processo judicial, nosso sistema de justiça se tornaria muito frágil e facilmente manipulável, fazendo de ser eficaz. – Ele respirou profundamente. – Portanto, considerando todos esses fatores, não pedirei a anulação do julgamento. Vocês ficarão isolados até segunda-feira. Sem meios de comunicação. Sem contato externo. Durante o fim de semana forneceremos psicólogos independentes apontados pela corte para conduzir, sem qualquer custo, sessões de aconselhamento confidencial para qualquer membro do júri que desejar discutir seus sentimentos em relação ao ocorrido. Retomaremos os procedimentos segunda-feira às 9 horas em ponto, quando o dr. Bowers retornará para a bancada.

Eu mal podia acreditar em suas palavras, e pelo olhar dos membros do júri, nenhum deles acreditava também. Eu não tinha certeza do que seria normal em uma situação como essa, mas retomar o julgamento na segunda-feira...

– Não vou deixar esse evento atroz descarrilar o processo judicial. Não no meu tribunal – ele passou os olhos por cada um dos membros do júri. – Esse julgamento vai avançar. Vamos continuar e chegar a um veredicto, e a justiça será feita.

Mesmo estando surpreso por sua decisão, quanto mais eu pensava sobre ela, mais entendia sua lógica. As ações de Grant Sikora não eram o assunto ali e não deveriam afetar o resultado do julgamento. E quanto mais esperássemos, mais provavelmente os jurados lembrariam do atirador e esqueceriam dos detalhes do julgamento.

Esperei que a srta. Eldridge-Gorman se opusesse à decisão do juiz, o que realmente fez, com bastante veemência. Ela certamente apelaria se Basque fosse condenado, e o Estado faria o mesmo se ele fosse absolvido. Que bagunça.

– Objeção negada – o juiz Craddock guinchou. – Dispensados! – ele bateu o martelo, levantou-se e já tinha tirado metade de sua veste quando entrou em sua sala.

Assim como eu, o júri deve ter pensado que ele pediria a anulação do julgamento, pois ficaram sentados em silêncio, chocados, a maioria deles com o olhar perdido na direção da porta da sala do juiz, que agora estava se fechando lentamente.

Tirei um momento para pensar.

Eu realmente queria dar uma olhada na cena do crime onde Taylor havia sido morto. Ainda não eram nem 17h, assim eu provavelmente conseguiria pegar um voo mais cedo e ainda chegar em casa hoje à noite, e, então, voltar para Chicago domingo à noite.

Uma ligação rápida para a companhia aérea me informou que havia um voo que chegaria em Denver logo após às 22h, e eu ainda tinha 90 minutos antes da hora de partida, de modo que, mesmo com o trânsito de sexta-feira, imaginei que daria certo.

Confirmei a reserva de assento e estava terminando a ligação quando a srta. Eldridge-Gorman atravessou a sala em minha direção. Ela chegou perto e falou em voz baixa, apenas para que eu ouvisse.

– Eu sei o que você fez no matadouro, dr. Bowers. Segunda-feira de manhã pedirei que você responda por desacato ao tribunal por se recusar a responder à pergunta de hoje.

Ela devia estar me testando para ver se eu diria algo que ela pudesse usar contra mim quando eu retornasse para a bancada na semana seguinte. Não respondi.

– Se você disser a verdade, o júri irá descartar seu depoimento e simpatizar com meu cliente – um terrível senso de satisfação permeava cada uma de suas palavras. – E se você mentir, cometerá perjúrio. De qualquer jeito, Richard será libertado, dr. Bowers, e graças a você.

Tudo havia repentinamente se tornado mais complicado ainda.

– Tenha um bom fim de semana, srta. Eldridge-Gorman – eu disse a ela.

– Terei – ela pegou sua pasta e me deu um meio sorriso. – E estou ansiosa para vê-lo segunda-feira.

Ela caminhou para longe e percebi que Ralph esteve nos observando. Ele veio até mim, e após ela estar fora do alcance de sua voz, perguntou:

– O que foi isso?

– Um mal-entendido – eu nunca havia contado a ele o que tinha acontecido no matadouro, e agora não era a hora de tratar daquilo.

Sua voz grave ficou mais baixa ainda do que o normal.

– Algo que você queira me contar, amigo?

Considereei minhas opções, sua amizade, o caso, meu futuro... e decidi deixar as coisas como estavam por enquanto.

– Não. Não é nada – gesticulei na direção da porta. – Você está saindo?

– Preciso dar uma declaração para a imprensa. Sendo o agente sênior no local... você sabe.

– Entendi.

Ele murmurou algumas palavras especiais sobre como estava animado em conversar com os repórteres. Quando parou para respirar, eu disse:

– Reservei um voo mais cedo. Preciso ir para o aeroporto.

– Falo com você amanhã.

Acenei com a cabeça, ele foi embora, e depois de pegar minha faca e minha SIG, fui na direção da porta dos fundos para evitar os parasitas da mídia em torno da entrada do tribunal. No caminho, liguei para Cheyenne e disse a ela que conseguiria me encontrar com ela às 7h na manhã do dia seguinte.

– Eu pego você na sua casa por volta das 6h30 – eu disse.

– Que tal se eu dirigisse? Quer dizer, a não ser que você tenha problemas com uma mulher no banco do motorista.

Eu tinha a sensação de que ela não estava apenas conversando sobre caronas, mas decidi não mexer com isso.

– Tudo bem. Você pode me pegar – só depois de dizer as palavras que percebi que elas

continham pelo menos tanto duplo sentido quando as dela.

– Está ótimo pra mim – ela disse, um sorriso em sua voz. – Te vejo às 6h30.

Ela nunca havia ido até minha casa antes, então passei para ela meu endereço antes de desligarmos. Liguei para Calvin para avisar que eu pegaria um táxi para o aeroporto e que ele poderia ficar com minha mala até segunda-feira. Enquanto esperava que ele atendesse, saí pela porta dos fundos do tribunal.

Encontrei-o parado nos degraus, protegido da garoa por uma marquise ampla acima dele, vasculhando os bolsos, à procura de seu telefone que tocava.

– Oh, aí está você, garoto, estava esperando por você – ele encontrou o telefone, olhou para a tela e então para mim. – Devemos conversar pessoalmente ou pelo celular?

Olhei para ele.

– Como você sabia que eu estava vindo nessa direção?

– Eu sei o quanto você gosta de aparecer na TV. Venha comigo. Eu te dou uma carona para o aeroporto – ele ajeitou o casaco e saiu pela chuva.

Mas eu hesitei.

– Eu acabei de mudar meu voo, há menos de cinco minutos. Como você...?

– Meu garoto, eu não posso revelar todos os meus segredos – ele pegou as chaves do carro. – Venha comigo, tem algo que quero perguntar para você no caminho.



Por cerca de 20 minutos, Calvin enfrentou o tráfego sem falar. Talvez ele estivesse tentando me dar uma oportunidade de lidar com a morte de Sikora. Difícil saber.

A chuva estava parando, mas as nuvens se penduravam pesadas e cinzentas sobre nós. Eu sabia que o sol não ia se pôr por algumas horas, mas o dia já parecia estar caminhando para a noite.

Entramos na Kennedy.

Mais tempo se passou.

Um carro nos fechou e o motorista mostrou a Calvin um gesto bastante elaborado que eu havia visto apenas algumas vezes nas ruas de Nova York. Por um momento isso fez com que me lembrasse de quando vivi naquela cidade, e de Christie, a mulher que eu havia conhecido lá, pela qual havia me apaixonado, com quem havia me casado e que havia enterrado lá.

Morte.

Ao meu redor.

Tocando minha vida não importa onde fosse.

E agora essa semana, mais dela: as duas vítimas na quarta-feira, no dia anterior a eu me juntar ao caso... Heather Fain e Chris Arlington ontem... Sebastian Taylor e a mulher não identificada, e agora Grant Sikora...

Tanta morte em meu passado, em meu presente. Eu havia escolhido essa carreira, essa vida para mim, mas às vezes...

– Ouvi alguns dos repórteres conversando – Calvin disse suavemente, interrompendo meus pensamentos – enquanto você estava dando seu depoimento para a polícia. A mídia já está te chamando de herói, garoto. Eles querem dar a você uma medalha.

– Eu não sou herói, Calvin.

– Você salvou a vida de um homem.

– Quem? – isso era a última coisa sobre a qual eu queria conversar.

– Basque? Ele merecia morrer. Sikora merecia viver. Como isso faz de mim um herói?

Calvin pensou por um momento. Ele escolheu não responder, e eu senti que seu silêncio era algum tipo de contestação.

– Fiquei orgulhoso de você hoje – ele disse finalmente. – Orgulhoso de ter sido seu professor.

Suas palavras pareciam conclusivas, como se ele estivesse finalizando uma de suas palestras em vez de simplesmente estar comentando sobre o dia. Me senti desconfortável.

– O que está havendo?

Mais uma vez ele escolheu não responder, o que não era costume dele.

Agora, ele definitivamente tinha minha atenção.

Um caminhão de lixo na nossa frente expeliu um vapor de chorume.

Calvin passou para a pista da esquerda para ultrapassar.

O silêncio aumentava entre a gente, e finalmente, quando percebi que ele não iria responder minha pergunta, tentei adivinhar o que ele estava querendo falar comigo.

– Foi algo que eu falei na bancada que... – procurei pela palavra certa. – Que você achou impreciso ou não representativo de...

Ele balançou a mão no ar desdenhosamente.

– Não seja ridículo, garoto. Claro que não. Nada desse tipo – esperei que ele continuasse, mas novamente recebi apenas silêncio.

Eu nunca havia conhecido ninguém que escolhesse suas palavras mais cuidadosamente ou mais precisamente do que o dr. Calvin Werjonc, mas agora ele estava sendo evasivo. Eu não queria pressioná-lo, mas eu queria descobrir o que estava acontecendo.

– Patrick, governos quebram diariamente leis e tratados buscando defender os interesses de suas nações. E isso é necessário porque leis são estabelecidas para servir a algo maior do que eles mesmos.

– A justiça – eu disse.

– Sim.

Pensei nessas palavras à luz dos eventos do dia.

– Mas Calvin, a justiça é um problema para as cortes resolverem.

– Sim, sim, claro. A resposta correta. A resposta de livro.

Eu não havia reparado ainda, mas agora, sob o dia escurecido pelas nuvens, percebi que ele parecia frágil e cansado, como um poderoso penhasco finalmente cedendo à erosão do tempo.

– Mas não é a sua resposta?

– A busca pela justiça não leva a uma resposta, mas a um dilema: até onde alguém está disposto a ir para vê-la ser realizada? – Calvin passou de volta para a pista da direita.

Eu estava começando a ver como suas palavras poderiam estar relacionadas ao julgamento. Eu esperava estar errado.

– Nós não juramos dizer “a verdade, toda a verdade e nada além da verdade”? A justiça não é feita quando a verdade é censurada.

– Sim, precisamente.

Mais uma resposta surpreendente.

– Mas?

– Mas você percebeu que os advogados tanto da acusação quanto da defesa não são obrigados a fazer esse mesmo juramento? Em vez de jurarem dizer toda a verdade, é esperado que, digamos, eles façam o contrário. A obrigação legal deles é dizer apenas a versão da verdade que sustente seus casos. Apenas as testemunhas, e não os advogados, precisam jurar dizer toda a verdade. E ainda assim, como você percebeu há um momento, a justiça não é feita quando a verdade é censurada.

Eu não sabia o que dizer. O tráfego carregado se fechou ao nosso redor. Horário de pico.

– Nós perdemos de vista o objetivo, Patrick. Nosso sistema judiciário está mais preocupado com acusações e absolvições do que com a verdade ou a justiça. Você sabe que é verdade. Ficamos reticentes quando deveríamos admitir.

Ele estava certo nos dois casos: era verdade, e eu não gostava de admitir. Tanto a acusação quanto a defesa se prendem a evidências e testemunhas que apoiem seus casos. Se eles descobrissem provas que ajudariam o outro lado, eles não as colocariam em julgamento, mesmo que isso significasse impedir um homem inocente de ir para a prisão ou garantir que um assassino brutal fosse trancafiado na cadeia. É isso que acontece quando um sistema legal valoriza direitos individuais acima da busca pela verdade ou pela administração da justiça.

Calvin continuou:

– Mas ver a justiça sendo feita, não foi para isso que entramos nessa área em primeiro lugar? Isso não é mais importante do que ganhar um caso?

– Você não está justificando...

Um suspiro cansado.

– Eu tenho 76 anos, garoto. Eu não tenho tempo sobrando para justificar ou condenar, apenas para raciocinar e, enquanto for capaz, agir.

Era estranho ouvir Calvin dizer essas coisas. Com o passar dos anos, eu mesmo havia questionado aspectos do sistema judiciário, mas nunca havia articulado minhas desconfianças para ninguém.

– Sim – eu disse, voltando para a pergunta. – Foi por isso que entrei nessa área.

Estávamos nos aproximando da saída para o aeroporto O'Hare e senti que ainda não havíamos chegado ao ponto crucial de nossa conversa.

– Calvin, no tribunal você disse que queria me fazer uma pergunta.

– Sim, claro – ele disse. – Agora, por favor, entenda que eu tenho todo o respeito quando fizer referência à sua enteada no meu exemplo hipotético.

– Continue.

– Imagine que um homem está sendo julgado por agressão sexual de primeiro grau. Você é chamado como testemunha e você sabe que ele é culpado e que seu depoimento vai fazer a diferença no veredicto.

Comecei a me sentir desconfortável.

– Tudo bem.

– Porém, as evidências não são suficientes para uma condenação e você sabe que se você relatar apenas os fatos do caso, ele vai ser absolvido e vai atacar sexualmente Tessa, ou talvez outra garota da idade dela. No entanto, se você esconder a verdade em seu depoimento em relação à culpa dele, ele será condenado. O que você faria?

Essa situação hipotética não me deixou quase nenhum espaço de manobra.

– Assumindo que meu depoimento fosse o único fator decisivo – senti minha garganta apertada –, eu mentiria para protegê-la – finalmente, como uma lente entrando em foco lentamente, percebi o que Calvin estava dizendo e como isso se relacionava com os eventos anteriores no dia.

– Sim – ele acenou com a cabeça gentilmente. – Porque proteger os inocentes é mais importante do que qualquer outra coisa.

Ele virou a cabeça e olhou para mim. Apesar da idade, seus olhos estavam alertas e incisivos como nunca, e dessa vez ele foi direto ao assunto.

– Você acredita que Richard Basque é culpado daqueles assassinatos? Não havia dúvida na minha cabeça.

– Sim, ele é. E provavelmente mais do que sabemos.

– Eu revisei o caso, como você sabe. E estou convencido disso também. Chegamos à saída para o aeroporto. Calvin seguiu por ela.

Um pensamento.

Não, não poderia ser.

Mas talvez fosse.

– Calvin, você carregou a arma, não foi?

Ele balançou a cabeça negativamente.

– Desculpe-me por te decepcionar. Deve existir mais alguém por aí pensando do mesmo jeito que eu.

Talvez eu não devesse ter acreditado nele, mas acreditei. Afinal, alguma outra pessoa tinha matado Heather e Chris e havia deixado a mensagem provocativa na mina. Então, os comentários de Calvin poderiam significar apenas uma coisa:

– Você acha que eu não deveria ter impedido Sikora.

Ele foi rápido com a resposta.

– Não, não. Não estou questionando nada do que você fez. Acho que você fez a coisa mais nobre, uma coisa heroica.

– Mas não a coisa certa?

– Se você não tivesse reagido tão rápido como reagiu, duas pessoas estariam mortas em vez de uma. Eles não teriam levado o sr. Sikora com vida, você sabe disso.

Percebi que ele não havia respondido minha pergunta.

– Mas se você não está questionando o que fiz, o que você está fazendo?

– Me explicando.

Ele parou o carro na frente do Terminal 1.

– Do que você está falando?

Calvin deixou o carro em ponto morto.

– Há mais de cinco décadas eu conto a verdade e observo pessoas que eu sabia serem assassinos, estupradores e pedófilos serem libertadas – seus dedos tremeram suavemente. Ele os apoiou no volante, provavelmente para que eu não percebesse. Mas percebi. – E eles cometeram crimes novamente – ele disse. – Eles estupraram de novo, assassinaram de novo. Tantas vidas foram destruídas porque eu acreditava que se eu relatasse os fatos, a justiça aconteceria. Mas não acontecia. E agora, o sofrimento dos inocentes pesa demais sobre minha consciência.

Ele olhou para mim, um fogo acinzentado queimava em seus olhos, uma única e terrível lágrima escorria por sua bochecha.

– Talvez eu pudesse ter feito mais para ajudá-los.

– Mas talvez não.

– Verdade – ele reconheceu. – Mas mesmo assim, é tarde demais para mudar o que foi feito. Só podemos mudar o que é e o que será.

Um policial se aproximou do carro. Ou nós saíamos dali ou eu pegava minha maleta e ia para o balcão de check in. Eu poderia ter me identificado como agente federal, mas minha carteira estava na bolsa do computador no porta-malas e eu não queria ter todo esse trabalho. Eu só queria terminar aquela conversa.

– Você não tem mais certeza se fez a coisa certa ao ter falado a verdade todos esses anos.

Calvin olhou pela janela para a chuva. Seu silêncio era toda a resposta de que eu precisava.

Me lembrei de sua pergunta hipotética sobre o estuprador: “Se você esconder a verdade em seu depoimento em relação à culpa dele, ele será condenado. O que você faria?”

Verdade e justiça sempre lutaram entre si em nossas cortes. Por todos esses anos eu havia



escolhido o lado da verdade. Calvin também. Talvez tivéssemos escolhido o lado errado.

“Prometa-me”, o sr. Sikora disse.

“Eu prometo”, eu disse a ele.

Eu podia sentir algo mudando dentro de mim. A confiança que sem pre tive no sistema judiciário repentinamente parecia ingênua e otimista demais.

– Você acredita que Basque vai matar novamente se for libertado? – Calvin perguntou.

– Sim.

– Eu também.

O policial bateu com a mão contra o vidro. Levantei um dedo para pedir a ele mais um instante, então perguntei a Calvin:

– Você vai fazer algo, não vai?

Silêncio.

– O que é? O que você vai fazer?

Ele juntou as mãos em cima do volante.

– Vou observar cuidadosamente – suas palavras eram decisivas. Firmes. – E ver o que acontece a seguir.

Procurei o que dizer. O policial bateu na porta e começou a exigir que eu saísse do carro, o que finalmente fiz. Ele apontou para Calvin.

– Ele precisa ir embora.

Saí do carro e Calvin abriu a janela.

– Eu ligo pra você – eu disse.

– Sim, ligue.

Então peguei minhas malas e observei Calvin ir embora, as luzes traseiras de seu carro brilhando no asfalto molhado. Um reflexo embaçado, distorcido.

O policial estava parado ao meu lado, e quando não me movi, ele disse:

– Está tudo bem?

*Não. Não está. E pode não ficar nunca mais.*

– Sim – eu disse. – Está tudo bem.

Então entrei no terminal, imaginando se eu deveria ter deixado Sikora matar Richard Basque, ou se talvez eu devesse tê-lo ajudado a mirar a arma.

As palavras de Calvin me assombravam enquanto eu caminhava pelo aeroporto: “Vou observar cuidadosamente e ver o que acontece a seguir”.

Bom, eu também.



17

Hospital Memorial Batista  
Denver, Colorado  
19h51, fuso horário das montanhas

Disfarçado e vestido como um zelador, Giovanni passou pelo nível inferior do Hospital Memorial Batista em direção ao necrotério. Ele carregava uma bolsa esportiva preta à prova d'água e tomava cuidado para evitar os corredores que possuíam câmeras de segurança.

Seu voo chegara havia cerca de uma hora, o que lhe dera bastante tempo para ele se preparar.

Agora, ele arrombou a fechadura do necrotério, entrou na sala e fechou a porta atrás de si. Colocou no chão sua bolsa esportiva. Abriu-a.

Então, seguiu para a área de armazenamento a frio onde ficavam os recém-chegados.



Giovanni nunca havia ido para a cadeia por assassinato, o que era um pouco surpreendente, considerando quantos deles ele já havia cometido.

E considerando que ele havia até confessado um deles.

Mas nenhum crime, nem aquele primeiro, aparecia em sua ficha porque ele tinha apenas 11 anos quando confessou, e a corte decidiu que ele era jovem demais para compreender suas ações, que ele era apenas um garoto.

Em vez de passar um tempo na cadeia, ele havia passado seis meses em um hospital especial e então foi para um internato e se encontrava com um orientador três vezes por semana para

conversar sobre seus sentimentos.

Mas nem seu orientador, nem nenhum de seus advogados, ou juízes, ou defensores apontados pela corte haviam entendido que ele realmente sabia o que estava fazendo quando matou a avó dois dias antes de seu aniversário de 12 anos. Ele sabia muito bem. E mesmo agora, todos esses anos depois, tudo ainda parecia bastante fresco em sua memória.



Ele destravou a porta de metal que levava aos cadáveres e sentiu o sopro de ar frio no rosto e nos braços quando entrou. Apenas alguns graus mais frio que a mina, frio o suficiente para armazenar os corpos por alguns dias, mas não para chegar a congelá-los.

Ele era responsável por oito mortes ocorridas durante a semana passada, ou possivelmente sete, se o padre ainda estivesse vivo, então reconheceu alguns dos corpos na área de armazenamento a frio, mas os notou sem qualquer emoção ou mesmo satisfação. Eles haviam sido apenas personagens na épica história que ele estava contando, nada além disso.

Giovanni levou a maca contendo o cadáver de Travis Nash para a sala de autópsia e fechou a porta do freezer.

Um lençol branco cobria o cadáver, e ele o descobriu, revelando o corpo nu e cor de argila do homem que ele havia assassinado 12 horas antes, no que havia sido interpretado por todo mundo como um ataque cardíaco. Nenhuma autópsia havia sido requisitada.

Giovanni percebeu que se ele fosse manter estritamente o enredo, seria necessário que a esposa de Travis exumasse o corpo e cortasse sua cabeça com uma faca, mas as práticas funerárias haviam mudado um pouco desde o século XIV e, considerando que a cremação de Travis estava marcada para a manhã seguinte, levar seu corpo do necrotério era o mais próximo possível de uma exumação.

Desde sua morte mais cedo naquele dia, o sangue de Travis Nash estaria acumulado em sua cavidade corporal; portanto, não haveria muita sujeira, apenas um pequeno escorrimento.

Ele abriu a bolsa esportiva, pegou o serrote que havia usado em Brigitte e no governador, colocou a lâmina contra o pescoço inchado e frio do sr. Nash e começou o serviço.



Giovanni se lembrou da noite em que sua avó morreu.

Ele ainda podia vê-la parada na cozinha, inclinada sobre a pia, seus dedos frágeis esfregando os pratos, esfregando, esfregando, esfregando, e sua voz delicada como papel pedindo a ele por favor para colocar os copos na cristaleira, ao lado dos pratos, e perguntando se ele gostava de passar o verão com ela e se estava pronto para voltar para seu pai na terça-feira seguinte, e então o lembrando de não esquecer sua cópia de *Os contos da Cantuária* que ele estava lendo durante todo o verão, pois ela havia visto o livro mais cedo na varanda.

Ela estava usando um avental branco com a foto de um buquê de lírios desbotado bordado na frente, e havia manchas amarelas de caldo de frango ao lado das flores de quando ela havia limpado os dedos no avental.

Sim, ele lembrava de tudo: a brisa silenciosa do Kansas soprando pela janela aberta sobre a pia, o som dos grilos cantando nas sombras orvalhadas lá fora, o cheiro do perfume de velha de

sua avó se misturando com o detergente com cheiro de limão, e o cheiro fraco de sopa de frango que ela havia feito pois era a sua favorita.

Sim, e ele se lembrou da faca repositada pacientemente no balcão ao lado dela.

E a voz de sua avó novamente:

– Por favor, veja se esses copos estão secos antes de guardá-los, querido. Você sabe que eles ficam cheios de germes se ainda estiverem molhados.

“– E a avó dele gritava com ele? Abusava verbalmente dele?”

“– Não que eu saiba, meritíssimo.”

“– E quanto à vida cotidiana dele com o pai? Ele era negligenciado de alguma maneira?”

– “Ele parece ter tido uma criação normal e estável, meritíssimo. A mãe dele morreu durante o parto, mas não existe nenhum sinal de abuso físico ou mental por parte dos familiares.”

O cabo da faca era tão brilhante, suave e convidativo.

Ele se lembrava disso. E se lembrava de envolver a faca com os dedos e levantá-la, sentindo seu peso estável e balanceado.

Ele girou a faca de modo que a luz da cozinha refletia e dançava pela lâmina, onde brilhou, brilhou, brilhou, e então permaneceu ali por um momento antes de deslizar pela borda e desaparecer no ar ao seu redor.

A faca estava muito confortável em sua mão.

Sim, ele lembrava.

E então sua avó virou-se e o viu segurando a faca; ela limpou as mãos no avental e perguntou o que ele estava fazendo e se ele poderia por favor largar a faca porque facas são perigosas e não devem ser manuseadas sem cuidado, e ele deveria saber disso, um garoto daquela idade.

E ele lembrava como ficou feliz por ela ter se virado, pois não queria mesmo enfiar a faca nas costas dela, e desse jeito poderia ver o rosto dela quando acontecesse.

“– Meritíssimo, o garoto é muito jovem para entender suas ações. Não existe precedente para uma criança menor de 14 anos de idade ser condenada por homicídio em primeiro grau. Ele é um jovem profundamente perturbado que precisa de ajuda psicológica. A ele deveria ser oferecida orientação, e não encarceramento.”

Tudo estava claro.

Quando a avó viu que ele não ia largar a faca, deu um passo hesitante para trás, pressionando-se contra a pia. Ela ainda estava segurando um pano de prato, e água com sabão pingava dele e formava uma poça irregular aos seus pés sobre o chão xadrez de linóleo.

Ele se lembrava disso, mesmo após todos esses anos.



Giovanni terminou o serviço no pescoço de Travis e colocou a cabeça loira de cabelos encaracolados em um saco plástico; depois a embrulhou cuidadosamente em um grande lençol branco de linho e a colocou na bolsa esportiva.

Ele levou apenas um momento para se lavar e depois colocar as roupas de médico que havia trazido com ele. Enfiou as roupas de zelador na bolsa, cobriu o corpo novamente e colocou-o de volta no freezer.

Kelsey chegaria em menos de 10 minutos.

Ótimo.

Ele foi até a pia para enxaguar o serrote e preparar a agulha.



Por algum motivo, quando Giovanni deu um passo em direção à sua avó, os grilos pararam de cantar. Talvez eles soubessem. Talvez de algum modo eles pudessem saber o que estava prestes a acontecer.

Os olhos da avó se arregalaram, e então ela deixou cair o pano de prato e tentou empurrá-lo para longe, mas ele era forte para sua idade, mais forte que ela, e ela não conseguiu freá-lo. Não mesmo.

Giovanni já havia cortado carne; ele sabia que cortar carne não era fácil, e que o corpo da avó teria carne, o corpo de todo mundo tem, então ele esperava que fosse difícil enfiar a faca na barriga dela, esperava que houvesse mais resistência, mas foi muito mais fácil do que ele havia pensado que seria. Fácil até demais, na verdade. E tirar a faca foi mais fácil ainda do que enfiá-la porque ela estava escorregadia e brilhante com o sangue e outros líquidos que ele não reconheceu.

Ela não gritou nem chorou, apenas tossiu suavemente. Uma tosse úmida, e ela tremeu um pouco, e então inclinou-se mais contra o balcão ao lado da pia, caindo no chão.

Giovanni se inclinou sobre ela, e toda vez que ele enfiava a faca, fi-cava mais e mais fácil, especialmente quando ela parou de tremer tanto. E foi mais silencioso também, após ela parar de fazer aqueles barulhos estranhos vindos do fundo de sua garganta.



Giovanni ouviu uma batida na porta do necrotério e, então, com a expressão sombria e empática de um médico preocupado, ele a abriu e encontrou Kelsey Nash no corredor.

Ele disse a ela o quanto sentia por sua perda e desculpou-se por ter ligado para ela tão tarde, mas então explicou que precisava fazer algumas perguntas sobre o marido dela, agora, essa noite, antes da cremação, porque poderia ajudar a esclarecer algumas questões que haviam surgido em relação às circunstâncias da morte do marido.

Giovanni enxugou uma lágrima perdida, mas não entrou no necrotério. Ele acrescentou que a polícia temia que Travis pudesse ter sido assassinado e que, novamente, ele sentia muito sobre todo o sofrimento, mas que isso levaria apenas um minuto e então ninguém mais a perturbaria de novo.

E por fim ela entrou hesitantemente na sala.



Quando Giovanni devolveu a faca ao balcão, ouviu os grilos lentamente voltarem a cantar. E ele gostou daquilo. Gostou que o mundo lá fora ainda estivesse normal; que, realmente, nada de mais havia mudado.

Com a exceção de sua avó, que estava caída imóvel em uma poça crescente de sangue que estava começando a encontrar as frestas no linóleo, fazendo linhas retas e brilhantes no chão da cozinha enquanto se distanciava dela.

Isso era algo sobre o qual ele gostava de pensar. As linhas vermelhas se distanciando dela como os raios de sol que ele fazia quando desenhava um sol no canto de um papel, na escola.

Ele observou o sangue deslizar pelas ranhuras do chão brilhante, observou a luz do sol escapar do corpo da avó.

“– Giovanni, seu pai já tocou você?”

“– Tocou-me?”

“– Sim. Em algum lugar ruim. Algum lugar que sua roupa de nadador cubra. No seu bumbum ou...”

“– Isso é um lugar ruim?”

“– Não, não. É que... talvez um professor de educação física ou alguém do tipo? O professor Simons tocou em você lá? Ou sua avó?”

“– No lugar ruim?”

“– Onde o calção de banho cobre.”

“– Não. Ahn-ahn. Ninguém. Só em lugares bons. Só bons abraços. Nada no lugar ruim.”



Giovanni movimentou-se em direção ao freezer.

– O corpo dele está logo ali, senhora.

Kelsey parecia tão frágil e destruída pela morte recente do marido.

Ela deu um passo e parou.

– Eu sei como isso deve ser difícil para você – ele colocou uma mão cheia de compaixão sobre o ombro dela, para que ela não ficasse com medo.

– Eu prometo, vou fazer com que isso seja o menos doloroso possível.

Com a mão esquerda, ele tirou a seringa hipodérmica do bolso.



Ele se inclinou para que pudesse ver os olhos da avó. Eles pareciam tão estranhos, olhando para cima, para a luz da cozinha, sem piscar, e eram tão redondos e brilhantes que pareciam grandes bolas de gude que poderiam rolar da cabeça dela a qualquer momento.

– Como foi, vovó? – sua voz soou alta, forte e adulta dentro da cozinha vazia. Ele gostava do som adulto de sua voz e repetiu a pergunta, mesmo sabendo que ela não responderia. Não mais.

Ele observou aqueles olhos vítreos por um momento, imaginando se talvez eles piscariam, porque, mesmo ele tendo só 11 anos, havia ouvido falar que, às vezes, coisas desse tipo aconteciam depois de as pessoas terem morrido. Reflexos.

Mas não. Não sua avó. Mesmo ele tendo esperado até o sangue parar de se espalhar e começar a ficar escuro e com uma cara feia, mesmo então sua avó não piscou.

Ele colocou um dedo levemente contra o sangue que secava e descobriu que ele tinha ficado grudado e grosso e não parecia em nada com os raios mornos e macios do sol que tocaram seu rosto por todo o verão.

Seu cheiro era morno e acobreado.

E ele gostava da sensação que causava em sua pele.



Giovanni baixou Kelsey gentilmente até o chão.

O relaxante muscular a fez ficar mole, mas a deixou consciente, e ele podia ver seus olhos se movendo, dizendo que ela estava ciente do que estava acontecendo. Seus lábios sussurravam sílabas silenciosas. Palavras que nunca tomavam forma.

Ele tirou o cadáver de seu marido do freezer e removeu o lençol que o cobria.

– Oficialmente, você deveria morrer de tristeza – ele disse. Ela estava imóvel, com exceção dos olhos, dos lábios e do peito: seus olhos, alertas, o seguindo, seus lábios tremendo levemente, seu peito subindo e descendo, subindo e descendo com a respiração. Ele imaginou como seria estar consciente mas incapaz de se mover, capaz apenas de antecipar o que estaria para acontecer. Ele imaginou se ela conseguiria chorar mais. Não tinha certeza.

Ternamente, ele deslizou uma mão sob suas costas e a outra sob suas pernas, para que pudesse levantá-la sem machucá-la.

– Tentei achar um jeito melhor de fazer isso, mas não consegui pensar em nenhum – ele a colocou na maca, do lado do corpo sem cabeça. – Acho que isso foi a melhor coisa possível.

Ela não conseguia oferecer nenhuma resistência, estava maleável e era fácil para ele posicioná-la de lado e colocar uma das mãos dela sobre o peito do marido.

Ele virou o rosto dela para a direção em que a cabeça de Travis estaria. Sua bochecha esquerda estava apoiada sobre uma poça de sangue congelado que havia escorrido do coto úmido.

– Você tem se mantido em muito boa forma, então isso deve ajudar. Não há gordura corporal suficiente para isolá-la. Você estará com Travis em breve.

Apesar de sua paralisia, ela foi capaz de emitir um som engasgado que deve ter sido uma fraca tentativa de pedir socorro.

Os sons lembravam a Giovanni aqueles que sua avó havia emitido tantos anos atrás. Naquele dia, na cozinha.



Depois de terminar de lavar a louça, ele havia chamado a polícia e pedido a eles para virem, pois sua avó não estava se mexendo, e ele havia contado que achava que podia tê-la matado com a faca e que havia muito sangue no chão, escorrendo dela.

Enquanto os esperava, ele cuidadosamente secou os copos e os guardou do jeito que a avó havia pedido para ele fazer antes de ele ter enfiado a faca em sua barriga e ela ter caído se contorcendo no chão.

*“– Ele não demonstra ameaça iminente para ele mesmo nem para ninguém, meritíssimo. Nós recomendamos que o garoto receba orientação e seja monitorado até seu décimo oitavo aniversário, e se ele aparentar estar mentalmente estável, que ele seja solto sob sua própria responsabilidade. Isso é tudo, meritíssimo.”*

*“– Algum comentário final da acusação?”*

*“– Nós insistimos que o garoto é extremamente perturbado e aceitamos que ele seja institucionalizado e receba os cuidados psiquiátricos necessários, mas neste estado há uma sentença obrigatória por assassinato em*

*primeiro grau. Pedimos que, no caso de sua liberação dos cuidados psiquiátricos, ele sirva o restante da sentença na prisão por esse crime hediondo.”*

*“– Tudo bem. Faremos um breve recesso e então anunciarei minha decisão quando voltarmos, às 13h. Declaro a corte em recesso.”*

Pelos próximos anos, os advogados de Giovanni, os juízes e todos os médicos e orientadores disseram a ele repetidamente que ele realmente não entendia o que estava fazendo naquele dia na cozinha de sua avó. E depois de um tempo ele quase começou a acreditar neles.

Mas na verdade, lá no fundo, ele sabia que eles estavam errados. Ele entendia.

Sim, ele entendia

Ele havia matado a avó porque queria ver como seria assistir alguém morrer. Ver se o incomodaria, se o faria se sentir triste ou não.

E não tinha feito.



Enquanto Giovanni pegava o lençol que estava cobrindo Travis e o colocava sobre Kelsey também, ajeitando-o em seu pescoço, ele pensou com carinho naquele verão que havia passado no Kansas quando tinha 11 anos. A luz do sol, os grilos e as lembranças. Os livros que havia lido. As histórias que havia aprendido.

Ele empurrou a maca até o freezer e parou para arrumar uma mecha de cabelo que estava no rosto de Kelsey.

Por um momento, ele ouviu os barulhos úmidos vindos da garganta dela, sons que o lembravam de sua avó, então ele saiu do freezer e fechou a porta atrás dele.

Depois de se trocar novamente, voltando a usar o uniforme de zelador, e de colocar as roupas de médico na bolsa esportiva, Giovanni dirigiu até sua casa, cuidadosamente evitando todas as câmeras de semáforos.

Amanhã seria um dia cheio.





Sábado, 17 de maio  
1833 Cherry Street Denver, Colorado  
4h59 da manhã

Não tive sonhos agradáveis.

Vi a mim mesmo no matadouro novamente, perseguindo Basque. O cheiro duro de sangue no ar. A goteira distante em um cano que vazava ecoando pela escuridão.

Ganchos de carne estavam pendurados ao meu redor. Balançando, retinindo, mesmo sem haver vento.

No sonho, penetrei o ar escuro com minha lanterna e, quando o fiz, uma mulher surgiu. Ela deu um passo e então parou e me fitou com olhos frios e sem vida. Eu a reconheci como a última vítima de Basque, Sylvia Padilla. Seu dorso estava cortado do mesmo jeito que quando a encontrei. Seu rosto muito pálido, o sangue drenado pela morte e a cor do rosto lavada pela luz da lanterna.

– Por que você não me salvou, Patrick? – ela apenas mexia os lábios, mas no sonho eu ouvia as palavras como se ela estivesse falando alto.

Lábios frios.

Sussurrando.

– Por que, Patrick?

E então, passos atrás de mim. Virei-me e minha lanterna iluminou os rostos de mais mortos ambulantes, todos se aproximando de mim.

– Por que, Patrick?

Cercando-me, tentando me alcançar.

– Por quê?

Empurrei-os para o lado, senti minhas mãos se sujarem em suas feridas quentes e úmidas e

comecei a correr no escuro, minha lanterna balançando loucamente, as sombras se estilçando e depois se formando novamente, e daí se estilçando à minha volta de novo.

E então eu estava correndo por um campo e através do tempo, e eu estava no túnel da mina de ouro novamente, e estava me inclinando sobre o corpo de Heather e ela abriu os olhos, e depois deu um sorriso morto e entregou o terrível coração para mim.

Seus lábios, lábios frios.

– Pra você.

Mas então não era mais o rosto de Heather, mas o de Lien-hua, e estava me oferecendo o coração.

– Aqui está meu coração, Patrick. Pra você.

O coração tinha o cheiro da morte.

– Não – gritei em meu sonho.

Tropecei para trás.

Ela levantou-se e juntou-se aos cadáveres.

– Não!

E então chamavam por mim, suas palavras no ritmo da batida do coração negro, dentro da minha cabeça.

– Por que, Patrick? Por quê?

E então acordei com um fraco manto de luz penetrando as cortinas do meu quarto.

Tentei relaxar, deixar o sonho desaparecer, mas ele se recusava a ir embora. Olhei para o relógio e apesar de já ter acabado de passar das 5h, eu não queria voltar a dormir e correr o risco de sonhar novamente, então levantei-me da cama.

As imagens continuavam passando como um filme na minha cabeça. Coloquei uma roupa para fazer exercícios e meu tênis de escalada e fui para a gruta de pedra que eu havia construído em nossa garagem – uma pequena academia de escalada com suportes chumbados nas paredes e pelo teto.

Como Tessa estava dormindo na casa de sua amiga Dora Bender, eu não precisava me preocupar em não acordá-la, então peguei meu aparelho de som de uns 20 anos, coloquei um U2, aumentei o volume o suficiente para me ajudar a esquecer o sonho, botei meu carro para fora e espalhei alguns colchões sobre o concreto para que eu não me machucasse mais do que o necessário quando caísse.

Depois de percorrer as paredes por 10 minutos para me aquecer, comecei a cruzar o teto, me pendurando de cabeça para baixo, os dedos agarrados nos suportes, os dedos dos pés enfiados em pequenas rachaduras ou pressionados contra os suportes por onde eu já havia passado.

Cruzando o teto e voltando.

Os braços bombeavam. O abdômen gritava. A lateral do meu corpo latejava pelas pancadas do cabo do machado de ontem, mas não estava tão dolorido quanto imaginei que fosse estar, então imaginei que nenhuma costela tinha se quebrado. No entanto, ainda doía, especialmente quando eu perdia o apoio e caía do teto de costas.

Os colchões ajudavam um pouco, mas eu certamente sentia o impacto.

Fiz o percurso por 45 minutos, mas por mais que me concentrasse nos movimentos, não conseguia espairer. Então, finalmente, desisti e subi a escada para me aprontar para me encontrar com Cheyenne.



Algumas pessoas pensam que um investigador é imediatamente transferido para outro caso quando um assassino menciona seu nome enquanto se comunica com as autoridades ou quando faz algo que ameace ele ou sua família.

E mesmo esse cenário sendo um ótimo enredo para um romance policial ou filmes de policiais parceiros, não é assim que as coisas funcionam na vida real. Quando você começa um caso, especialmente um caso de alto nível com um assassino em série, você fica nele, independentemente de quantas ligações com ameaças, fotografias ou mensagens gravadas você receba do assassino.

Tem de ser desse jeito; de outro modo, assim que um investigador começasse a se aproximar, o assassino poderia simplesmente deixar uma mensagem ameaçadora ou fazer uma ligação provocativa e *voilà!*, a única pessoa que tinha chance de pegá-lo seria realocada. Não é desse jeito que funciona.

Seria fácil demais para os vilões.

No entanto, é verdade que se eles mencionam seu nome, a coisa se torna pessoal.

Havia sido pessoal com Taylor e com Basque, e agora eu sentia a mesma pontada, a mesma raiva íntima com esse novo assassino que havia deixado a mensagem gravada para mim na boca de Heather Fain.

Enquanto saía do chuveiro, trocava de roupa e tomava café da manhã, a mensagem ficava se repetindo na minha cabeça, tornando o caso mais e mais pessoal a cada vez que se repetia.

*“Vejo você em Chicago, agente Bowers.”*

Talvez um pouco de café ajudasse. Me deixaria agitado. Me ajudaria a pensar em uma nova direção.

Escolhi um hondurenho, torrado à francesa. Afinal, se a detetive Warren ia me carregar por aí pela manhã toda, o mínimo que eu podia fazer era oferecer a ela 470 ml de um café de primeira classe. Moí o suficiente para 940 ml, coei o café com perfeição, enchi duas canecas para viagem, adicionando um pouco de creme e mel no meu, e havia acabado de tomar uma tigela de mingau de aveia quando ela parou no meio-fio.



Carregando a bolsa do computador e agarrando as duas canecas para viagem contra o peito, saí pela porta. Eu nunca havia pegado carona com ela antes, e agora vi que ela dirigia um Saturn sedã 2002. Marrom. Riscado, sujo de lama. Aconchegante.

Mesmo ainda sendo muito cedo, o céu já estava limpo e azul, com uma única faixa de nuvens em camadas altas no oeste. Uma brisa leve e fria passava pela vizinhança, mas, tirando isso, o dia passava uma sensação de sólido e imóvel.

Cheyenne abriu a janela.

– Bom dia, Pat.

– Bom dia – coloquei as canecas sobre o teto e dei um tapinha no carro. – Tenho de dizer que imaginava você como o tipo de garota que dirige uma caminhonete.

– Dificil eu ser classificada assim. Coloque suas coisas no banco de trás.

Abri a porta e percebi que não seria fácil seguir suas instruções. O assento e o assoalho estavam empilhados com papéis, as sobras de pelo menos quatro visitas ao KFC, três alvos de tiro amassados, um par de cabos de chupeta enferrujados, uma roda de bicicleta, um par muito velho de botas de cowboy masculinas sobre as quais achei melhor não perguntar e um manual de voo

de helicóptero. Apontei para ele.

– Eu não sabia que você pilotava.

– Ainda não terminei minhas aulas. Só falta tirar a licença.

A fim de arrumar espaço para minha bolsa do computador, empurrei os alvos para o lado. Eles continham agrupamentos no centro dos mais precisos que eu já havia visto; então, enquanto colocava minha bolsa no assento, perguntei a ela:

– Com que frequência você atira?

– Às segundas e terças-feiras. Tento não pular nenhuma semana.

Após fechar a porta, agarrei as canecas de viagem do teto e me juntei a ela no banco da frente.

– Parece que você também tenta não errar a mosca.

– É normal para quem cresceu em um rancho. Você precisa ser capaz de acertar coiotes no meio de cavalos.

– Não conte isso à minha enteada. Ela não gosta de caça: “Nada com um rosto deveria ser morto” – ofereci a ela uma das canecas de viagem. – Café?

– Não. Não gosto nem de ver.

– Ah, mas é um ótimo café.

– Isso é um paradoxo – ela disse.

Ok, isso foi inesperado.

– E eu que pensei que você fosse uma mulher de gosto exigente.

Ela me olhou furtivamente.

– Eu sou. Mas com certas coisas.

Ok Essa mulher não era sutil.

Antes que eu pudesse dar alguma resposta inteligente, ela deslizou uma pasta de papel pardo pelo painel em minha direção.

– Um pouco de leitura para o passeio.

– Obrigado.

Assim que peguei a pasta, percebi um pingente de São Francisco de Assis pendurado no espelho retrovisor. Eu nunca imaginei que ela fosse do tipo religioso.

Ela realmente era difícil de ser classificada.

Cheyenne seguiu em frente e pegou a I-70.

– Aliás – ela disse –, Heather Fain foi envenenada. Era o mesmo veneno com o qual Ahmed Mohammed Shokr morreu na quarta-feira.

Ahmed era uma das vítimas do duplo homicídio na quarta-feira. Sua namorada, Tatum Maroukas, havia sido morta com uma espada.

Existem apenas quatro maneiras de envenenar alguém: inalação, ingestão, injeção e absorção. Então perguntei a Cheyenne:

– Sabemos como o veneno foi administrado?

– Injetado. Cloreto de potássio.

– Então – murmurei – eles encontraram excesso de potássio nas veias mas sem potássio no humor vítreo – era mais uma observação do que uma pergunta.

Ela me olhou intrigada.

– Como você sabia?

– É uma grande pista que aponta para cloreto de potássio. Mas também há uma pista óbvia. O assassino deveria saber que encontraríamos.

– Você acha? Eu não acho que muitos assassinos saberiam de algo assim.

– Esse saberia. Ele nos quer na cola dele.

– Como você sabe que ele não cometeu apenas um erro?

– Como você disse na mina no outro dia: ele está deixando uma mensagem. Ele não está tentando cobrir seus rastros, ele está propositalmente escolhendo deixá-los.

Ela demorou um pouco para responder.

– Mais uma coisa. Foi só uma mulher na Represa Cherry Creek.

– Pelo menos isso de boas notícias.

Cheyenne ficou em silêncio por um momento e parecia estar perdida em pensamentos profundos; então disse suavemente:

– Uma menina de 10 anos de idade encontrou as partes do corpo antes de o assassino ligar avisando do local.

Senti a garganta apertada. E bem lá no fundo, no lugar mais importante, jurei pegar esse cara.

Abri a pasta e comecei a analisar os arquivos.



6h45

Tessa teria dormido por pelo menos mais duas horas se o alarme idiota de Dora não tivesse tocado.

Quando Dora apenas rolou na cama e o ignorou, Tessa o desligou, então voltou para a bicama e olhou para a escrivaninha de Dora. Para o computador dela. Para a parede.

A respiração de Dora ficou estável novamente.

Nos últimos meses, sua amiga não vinha descansando o suficiente.

Então Tessa deixou-a dormir. Ela precisava.

No inverno passado, os pais de Dora haviam saído para um encontro com um dos amigos do pai dela, o tenente Mason e sua esposa. A garota, que havia ficado de babá na casa dos Mason, mandou uma mensagem de texto a Dora pedindo para ela descobrir quando eles iriam voltar, e Dora respondeu. Enquanto elas trocavam mensagens, a babá deixou a bebê sozinha na banheira. E a garotinha havia escorregado para dentro d'água.

Pensar nisso ainda dava calafrios em Tessa.

Apenas algumas pessoas sabiam que era Dora que estava trocando mensagens com Melissa, e até onde Tessa sabia, ela era a única pessoa com quem Dora tinha falado sobre isso.

– Se eu não estivesse trocando mensagens com ela – ela havia dito a

Tessa uma vez –, Melissa estaria prestando atenção na bebê.

– Que bobagem – Tessa havia dito. – Não é sua culpa – mas isso não ajudou muito. Nada que ela havia dito tinha ajudado, então finalmente ela não tocou mais no assunto.

Por um momento, Tessa ficou deitada assistindo o protetor de tela no computador de Tessa passando fotos da família dela. Tessa nunca havia tido pai e mãe por perto, exceto se você

considerar os poucos meses antes de sua mãe morrer, quando Patrick estava com elas.

E tudo isso fazia com que fosse difícil olhar para as fotos de Dora com os pais felizes.

Tessa pegou seu celular, abriu a galeria de fotos, selecionou o álbum desejado e deslizou pelas fotos de sua mãe, esperando que aquilo a fizesse se sentir melhor, mas foi justamente o contrário. Finalmente ela guardou o telefone, virou para o lado, olhou para a parede e ficou esperando a amiga acordar.



Cheyenne estava quieta enquanto dirigia em direção à casa de Sebastian Taylor, e agradeceu pelo silêncio, pois isso me dava chance de revisar os arquivos do caso profundamente.

As velas cercando o corpo de Heather eram Chantel, uma marca encontrada em praticamente qualquer loja de departamentos; então, tentar rastrear o comprador seria provavelmente um beco sem saída.

Além disso, o dispositivo de gravação podia ter sido comprado em qualquer loja de eletrônicos; então, assim como as velas, seria quase impossível de rastrear. Não havia nenhuma impressão digital nas velas nem no dispositivo.

A equipe forense havia conseguido determinar que as velas estavam queimando havia cerca de duas horas.

O espaço de tempo entre o acendimento das velas e a denúncia anônima daria ao assassino tempo suficiente para dirigir para praticamente qualquer lugar na região metropolitana de Denver.

A denúncia anônima na sexta-feira, aquela que relatava o local dos corpos de Sebastian Taylor e Brigitte Marcello, havia sido feita enquanto eu estava no tribunal.

O Serviço Médico de Emergência não foi capaz de rastrear o local de onde nenhuma das duas denúncias foram feitas.

Esses arquivos de casos incluíam transcrições de ambas as ligações anônimas; nos dois casos, quem ligou havia dito algo que chamou minha atenção: “O anoitecer está chegando. O quarto dia termina na quarta-feira”.

As frases repetidas certamente ligavam os homicídios duplos na quinta e na sexta-feira, e também despertaram minha curiosidade.

O anoitecer está chegando...

O quarto dia termina na quarta-feira...

Anoitecer... *Uma metáfora para a morte? Um prazo final?*

Quarto dia... *Dias do mês? A duração da onda de crimes? Dias da criação, talvez? O que a Bíblia diz que Deus criou no quarto dia? Teria alguma coisa a ver com*

*isso?*

Eu não sabia. Era algo que eu deveria pesquisar.

Enquanto ponderava as coisas, encontrei a página com as informações sobre os assassinatos na casa de Sebastian Taylor.

Ele tinha um sistema de segurança de ponta, com cinco câmeras de vigilância, três das quais haviam sido desativadas. As outras duas apenas mostravam breves vislumbres de um homem de estatura mediana usando uma máscara de esqui.

E o assassino havia tornado aquilo pessoal novamente: ele deixou um bilhete para mim na bancada da garagem de Sebastian Taylor: “Shade não vai mais te incomodar, agente Bowers”.

Então o assassino sabia que Taylor chamava a si mesmo de Shade, e ele sabia que Taylor vinha me enviando mensagens.

*Mas como? Nada daquilo fora revelado ao público. E como ele encontrou Taylor?*

Virei a página.

Após matá-los, o assassino havia transportado as partes do corpo de Brigitte para o lago, mas deixou o corpo de Sebastian Taylor na garagem. E, apesar de o cenário me perturbar em um nível pessoal, profissionalmente ele me intrigava.

Normalmente assassinos apenas transportam partes de corpos para se livrar deles ou para levar para casa como lembranças. Então, por que deixar um corpo na casa e levar o outro cruzando a cidade e então largá-lo em uma praia pública?

Considere o seguinte: baseado nas duas mensagens que ele havia deixado para mim, o assassino sabia quem eu era, sabia que eu estaria na cena do crime na quinta à tarde e sabia que eu iria depor em Chicago. Então era provável que ele também soubesse sobre meu trabalho.

Se esse fosse o caso, ou ele era muito estúpido, deixando para mim diversas indicações de locais, cuja combinação me ajudaria a rastreá-lo, ou era muito inteligente, talvez escolhendo a mina abandonada e a praia pública por nenhuma outra razão a não ser atrapalhar a investigação.

E como ele havia sido capaz de localizar Sebastian Taylor, algo que nenhuma outra agência policial no país havia conseguido, eu não achava que esse assassino fosse burro.

Não, não mesmo.

Conforme Cheyenne seguia com o carro cada vez mais alto pelas montanhas na direção da casa de Taylor, terminei meu café e percebi que, se ela fosse decidir experimentar o dela mais tarde, ele não estaria mais fresco e, conseqüentemente, ela não iria gostar, e poderia nunca mais se apaixonar pela bebida mais perfeita do mundo. Então, fazendo-lhe um favor, bebi o café dela também.

– Vamos chegar lá em cerca de 10 minutos – ela disse.

Voltei para a lista de possíveis suspeitos.



Tessa ouviu Dora se mexendo na cama, mas esperou para ver se ela estava pronta para levantar.

O nome verdadeiro de sua amiga era Pandora, mas ela não gostava de ficar sendo constantemente lembrada da história sobre a garota que abriu a caixa e libertou todo o mal no mundo. Isso não era exatamente a coisa mais legal para alguém se sentir responsável. Então praticamente todo mundo a chamava apenas de Dora.

Ela tinha os cabelos avermelhados, olhos castanho-escuros tímidos e um tipo de rosto normal, facilmente esquecível. As duas garotas tinham se dado bem desde a primeira vez que se encontraram, mesmo não tendo nada em comum.

Ah! Exceto que, como o pai de Dora era o médico legista, os pais das duas lidavam com cadáveres o tempo todo.

Então pelo menos havia isso.

Finalmente Dora se inclinou na beirada da cama.

– Tessa, você acordou?

– Uh-hum.

– Dormiu bem?

– Sim, e você?



Uma pausa, e então:

– Eu fiquei acordando, pensando em... você sabe.

– Sim – Tessa tentou pensar em algo que tirasse a cabeça de Dora da morte da bebê. – Ei, eu ouvi falar bem de um vídeo novo do Syrup Dive. Nós deveríamos vê-lo.

Dora olhou para ela intrigada.

– Pensei que você odiasse Syrup Dive. Você me falou que a música deles era pangeloso...

– Panglossiana – Tessa encolheu os ombros. – Bom, talvez eu tenha mudado de opinião.

Vamos, ouvi falar que o vídeo é legal.

E então, mesmo que Tessa realmente achasse que a música do Syrup Dive fosse inocentemente otimista, ela foi até o computador de Dora e abriu o YouTube.

*Mais uma vantagem: você não vai precisar mais ficar vendo fotos dos pais sorridentes de Dora.*

– Panglossiano – Dora colocou os pés no chão. – É grego?

– Latim. Eu nunca estudei grego. Só latim. E um pouco de francês.

Dora se juntou a ela ao lado do computador.

– Tem alguma coisa que você não sabe?

– Eu não consigo descobrir por que eu não dou risada quando me faço cócegas.

Ela encontrou o vídeo.

– E – sua amiga disse – minha história, a Caixa de Pandora. Você não conhece. Eu ainda não acredito que você nunca a leu. Considerando o tanto que você lê.

Tessa nunca foi muito interessada em mitologia grega.

– Acho que conheço a história muito bem: Pandora era curiosa. Ela abriu a caixa e dela vieram toda a dor, pestilência e doenças do mundo.

– Sim, mas isso não é tudo – Dora bocejou. – Tem um final surpreendente.

– Vou dar uma olhada nesse fim de semana, prometo.

E então ela apertou play.



Eu tinha acabado de tomar o café de Cheyenne e havia lido cerca de dois terços dos arquivos do caso, quando ela quebrou o silêncio.

– Chegamos.

Tirando os olhos dos papéis, vi que estávamos virando pela longa entrada de cascalho que levava até a casa de Sebastian Taylor.



Taylor havia escolhido viver em uma rua sem saída, o que parecia tragicamente irônico para mim, considerando as circunstâncias.

Rústica, mas ainda assim sofisticada, a casa bege e marrom não era pretensiosa o suficiente para atrair atenções indesejadas, embora esbanjasse riqueza e abundância exatamente como eu tinha certeza de que Taylor gostaria.

Além do carro de Brigitte Marcello, que ainda estava parado na entrada, duas viaturas e dois carros civis, incluindo o de Kurt, estavam estacionados na frente da casa.

Depois de mostrarmos nossas identificações para o sonolento policial de guarda, Cheyenne e eu entramos na sala de estar de Sebastian Taylor.

Tapete de luxo. Móveis de couro. Apetrechos da Guerra Civil. Pinturas *art nouveau* que devem ter custado uma fortuna. Percebi que as paredes não possuíam nenhuma foto nem das ex-mulheres de Taylor, nem de nenhum dos seus quatro filhos, e nada disso me surpreendeu. Um armário de bebidas bem abastecido ficava perto da porta que dava para a sala de jantar.

Um dos policiais da perícia estava coletando impressões digitais na sala de jantar, e imaginei que os outros membros da unidade estivessem provavelmente na garagem, onde os assassinatos aconteceram. Quando estou trabalhando em um caso normalmente carrego um par de luvas de látex no bolso de trás da minha calça, mas encontrei algumas nos esperando sobre a mesa de centro, então Cheyenne e eu as colocamos.

– Vamos começar no andar de cima – ela disse.

Acenei com a cabeça e, então, subimos.

No meio do caminho, na escada, ela limpou a garganta discretamente.

– Você está terrivelmente quieto desde que saímos de sua casa, Pat. O que está passando por essa sua cabeça?

Levei um segundo para reunir meus pensamentos. Então disse:

– Em 15 anos como investigador eu nunca havia me deparado com um duplo homicídio no

qual o assassino desmembrou as duas vítimas, então transportou uma delas para uma cena secundária onde seria facilmente encontrada e identificada dentro de horas.

– Verdade – ela disse pensativamente. – Normalmente ele teria deixado as duas vítimas, ou ido com as duas.

Chegamos ao andar superior.

– Exatamente.

O andar de cima da casa de Taylor era pequeno. Apenas um quarto principal com um banheiro anexo, um quarto extra que ele havia deixado completamente vazio, um banheiro comum e um patamar que ele havia transformado em um espaço para o computador. Tanto o corredor quanto os quartos eram decorados com tons de terra que eram cuidadosamente coordenados para combinar com o carpete.

Ela seguiu o caminho para o quarto principal.

– O que você acha que o assassino estava querendo nos dizer levando apenas um corpo?

– Eu não sei o que ele estava tentando nos dizer – respondi –, mas considerando os fatos até agora, ele conseguiu me dizer uma coisa.

– E o que é?

O carpete do quarto principal estava recém-aspirado, provavelmente pela perícia procurando por evidências. O quarto parecia intocado, nada fora do lugar.

– Que ele é único no jeito que pensa – me ajoelhei e vasculhei debaixo da cama. Não encontrei nada. Levantei-me e olhei para ela.

– Em outras palavras – ela disse –, difícil de classificar.

– Isso parece estar ficando popular.

– Me faz pensar em uma coisa que li uma vez: é essencial para um investigador entender o intelecto, o treinamento e a aptidão de seu oponente, e então responder de acordo.

Fiz uma pausa.

– É do meu artigo do mês passado.

– Sim. Foi um dos seus melhores este ano – os olhos dela eram como planetas delicados orbitando o quarto em uma simetria precisa. Às vezes ela movia os lábios levemente, mas então estreitava os olhos e balançava a cabeça de modo suave, como se estivesse tendo uma discussão silenciosa com ela mesma. – Eu não concordei com todas as suas conclusões, mas concordei com a parte sobre não esperar que uma pessoa de intelecto superior ou inferior aja de maneiras convencionais.

Entramos no banheiro.

– Bom, essa é a parte pela qual não posso levar crédito – creme de barbear e uma lâmina estavam sobre a bancada. Uma cesta de roupas sujas ficava no canto. Levantei a toalha que estava por cima e gentilmente segurei contra minha bochecha. Ainda estava levemente úmida. – Não é uma citação direta, mas o conceito vem da abordagem de C. Auguste Dupin em *A carta roubada*. Eu o creditei nas notas finais.

– Eu sei – ela disse. – Eu as li.

Esse sim era meu tipo de mulher.

Eu sabia pelos arquivos do caso que a perícia havia encontrado fios de cabelo de Taylor no ralo do banheiro. Não vi mais nada relevante na área do chuveiro.

– Mas – ela disse – fiquei surpresa por você ter citado uma história fictícia.

– Bem, minha filha, quero dizer, enteada, ela é uma grande fã de Poe. Ela me convenceu a ler três de suas histórias de detetives. Na verdade, não são ruins.

– Vou ter de conferi-las.

Levamos um tempo explorando os quartos do andar superior e então fomos para o primeiro

andar onde encontramos o tenente Kurt Mason mandando uns dos membros da perícia examinar o carro de Brigitte.

Assim que ele saiu, Cheyenne se aproximou do armário de bebidas de Taylor e apontou para uma garrafa de vinho pela metade.

– Brunello di Montalcino, 1997. Bom. Esse homem conhecia vinhos – ela gesticulou na direção do conjunto de garrafas. – Mas tem muita coisa potente aqui. Você acha que ele tinha problema com bebidas?

Kurt balançou a cabeça.

– Alguém com problema com bebidas não deixa garrafas pela metade por aí, nem mantém um armário cheio de álcool tão visível. Ele esconde as garrafas, em armários, debaixo da cama ou no meio das roupas. – talvez sem nem perceber, Kurt foi falando mais baixo a cada palavra. Ele se ajoelhou e olhou para uma garrafa de vodca. – Não. Taylor não tinha um problema. Ele tinha um hobby.

Cheyenne e eu trocamos olhares. Eu tinha bastante certeza de que Kurt não bebia, mas eu sabia que sua esposa Cheryl havia adquirido esse hábito após a morte da filha deles no inverno passado. E, mesmo tendo tantas vezes visitado a casa deles desde que ele havia me convidado para me unir à força-tarefa em janeiro passado, eu nunca havia visto nenhuma garrafa pela metade por lá.

Hora de mudar de assunto.

– Impressões e DNA – eu disse. – Alguma coisa?

Kurt levantou-se e balançou a cabeça.

– Nada.

Dei uma olhada na lixeira da cozinha: uma caixa de granola, alguns guardanapos amassados, cascas de laranja. Fechei a lixeira.

– Escute, estive pensando que devemos dar uma olhada melhor na vitimologia.

Cheyenne falou, espelhando meus pensamentos:

– Quanto mais você sabe sobre o estilo de vida da vítima, sua história e seus hábitos, mais você vai saber sobre o assassino.

– Sim – ela obviamente havia lido um dos meus artigos do ano passado também. Impressionante. – Como ele as escolhe? Como sua vida se mistura com a delas? Vamos mais fundo. Não apenas as coisas típicas como conhecidos em comum, local de trabalho, endereço de casa, filiações a clubes. Eu quero saber qual caminho nossas vítimas faziam para ir para o trabalho, onde alugavam seus filmes, onde colocavam gasolina.

Percebi que estava dando ordens e me segurei.

– Me desculpem. Eu quero dizer que é essa a abordagem que devemos tomar.

– Vamos colocar Robinson e Kipler nisso – Kurt disse. Ele não parecia incomodado pelo meu tom.

– Preciso falar com Kipler mesmo – Cheyenne interrompeu. – Vou ligar para eles – ela pegou o celular e foi para a sala de jantar.

Quando ela saiu, Kurt olhou para a porta no outro lado da cozinha.

– Você viu a garagem?

– Ainda não.

– Vamos, é bom você dar uma olhada.



A garagem de Taylor era um santuário brilhante para sua SUV Lexus recém-encerada, que ficava perfeitamente centralizada entre as paredes. Uma bancada contornava o lado oeste. O lugar parecia imaculado, não fosse pela larga faixa de sangue onde o assassino havia feito seu trabalho.

A maioria das evidências já havia sido removida da garagem e levada para o laboratório, incluindo as cordas que amarravam Taylor, a mordaca e o próprio cadáver; mas o envelope pardo com a mensagem escrita manualmente pelo assassino para mim ainda estava sobre a bancada: “Shade não vai mais te incomodar, agente Bowers”.

Tirei as fotos do envelope e descobri que eram fotos instantâneas de Tessa saindo do colégio. Taylor havia incluído um bilhete que dizia: “Ela seria um alvo tão fácil! Você deveria cuidar melhor dela. – Shade”.

Meus dedos ficaram tensos e, quando coloquei de volta as fotos, percebi que, apesar do valor que eu dava para a vida humana, eu estava feliz por Sebastian Taylor estar morto.

De acordo com os arquivos do caso, as marcas de pneus encontradas duas semanas antes ao lado de uma das caixas de correio que Shade havia usado combinavam com os padrões da SUV de Taylor. Perguntei para Kurt:

- As duas armas de Taylor estão no laboratório?
- Sim.
- E nenhuma foi disparada? Nenhuma estava carregada?
- Isso mesmo.

A porta para a casa se abriu e Cheyenne se juntou a nós de novo.

– Acho que o cara esvaziou as armas enquanto Taylor tomava banho – eu disse. – Foi tudo um jogo elaborado e doentio.

Cheyenne parecia um pouco confusa.

- Fale mais sobre isso.

– Taylor era muito bem treinado. Ele nunca teria andado com uma arma sem um cartucho e é quase certo que ele teria atirado no invasor se alguma de suas armas estivesse carregada. Estou achando que o assassino entrou na casa de Taylor, encontrou as armas e as esvaziou antes de Taylor entrar na garagem. A hora perfeita para esvaziar as armas teria sido enquanto Taylor tomava banho.

Um dos membros da perícia parou de coletar impressões digitais na maçaneta e veio em nossa direção. Cabelo castanho. Cerca de 30 e poucos anos. Rosto inquisitivo. Eu o reconheci como um dos homens que estavam esperando fora da mina quando investigamos o corpo de Heather na quinta-feira. Nós ainda não nos conhecíamos, então imaginei que ele fosse novo na unidade. Estiquei minha mão.

– Agente especial Bowers.

– Reggie Greer.

Apertamos as mãos e então me ajoelhei ao lado da porta do moto rista. Ele agachou-se ao meu lado.

– Vê o sangue aqui, debaixo do carro? Taylor deve ter se aproximado do veículo e estava abrindo a porta quando o assassino, que estava escondido sob o carro, atacou.

Gesticulei com a mão, imitando o movimento de corte da lâmina do assassino.

– Um, dois. Primeiro a perna direita. Vê o respingo ali? – Kurt e Cheyenne acenaram com a cabeça. Reggie analisou as manchas de sangue.

Com meu dedo, tracei o limite do sangue espirrado.

– Taylor já estava a caminho do chão quando o assassino cortou seu tendão de Aquiles esquerdo. Dá para ver como o sangue espirrado da perna direita começa perpendicular ao veículo e termina paralelo a ele, então Taylor girou no sentido anti-horário caindo no chão. Provavelmente caiu de costas. Não tenho certeza sobre isso, porém. Análise de manchas de sangue não é minha especialidade.

Levantei e olhei ao redor.

Reggie estava olhando para mim

– Sangue espirrado não é sua especialidade?

– Isso mesmo – eu estava estudando as linhas de visão da janela do carro de Brigitte. Se as luzes estivessem desligadas dentro da garagem, os faróis dela teriam iluminado parcialmente o local.

Reggie devia ter ouvido minha conversa com Kurt alguns momentos antes, porque disse:

– Mas se o assassino se esgueirou para dentro da casa e descarregou as armas, por que não matou Taylor enquanto ele estava indefeso no chuveiro? Por que esperar?

– Talvez isso não fosse só uma questão de matá-lo. Eu não acho que ele quisesse que acabasse rápido: prendê-lo na garagem, incapacitá-lo, mas deixar para ele as armas para que ele pensasse que conseguiria escapar. Como um gato brincando com um rato.

– A morte não é suficiente – Cheyenne disse suavemente. – Ele quer vê-los se contorcendo antes.

Ouvi um toque de celular e tanto Kurt quanto eu apalpamos nossos bolsos. Quando peguei meu telefone, percebi que havia esquecido de ligá-lo. Kurt mostrou seu celular.

– Preciso atender.

Ele se distanciou. Liguei meu celular, e Reggie continuou coletando impressões digitais na maçaneta. Cheyenne ficou ao meu lado silenciosamente por um instante, e depois disse:

– Você chegou à página da lista de evidências nos arquivos do caso? Guardei meu telefone.

– Não.

Ela apontou para um recibo na outra ponta da bancada.

– É de comida chinesa. A perícia encontrou três caixas de comida vazias.

– Você tá brincando – verifiquei a hora no recibo. Havia sido emitida às 20h18.

– Não. Brigitte pegou a comida vindo para cá, mas não havia nada no estômago dela – e ela acrescentou sombriamente, sem dúvida se referindo ao desmembramento de Brigitte. – Nós nem precisamos de autópsia para descobrir isso.

*Mas Taylor havia tomado banho, se trocado e estava prestes a entrar no carro quando foi atacado... Ele não estava esperando comer em casa, ele ia sair...*

Nós poderíamos verificar as chamadas recebidas e as mensagens de texto no celular de Brigitte mas, por enquanto, me parecia que o assassino havia de alguma forma entrado em contato com ela e a convencido a trazer comida.

E as caixas de comida estavam vazias quando a perícia as encontrou.

O que queria dizer que ele comeu a comida chinesa enquanto matava e desmembrava aquelas duas pessoas.

Esse cara não estava para brincadeira. Era frio e perturbado o quanto podia.

– O dr. Bender já terminou a autópsia em Taylor? – perguntei para Cheyenne.

Ela balançou a cabeça.

– Não sei.

Disquei o número dele e, quando Eric atendeu, pedi desculpas por ter ligado tão cedo, então perguntei como estava a visita de Tessa.

– Boa – ele disse. – As meninas estão no quarto da Dora agora, no computador.

Fiquei surpreso por Tessa já ter acordado, mas me mantive no caso.

– Eric, para quando a autópsia de Sebastian Taylor está marcada?

– Estou indo para o hospital em meia hora – então ele adicionou com sobriedade: –, pois essa semana foi cheia. Eu mal consegui acompanhar tudo. Pretendo começar às 10h.

Eu não sou fã de acompanhar autópsias. Olhei no meu relógio: 9h09.

Me ocorreu que em menos de 48 horas eu estaria de volta na bancada de testemunhas em Chicago. Decidi não pensar sobre isso.

– Tudo bem se eu der uma passada para ver o corpo antes de você começar?

– Claro. Vou pedir para Lance Rietlin se encontrar com você. Ele é o meu residente esse ano. Ele te levará para onde for preciso. Está procurando por algo específico?

– Eu tenho algumas perguntas sobre os ferimentos, como ele foi atacado. Vejo você lá.

– Ok Até mais.

Guardando o telefone no bolso, virei-me para Cheyenne.

– Podemos deixar a perícia terminar aqui. Se sairmos agora, acho que teremos tempo suficiente para inspecionar o cadáver antes de o dr. Bender começar.

Ela pegou as chaves.

– Deixe-me dar só mais uma olhada por aqui. Encontro você no carro.



Tessa e Dora deram uma pausa nos vídeos para tomar banho, se vestir e comer pizza fria de café da manhã antes de voltarem para o computador para checarem suas páginas do Facebook

Após 10 minutos, Dora deu um tapa na escrivadinha.

– Acabei de lembrar de um vídeo que queria te mostrar – cada palavra dela soava meio espremida por causa do chiclete de morango que ela havia colocado na boca alguns minutos antes. – Você viu aqueles dos meninos resolvendo um cubo mágico vendados?

– Não – Tessa havia ouvido falar sobre os vídeos de cubo mágico e sabia que eles existiam há algum tempo, mas não havia se interessado por eles. Mas agora parecia que isso faria Dora feliz, faria com que ela não pensasse na razão pela qual não tinha conseguido dormir bem, então ela agiu como se estivesse interessada. – Claro, sim, vamos vê-los.

– É muito louco – Dora estava digitando no teclado. – Já tentou resolver um?

– Não.

– Sério?

– Sim, por quê?

Dora encolheu os ombros.

– Não sei. É que você gosta tanto de quebra-cabeças e coisas do tipo – ela rolou a tela até uma imagem congelada de uma menina chinesa mais ou menos da idade delas segurando um cubo mágico. – Esse é o melhor. Ela resolve em menos de um minuto.

Ela apertou play e Tessa viu a garota no vídeo estudar o cubo, esperar alguém vir vendá-la e então girar os lados até que, apenas 57 segundos depois, o cubo estava totalmente resolvido. Então ela largou-o, tirou a venda e sorriu.

– Incrível, né? – Dora pegou seu próprio cubo mágico da estante e deu para Tessa. Todos os lados estavam embaralhados. – Primeiro eu achei que ela memorizava os movimentos, mas não sei, ela deve ter girado os lados umas 40 ou 50 vezes.

– Vamos assistir de novo.



Elas assistiram.

– Setenta e duas – Tessa disse.

– Setenta e duas o quê?

– Ela girou o cubo 72 vezes.

Com o braço por cima do teclado, Tessa arrastou o cursor para o ícone de play e clicou com o mouse. Dora aproveitou a oportunidade para olhar no espelho e mexer no cabelo.

Quando o vídeo terminou, Tessa começou a analisar o cubo que Dora havia dado a ela.

– É maluco, né? – Dora disse. – Eu não consigo fazer. Existem bilhões de combinações diferentes.

Tessa considerou que... seis lados... nove quadrados de cada lado...

– Provavelmente mais que isso – ela murmurou.

– Então, viu!? – Dora disse. – É por isso que é tão incrível esses meninos resolvendo o cubo vendados.

– Acho que consigo fazer isso.

– Fazer o que? Resolver?

– Sim – Tessa disse. Ela já estava treinando girar os lados, sentindo como o cubo funcionava, a maneira como uma girada afetaria as combinações de cores nos outros lados.

– Bom, sim, se você treinar...

O pai de Dora chamou-a de um outro quarto e ela agitou um dedo no ar.

– Só um instante.

Enquanto a amiga saía do quarto, Tessa examinou o cubo. Havia pelo menos três maneiras de resolvê-lo. Primeiro, trapacear. Olhar a solução na internet. Talvez com um vídeo de instruções.

Não era a praia dela.

Segundo, mexer no cubo até que você instintivamente conheça os padrões, como quando digitamos ou aprendemos a tocar um instrumento musical. Mas isso levaria dias, semanas. Talvez mais.

Não, para resolvê-lo rapidamente, seria necessária uma abordagem diferente.

Então, matemática. Atribuindo um número diferente para cada um dos 54 quadrados, resolver o cubo se tornava nada mais do que uma simples – Ok, talvez não tão simples – equação algébrica tridimensional. E como as peças do meio não se moviam, e cada um dos outros quadrados era fixo em relação ao quadrado do lado no lado adjacente do cubo, o número de giros necessários para resolver diminuía exponencialmente.

Ela concluiu que não importava quanto os lados estivessem embaralhados, o cubo poderia sempre ser resolvido em menos de 40 giros.

Provavelmente menos de 30.

A garota no vídeo não havia sido eficiente o suficiente em sua solução. Dora voltou e se jogou na cama ao lado de Tessa.

– Meu pai está totalmente perdido essa semana sem minha mãe por perto.

– Onde ela está mesmo?

– Alguma convenção imobiliária em Seattle. Volta na quarta. De qualquer forma, ele precisa ir ao hospital fazer uma autópsia e precisa que eu faça algumas tarefas. Então vou ter de te deixar na sua casa umas 10h.

Isso dava a elas meia hora.

– Sem problema – Tessa atribuiu mentalmente números para cada um dos 54 ladrilhos no cubo. – Estou pronta.

– Se você está dizendo – Dora segurou sua mão. – Deixe-me misturar.

– Já está misturado.

– Vou misturar *mais*.

Tessa segurou-se para não revirar os olhos.

– Tanto faz – ela deu o cubo para Dora.

Dora virou-se de costas e Tessa podia ouvir os lados sendo girados. Na verdade, misturar os quadrados do cubo seria como embaralhar um conjunto de cartas de baralho, onde três vezes não se diferenciavam de 20 vezes. O grau de aleatoriedade introduzido na ordem das cartas era estatisticamente idêntico; você poderia girar e misturar o cubo por cinco minutos, cinco horas ou cinco dias e realmente não alteraria o número de giros necessários para resolvê-lo.

Após cerca de 30 segundos, Dora virou-se e entregou a Tessa o cubo.

Ela o analisou. Rodou-o por 360 graus. Memorizou as combinações de cores.

– Marque meu tempo – disse, e então fechou os olhos.

– Você não tá falando sério.

Tessa abriu os olhos.

– O quê?

– Com os olhos fechados?

– A menina chinesa fez assim.

– Ela provavelmente praticou a vida inteira.

– Talvez ela não tenha praticado nada. Quem sabe? Eu consigo fazer.

– De jeito nenhum.

– Ok, que tal apostarmos um *latte*? Se você conseguir resolver, você me paga um a caminho de casa.

Dora encolheu os ombros. Mascou seu chiclete.

– Ok E vice-versa. Preciso pegar uma venda para você ou posso confiar? Tessa fechou os olhos novamente.

– Pode confiar em mim.

– Tudo bem, garota – então uma pausa. Tessa imaginou que Dora estava checando o relógio.

– Preparar... atenção... vai!

Ela levou um momento para revisar mentalmente a relação entre os 54 números.

– Já estou contando o tempo – Dora disse.

– Shhhh – Tessa começou a girar os lados do cubo, reorientando os números em sua cabeça a cada girada, visualizando-os girando e se alterando em torno uns dos outros como se o cubo fosse transparente e todos os quadrados tivessem os números escritos neles. Calculando, recalculando suas posições, seus movimentos, seus padrões. Não era tão difícil quanto ela pensou que seria.

– Trinta segundos.

– Quieta.

Em sua mente, ela via os lados se formando, o lado vermelho com preto, o lado branco faltando apenas uma parte. Ela parou. Pensou. Girou.

Pronto. Dois lados.

Quase.

Ela trabalhava metodicamente no cubo. Sistemáticamente.

– Cinquenta segundos.

– Dora, shhhh!

Gira, gira.

Gira.

Sim. Todos os números alinhados.

Pronto. Ela colocou o cubo sobre a cama e abriu os olhos.

– Tempo!

– Um minuto e quatro segundos – Dora disse. Elas estavam ambas olhando para o cubo, que estava pelo menos tão embaralhado quanto antes. – Uau! – Dora usou um tipo de sarcasmo amigável. – Impressionante. Acho que vou querer um *latte* grande.

– Droga – Tessa murmurou. – Isso deveria ter funcionado.

– Tome – Dora enfiou o cubo na sacola que Tessa usava como uma bolsa. – Pegue. É seu.

– Não, tá maluca?

– Sério. Essa coisa é difícil demais para mim – ela esperou até Tessa pegá-lo. – Vai. Tá tudo bem.

Finalmente Tessa aceitou.

– Legal. Obrigada.

– Ah! – Dora disse. – Você não vai acreditar nisso. Vamos arrumar um cachorro!

Dora era a rainha das coisas aleatórias.

– Um cachorro? – Tessa sequer tentou disfarçar seu desdém.

– Sim. Meu pai falou que acha que vai ajudar. As coisas têm sido difíceis, sabe, desde...

– Sim, eu sei.

– Eu sei que parece meio estranho arrumar um cachorro quando...

– Não-não-não-não – Tessa espremeu todos os não juntos em uma só palavra. Ela sabia que lidar com tristeza e culpa não era fácil, mesmo quando a culpa não era sua. Ultimamente ela havia se dedicado a escrever em seu diário e fazer poesias para lidar melhor com seus sentimentos, mas logo após a mãe morrer, ela tinha se dedicado a se cortar, machucando seu próprio braço, para suportar a dor e a solidão. Arrumar um animal de estimação era algo muito melhor do que isso.

– Você não precisa explicar. Mas é só um cachorro? Vamos, em vez disso arrume um gato.

Dora pareceu desapontada.

– O que há de errado com um cachorro? Eles são os melhores amigos do homem.

– Bom, eu tenho uma regra: sempre que meu melhor amigo começa a cheirar minha bunda e comer seu próprio vômito, é hora de achar um novo melhor amigo.

– Ah – Dora disse. – Uau! Obrigada pela imagem.

– Sem problema.

– Talvez devêssemos pegar um gato.

– Boa escolha.

E então Dora partiu para uma explicação sobre como a prima dela havia arrumado um gato quando ela a estivera visitando, no verão passado em Orlando, e que ela a havia apresentado para aquele garoto muito lindo que trabalhava na Disney World, e então Dora suspirou e começou a falar sobre o quanto ela ia sentir falta de Tessa enquanto estivesse em Washington, no verão, e como ela queria arrumar um emprego no Elitch Gardens<sup>10</sup>. depois de fazer as provas finais, para as quais ela não estava *mesmo* preparada...

Mas a atenção de Tessa havia voltado para o protetor de tela de Dora. Ela desviou os olhos e fingiu ouvir a amiga.



Eu estava do lado de fora da casa de Taylor esperando por Cheyenne quando Kurt se aproximou de mim. Ele não parecia feliz.

– Aquela ligação que recebi há alguns minutos... – ele disse – era o capitão. Tem algo que

preciso te contar.

Pelo tom de voz de Kurt, eu estava certo de que o capitão não havia nos convidado para tomar uma cerveja com ele depois do trabalho.

– O que foi?

– Você sabe como ele não gosta muito das suas técnicas...

Lá vamos nós.

– Sim?

– Bom, na noite passada ele conversou com sua supervisora no *Bureau*, a diretora-assistente Wellington.

Ótimo.

Desde que dei um depoimento alguns anos atrás que atrasou tem porariamente os planos de carreira dela, Margaret Wellington vinha me atacando com tudo que fosse possível. Preparei-me para más notícias.

– Ela disse ao capitão Terrell que, com o julgamento de Basque e o tiroteio de ontem, ela teme que você possa estar distraído, sem poder realizar o seu melhor.

Eu podia sentir minha temperatura subindo.

– O meu melhor.

– Palavras dela, não minhas. Ela está enviando outra pessoa para trabalhar no caso com a gente. O capitão Terrell já aprovou. Ele é um grande fã desses programas de criação de perfis na TV, então ele...

– Ela está mandando um criador de perfil? – se Margaret estivesse mandando Lien-hua, as coisas iam ficar desconfortáveis muito rápido.

– Sim.

– Ela falou quem? É a agente especial Jiang? Lien-hua Jiang?

– Não. Um cara chamado Vanderveld. Não falou o primeiro nome.

Ah, isso era muito pior.

– Jake Vanderveld.

– Então você o conhece?

– Sim. Fomos apresentados.

Kurt olhou para mim por um momento, sem dúvida tentando decifrar o que se escondia em minhas palavras.

– Algo que eu deva saber?

Margaret sabia como eu me sentia em relação a Jake. Provavelmente por isso ela o colocou no caso.

– Você já percebeu que eu não sou exatamente o maior fã de criadores de perfil?

– Eu já devo ter percebido.

– Bom, ele é o motivo – vi Cheyenne sentando no banco do motorista. – Eu te conto tudo depois. Quando ele chega aqui?

– Ele deve chegar em algum momento próximo ao meio-dia. Acho que ele vai querer se informar sobre tudo esta tarde na central de polícia. Eu te aviso quando souber mais.

Cheyenne abriu a janela e colocou a chave na ignição.

– O que está havendo? – ela perguntou.

– Te conto no caminho – abri a porta do carro. – Vamos visitar o necrotério.



Sala 404, Conjunto de Jornalismo Investigativo Prédio do *Denver News*

Centro de Denver  
9h22

Amy Lynn Greer suspirou.

Seu marido Reggie estava trabalhando em uma cena de crime, então foi ela que havia deixado o filho de 3 anos na creche meia hora atrás, mesmo tendo dois artigos para seu editor até o meio-dia.

Ela adoraria cobrir os assassinatos que Reggie estava investigando, em vez de escrever sua coluna sobre política local ou o acompanhamento do artigo sobre a quantidade de uso de medicamentos em filhos de jogadores profissionais de beisebol que usam esteroides, mas seu chefe se recusava a colocá-la em artigos relacionados aos casos de Reggie.

Assim que Reggie conseguiu o emprego, ela pensou que, pela linha de trabalho dela, estar casada com um dos peritos forenses de Denver teria suas vantagens, mas Reggie estava sob o olhar examinador do tenente Kurt Mason, que o havia informado quando arrumou o emprego que, se ele *alguma vez* soltasse *qualquer* detalhe sobre qualquer investigação para sua esposa, ficaria sem emprego e iria para o tribunal enfrentar acusações criminais antes que a história dela fosse publicada. Ponto final. Ela conhecia o tenente Mason e podia dizer que ele era um homem de palavra.

Ela fez uma pequena pausa no esboço da história dos esteroides, checkou seu e-mail e encontrou cinco cartas, uma de cada agente literário para os quais ela havia enviado sua proposta de livro, todas rejeitando-o.

Cinco em um dia.

Isso deve ser um novo recorde.

Uma batida na porta interrompeu seus pensamentos.

– Sim?

A porta se abriu e uma voz feminina vagamente familiar disse:

– Eu tenho algo para você.

Amy Lynn olhou e viu uma das secretárias, uma mulher de cabelos cor de areia e pulsos grossos de quem ela nunca lembrava o nome, de pé na soleira da porta, segurando um enorme vaso de cerâmica com uma planta de folhas brilhantes, de onde nascia um cacho de flores brancas arroxeadas. O vaso era tão grande que ela precisava usar as duas mãos.

– O que é isso?

– Flores – a mulher explicou como se Amy Lynn não soubesse. Sua voz estava tensa pelo esforço de segurar o vaso enorme. – Posso colocá--las na mesa?

– Claro – Amy Lynn tirou alguns papéis do caminho. Ela tentou se lembrar do nome da mulher mas não conseguiu. Ela pensou ser talvez Britt ou Brenda ou Brett ou algo formal e feminino assim.

A secretária apoiou o vaso na mesa.

– Então, qual é a ocasião especial?

Amy Lynn olhou para as flores.

– Não tem nenhuma ocasião especial.

*Flores?*

*Quem mandaria flores? Reggie nunca faria isso.*

Pequenos cachos de estame apareciam no centro de cada uma das flores brancas. As folhas se sobrepunham e cresciam em camadas, cada conjunto de duas folhas em um ângulo perpendicular às folhas que estavam abaixo. O cheiro forte mentolado era de certo modo familiar, mas também desconhecido ao mesmo tempo.

Ela sabia como identificar alguns tipos de flores, mas na maioria aquelas que todo mundo conhece: lírios, margaridas e rosas. Ela não fazia ideia de que tipo de flores eram aquelas.

Mas ela estava mais curiosa sobre quem deveria ter mandado as flores do que com o tipo delas.

– Tem algum bilhete?

A secretária com o nome esquecível pescou um pequeno envelope de onde ele tinha caído no meio das folhas.

O envelope era branco e tinha apenas quatro palavras escritas à mão na parte da frente: “Para Amy Lynn Greer”.

Ela imediatamente percebeu que não era a letra do marido, e que se ele houvesse mandado as flores, não teria incluído o sobrenome dela.

Mas se não foi Reggie, quem foi? Ela tinha algumas fontes que eram homens e alguns amigos que eram um pouco mais que amigos, mas nenhum deles seria impetuoso o suficiente para mandar flores para ela. Pelo menos é o que ela pensava.

A secretária estava na espreita.

– Eu não abri – ela apontou para o envelope.

– Obrigada... hum, espere, desculpa. Qual é o seu nome mesmo? A mulher pareceu ofendida com a pergunta.

– Brett Neilson. Eu trabalho aqui desde...

– Obrigada, Brett, sim. Desculpe-me. Eu não sou muito boa com nomes.

– Tudo bem – Brett disse, mas ela não saiu, apenas ficou olhando para as flores. – Meu marido nunca me manda flores.

Amy Lynn não sabia o que dizer. Finalmente, ela apenas murmurou: – É. Homens. Você sabe

– souu patético quando ela disse, mas de algum modo isso parecia satisfazer Brett Neilson, que deu a ela um meio sorriso e saiu da sala, fechando a porta atrás dela.

Após Brett ir embora, Amy Lynn analisou as flores novamente. Elas tinham uma qualidade formal, funcional, em vez de serem românticas e sedutoras. E aquele cheiro. Era de alguma especiaria?

E quem as enviou?

Ela não fazia ideia.

O bilhete.

Rasgando o envelope, ela encontrou um pequeno pedaço de papel-cartão com uma mensagem curta e enigmática escrita à mão:

*Devemos nós tratar das lágrimas alheias? Por favor, sra. Greer, tenha coração.*

*– John.*

John?

Que John?

Ela não reconhecia a letra manuscrita.

Amy Lynn pensou em todos os Johns que ela conhecia e quase imediatamente eliminou todos eles da lista de pessoas que poderiam mandar flores para ela, especialmente essas com um odor enigmático.

Talvez fosse uma referência a alguma história que havia escrito? Algo sobre tristeza? Tragédia? A morte de alguém?

Amy Lynn voltou para seu computador e sentiu a excitação se manifestando dentro dela pela primeira vez naquela manhã.

Descobrir quem enviou as flores para ela era muito mais interessante do que analisar a política local ou escrever sobre as famílias de jogadores de beisebol drogados. Seu editor ia ter de esperar.

Ela empurrou suas anotações para o lado, digitou em seu teclado e começou a procurar pelos artigos que havia escrito, buscando referências a qualquer pessoa chamada John.



Cheyenne e eu chegamos ao Hospital Memorial Batista, um dos hospitais mais antigos e respeitados do estado do Colorado, às 9h46.

A administração do hospital vinha reformando a ala leste nos últimos seis meses e dava para ver que ainda faltava muita coisa. A cobertura da imprensa local havia enfatizado como “o atendimento aos pacientes não havia sido comprometido pelo menos” durante a reforma, mas no decorrer dos anos eu tinha visto a quantidade de informações tendenciosas que acabam saindo na imprensa, não estava de todo convencido das declarações cuidadosamente preparadas pelo administrador do hospital.

Eu estava saindo do carro quando meu celular tocou:

– Como nós fazíamos antes do celular? – Cheyenne disse com bom humor.

– Sofríamos menos acidentes de carro – olhei para a foto de identificação de quem estava ligando.

Lien-hua Jiang.

Muito bem, isso sim era inconveniente. Cheyenne olhou para mim.

– Dê-me licença um minuto, por favor – eu disse.

– Claro – ela começou a atravessar o estacionamento, esperei até que estivesse fora do alcance do som.

– Oi – eu disse para Lien-hua.

– Alô, Pat? Como você está?

– Bem. Está tudo bem, muito bem – uma resposta dura e sem conteúdo. Comecei a seguir Cheyenne, mas me certificando de estar distante o suficiente para que ela não ouvisse minha conversa. – Como você está?

– Estou bem, obrigada por perguntar.

– Que bom.

– Sim – uma pausa que gritava alto. – Pat, você sabe por que estou ligando, eu acho.



*Uau! Bom, ela não queria perder tempo, não é?*

– Acho que talvez eu saiba – as palavras tinham um tom afiado, e eu sabia, mas deixei que sássem assim mesmo.

– Por favor, isso já é muito difícil de se fazer pelo telefone. Você não precisa fazer ficar pior.

– Eu não estou tentando... – eu realmente não queria fazer isso. Não aqui, não agora. A 20 metros de mim, Cheyenne estava entrando no hospital. – Olhe, podemos falar sobre isso depois, talvez hoje mais tarde?

– Estou saindo para um serviço em Boston e não quero ficar com isso na minha cabeça. Não é nada contra você, Pat. Você sabe disso – eu podia ouvir dor na voz dela, mas nenhuma condenação. Ela ainda gostava de mim, não estava me culpando. E isso só tornava tudo mais difícil. – É que... – ela disse – ... as coisas não andam... Não está dando certo.

Por mais de um mês as coisas vinham se deteriorando, e ambos ficamos dançando em torno do problema, evitando dizer aquilo que nós dois sabíamos que era necessário.

– Sério, Lien-hua, não é uma boa...

– Acabou, Pat.

Senti uma pontada, uma sensação profunda de fim e arrependimento.

– Não, vamos conversar sobre isso depois. Talvez quando eu for para Washington mais no final da semana nós possamos...

– Não. Por favor. Seria duro demais para mim – sua voz não era rude, mas firme.

Uma longa pausa seguiu suas palavras. Eu não fazia ideia do que dizer. Tentei formular as palavras certas, mas elas me escaparam:

– Então...

– Sim.

Cheguei até as portas automáticas do hospital e elas se abriram desli zando. Eu mal estava ciente de estar entrando.

Em um dia melhor, tanto Lien-hua quanto eu teríamos encontrado algo útil ou agradável para dizer antes de finalizar a ligação, mas nesse dia, nenhum de nós disse nada. Instantes de silêncio desconfortável se passaram até que finalmente ela disse adeus, eu disse adeus e, então, a conversa terminou. Muito antes de eu estar pronto para isso.

As portas deslizantes se fecharam atrás de mim e fiquei parado com o olhar perdido na direção do telefone até que senti a presença de Cheyenne ao meu lado.

– Está tudo bem?

– Sim – menti.

Coloquei o telefone de volta no bolso e o senti estranho e desconfor tável. Peguei-o de volta e o enfiei novamente no bolso, com mais força.

Ela olhou para mim com compreensão e preocupação.

– Não, não está.

– Eu estou bem – eu disse, mas não a olhei nos olhos. – Vamos.

Alguns minutos depois, estávamos sendo escoltados pelo corredor por Lance Rietlin, um homem inquieto com seus quase 30 anos, que passou todo o tempo contando para Cheyenne o quanto ele apreciava poder trabalhar sob a tutela de alguém tão experiente e respeitado quanto o dr. Bender, mas eu não estava ouvindo na verdade. Em vez disso, estava tentando convencer a mim mesmo de que Lien-hua e eu ainda poderíamos ser amigos, que seríamos capazes de colocar de lado o sentimento profundo que tivemos um pelo outro e voltar a nos relacionarmos amigavelmente como fazíamos antes de começarmos a sair juntos, pois é isso que você diz a si mesmo nessas horas.

Você diz essas coisas, você se esconde atrás da ingenuidade, porque a verdade é muito

dolorosa para ser admitida.

E a verdade era: de agora em diante seria difícil trabalhar com Lien--hua; eu sentiria ciúmes da atenção que ela daria para outros homens e sempre ficaria imaginando se nós, ou eu, poderíamos ter feito mais para salvar nosso relacionamento.

Lance nos conduziu descendo uma escada até o nível inferior do hospital, para além de uma série de armários de suprimentos e da sala de fisioterapia.

– Eles estão fazendo algum tipo de manutenção nos elevadores – explicou enquanto passávamos pelas placas de “fora de serviço” coladas nas portas. – Eles devem estar funcionando daqui a uma hora ou mais. Mas eu não contaria com isso.

Enquanto meus pensamentos voltavam para Lien-hua, percebi que falar abertamente sobre essas coisas foi um tipo de alívio, mesmo que cada um seguir seu caminho não fosse algo que eu quisesse.

Chegamos ao necrotério, e Lance destrancou a porta.

– Está bem cheio por aqui nesta semana. O dr. Bender e eu estivemos... Bem.

Ele não precisava dizer mais nada.

– Fiquem à vontade – ele abriu a porta. O cheiro muito forte de desinfetante hospitalar preencheu o ar. – Eric deve chegar em cerca de 10 minutos.

Percebi Cheyenne olhar para o relógio.

– Estarei no andar de cima – Lance disse. – A menos que queiram que eu fique.

– Não – respondi. – Ficaremos bem.

Ele me fez um leve aceno com a cabeça.

– Se precisarem de alguma coisa, é só ligar para o departamento de admissão. Eles me avisam – ele me passou o número, eu agradeci e, após ele ter ido embora, Cheyenne e eu entramos na câmara branca e estéril onde a morte é dissecada e estudada.

A sala se parecia com a maioria dos necrotérios que eu já havia visitado nos últimos 15 anos: balcões de aço inoxidável, luzes brancas fluorescentes, microscópios, balanças, unidades de eliminação sanitária, bandejas de instrumentos. Uma maca vazia.

E, é claro, as serras elétricas vibratórias para cortar crânios sem destruir a matéria cerebral delicada, agulhas Hagedorn para costurar as cavidades corporais, cinzéis para o crânio, serras de osso, cortadores de costelas.

Instrumentos do ofício.

As macas com os mortos deviam estar no freezer.

Ao atravessar a sala, pensei em como os necrotérios são projetados para serem impessoais e institucionais o máximo possível. Apesar de cadáveres serem sujos e nauseantes, o lugar onde os analisamos é impecavelmente limpo e cuidadosamente desinfetado para sobrepor o cheiro de podridão.

Talvez seja a nossa maneira de lidar com a morte, de ajudar a esquecer a risada, as lágrimas e os sorrisos das pessoas que estamos dissecando.

Talvez seja uma coisa boa, ser capaz de esquecer.

Chegamos ao freezer e fiquei olhando para a porta por um momento.

– Tá certo – disse suavemente. – Vamos dar uma olhada no governador.



Destruí a porta do freezer do necrotério. Abri-a.

Um redemoinho de ar gelado escapou e me rodeou. Eu podia ver cinco macas dentro.

Lábios mortos sussurravam para mim: *“Por quê? Por que você não fez alguma coisa? Por que você não veio mais cedo?”*.

Em cada maca, um cadáver. Reconheci os rostos de três deles como as vítimas do começo da semana. Estranhamente, nenhum dos corpos estava coberto e dois deles estavam sem cabeça. Dois, não um. Não apenas o corpo de Sebastian Taylor.

*O que está...?*

Então, quando dei o primeiro passo para dentro do freezer, eu a vi.

Uma mulher, sentada contra a parede do fundo, com os lençóis que faltavam nos outros corpos envoltos em seus ombros e braços. Seus olhos estavam abertos.

Corri até ela, Cheyenne do meu lado.

Quando me inclinei sobre a mulher e senti seu pulso, percebi que já a havia visto antes em uma das cafeterias que visito regularmente. Eu não sabia seu nome, apenas conhecia seu rosto, mas de algum modo, tê-la reconhecido tornou as coisas mais urgentes. Sua pele estava fria ao toque. Seus lábios, azulados, cianóticos, mas ela ainda estava respirando. Senti uma batida de coração fraca.

– Ela está viva – eu disse para Cheyenne.

– Graças a Deus. Vamos tirá-la daqui.

– Senhora – eu disse –, nós vamos ajudá-la. Ela moveu os lábios mas não emitiu nenhum som. Percebi que ela não estava tremendo, o que significava que ela estava nos estágios avançados de uma hipotermia.

Cheyenne deu apoio debaixo do braço dela para levá-la.

– Cuidado – pelas minhas experiências de alpinismo, eu sabia que carregar pessoas com hipotermia severa podia perturbá-las, fazê-las entrar em choque ou causar arritmia cardíaca,

mas eu não queria dizer isso com a mulher ouvindo. – Vou pegá-la.

O mais gentilmente possível, levantei a mulher. Ela era leve, mas ainda assim senti uma pontada de dor na minha lateral, onde Grant havia acertado o cabo do machado nas minhas costelas no dia anterior.

Carreguei-a para a maca vazia na sala de exame e Cheyenne passou correndo por mim, apertou o botão do interfone e pediu que um médico se apresentasse no necrotério, imediatamente!

Coloquei a mulher sobre a maca.

– Vamos tratar de aquecer você.

*Enquanto ela permanecer consciente, deve ficar bem.*

– Vai ficar tudo bem – Cheyenne disse, mas ela deve ter percebido como a condição da mulher era séria pois ela sussurrou, apenas para os meus ouvidos: – Não acho que podemos esperar por um médico.

– Ela vai ficar bem.

Mas enquanto eu avaliava se deveríamos ou não esperar por um médico ou sair atrás de um, vi os olhos da mulher virarem para trás. Cheyenne deu um tapa firme no rosto dela para mantê-la acordada.

– Fique com a gente – ela disse. – Fique com a gente! – mas a respiração da mulher estava ficando agitada. Cheyenne me chamou. – Pat...

– Eu sei.

A mulher estremeceu. Cheyenne deu um tapa nela novamente, mas dessa vez ela não respondeu.

Agarrei a ponta da maca e empurrei até o corredor.

– Nós temos de aquecê-la. Agora.



Assim que passei pela porta, lembrei-me de que o elevador do andar estava fora de serviço.

*Não!*

Em uma região selvagem, você tiraria as roupas da pessoa e se deitaria ao lado dela para compartilhar o calor do seu corpo, mas imaginei que pudéssemos fazer muito mais que isso aqui no hospital.

Olhei pelo corredor, lembrando as salas pelas quais havíamos passado no caminho para o necrotério.

– A sala de FT – murmurei e comecei a empurrar a maca com a mulher pelo corredor o mais rápido que podia.

– O que é isso? – Cheyenne me alcançou.

– Fisioterapia, nós passamos por ela no caminho para cá. Eles devem ter uma hidromassagem.

Cheyenne correu na minha frente e segurou a porta aberta. Entrei com a maca.

– Nós vamos ajudá-la – eu disse para a mulher. – Está tudo bem.

Gentilmente, peguei-a em meus braços.

*Ele a trancou no necrotério.*

*O assassino tentou matá-la congelada.*

A natureza sádica e impiedosa desses crimes me assustava, me dava náuseas.

Ninguém mais estava presente, mas vi Cheyenne gesticular na minha direção do outro lado da sala.

– A hidromassagem fica aqui.

A piscina havia sido construída para dentro do chão e enquanto eu descia os degraus e entrava na água morna, vi Cheyenne ir até o painel de controle.

– Desligue os jatos – eu disse. – Pode ser um choque muito grande para o sistema dela.

– Certo.

Apoiando seu peso, cuidadosamente baixei a mulher para dentro da água, mas ela começou a tremer, pequenos calafrios passando pelo corpo. Levantei-a um pouco, então baixei-a novamente, mais lentamente, enquanto Cheyenne falava com ela, confortando-a, tranquilizando-a ao lado da piscina.

Alguns momentos depois, a mulher tossiu e piscou os olhos rapidamente. A cor estava voltando para o seu rosto.

– Ele... – ela estava falando suavemente, mas pelo menos estava falando. – Ele me deixou na...

– Eu sei – eu disse. – Quem foi? Quem fez isso com você? – ela balançou a cabeça. Ela não sabia. – Qual é o seu nome?

Ela engasgou. Tomou fôlego.

– Kelsey.

– Vamos aquecê-la, Kelsey. Você vai ficar bem.

Ela concordou com a cabeça.

Momentos se passaram. Ondas de vapor morno saíam da água e ser penteavam à nossa volta.

A respiração de Kelsey começou a normalizar, a ficar mais estável.

Então ouvi a correria no corredor.

– É o médico – eu disse para Cheyenne, mas ela já estava indo na direção da porta. Um instante depois, um homem com roupa de médico, uma enfermeira e Lance Rietlin vieram correndo para dentro da sala. – Por aqui!

– gritei, enquanto erguia Kelsey da água e cuidadosamente saía da piscina.

– Vamos colocá-la na maca – Lance disse, então me ajudou a deitá-la.

Ele tocou a mão dela levemente. – Qual é o seu nome?

– O nome dela é Kelsey – Cheyenne disse, então tirou uma mecha de cabelo dos olhos de Kelsey.

– Precisamos tirar essas roupas – a enfermeira disse para Kelsey.

– Pode ser?

Kelsey acenou com a cabeça e Cheyenne e a enfermeira remove ram suas roupas molhadas enquanto Lance buscava algumas toalhas e cobertores do roupeiro. Então ele os entregou para a enfermeira que rapidamente a secou e colocou os cobertores sobre ela.

O médico, um homem careca de uns 50 anos, com uma aparência de preocupação permanente no rosto, verificou os olhos de Kelsey com uma pequena lanterna.

– De quem foi a ideia de aquecê-la na piscina?

– Minha – eu disse. – Não havia outro jeito de aquecê-la. Nenhum médico aqui, nenhum elevador. Ela estava entrando em choque. Precisávamos fazer alguma coisa.

– Nós viemos pelo elevador – ele disse. Soava como uma acusação.

– Eles estavam fora de serviço quando eu os trouxe aqui para baixo – Lance explicou.

Após um momento de reflexão, o médico pareceu aceitar a explicação.

– Tudo bem. Bom, vamos levá-la daqui – então Cheyenne me disse que voltaria a falar comigo em alguns minutos, houve um tumulto de pessoas, ela saiu com a equipe médica e fiquei sozinho na sala.

Peguei uma toalha e passei pelo meu rosto e braços. Agora Kelsey tinha muitas pessoas ajudando-a, então decidi voltar para o necrotério e dar uma olhada, especialmente agora que era uma cena de tentativa de homicídio.

Joguei a toalha em uma pilha. Virei-me na direção do corredor.

Um homem estava parado na soleira da porta.

– Ei, Pat. Bom te ver.

O criador de perfis, agente especial Jake Vanderveld, havia chegado.



– Olá, Jake – eu disse.

Ele entrou na sala. Quatro anos mais novo que eu. Bonito. Inteligente.

Em ascensão. Jake tinha cabelos loiros despenteados, olhos azuis intensos e usava seu bigode impecavelmente aparado como um distintivo. Mesmo uma década depois de seu mestrado em psicologia da anormalidade, ele ainda possuía o físico afiado de um nadador de primeira categoria que tinha desde que esteve em Cornell.

– Então, a diretora-assistente Wellington me disse que você precisa de uma mãozinha nesse caso – ele estava olhando para minhas roupas molhadas. – Fiquei feliz por estar disponível – ele estava sorrindo maliciosamente.

– Pensei que você só chegaria hoje à tarde.

– Mudei meus horários. Imaginei que você fosse ficar feliz por ter dois olhos a mais nesse caso. Então, aquela mulher que estavam levando pelo corredor, o que aconteceu?

Enquanto eu resumia, percebi que, na pressa para levarem Kelsey para um quarto, suas roupas haviam ficado jogadas no chão. Jake observou-me pegando-as, e as engrenagens pareciam estar girando na cabeça dele.

– Você a levou para dentro da hidromassagem?

– Sim.

– Eu queria poder ter estado aqui para ajudar.

Imediatamente senti que suas palavras podiam ser entendidas de duas maneiras: tanto como uma expressão genuína de preocupação ou como uma piada idiota e totalmente inapropriada. Seu tom de voz me fez pensar que era a segunda opção, mas antes que eu pudesse responder, meu telefone tocou. Fiquei impressionado por ele não ter sido danificado pela água.

O rosto de Tessa apareceu na tela de identificação e pedi a Jake para aguardar um minuto, então atendi o celular.

– Estou um pouco ocupado, Tessa. Não é uma boa hora para conversar.



– Hum, a agente Jiang ligou, tipo, há meia hora. Ela deixou uma mensagem no meu celular. Disse que tinha tentado ligar no seu primeiro.

*Ela deve ter chamado antes de você ter ligado o celular.*

– Ela deve estar tentando muito falar com você – Tessa continuou. – Você deveria dar um toque para ela.

Tinha sido ruim o suficiente conversar com Lien-hua perto de Cheyenne; eu definitivamente não queria fazer isso na frente de Jake Vanderveld. Coloquei o telefone contra o peito para abafar o som.

– Ei, você pode me dar alguns minutos? Ligue para a expedição, peça que uma unidade de perícia venha para cá para analisar o necrotério.

Ele deu um pequeno sorriso.

– Te vejo em breve, Pat.

– Tudo bem, Jake.

Então ele saiu, e eu disse a Tessa:

– Eu conversei com a agente Jiang há cerca de 20 minutos.

– E?

– E o quê?

Essa garota era mais observadora que a maioria dos agentes com quem eu trabalhava.

– Está tão evidente assim?

– Eu diria que sim.

– Bom, eu acho, pode dizer que sim, é oficial. Escute, quanto ao almoço...

– Decisão sua ou dela?

Nem tanto uma decisão, mais uma escolha mútua – andei até o corredor. – Eu preciso cuidar de umas coisas, talvez eu possa te ligar mais tarde.

– Sinto muito, Patrick – parecia que ela realmente sentia muito. – Terminar é uma droga.

– Eu já sou crescido, Raven. Consigo lidar com isso.

– Não importa o quanto crescido você é – ela parou. Escutei-a tomando um gole de alguma coisa. – Ainda assim, é uma droga.

Ali estava eu, recebendo conselhos de relacionamento de uma adolescente. Eu não tinha certeza do que dizer.

– Bom, obrigado.

Como minhas roupas estavam molhadas, depois de ter uma chance de dar uma olhada no necrotério, eu teria de trocá-las, e isso queria dizer voltar para casa.

– O almoço ainda está de pé?

– Sim. Eu estava pensando naquele lugar novo, vegano. Fruition. Você viu, todas aquelas placas, “Venha para o Fruition”, “Você já experimentou Fruition?”.

Que animador. Tofu, espinafre e ervilhas.

– Você ainda está na casa da Pandora?

– Ela me deixou em casa.

– Ok – eu estava quase no necrotério. – Eu consigo estar aí em cerca de meia hora. Você pode se arrumar até eu chegar.

– Bom, na verdade, eu estou bastante ocupada.

– Ah é? Num sábado de manhã? O que você está fazendo?

– Dora me deu um cubo mágico que estou tentando resolver. E, ah é, vou terminar de tomar esse *latte* médio triplo gelado com três doses de xarope de canela meio a meio com chantilly e aroma de torta de abóbora antes de você chegar aqui – ela falou o nome de sua bebida de uma vez só.

Parei de andar e olhei desfocado para a parede.

– Você está brincando. Por favor, diz pra mim que você está brincando.

– É o favorito da Dora. Decidi experimentar um. É bom. Quer que eu guarde um pouco pra você?

Isso era muito perturbador.

– Admita. Você comprou isso só para me incomodar.

Escutei-a tomando um gole.

– Se foi isso, você merece. Você é fresco com café.

– Fresco não, sou um apreciador. Espera aí. Aroma de torta de abóbora é sazonal. Eles só servem no outono.

– Eles tinham um pouco que sobrou.

– Ah, por favor, você não fez isso.

– Fiz.

– Você está bebendo café produzido em massa e embalado em fábrica que foi torrado e moído há mais de seis meses?

Escutei-a tomar um gole novamente, um gole grande e entusiasmado.

– Ahh. Delícia! Talvez eu vá comprar um pra você.

– Vejo você em meia hora para o almoço. Vá se arrumar. E jogue essa coisa fora antes que alguém me prenda por abuso infantil.

Mais um gole barulhento.

– Até mais.

Cheguei ao necrotério e encontrei o dr. Eric Bender lá dentro, tirando o cadáver sem cabeça ainda não identificado do freezer.

Após uma breve saudação, informei-o sobre a mulher que havíamos acabado de resgatar. Ele ouviu com atenção, ocasionalmente balançando a cabeça, e quando terminei ele disse:

– Você disse que o nome dela é Kelsey?

– Sim.

– Então esse era o marido dela – Eric gesticulou na direção do cadáver na nossa frente. – Travis Nash. Ele foi trazido ontem de manhã. Infarto do miocárdio. Não havia nenhuma autópsia requisitada, tudo apontava para causas naturais – ele pegou uma pasta de arquivo e me mostrou uma foto de Travis antes de ele ter sido decapitado.

– Precisamos descobrir do que esse homem realmente morreu – eu disse. – Mas essa sala de exame é agora uma cena de crime. Tentativa de homicídio. Você terá de tirá-lo daqui ou esperar a perícia chegar.

Eric não parecia feliz com aquilo, mas não discutiu comigo.

– Ok – ele disse.

– Posso dar uma olhada em Taylor?

Eric acenou com a cabeça e eu o segui para dentro do freezer.



Olhei para o corpo mutilado e sem cabeça de Taylor. Os arquivos do caso mencionavam que ele havia sido torturado, mas eu não havia entendido o quão extensas as lesões haviam sido.

Eric deve ter percebido que eu observava as lesões.

– Esse homem não morreu rapidamente – ele disse.

Eu estava mentalmente reconstruindo o modo como Sebastian Taylor havia sido atacado; Eric apontou para o osso saliente no braço direito do cadáver.

– Olhe aqui. Sua ulna está fraturada, mas não há nenhuma contusão próxima do local da quebra. Seu pulso também estava fraturado.

– O que isso quer dizer?

– Não posso dizer ao certo apenas com observações externas, mas é muito provável que o assassino tenha usado as próprias mãos – ele apontou para a fratura no antebraço. – Com base no ângulo e na severidade dessa fratura aberta em espiral, o agressor precisaria ser anormalmente forte e ter provavelmente estudado...

– Artes marciais, combate a curta distância ou algum tipo de corpo a corpo.

– Sim.

*O assassino encontrou Taylor... desabilitou suas câmeras de segurança... possivelmente tem habilidades em autodefesa...*

Treinamento de inteligência militar?

Experiência nas forças policiais?

– Ok Mantenha-me informado.

Ele acenou com a cabeça.

– Manterei.

Encontrei Cheyenne de pé ao lado da porta do quarto 228, mandando uma mensagem de texto para alguém. Ela me viu enquanto me aproximava.

– Kelsey está bem melhor.

– Isso é ótimo.

– Eles a colocaram em uma intravenosa salina aquecida para aumentar sua temperatura falarem – ela terminou de mandar sua mensagem de texto e guardou o telefone no bolso. – Um policial está a caminho para vigiar o quarto caso o assassino descubra que ela sobreviveu e tente retornar para terminar o que começou.

– Ótimo. Kelsey deu alguma descrição do agressor?

– Ela não quer falar sobre isso. Quando perguntei, ela apenas fechou os olhos e balançou a cabeça.

Algumas vezes, vítimas levam semanas antes de desenvolverem distância emocional para falarem sobre eventos que colocam suas vidas em risco; então, após uma experiência tão traumática quanto ficar trancada em um necrotério, a reação de Kelsey não me surpreendia. Mas não facilitaria em nada o nosso trabalho.

– Vamos acompanhar – Cheyenne disse. – Se ela sentir vontade de falar, vou chamar alguém para fazer um retrato falado. Ah, e o agente Vanderveld passou por aqui.

– Ótimo.

– Ele parece ser um homem muito seguro de si mesmo.

– É um ponto de vista – eu realmente não queria conversar sobre Jake. – Ei, vamos pedir para um policial analisar as câmeras de segurança do hospital para descobrir quando Kelsey chegou. Talvez tenha alguma imagem de seu agressor entrando ou saindo do hospital.

– Vou arrumar alguém para fazer isso.

Eu rapidamente informei Cheyenne sobre o marido de Kelsey. Ela acenou com a cabeça solenemente, então olhou para o relógio.

– Eu nem imagino pelo que ela está passando. Vou ficar por aqui por mais um tempo. Querendo falar ou não, ela precisa de alguém com ela agora.

– Mais uma coisa – eu disse. – Preciso ir para casa me trocar. Posso pegar seu carro emprestado?

– Sempre.

Dei para ela as roupas molhadas de Kelsey, ela me deu as chaves do carro e tomei meu caminho.

Desde que recebeu as flores, cerca de uma hora antes, Amy Lynn Greer procurou por todos os artigos que havia escrito no ano passado, tentando achar ligações com histórias sobre pessoas chamadas John, Jonathan ou Johnson e havia encontrado algumas possibilidades, mas nada que parecesse relevante.

Após ter eliminado os artigos nos quais havia trabalhado pessoalmente, ela expandiu sua busca para incluir artigos de outros jornalistas.

Nada sólido até então.

A frase sobre tratar das lágrimas alheias fez com que ela se sentisse vagamente inquieta e, como uma jornalista investigativa, ela não gostava de mistérios que não conseguia resolver.

Um pensamento que a deixava nervosa começava a se tornar mais e mais invasivo.

Talvez não fosse apenas uma coincidência ela ter recebido as flores enquanto seu marido e o resto da unidade de perícia estavam investigando uma das mais cruéis ondas de crime na história de Denver.

Ela decidiu gastar mais uma hora tentando descobrir alguma coisa sobre a frase “Devemos nós tratar das lágrimas alheias?” e, então, mesmo não devendo, ela ligaria para o marido para descobrir se isso poderia estar relacionado com algum dos casos em que ele estava trabalhando.

Então tá certo. Mais uma hora.



Após conversar com Patrick pelo telefone e torturá-lo com o *latte* de torta de abóbora, Tessa havia passado algum tempo descansando em seu quarto, ouvindo música e mexendo no cubo mágico, mas não conseguia resolvê-lo. Mesmo com os olhos abertos.

E aquilo realmente a incomodava.

Ela havia ligado o iPod em seu aparelho de som e quando a lista de músicas chegou ao CD *Audible Sigh* do Vigilantes of Love, ela aumentou o volume para ajudá-la a se concentrar. Um pouco retrô, com um estilo de rock meio R.E.M., não tão pesado quanto a maioria das bandas de que ela gostava, mas com letras legais. Bill Mallonee era um gênio com palavras.

Quando *Black Cloud O'er Me* começou a tocar, ela conseguiu evitar pensar na conversa com Patrick. Ele realmente gostava de Lien-hua, e mesmo agindo como se não fosse grande coisa, ele deveria estar bem machucado depois de terminar com ela. Isso sim é nuvem negra.<sup>11</sup>

Tessa havia começado a se acostumar com a ideia de os dois estarem juntos, mas havia percebido o relacionamento deles se desintegrando nas últimas semanas, e provavelmente foi melhor que eles encerrassem isso agora, antes que algum deles se machucasse mais ainda. Ela havia visto muita gente na escola arrastar as coisas por tempo demais e então terminar. Não era bonito.

Uma carnificina de corações.

Soava como algo que Bill Mallonee teria escrito.

Então, faça o que Pat pediu. Arrume as coisas. Faça-o ficar mais feliz.



Obviamente, como iriam apenas ficar três meses fora, na Costa Leste, eles não levariam tudo, mas a maioria das coisas em seus quartos teria de ir. Eles haviam esvaziado o armário dele na noite passada. Talvez ela conseguisse terminar essa parte antes que ele chegasse em casa.

Entrar no quarto dele sempre havia sido um pouco estranho para ela, como um tipo de invasão do seu espaço pessoal, mas quanto mais tempo eles viviam juntos, mais normal isso parecia para ela. Coisa que acontece com quem tem uma família. Uma das coisas boas.

Ela entrou. Olhou ao redor.

Lençóis amarrotados sobre a cama. Um exemplar lido parcialmente de

*Pensées*, de Pascal, na mesa ao lado da cama; equipamentos de escalada jogados no chão sob a janela. Fotos do Half Dome e de El Capitan, de Ansel Adams, dois dos lugares que ele havia escalado, penduradas na parede.

Duas fotos estavam sobre sua cômoda. Uma da família: mãe, Patrick e ela na Balsa de Staten Island, sua mãe careca por causa da quimioterapia. A outra foto era dele nos Apalaches, quando era guia de turismo ecológico, na faculdade. Ele usava um rabo de cavalo na foto e ela havia se divertido muito com aquela foto.

Espalhadas pelo quarto, cinco caixas de papelão resistente para mudança.

Ela abriu a caixa próxima ao armário e viu que ela estava meio cheia de livros de criminologia com as páginas marcadas e edições antigas do *Journal of Environmental Psychology* e do *Journal of Forensics Sciences*,<sup>12</sup> e um monte de materiais de escritório jogados por cima: canetas, tesouras, clipes de papel, porta-canetas, cabos USB, elásticos; um par de sapatos e algumas camisas amassadas. Como ele podia ser tão meticuloso em sua vida no FBI e tão desleixado em sua vida de solteiro havia sido sempre um mistério para ela.

Porém, ainda havia espaço na caixa, e ela sabia que eles não tinham um monte de caixas sobrando, então ela abriu o armário e viu que, com exceção de dois pares de tênis de corrida e uma mochila velha, ele estava vazio.

Mas havia uma prateleira próxima do teto em cuja borda dava para ver alguns equipamentos de acampamento.

Ela arrastou uma cadeira até o armário, subiu e puxou para baixo um kit de primeiros socorros e uma pequena mochila.

Só depois de ter tirado um saco de dormir foi que ela viu a caixa de sapato enfiada no fundo, encostada na parede. Entre ela e a caixa havia um oceano de poeira grossa, que era muito, muito nojenta, visto que o corpo humano descarta cerca de dois milhões de células de pele morta a cada hora e aproximadamente 65% da poeira encontrada nas casas é feita de pele humana.

Eca.

Cautelosamente, ela conseguiu pegar a caixa sem tocar a camada de sobras humanas. Então desceu da cadeira, fechou os olhos e soprou a pele morta de cima da caixa.

Olhos abertos de novo, percebeu que era uma velha caixa de sapato da Keds, o que era um pouco estranho, pois Patrick nunca teve filhos, e a caixa não era grande o suficiente para guardar um par dos sapatos dele.

Havia coisas dentro, mas pelo peso ela podia dizer que não era um par de sapatos. Ela pegou uma das camisas de Patrick na cômoda e limpou a caixa.

Percebeu seu nome escrito em caneta hidrográfica preta na extremidade da caixa.

Mas não era a letra de Patrick, era a letra de sua mãe.



Tessa sentou-se na cama, com a caixa de sapato no colo.

Abriu-a.

Encontrou uma pequena pilha de cartões-postais, dois canhotos de ingresso para um jogo do Minnesota Twins, três pontas de flecha genuínas, algumas dúzias de cartas guardadas de volta em seus envelopes abertos, uma porção de fotos, um panfleto do Museu do Circo, em Baraboo, Wisconsin, alguns desenhos que Tessa havia feito quando criança, com um grande coração torto e letras em giz de cera que diziam “Eu te amo, Mamãe!!”.

E desenhos de tartarugas.

Oito desenhos de tartarugas.

Ela sempre gostou de desenhar tartarugas quando era criança, prova velmente porque era fácil: era só fazer um grande círculo, então adicionar quatro patas e um círculo menor em cima para a cabeça. Pronto. Uma tartaruga. Quando ela era criança, elas pareciam obras de arte.

Mas agora dava para ver como eram bobas.

Ainda assim, quando ela era uma garotinha, sua mãe sempre encon trava um lugar na porta da geladeira para elas. Sempre.

E quando Tessa viu os desenhos das tartarugas, ela soube que tipo de coleção era aquela. Aquela coleção especial que todo mundo tem de coisas que ninguém mais entenderia. Coisinhas idiotas que não valeriam nem 10 centavos, mas que você voltaria para buscar em uma casa em chamas.

Tessa tinha uma caixa assim também, debaixo de sua cama.

Mas enquanto ela mexia na caixa de memórias de sua mãe (esse foi o nome que ela deu), seu coração pareceu agarrar algo dentro do peito.

*Por que Patrick nunca deu isso para você? Ele sabe o quanto a mamãe significa para você. Por que ele esconderia isso de você?*

Talvez ele tenha se esquecido disso, empurrou a caixa lá para o fundo um dia e isso fugiu de

sua mente.

Mas talvez não.

Sentindo-se um pouco traída, Tessa checou todo o conteúdo da caixa com mais cuidado, pegando os itens um por um e colocando-os na cama.

Ela encontrou uma linha de pipa embolada e imaginou por que sua mãe havia guardado aquilo. Então pegou uma concha que ela se lembrava de ter encontrado durante uma viagem ao Lago Superior quando ela tinha 10 anos. Quando ela colocou a concha sobre a cama, reparou no que estava no fundo da caixa de memórias de sua mãe.

Seus dedos tremeram.

Um teste de gravidez.

E o pequeno sinal de mais ainda estava visível, mesmo depois de 17 anos. Ela o pegou.

*Na primeira vez que sua mãe olhou para isso, você já estava crescendo dentro dela.*

Era uma verdade óbvia, totalmente óbvia, mas naquele momento, para Tessa, parecia profundo.

Ela estava segurando a primeira prova que sua mãe teve de que ela teria um bebê, uma filha que ela chamaria de Tessa Bernice Ellis. Tessa, derivado de Santa Teresa de Ávila, uma mística que era uma de suas escritoras favoritas, e Bernice, o nome da avó de sua mãe.

Enquanto Tessa olhava para o sinal de positivo, ela pensou em como tinha sido para sua mãe olhar para aquilo. Ainda na faculdade, solteira, o cara com quem ela estava saindo se mostrando um grande idiota. Um homem que nunca tomou parte na vida de sua filha, nem sequer a visitou.

Nenhuma vez.

Tessa sentiu a antiga raiva, o antigo ódio, a antiga solidão surgindo novamente.

Mesmo quando ela era criança, ela havia percebido que quase todos os seus amigos tinham um pai próximo de algum jeito. Mesmo em famílias em que os pais era divorciados ou separados, o pai aparecia ocasionalmente. No verão, talvez por algumas semanas, ou nas noites de terça-feira, ou em alguns fins de semana a cada mês. Claro, nem sempre, mas a menos que ele estivesse morto, normalmente era parte de suas vidas.

Então, quando ela tinha 6 ou 7 anos, ela perguntou a sua mãe se seu pai estava morto.

No começo sua mãe não contou a ela, mas Tessa insistiu até que ela finalmente disse:

– Eu não sei, Tess. Eu não o vejo desde o dia em que eu disse a ele que eu ia ter um bebê – então ela abraçou Tessa; ela ainda lembrava disso; e a mãe acrescentou: – Mas só porque seu pai não está aqui não quer dizer que você não é amada. Eu amo você o dobro, pelos dois.

Mas Tessa se afastou dela.

– Mas por que ele foi embora, mamãe? Por que ele não volta? Sua mãe hesitou na hora, então disse:

– O que importa é que eu te amo e nunca vou embora. Eu prometo. Mas então sua mãe foi embora, não de propósito, mas até quando estava morrendo, ela não falou mais nada sobre o pai dela.

Tessa imaginava que a mãe havia provavelmente escondido a verdade sobre a identidade de seu pai biológico porque ela não queria que a filha crescesse com raiva dele.

Bom, se esse era o plano, não deu certo.

Chega disso.

Ela colocou o teste de gravidez de lado, olhou para dentro da caixa de sapato novamente e encontrou um anúncio de revista de alguma empresa imobiliária cuidadosamente dobrado. Tinha sido arrancado de alguma revista e estava faltando metade, mas a parte que estava ali tinha uma foto de uma garota loira, talvez de 4 ou 5 anos de idade, experimentando o que supostamente



seriam os sapatos de salto alto e um colar de sua mãe. Parte do texto do anúncio estava faltando, mas as palavras “lares não são apenas” ainda estavam lá. Era isso, “lares não são apenas”... alguma coisa.

Mas o que chamou a atenção de Tessa não foi tanto o texto, mas a caixa de joias que estava na penteadeira atrás da garota da foto.

Espere um minuto.

Ela olhou mais cuidadosamente para a caixa de joias e sentiu o cora

ção começar a disparar. Então ela se levantou e, carregando a imagem, correu para seu quarto.

Para sua penteadeira. Para sua caixa de joias.

*Sim, sim.*

Era praticamente idêntica à da foto. Sua mãe havia dado a ela quando ela era menina, mais ou menos com a mesma idade da menina no anúncio da revista.

*Será que é você? Seria possível? É você nessa foto?*

Não, o cabelo era diferente, a garota não parecia muito com ela, e não havia uma pequena verruga do lado do pescoço da menina como havia no dela.

*Então por quê? Por que ela daria isso para você? Não pode ser apenas uma coincidência.*

Ela voltou para o quarto de Patrick e vasculhou o resto do conteúdo da caixa de sapato procurando uma resposta, mas não achou nenhuma.

No entanto ela encontrou uma última coisa que a deixou exageradamente curiosa: uma chave presa a um molho de chaves com uma etiqueta de plástico com o número 18 escrito de um lado e as palavras “Para Tess” do outro.

Em toda sua vida, apenas uma pessoa a chamou de Tess: sua mãe.

A chave era muito pequena para uma fechadura normal e mesmo sendo do mesmo tamanho da chave da caixa de joias, não era do mesmo formato.

Ela testou, só para garantir, mas não encaixava.

Então ela ouviu a porta da frente abrindo.

Patrick havia chegado para levá-la para almoçar.



Assim que Tessa ouviu a porta abrir, ela percebeu que precisaria de mais tempo para ler as cartas na caixa e não queria que Patrick soubesse que ela as havia encontrado, então enfiou tudo de volta na caixa, exceto a chave, que ela colocou no bolso, e rapidamente levou a caixa para seu quarto e a escondeu debaixo da cama, ao lado de sua própria caixa de memórias.

– Tessa, está pronta para ir? – ele perguntou.

– Já vou! – ela gritou pela porta do quarto. – Só um minuto.

Então, devo perguntar a ele sobre isso ou não?

Ela pensou na foto da garotinha, nos itens da caixa, todas as cartas nos envelopes que ela ainda não havia lido.

*Ele escondeu isso de você. Ele deveria ter dado a você.*

Talvez ele tivesse esquecido.

De qualquer maneira, ela precisava saber a verdade.

*Mas ele está tendo um dia difícil, lembra? O término? Uma carnificina de corações? Não o acuse de esconder algo de você. Não seria certo.*

Então, pergunte a ele sobre isso, mas seja discreta.

Sim, acho que não vai ser nenhum problema.



Quando entrei em casa, ouvi Tessa gritar de seu quarto que estaria pronta em um minuto, o que provavelmente significava que eu teria pelo menos dez, o que foi bom porque me deu a chance de me secar e trocar de roupa.

Em parte desejei estar no necrotério procurando por evidências, mas meu trabalho não era

analisar cenas de crime individuais, e sim ajudar a direcionar corretamente a investigação.

– E isso estava se mostrando mais difícil do que imaginei.

– No meu quarto, reparei que uma das caixas da mudança estava aberta mas nada mais havia sido embalado, o que me irritou um pouco, visto que Tessa teve toda a manhã e sabia que iríamos para Washington na quarta-feira.

– Resolva isso depois.

– Troquei de roupa e, quando estava vestindo o coldre de minha SIG, pensei em Grant Sikora e na arma que ele havia apontado para minha cabeça havia menos de 24 horas. Ele tinha de algum jeito carregado a arma antes de ela ter sido levada para o tribunal...

– Ou arrumou alguém para carregá-la para ele.

– Liguei para Ralph.

– E aí? – ele disse.

– Você ainda está em Chicago?

– Sim. Ajudando o escritório local a lidar com o tiroteio, arrumar medidas de segurança melhores para a semana que vem... – a voz dele parecia abafada, suas palavras, atrapalhadas. Parecia que ele estava com alguma coisa na boca.

– Que barulho é esse? Você não está comendo mais daquelas passas com iogurte, né?

– Um momento de silêncio. Um fraco som dele engolindo.

– Não.

– Escute, Ralph, sobre o tiroteio; foi por isso que liguei. Você está pensando na sala de evidências, certo?

– Sim – ele disse. – A arma estava vedada em um saco para evidências quando foi trazida para a sala do tribunal. Tudo que alguém precisaria fazer era entrar na sala de evidências, carregar a arma e esperar que ela fosse levada para a sala do tribunal. Afinal, por que alguém verificaria se uma arma que está armazenada em um saco para evidências de um caso de 17 anos atrás estava carregada?

– Exatamente. Converse com o oficial Fohay. Ele estava trabalhando no posto de segurança do tribunal ontem.

– Você sabe alguma coisa sobre ele?

– Não. Mas ele tinha uma opinião muito forte sobre a culpa de Basque e mencionou que trabalha na sala de evidências. Ele teria acesso à arma.

– Se tiver qualquer tipo de ligação pessoal entre Sikora e ele...

– Saquei. Mais alguma coisa?

– Estou preocupado com Calvin.

– O quê? Werjonic?

– Sim.

– Levei alguns minutos para resumir a conversa da noite anterior com Calvin. Quando terminei, Ralph perguntou o que eu queria que ele fizesse.

– O escritório dele é aí em Chicago. Estava pensando se você podia ficar de olho nele. Estou preocupado que ele possa tentar fazer alguma coisa com Basque no fim de semana.

– Fazer alguma coisa? Você tá brincando?

– Não, não estou.

– Uma pausa.

– Basque está seguro. Depois do atentado contra ele, não estão deixando ninguém chegar perto.

– Lembre-se de quem estou falando aqui. Calvin é um dos cientistas criminais mais inteligentes que já existiu. Se ele quiser entrar lá...

- Sim, tudo bem - ele murmurou. - Vou garantir que ele não faça uma visita para o sr. Basque. Não se preocupe.

- Obrigado. - Finalizamos a ligação e, quando saí do quarto, encontrei Tessa me esperando no corredor.

- Pronta? - eu disse.

- Sim - ela respondeu. - Vamos para o Fruition.



Tessa sentou-se ao lado de Patrick em uma mesa no fundo do restaurante.

Ela havia pedido uma salada de alface Califórnia e Patrick havia pedido um hambúrguer de falafel, provavelmente porque era o que mais se parecia com carne no cardápio.

Ela comeu a salada dela por alguns minutos enquanto ele enchia seu hambúrguer de falafel com ketchup. Entre as mordidas, ele contou que havia conseguido chegar a tempo de salvar a vida de uma mulher mais cedo.

– Sério? O que aconteceu? Espere. Deixe-me adivinhar: você não pode me contar.

– Não, não todos os detalhes. Mas eu posso te dizer que foi muito bom ter chegado a tempo, pra variar.

Ela observou-o comendo por alguns minutos e percebeu que estava orgulhosa dele, do que ele fez por uma vida, por ele ter feito diferença.

– Bom, isso é legal – ela disse. Era um pouco bobo, mas parecia que dava para dizer que ela estava sendo sincera. Finalmente, quando a hora parecia certa, ela perguntou a ele sobre a caixa.

– Ei, hum, enquanto eu estava empacotando coisas, eu estava pensando se ainda existem, tipo, algumas das coisas da mamãe – ela bebeu um pouco do refrigerante. – Sabe, alguma coisa que você ainda não tenha me dado.

Patrick estava comendo seu hambúrguer de falafel rápido demais para estar realmente apreciando.

– Não.

– Tem certeza?

Ele engoliu, passou um guardanapo no queixo.

– Absoluta.

– Hum, bom, isso é estranho, porque eu achei a caixa de sapato.

– A caixa de sapato?

– Sim.

– Que caixa de sapato?

– Uma com as coisas da minha mãe, e eu quero saber por que você nunca a deu para mim.



Parei de comer.

– Então? – ela disse.

– Eu esqueci que tinha aquilo.

– Como você pode ter esquecido? São as coisas especiais dela! – todo o clima da refeição havia mudado quase que instantaneamente e eu precisava de alguns segundos para colocar as ideias no lugar.

Tentei explicar que quando nós mudamos para Denver eu havia acabado de enfiar a caixa no armário e empilhei alguns equipamentos de acampamento na frente dela; tentei ajudá-la a entender que tinha sido uma época difícil para mim e eu não havia mais pensado naquilo, mas ela não parecia ter engolido.

Quando terminei, ela mostrou uma chave.

– Encontrei isso também. O que isso abre?

Eu podia estar errado, mas tinha quase certeza de que sabia que chave era aquela.

Tomei um gole da minha Coca-Cola e usei o tempo para ordenar meus pensamentos.

– Então? – Tessa exigiu. – Estou esperando.

*Você não precisa contar a ela sobre isso. Você poderia dizer que foi perdidido, ou danificado, ou destruído. Você não precisa deixá-la ler.*

Repousei minha bebida.

– Eu não tenho certeza, mas acho que é provavelmente a chave do diário da sua mãe – em vez de elaborar, esperei que ela respondesse. Terminei meu hambúrguer de falafel. Tinha gosto de areia torrada. Nem o ketchup ajudou.

– Diário?

Acenei com a cabeça.

– Ela me deu antes de morrer, mas ela me disse...

– A mamãe tinha um diário?

– Sim, antes de eu conhecê-la. Acho que quando ela estava na faculdade. E ela disse que eu não deveria dá-lo a você até...

– Bom, onde ele está? Eu quero lê-lo.

– Tessa, pare de me interromper. Sua mãe me disse para não dá-lo a você até que fizesse 18 anos.

Um silêncio curto e incômodo.

– Por quê?

– Eu não sei. O ponto é, se eu o desse a você agora, eu estaria quebrando a promessa que eu...

O toque do meu telefone interrompeu-me no meio da frase. Olhei para a tela. Kurt.

– Só um segundo – eu disse a ela.

Ela colocou a chave à sua frente e batucou com os dedos na mesa enquanto eu atendia meu telefone.

– O que foi?

– Acho que temos uma coisa. Alguém mandou flores para uma repórter do *Denver News*. Ele deixou um bilhete: “Devemos nós tratar das lágrimas alheias?”.

Alguma coisa não fazia sentido para mim.

– E?

– O marido da repórter é um dos técnicos da perícia, Reggie Greer. Você o conheceu hoje de manhã.

Esfreguei minha testa.

– A esposa dele é repórter?

– Não se preocupe. Ele não compartilha nada dos casos dele com ela. Mas é o seguinte: ela ligou para ele perguntando se ele mandou as flores. Ela mandou uma foto das flores e do bilhete, e ele percebeu imediatamente que a letra era a mesma do bilhete que o assassino deixou para você na garagem de Taylor.

Agora ele tinha minha atenção.

– Continue.

– Reggie ainda está terminando o serviço na casa de Taylor. Dois policiais estão dando uma carona para Cheyenne, então ela está a caminho do escritório do jornal agora. Você pode ir para lá? Eu não quero mais ninguém encostando naquelas flores até termos a chance de dar uma olhada nelas. Algo aconteceu com Cheryl, estou em casa agora, mas vou para o centro da cidade assim que puder.

O prédio do *Denver News* ficava a menos de três quilômetros dali.

– Chego lá em cinco minutos.

– Certo. O nome da repórter é Amy Lynn Greer.

Terminamos a ligação e, antes que eu pudesse dizer uma palavra para Tessa, ela soltou:

– Você tem de me dar o diário.

– Não force as coisas agora, Tessa. E não me dê ordens – levantei-me para ir embora.

– Eu tenho idade suficiente para lê-lo. Vou fazer 18 anos no outono.

– Vamos conversar sobre o diário depois. Eu preciso de um tempo para pensar nisso. Sua mãe insistiu muito...

– Nele diz quem é o meu pai?

A pergunta me pegou de surpresa.

– Eu nunca li o diário. Eu quis respeitar a vontade da sua mãe...

– Nele diz quem é meu pai? – a voz dela havia se tornado algo sólido e frio.

– Tessa, não me interrompa – eu entendia que ela estava chateada, mas eu não estava com cabeça para ser interrompido toda hora que começava uma frase. – Eu prometi a ela que esperaria até você fazer 18 anos e agora você não está me dando nenhuma razão para quebrar essa promessa.

Ela abriu a boca como se fosse responder mas deve ter pensado melhor, pois a fechou novamente sem emitir nenhum som. Seu olhar de raiva estava misturado com algo mais profundo, um senso profundo de tristeza ou desapontamento, e eu me senti mal por ela estar sofrendo.

– Vamos conversar sobre isso depois. Agora, eu preciso ir – eu ainda estava parado ao lado da mesa; ela não havia se movido. – Vamos.

Finalmente, ela se levantou.

– É um caso? Você vai me levar com você até uma cena de crime?

– É apenas algo em que preciso dar uma olhada. Talvez você possa ligar para Dora te pegar quando chegarmos lá.



Durante todo o caminho para o prédio do *Denver News*, Tessa ficou olhando pela janela, mas ela não estava realmente vendo nada. No geral, ela estava apenas pensando.

Sua mãe mantinha um diário.

Um diário.

*E ela queria que você o lesse, mas não até fazer 18 anos.*

Mas por que não?

E por que Patrick estava fazendo um grande estardalhaço com isso?

Não era justo fazê-la esperar, especialmente agora que ela sabia sobre ele. Que mal faria ela lê-lo alguns meses mais cedo?

Ela olhou para o relógio.

Dora havia concordado em pegá-la às 13h. Ainda faltavam 20 minutos.

Se Dora a levasse de volta para casa, elas poderiam talvez procurar o diário, mas para isso seria necessário desembalar tudo. E, além disso, Patrick deve tê-lo guardado em seu escritório, só para garantir que ela não o encontrasse acidentalmente.

É isso que ela faria se tivesse uma filha adolescente em casa.

*Você precisa ler as coisas da caixa de memória antes de se preocupar com o diário...*

– Tessa.

– Ahn? – Eles haviam chegado ao prédio do jornal, mas ela estava tão distraída pensando na mãe, no diário e na caixa de memória que nem tinha percebido.

– Eu ligo no seu celular quando terminar – sua voz estava tensa e ele certamente estava com pressa, e tudo isso aguçou a curiosidade de Tessa sobre por que eles haviam saído do restaurante tão abruptamente e corrido para lá.

– Ok.

Ele colocou uma placa “Carro federal. Em serviço oficial” sobre o pai nel e então saiu do carro e correu pela calçada.

Ela não era burra. Ela sabia que ele estava em uma força-tarefa com os policiais e ela havia visto as notícias sobre a série de assassinatos nos últimos dias. Não precisava ser um gênio para descobrir em que caso ele estava trabalhando.

Ela olhou para seu relógio. Dora não chegaria nos próximos 15 minutos.

Hum.

Deve ser tempo suficiente.





Atravessei o saguão do *Denver News*, já abrindo minha identificação enquanto passava pela mulher de cabelos encaracolados fazendo as unhas atrás da mesa da recepção, perto dos elevadores.

– O escritório de Amy Lynn Greer – eu disse. – Qual andar?

– Quarto – ela deslizou uma prancheta e um crachá de visitante por cima do balcão para mim.  
– Você precisa assinar.

Escrevi meu nome, peguei o crachá de cima do balcão e fui para o elevador.

Alguns minutos depois, Cheyenne me encontrou ao lado do elevador no quarto andar.

– Bom te ver – ela disse.

– Você também. – Ela me conduziu pelo corredor até depois de um santuário de placas e prêmios de jornalismo que o jornal aparentemente havia ganhado. – Alguma novidade sobre a situação de Kelsey? – perguntei.

– Ela está se recuperando. A temperatura do corpo dela havia subido sete graus quando saí de lá. Estava quase normal. Acho que vai dar tudo certo. Porém, ela não está falando. Ainda está muito traumatizada. Mas perguntei a ela se o homem que a atacou era oriental, negro, caucasiano; então ela me parou nessa palavra e acenou com a cabeça. Então até agora é o que temos.

– Nós sabemos por que ela foi até o necrotério na noite passada?

– Não, mas as câmeras de vigilância do hospital mostram que ela chegou às 20h19; nada sobre o cara que a atacou, porém. Ele conseguiu evitar ser pego nas filmagens.

Considere as implicações.

Passamos pela sala de recreação dos funcionários e Cheyenne disse:

– Esqueci de mencionar: o agente Vanderveld está vindo para cá. Deve chegar em 15 minutos.

– Maravilha.

Então, com seu jeito brusco mas amável, ela perguntou:

– Qual é o problema entre vocês dois, afinal?

Eu estava prestes a fugir da pergunta quando percebi que teria de explicar as coisas uma hora, então eu já poderia me livrar logo daquilo.

– Há seis anos eu estava criando um perfil geográfico de um caso em Albuquerque. Garotos adolescentes estavam desaparecendo; três corpos haviam sido encontrados e três outros garotos estavam desaparecidos.

– Acho que me lembro de ouvir falar disso. Eles estavam sendo sequestrados de suas casas depois da escola.

– Sim. Enquanto seus pais ainda estavam no trabalho. O departamento do xerife estava, vamos dizer, pouco entusiasmado com minhas técnicas.

– Quem diria.

– Pois é.

O corredor abriu-se para um grande espaço de trabalho e Cheyenne me guiou através de um labirinto de cubículos. Como era sábado, eu não esperava que a sala estivesse cheia, então fiquei surpreso em ver cerca de duas dúzias de funcionários digitando, navegando na internet e mexendo em seus celulares.

– De qualquer forma, o *Bureau* decidiu enviar um criador de perfis comportamentais, e escolheram Jake; decidiram me realocar para uma série de tiroteios em Nova York.

– Você foi tirado do caso?

– Sim.

– E então, o que aconteceu? Vanderveld estragou as coisas?

– Após dois dias no local, ele estava convencido de que deveríamos procurar por um homem de 24 a 27 anos, caucasiano, solteiro, que nunca tinha se casado e homossexual, com um histórico de trabalho com crianças e que podia ganhar a confiança delas com facilidade. Um professor de escola, talvez um professor de educação física, alguém desse tipo.

– Deixe-me adivinhar – ela parou de andar por um momento. – Foram feitos de tolos.

– Nas três semanas seguintes, mais dois garotos desapareceram antes que uma testemunha visse um garoto de 13 anos entrar em um carro com o comissário de 48 anos, divorciado e hispânico.

– Então as únicas coisas que Vanderveld havia acertado em seu perfil foram o sexo e a orientação sexual do assassino?

– Sim.

– O que era bastante evidente, considerando a escolha das vítimas.

– Exatamente.

Começamos a andar novamente.

– O comissário morava perto do centro da zona de perigo. Se a polícia tivesse me ouvido, aqueles dois garotos ainda poderiam estar vivos.

Tentei disfarçar a raiva que ainda carregava comigo.

– Mas, então, vem a melhor parte: Vanderveld deu uma entrevista coletiva e explicou como o caso se resolveu tão rápido depois da chegada dele. Ele se deleitou com a atenção da mídia o máximo que pôde. Ele sequer deu crédito para a polícia local. Ele adora atenção e, quando consegue, não larga mais.

– Mas não é só isso, é?

– Não.

– O que mais?

– Vamos dizer que eu não confio nele e ficamos por isso mesmo.

Logo depois do bebedouro, chegamos a uma fila de policiais ao longo da parede lateral. Duas das portas estavam abertas e pude ver que cada escritório tinha uma vista panorâmica da cidade. Imaginei que eram os escritórios executivos ou, pelo menos, as salas dos jornalistas mais importantes.

– Obrigada por me contar – Cheyenne disse, então bateu em uma porta que tinha uma pequena placa de metal: Benjamin Rhodes, Vice--Presidente-Assistente, Editorial.

– Entre – um homem respondeu.

Duas pessoas estavam nos esperando dentro do escritório. O homem, que assumi ser Rhodes, parecia ter quase 40 anos. Cabeça raspada. Cavanhaque levemente grisalho. Camisa de gola alta preta, jeans azuis, sapatos pretos.

Ergui minha mão.

– Agente especial Bowers. Sou do FBI. Estamos trabalhando juntamente com o Departamento de Polícia de Denver nesse caso.

– Benjamin Rhodes – nos cumprimentamos e ele gesticulou na direção da mulher, que não parecia feliz em me ver. – E essa é Amy Lynn Greer. Uma das nossas melhores repórteres investigativas.

Próxima dos 30 anos, com cara de quem dormiu pouco, bonita. Ela tinha os cabelos castanhos encaracolados de um jeito diferente e usava um colar de cânhamo, blusa azul, sapatos elegantes. Eu reconheci o rosto dela da foto que acompanhava uma coluna política semanal que agora eu percebia ser dela.

– É um prazer conhecê-la, sra. Greer – eu disse. – Conheci seu marido hoje de manhã.

– Pode me chamar de Amy Lynn – seus modos eram bruscos. – Vi sua foto. Algo a ver com o tireoide em Chicago ontem?

– Sim. Foi trágico – não era algo sobre o qual eu gostaria de ser lembrado. Meus olhos dirigiram-se para sua mesa. – Essas são as flores?

Amy Lynn e Benjamin acenaram com a cabeça.

Cheyenne ficou quieta ao nosso lado. Concluí que ela já tivesse passado pelas apresentações e tido um tempo para inspecionar as flores.

A planta tinha finas torres de flores brancas arroxeadas e folhas grossas. Me inclinei para perto e senti um forte odor mentolado misturado com o cheiro da terra do vaso.

– Nós sabemos que tipo de flores são essas?

Benjamin trocou olhares com Amy Lynn.

– Não temos certeza. Nós íamos chamar alguém, ver se alguém no prédio era jardineiro, mas quando Amy Lynn contou para Reggie sobre o bilhete...

– Ele me pediu para manter segredo – ela disse.

– Bom – falei.

Mais cedo naquele mesmo dia, no caminho para a casa de Taylor,

Cheyenne havia mencionado que tanto Heather Fain quanto Ahmed Mohammed Shokr haviam morrido de envenenamento por cloreto de potássio. Eu não sabia que tipo de flores eram aquelas ou com o que elas poderiam estar cobertas, mas não queria correr riscos.

– Alguém de vocês dois tocou a planta?

– Eu toquei, um pouco – Amy Lynn respondeu. – Por quê? Eu não queria assustá-la.

– Provavelmente é melhor você lavar as mãos.

Ela olhou para mim nervosa, então saiu da sala e perguntei para Benjamin:

– Quantas pessoas manusearam o vaso?

– Bom – ele parecia um pouco nervoso também. – Amy Lynn, é claro. Brett, uma de nossas secretárias. O entregador de flores que as deixou aqui. Fui eu que as trouxe para cá.

– Cheyenne – eu disse. – Você poderia levar o sr. Rhodes e conversar com Brett, ver se ela pode nos descrever o homem que entregou as flores? Descubra se ele disse ou fez algo incomum.

Ela abriu sua caderneta e acenou na direção da porta.

– Sr. Rhodes?

– Claro.

– E as mãos – eu disse. – Faça com que todos lavem suas...

– Entendi – Cheyenne disse.

Eles saíram para o corredor; peguei um par de luvas de látex que carre gava comigo e cuidadosamente investiguei as pétalas, analisando os caules para ver se havia algo diferente sobre as flores. Como não encontrei nada, cutuquei suavemente a terra, procurando por um dispositivo de gravação preto como aquele que havia encontrado na boca de Heather Fain.

Nada.

Ouvi Amy Lynn retornar.

– Onde está o bilhete? – perguntei.

Ela apontou para o canto da mesa.

– Está ali. Está assinado como John.

Pegando o bilhete, li o que estava escrito; então o virei e analisei o papel-cartão. Não parecia ter nenhuma marca especial ou única. Seria difícil de rastrear.

– Joguei a frase no Google – Amy Lynn disse. – “Devemos nós tratar das lágrimas alheias?”. Não encontrei nada.

– Tudo bem – coloquei o bilhete de lado. – Algum amigo chamado John? Algum John em algum história em que você esteja trabalhando?

– Eu procurei por isso também – ela soava impaciente. – O único que pude pensar foi John Beyer, o arremessador do Colorado Rockies. Estou fazendo um artigo sobre uso de esteroides, mas não consigo imaginar como isso poderia estar relacionado com as flores.

Parecia algo muito vago para mim, mas poderíamos mandar um policial ir falar com ele.

Cuidadosamente, levantei o vaso para investigar a parte de baixo; não encontrei nada incomum. Então tateei em volta da borda do vaso. Eu estava dando a volta pela circunferência com meu dedo quando ouvi a porta abrir atrás de mim. Concluí que fossem Cheyenne e Benjamin voltando.

Me peguei verbalizando meus pensamentos:

– Quem é você, John? Por que mandar essas flores?

E alguém disse:

– Isso é manjericão.

Mas não era a voz de Cheyenne, nem de Benjamin.

Era a voz de Tessa.

Virei-me.

– O que você está fazendo aqui em cima?

Os olhos dela estavam cravados nas flores.

– Eles estavam tentando guinchar o carro.

– O quê? Sério? Não, não estavam.

– Ok, você me pegou, eles não estavam. Mas você disse “John”? Há um segundo? – ela entrou no escritório.

– Você não deveria estar aqui – coloquei o vaso de volta. – Você precisa descer.

– Você disse que é manjericão? – Amy Lynn perguntou.

Dei a volta na mesa na direção de Tessa. Ela estava olhando para mim, seus olhos se arregalando.

– Sério, você disse John, certo? “Quem é você, John?”

– Sim.

– Desculpa – Amy Lynn disse. – Mas você é...?

– Essa é minha enteada, Tessa – eu disse. Como essa evidência estava aparentemente ligada aos assassinatos, eu queria tirar Tessa dali o mais rápido possível. – Vamos – eu disse a ela. – Estamos indo embora.

– É um vaso de manjericão, e o bilhete é de John... – Tessa disse suavemente. O sangue havia sumido do seu rosto.

Olhei para ela intrigado.

– Você sabe algo sobre isso?

– Eu preciso ir.

– O que foi? – perguntei.

– É um vaso de manjericão – ela repetiu, recuando para a porta.

– Um vaso de manjericão – eu disse. – Sim. Ok E daí?

Ela começou a balançar a cabeça lentamente.

– Você não entende. Eu preciso ir. Vou passar mal.

Cheyenne e Benjamin apareceram atrás dela, mas ela os empurrou e correu na direção da redação do jornal.

– Era a Tessa? – Cheyenne perguntou.

– Sim – eu estava a caminho da porta.

– Ela está bem?

– Não tenho certeza – passei por ela. – Eu já volto. Não deixe mais ninguém entrar nessa sala.



Alcancei Tessa nos elevadores. Ela estava apertando o botão para descer freneticamente, com a mão trêmula.

– Não – ela murmurou. – Não, não está. Não pode estar.

– Tessa, você sabe quem mandou aquelas flores?

Ela balançou a cabeça negativamente.

– Uh-uh.

– Então o que há de errado?

– Keats.

Reparei em uma lata de lixo ao lado dela. Arranquei as luvas de látex que ainda estava usando e as enfiei lá dentro.

– Keats?

As portas abriram e ela correu para dentro do elevador. Eu a acompanhei.

Ela apertou o térreo quatro vezes e começou a murmurar:

– Sim... eu acho que Keats, ou talvez Alexander.

– Tessa...

– Mas não importa – as portas se fecharam e ela ficou olhando-as, ansiosa, aterrorizada. – Dá no mesmo.

Sua reação intensa estava começando a me preocupar de verdade.

– Acalme-se por um minuto e apenas diga o que você está pensando.

Ela estava batucando com os dedos uns nos outros rapidamente.

– Você não acha que é... mas então, por que alguém...?

Coloquei as mãos gentilmente nos ombros dela, e quando o fiz, ela me olhou nos olhos.

– Por favor – eu disse –, diga o que está acontecendo.

Finalmente, ela respirou profundamente, ainda tremendo, e disse:

– Havia um artista, certo? John White Alexander. Ele pintou um quadro em, tipo, 1896 ou

1897, é um quadro famoso chamado *Isabella e o Vaso de Manjeriço*. John White Alexander, entendeu? Por isso que John se refere a ele.

– Ok, então...

– Mas ele baseou sua pintura em um poema de Keats, John Keats. Então tanto faz, é John. Você conhece Keats, o poeta?

– Sim.

– O poema é sobre uma mulher. O amante dela é morto e...

Pensei em Kelsey, em seu marido, em tudo que havia acontecido nos últimos dois dias.

– Ela o desenterra e...

O necrotério.

Os corpos.

Oh.

Senti um calafrio. De repente, entendi o que Tessa estava dizendo, percebi por que ela reagiu tão excessivamente.

– É o suficiente. Eu posso procurar...

– A mulher, ela... – chegamos ao térreo e o elevador apitou.

– Eu entendo. Você não precisa dizer mais nada.

Mas Tessa não estava me ouvindo. Ela estava olhando para o vazio.

– Eles o tiram dela. O vaso, e daí...

– Está bem. Shhhh...

As portas do elevador abriram, mas Tessa não saiu; ela olhou para mim e mordeu o lábio inferior.

– Não me conte, tá? Quando você procurar. Não me conte. Eu não quero saber se estou certa.

– Tudo bem, prometo.

Tessa acenou com a cabeça e olhou para além de mim.

– Dora chegou.

Eu sabia que Tessa estava terrivelmente incomodada e eu queria estar ao lado dela, mas também precisava voltar lá para cima, especialmente se ela estivesse certa sobre o vaso.

– Você quer que eu vá para casa com você?

– Não. Eu estou bem.

Encontramos Pandora Bender no saguão, perto da porta da frente, e ela me garantiu que ficaria com Tessa.

– Ela vai ficar bem comigo, sr. Bowers. Não se preocupe.

– Obrigado, Dora – eu disse, então me virei para Tessa. – Tem certeza de que não precisa de mim?

Ela acenou com a cabeça.

– Sim. Estou bem.

Toquei o braço dela suavemente.

– Ligue-me, tudo bem? É só você falar que eu vou para casa.

– Eu sei – Dora andou na direção da porta e Tessa cochichou para mim: – Não me conte.

– Não contarei.

Elas saíram e eu as observei pelas janelas escuras até que desaparecessem virando a esquina do prédio. Então, retornei para o quarto andar.

Para procurar dentro do vaso.



Apenas Cheyenne e Amy Lynn estavam no escritório quando cheguei. Cheyenne explicou que Rhodes tinha ido se encontrar com dois membros da diretoria, e eu não tinha certeza se fiquei feliz por saber disso. Suspeitei que estavam discutindo como lidar com a divulgação de informações relativas às flores, mas eu não estava com tempo para tratar de nada disso agora.

Apenas um olhar para o vaso entregou que ele era do tamanho certo. Eu sabia que precisávamos levá-lo para o laboratório, mas primeiro eu queria descobrir se o palpite de Tessa estava certo, e às vezes eu não sou tão paciente como deveria ser.

– Amy Lynn, você pode nos dar alguns minutos?

Ela hesitou.

– Por favor, vá lavar suas mãos minuciosamente.

– Mas eu já lavei.

– Acredite em mim – eu não tinha outro par de luvas, mas com a parte de trás da minha mão, empurrei o vaso para o meio da mesa de Rhodes, para além de seu MacBook e seu protetor de tela de aquário. – Esta planta deve ter substâncias que você não ia querer ingerir acidentalmente.

Após um último olhar descontente, ela saiu, e Cheyenne disse:

– O que está acontecendo? Tessa está bem?

Cuidadosamente, empurrei as flores para o lado e observei que a terra em volta da base da planta estava solta.

– Você pode trancar a porta?

– Pat, o que...

– Por favor.

Peguei minha TSAVO-Wraith e abri a lâmina.

– Ela está bem – eu disse. – Obrigado por perguntar – deslizei a ponta da faca suavemente para dentro da terra.

Cheyenne trancou a porta e então voltou para o meu lado.



– O que você está fazendo?

Empurrei para o lado um pequeno triângulo de terra úmida. Com base no tamanho do vaso, eu não achava que ia precisar cavar muito fundo.

– Tem uma pintura.

Tirei mais terra do lugar. Deslizei a lâmina da faca cerca de cinco centímetros para dentro da terra.

– E um poema de Keats... mas o ponto é...

Enquanto pressionava, senti a ponta da lâmina tocar algo que não era terra.

– ...tem uma mulher que desenterra...

Fechando a lâmina da faca, coloquei-a de volta no meu bolso e então enfiei meus dedos para gentilmente tirar a terra do caminho.

– ...o corpo de seu amante.

Sob meu dedo, senti algo macio, frio e carnudo.

Cheyenne estava olhando para o lugar no vaso onde eu estava cavando.

– Pat, você não está dizendo que...

Empurrei mais terra para o lado e o cheiro de manjerição não era o odor mais forte na sala.

O conteúdo do vaso estava suficientemente visível.

Tessa estava certa.

– Oh... – a voz de Cheyenne se perdeu.

– Sim – eu disse. – É Travis Nash.



43 minutos depois

O vaso e a terra estavam na ponta da mesa de aço para exame.

A cabeça de Travis Nash estava colocada à nossa frente.

Depois de entregar o vaso na central, Cheyenne havia me levado em casa para que eu pudesse pegar meu carro e ver como estava Tessa, mas ela e Dora ainda não haviam chegado. Então, voltamos para a central da polícia em nossos respectivos carros, estacionamos na garagem do subsolo e corremos para nos juntar à equipe no laboratório.

Agora, dois especialistas forenses estavam analisando a cabeça, cuidadosamente usando escovas de dente para tirar a terra dos olhos abertos.

Jake estava falando baixo com um terceiro funcionário do laboratório no canto da sala. A porta se abriu e Kurt entrou.

– O Reggie já chegou? – ele perguntou.

Balancei minha cabeça.

– Não.

– A perícia encontrou algo no necrotério? – Cheyenne perguntou.

Kurt andou em nossa direção. Ele olhou sombriamente para a mesa de exame.

– Ele usou a pia, sabemos disso. Não deixou nenhuma impressão digital nas maçanetas e conseguiu entrar e sair do prédio sem aparecer em nenhuma câmera de segurança do hospital. Eu coloquei um policial para comparar a lista de suspeitos com o quadro dos funcionários do hospital para ver se conseguimos alguma coisa.

– Ótimo – respondi, porém, não estava certo se a lista de suspeitos ajudaria muito.

Quando investigações assim progredem e as pessoas acrescentam pistas, nomes são

adicionados à lista de prováveis suspeitos gerada pelos aspectos das evidências de cada cena do crime. A lista normalmente cresce exponencialmente com o tempo. Quando li os arquivos do caso no caminho para a casa de Taylor de manhã, já havia 180 nomes na lista. Eu já tinha trabalhado em casos com dezenas, até centenas de milhares de nomes na lista e eu tinha um pressentimento de que o número de suspeitos desse caso ia crescer bastante antes de começar a reduzir. Às vezes as listas são vantajosas, mas muitas vezes o nome do assassino nunca aparece ou, se aparece, está tão enterrado na pilha que ninguém repara.

Reggie chegou e Kurt começou a conversar com ele no canto mais distante da sala.

Enquanto via os técnicos forenses trabalharem, comecei a me sentir inútil ali, de pé, ansioso para dar continuidade nesse caso. E agora, pelo menos, havia algumas pistas específicas para pesquisar.

Aquela mensagem: devemos nós tratar das lágrimas alheias?

O vaso de manjerição.

A ligação entre Keats e Alexander.

Ouvi o papo entre Kurt e Reggie ficando mais alto, mas eu só conse guia ouvir fragmentos da conversa. Era algo sobre a esposa de Reggie, Amy Lynn.

Então Reggie aumentou a voz.

– Eu sei, mas eu posso ficar com ela.

– Isso não é suficiente – o tom de Kurt era vigoroso e forte. – Faremos o que for necessário para protegê-la.

– Estou ciente disso. Mas Amy Lynn...

Antes que ele pudesse terminar, Kurt levou-o até o corredor para continuar a conversa longe de todo mundo. Obviamente os dois não estavam concordando em como proteger melhor a esposa de Reggie agora que o assassino havia mandado para ela o manjerição, marcando-a como uma potencial vítima.

Precisávamos dar continuidade no caso antes que o assassino tivesse chance de tornar isso realidade.

– Tudo bem – eu disse para Jake e Cheyenne. – É minha hora de ir.

– Pra fazer o quê? – Jake perguntou.

– Acho que deveríamos começar com o poema de Keats e as pinturas de John Alexander. As vítimas até agora foram colocadas em pose, suas mortes foram tão incomuns que estou imaginando se talvez o assassino não esteja reencenando outros poemas violentos ou retratando outras pinturas.

– Hum – Jake disse. – Para criar um tipo de galeria de retratos dos mortos.

– Talvez.

Cheyenne olhou pela sala.

– Bom, no momento não tem mais nada para fazermos aqui. Podemos usar a sala de conferência no sexto andar. Os computadores lá não têm nem uma década ainda.

– Eu também vou – Jake disse. – Deem-me só um minuto – ele estava olhando para a cabeça.

– Então eu subo.

Cheyenne e eu saímos e encontramos Kurt logo do lado de fora da porta, sozinho. Reggie já estava no meio do corredor. Observei-o por um momento, e deixei meu olhar ser a pergunta para Kurt.

– Ele quer que Amy Lynn continue trabalhando – ele disse. – Nós designamos um policial para acompanhá-la, mas eu acho que deveríamos colocá-la sob proteção. O bilhete, o vaso, eles a ligam ao caso. Não gosto disso – ele parou. – Quero que ela fique segura.

– Você precisa perguntar para Amy Lynn – Cheyenne disse. – Não para o marido dela. Não

é uma escolha sua ou de Reggie. É dela.

Ela estava certa, é claro, mas pelo meu breve encontro com Amy Lynn, eu não tinha a sensação de que ela fosse do tipo cauteloso. Eu não conseguia vê-la preferindo a custódia de proteção.

Kurt deu um suspiro.

– Você tem razão.

Cheyenne disse a Kurt aonde estávamos indo, e ele disse que se junta ria a nós assim que tivesse falado com Amy Lynn.

Então, assim que saímos, olhei de volta para o laboratório forense e vi Jake Vanderveld se inclinando, olhando intensamente nos olhos sem vida de Travis Nash. Parecia que ele estava cochichando para ele mesmo.

Mas talvez ele estivesse cochichando para os ouvidos do morto.

E eu não podia deixar de pensar no que ele poderia estar dizendo.



Amy Lynn Greer não gostava do fato de ninguém dizer a ela por que a polícia e o FBI estavam com tanta pressa para remover as flores depois que a garota adolescente disse a eles que era um vaso de manjerição, ou por que eles haviam colocado um policial bem na frente da porta dela, e contou isso a Benjamin Rhodes.

– Você não pode se envolver com isso – ele disse. – Não com a posição de seu marido.

– Eu já estou envolvida. As flores foram enviadas para mim. – Rhodes parecia que estava prestes a responder, mas antes que pudesse, ela acrescentou: – Olha, eu passei a manhã inteira acompanhando isso. Eu sei mais sobre isso do que qualquer um. E você está me dizendo que estar bem informada me desqualifica para escrever sobre isso? Que tipo de...

– Amy Lynn, sossegue. Vamos ver o que a polícia descobre primeiro

– Rhodes contornou sua mesa e parou ao lado da janela, as mãos juntas em suas costas. – O conselho executivo acha que se caminhararmos rápido demais com isso, podemos sofrer implicações legais. Eles querem que fiquemos quietos até termos algo mais sólido.

– Mas você não vê? – ela disse. – É mais um motivo para investigar isso agora, para que possamos estar preparados para lançar uma história quando a hora chegar.

Se o vaso de manjerição estava relacionado com os assassinatos anteriores da semana, ela já podia enxergar essa história tomando forma como um verdadeiro livro policial. Essa era a chance dela de ter uma grande história, um furo, e ela não iria deixar isso escapar pelos seus dedos só porque o conselho queria jogar seguro.

– Não – Rhodes disse. – Sinto muito.

Amy Lynn estava prestes a deixá-lo saber o que ela pensava sobre ele e o conselho executivo, mas segurou a língua e simplesmente disse:

– Tudo bem.

– Termine o artigo sobre os esteroides e coloque sua coluna semanal na minha mesa. Você tem até 16h, então veremos.

– Sim. Tudo bem. Obrigada – ela saiu da sala, passou pelo policial que a esperava no corredor e foi para sua mesa.

Não, ela não ia passar o resto do dia escrevendo sobre um jogador de beisebol.

Ela ia encontrar John.



Nós dividimos a pesquisa.

Cheyenne ficou com as pinturas de Alexander, eu vasculhei a internet procurando poemas de Keats que pudessem ter alguma semelhança com os assassinatos e Jake procurava por outras referências literárias a vasos de manjerição ou à mensagem sobre tratar das lágrimas alheias.

Mesmo Cheyenne tendo sugerido que usássemos a sala de conferência do sexto andar por causa dos computadores, não demorei a perceber que eles eram dinossauros comparados aos laptops que o *Bureau* fornecia. Preferi usar meu computador e, cinco minutos depois, percebi que Jake havia feito o mesmo.

Cada um de nós sentou em um canto separado da sala e mergulhou em sua pesquisa e, como se por um acordo unânime e não declarado, trabalhamos silenciosamente por cerca de 25 minutos, digitando, navegando e rabiscando anotações até que Jake quebrou o silêncio.

– Bem, vamos ver o que conseguimos.

Levantei os olhos e o vi olhando de mim para Cheyenne.

– Claro, eu vou primeiro – Cheyenne se ofereceu, mas ela soava frustrada. – Procurei por todo o portfólio on-line de Alexander e, tirando duas imagens que vagamente lembram a vista das montanhas próximas da mina onde encontramos o corpo de Heather, não estou encontrando nenhuma pintura que tenha uma conexão com as outras mortes. Nada sólido mesmo.

Inclinei a tela do meu laptop para que eu pudesse ler com mais facilidade.

– Bom, eu não tenho muito também. Apenas uma coisa. Uma parte de um poema de Keats.

Então li em voz alta:

*Oh Melancolia, seus olhos afastaria!*

*Oh Música, Música, respira desesperada!*

*Oh Eco, Eco, em algum outro dia,  
Das Ilhas Leteanas, lamentamos – Oh lamento!  
Espíritos do pesar, não cantem como quem lamuria!  
Pois Isabel, doce Isabel, morrerá;  
Morrerá uma morte solitária e incompleta,  
Agora que o doce manjerição tomaram dela.*

Resumi:

– O tema de desespero está presente em quase todas as linhas: melancolia, desespero, espíritos de pesar, a falta de canto e então uma morte solitária, do mesmo jeito que o assassino quis que Kelsey sentisse no necrotério.

– Mas ela está segura agora – Jake disse.

Pensei por um momento.

– Eu não acho que esse assassino vai desistir tão fácil – virei-me para Cheyenne. – Tem um policial com ela agora, no hospital?

– Sim.

– Mantenha-o com ela até pegarmos esse cara.

– Tudo bem – ela escreveu algo na caderneta. – Falarei com Kurt.

– Mais uma coisa. Keats menciona “Ilhas Leteanas”. Fiz uma pesquisa: o rio Lete era um dos rios no Hades. Se você bebesse dele, esqueceria sua vida na Terra. Você esqueceria tudo.

– Ilhas Leteanas – Jake olhava para a parede pensativamente. – Talvez o UNSUB esteja cometendo esses crimes para esquecer alguma coisa de seu passado, para seguir em frente, podemos dizer.

Ótimo. UNSUB: sigla em inglês para sujeito desconhecido em uma investigação. Talvez seja o acrônimo mais idiota já criado na história do FBI. E olha que a briga não é fácil.

Jake, é claro, adorava o termo.

Ele continuou:

– Talvez ele esteja tentando se livrar de seu próprio desespero, de seu próprio pesar.

Não havia modo de provar ou refutar sua hipótese, e mesmo assim, não havia estratégias específicas de investigação. Afinal, quem nunca lidou com pesar? Quem não quer esquecer as lembranças dolorosas? A maioria das 2,8 milhões de pessoas na região metropolitana de Denver se encaixaria nesse perfil.

Ainda assim, deixei suas palavras passarem sem comentário.

– Eu só consegui olhar cerca de 30 poemas de Keats, mas não encontrei nada útil nos que li – então, mesmo não querendo, admiti o inevitável: – É possível que estejamos em um caminho completamente errado.

Jake olhou para a tela de seu computador.

– Não tenho certeza – ele gesticulou na direção da televisão de tela plana na parede da sala de conferência. – Tem algum jeito de a gente...?

Cheyenne decifrou sua pergunta e levantou-se.

– Vou providenciar – ela ligou a televisão presa à parede e pegou um cabo USB em uma gaveta em um console próximo.

Jake levou um momento para conectar seu computador à porta USB na mesa e assim que a imagem de seu laptop apareceu na tela, Kurt entrou na sala e sentou-se.

– Amy Lynn quis ficar em custódia de proteção – ele disse, então olhou para mim. – Alguns de seus rapazes no escritório local levaram-na para um lugar seguro. E Reggie não está feliz.

– Então ela está a salvo – Cheyenne disse. – Isso é bom. Uma coisa a menos para se preocupar.

Algo não parecia certo, mas eu não queria mexer com isso. Jake abriu um website e ele apareceu na tela na parede.

– Mais uma coisa – Kurt acrescentou. – A informação que você queria da vitimologia, Pat. Tudo que temos até agora foi colocado nos arquivos on-line do caso.

– Ótimo – eu informei a ele sobre o que Cheyenne, Jake e eu estávamos discutindo e então gesticulei para Jake concluir.

– Isso é o que tenho – Jake apontou o cursor para o meio da página.

– Não achei nada relativo à frase sobre as lágrimas, mas encontrei mais sobre o vaso de manjeriço. O poema de Keats era, na verdade, baseado em uma história do século XIV sobre uma mulher chamada Isabel, que exuma o corpo de seu amante, corta a cabeça e a coloca em um vaso, então planta manjeriço em cima. – Jake fez uma pausa, então acrescentou: – A história aparece em um livro que foi condenado pela Igreja. É chamado *Decamerão*.

Inclinei-me para a frente.

– Um livro condenado? – Cheyenne disse.

– Sim. É de um autor italiano chamado Giovanni Boccaccio – ele rolou o artigo para baixo. – E, a propósito, Giovanni é a forma italiana de...

– John – eu disse.

– Sim.

– Inacreditável – Kurt murmurou.

John Alexander.

John Keats.

John Boccaccio.

Todos esses três homens haviam contado a história de uma cabeça exumada em um vaso de manjeriço: o primeiro através de uma pintura, o segundo através da poesia e o terceiro através da prosa.

E agora, aqui em Denver, tínhamos um assassino que se chamava John e havia reencenado a história de um quarto modo: na vida real.

Quando assinou o bilhete como “John” e enviou o vaso de manjeriço para uma repórter, o assassino deveria saber que faríamos a ligação com Keats, Alexander ou Boccaccio. Eu não tinha certeza se eu deveria me sentir impressionado por essa meticulosidade ou insultado por ela.

Tudo um jogo elaborado e doentio.

Jake continuou:

– Aparentemente, o *Decamerão* tornou-se uma fonte de material literário para outros autores, incluindo... – ele olhou em suas anotações.

– Faulkner, Tennyson, Longfellow, Shakespeare, Chaucer, e claro, Keats, só para mencionar alguns. Na verdade, um quarto das histórias em *Os Contos da Cantuária*, assim como sua estrutura literária, é baseado em histórias do *Decamerão*.

Eu mal podia acreditar.

– Chaucer, Longfellow, Shakespeare: todos tiveram histórias baseadas no livro de Boccaccio? Eu nunca havia ouvido falar dele.

Jake balançou a cabeça.

– Nem eu.

– Esperem – Cheyenne disse, de um jeito impaciente. – Você disse que o livro foi condenado pela Igreja?

Jake rolou a página para baixo.

– Em 1370, um monge chamado Pietro Petroni escreveu para Boccaccio alertando que ele seria amaldiçoado eternamente a menos que renunciasse ao livro. Boccaccio mais tarde revisou o livro, mas nunca se retratou. Logo depois disso, o papa, vamos ver...

Ele deslizou o cursor pela tela até encontrar o lugar.

– Sim, papa Paulo IV oficialmente condenou o livro e ele foi proibido de ser distribuído e lido. Mas parece que isso apenas fez com que ficasse mais popular.

– Nenhuma surpresa – Kurt disse. – O melhor jeito de vender um livro é fazer com quem alguém o proíba.

– Ele está no *Index Librorum Prohibitorum* até hoje – Jake concluiu.

– O Índice de Livros Proibidos – Cheyenne disse suavemente. Ela me pegou olhando para ela intrigado. – Escola católica.

– Tá certo – eu disse para Jake. – Então esse livro deve conter algo herético, ou talvez satânico. O que o site diz sobre o conteúdo do livro?

Ele olhou para as anotações que havia feito em um bloco de notas ao lado do teclado.

– O livro é sobre dez pessoas, sete mulheres e três homens que estão tentando escapar da peste negra no século XIV. Na história, a praga havia infectado Florença e os dez viajantes estavam tentando chegar às colinas de Fiésole, onde poderiam ficar em segurança.

Eu estava impressionado com o quanto ele havia conseguido descobrir em apenas 25 minutos.

Depois de recuperar o fôlego, ele continuou.

– Durante a viagem de dez dias, eles combinam que, a cada dia, cada um deles vai contar uma história. E é daí que o título *Decamerão* vem: duas palavras gregas, *deka* e *haemeron*, que querem dizer “dez” e “dias”, respectivamente.

Dez viajantes. Dez histórias. Dez dias.

*Dez velas cercando o corpo de Heather Fain.*

Meu coração acelerou.

Cheyenne batucava impacientemente na mesa.

– Jake, volte para a pergunta de Pat por um minuto. Se a Igreja condenou o livro, que tipo de histórias essas pessoas contaram?

Pelo tom dela, percebi que investigar um livro condenado pela Igreja na qual ela havia crescido estava incomodando-a mais do que só um pouco.

– Bom, um desses índices lista... – Jake olhou para seu computador, e eu vi uma nova página aparecer na tela da parede. – Sim. Aqui. Parece que as histórias são basicamente sobre tópicos do dia a dia: relacionamentos, política, religião, corrupção, tristeza e amor...

– Então, o cotidiano – Kurt disse.

– Basicamente.

Eu ainda não entendia por que a Igreja teria condenado o livro, mas por enquanto, pelo menos, as razões específicas da Igreja para tê-lo banido não importavam tanto quanto a ligação que ele poderia ter com o caso.

– Nós precisamos descobrir o máximo que pudermos sobre as histórias contidas no *Decamerão* – eu disse.

Jake balançou a cabeça.

– Essas histórias não são curtas e existem centenas delas. Nós levaríamos, sei lá, pelo menos alguns dias para percorrer todas...

– Não – eu disse. – Lembre-se das pistas anônimas sobre os corpos:

“O quarto dia termina na quarta-feira”. Podemos pular os outros dias por enquanto e apenas nos focarmos nas histórias contadas no quarto dia. E precisamos correr. O anoitecer está próximo.





Nós quatro baixamos o texto do *Decamerão* da internet, então Jake se ofereceu para investigar as três primeiras histórias que eram contadas no quarto dia, Cheyenne pegou as histórias de quatro a seis, Kurt, sete e oito e eu concordei em analisar as últimas duas.

Kurt sugeriu que nos reuníssemos novamente em uma hora, às 15h30. Percebi que a Biblioteca Pública de Denver, que ficava a apenas alguns quarteirões dali, provavelmente teria comentários que poderiam incluir detalhes adicionais e um pano de fundo para as histórias que estávamos estudando, então, quando nós quatro nos dispersamos para fazer nossas pesquisas, peguei meu laptop e saí pela calçada.



Desde que Tessa e Dora haviam chegado em casa, elas ficaram descansando na cama de Tessa, mexendo nos itens da caixa de memória de sua mãe, e Tessa contava à sua amiga histórias sobre os objetos dos quais ela lembrava.

As garotas estavam prestes a começar a leitura das cartas quando Dora avisou que não havia almoçado e estava *faminta*; precisava comer algo ou provavelmente ela iria desmaiar e morrer.

Que seja.

Mas Tessa percebeu que estava com muita fome também.

Então, para a cozinha.

Dora abriu a geladeira, pegou um refrigerante para ela e um para Tessa.

– Então ele não vai deixar você nem ver o diário?

– Não, ainda não – Tessa colocou um pouco de *nachos* em uma vasilha gigante. Colocou-a no balcão perto de uma vasilha menor com molho. – Preciso arrumar um jeito de convencê-lo a

dar o diário para mim.

Dora fechou a geladeira.

– Como você vai fazer isso?

Tessa encolheu os ombros e pegou a vasilha de *nachos* para levar de volta ao quarto.

– Eu não sei – então ela percebeu que a vasilha era quase tão grande quanto o vaso de manjeriço.

Um calafrio.

Ela soltou a vasilha.

Ok Pense em alguma outra coisa.

Ela pegou então duas vasilhas de cereal, passou os *nachos* para elas e enfiou a vasilha grande de volta no armário. Ela não havia contado a Dora sobre o vaso de flores e o que tinha provavelmente – quase certamente – dentro dele. Ela não queria nem pensar naquilo.

– Vamos – ela disse. – Vamos ler aquelas cartas.

Elas pegaram seus salgadinhos e voltaram para o quarto. Mas Tessa percebeu que não estava nem com metade da fome de alguns minutos atrás.

Encontrei as coleções das obras de Boccaccio no 853s, no terceiro andar da Biblioteca Pública de Denver, espremidas entre outros volumes de prosa italiana.

Dos 16 livros sobre Boccaccio ou sobre o *Decamerão*, 12 eram traduções, dois eram estudos de literatura comparada entre as obras de Boccaccio e Chaucer, e dois focados em outros trabalhos de Boccaccio.

Nenhum dos cinco livros de comentários da biblioteca sobre o *Deca-merão* estava na prateleira.

Verifiquei o catálogo computadorizado e descobri que todos os cinco estavam emprestados, mas quando perguntei à diretora da biblioteca quem os emprestara, ela me disse que não poderia fornecer a informação.

– Sim, você pode – mostrei a ela meu distintivo do FBI. – E vou precisar de uma lista de todos os que os pegaram nos últimos 12 meses.

Ela balançou a cabeça negativamente.

– Isso é uma investigação federal.

– E isso é uma biblioteca pública – a mulher cruzou os braços. Ela tinha um corte de cabelo do qual apenas uma bibliotecária poderia gostar. – Existem leis para proteger o direito das pessoas à privacidade, sabia?

Tecnicamente, ela estava correta, mas o direito à privacidade não é um direito constitucional, é apenas um direito imputado, e pode, portanto, ser sobreposto por coisas como ataques terroristas, segurança nacional ou ameaça iminente.

– As vidas de pessoas estão em perigo – eu disse a ela.

– Os direitos das pessoas também – ela respondeu duramente. – Volte com um mandado e ficaremos felizes em ajudá-lo.

Endureci minha mandíbula. Nos últimos anos, eu havia requisitado mais do que minha cota de mandados de busca, e eu sabia que ainda não tínhamos informações suficientes para conseguir um para registros de biblioteca. Além disso, levaria uma hora só para preencher a papelada.

*Esqueça. Você pode acompanhar isso depois. Vá tratar das histórias.*

Voltei para o 835s e escolhi a tradução com mais notas de rodapé – a tradução do italiano para o inglês de John Payne, de 1947, em vez da tradução de 1942 que havíamos baixado da internet.

Então, comecei a ler a nona e a décima história do livro condenado que havia, ao que tudo indicava, inspirado um homem a matar pelo menos sete pessoas até agora, nesta semana.

Giovanni sentou-se à sua mesa e pensou nas próximas seis horas.

Pensou no homem que estava prestes a sequestrar e na maneira bastante perturbadora como ele iria morrer na história número seis: o conto do galgo e do convento e do lençol de seda que seria coberto com pétalas de rosa delicadas e graciosas da cor da luz do sol avermelhada.

E então.

Giovanni estava com a navalha e as agulhas hipodérmicas.

Ele conferiu a hora: 14h53.

Thomas Bennett sairia do trabalho em menos de duas horas.

E estaria morto em menos de 12.

Foi perfeito.

Quando as autoridades ofereceram a Amy Lynn Greer a chance de ficar isolada em um lugar seguro pelo resto do dia, longe dos olhos curiosos de Benjamin Rhodes, foi uma oferta boa demais para ser desperdiçada.

Ela levou o filho junto, claro, mas isso não era um problema. O esconderijo estava abastecido com muitos filmes infantis e brinquedos.

E ela estava com seu computador.

Isso era tudo de que precisava.

Mais cedo, no escritório de Rhodes, a garota que o agente Bowers identificou como sua enteada havia ficado perturbada quando ligou o vaso de manjerição com o nome John e, logo depois disso, as autoridades levaram o vaso embora, então Amy Lynn havia passado a última hora pesquisando as ligações entre o nome “John” e o tempero “manjerição” enquanto o filho brincava com Lego e assistia TV no quarto ao lado.

E quando ela encontrou um poema de Keats sobre uma cabeça que estava escondida dentro de um vaso de manjerição, ela decidiu que isso tinha de estar relacionado ao fato de o governador Taylor ter sido decapitado na quinta-feira à noite.

Ela mal podia acreditar no quanto essa história era grande. Apesar da morte de Sebastian Taylor receber cobertura ininterrupta da mídia, até onde ela sabia, ninguém mais havia feito a ligação com o vaso de manjerição.

O vaso havia sido enviado para ela.

O assassino havia entrado em contato com ela.

Havia escolhido ela.

Ela poderia escrever a história que ninguém mais podia.

Mas ela precisava de só mais um pouco de informações para isso.

Uma comentarista de notícias havia mencionado que houve duas ligações anônimas relatando o local dos corpos.

Amy Lynn sabia que às vezes arquivos de áudio das ligações para a polícia eram postados na internet, então ela levou alguns minutos para procurá-los, mas não encontrou nada. Isso queria dizer que, se ela quisesse descobrir o que as ligações diziam, ela teria de entrar em contato com sua fonte no departamento de polícia.

Não seu marido. Não. Ela não podia utilizá-lo. O homem no qual ela estava pensando trabalhava no escritório de expedição do Serviço Médico Emergencial.

Era uma amizade sobre a qual ela nunca havia tido tempo de contar ao marido. Não era nada sério, eles haviam saído para beber algumas vezes, se encontraram para tomar café, nada comprometedor, mas tinha valido a pena para ela em três histórias anteriores.

Com o burburinho no departamento de emergência médica, quem sabe o que ele pode ter ouvido?

Ela fechou a porta do quarto do esconderijo para garantir que o agente federal assistindo TV com seu filho na sala de estar não ouviria sua conversa. Então pegou uma caderneta e ligou para

o celular do contato.

Ele atendeu depois de um toque.

– Ari.

– Ari. É a Amy Lynn.

Uma breve pausa.

– Amy Lynn.

O dr. Bryant, seu professor de jornalismo, havia ensinado a ela que sempre começasse a se relacionar como pessoa antes de se relacionar como repórter.

– Caso contrário, sua fonte pode pensar que você está mais interessada na história do que nela – ele havia dito à classe, então tinha feito uma pausa e sorrido. Ela ainda lembrava disso. – É claro, você está mais interessado na história, mas obter a informação que você quer sem deixar que as pessoas percebam que você as está usando é a diferença entre bons jornalistas e ótimos.

– Tudo bem contigo, Ari? – ela perguntou carinhosamente. Considerando a personalidade tímida dele, ela sempre achou irônico que seu nome significasse “Leão” em hebreu.

– Estou bem – ele fez uma pausa. – Como estão você e Jayson?

Ela percebeu que ele não havia perguntado do marido, apenas do filho, mas decidiu não lembrar a ele que era uma mulher casada.

– Acabou de fazer três anos. Ele já está falando agora. Está uma gracinha. Sim, estamos bem.

– Isso é ótimo.

– Sim.

– Então, como você consegue fazer tudo isso? Trabalhar, ser mãe, tudo – era um elogio sutil, beirando o flerte, e ela percebeu.

– Uso muito a creche – *volte para o caso. Pergunte a ele sobre as denúncias.* – Ei, ouvi falar sobre essas ligações nos últimos dias. Os homicídios.

Que alguém deu pistas para a polícia.

Silêncio.

– Por baixo do pano, eu estava imaginando...

– Amy Lynn, eu não deveria...

– Eu sei, eu sei. Mas não vou usar seu nome. Só vou dizer “uma fonte anônima”, do mesmo jeito que fizemos da última vez.

– Sim, mas da última vez eles quase descobriram – ele havia baixado a voz. – Eu posso perder meu emprego. Eles estão muito preocupados com vazamentos dessa vez. Ele tem matado duas pessoas todo dia... – ele interrompeu o que falava.

– Duas pessoas por dia? – ela rabiscou as palavras “número crescente de mortos choca a cidade” em sua caderneta. – Então eles acham que ele vai matar de novo antes de amanhã? – ela falou sem pensar, assumindo o lado repórter.

– Eu não disse isso – ele estava um pouco defensivo. Isso não era bom.

– Claro que não. Não, você não disse nada.

– Talvez eu devesse desligar.

*Rápido.*

– Você está certo, Ari. Sério, olhe, me desculpe. Eu não deveria ter ligado.

A última coisa que quero que aconteça é que você se meta em encrenca.

*Espere. Espere.*

– Não se preocupe com a história. Sério. Eu posso... não é nada de mais. *Espere.*

*Mais um pouquinho.*

– Foi bom falar contigo, pelo menos. Bom ouvir sua voz. Eu deveria desligar. *Espere.*

– Tchau, Ari...

– Calma.

*Sim.*

– Uma coisa – ele falou mais suavemente ainda do que antes. – Mas eu não te contei nada. Você tem de prometer.

Isso é bom. Muito bom.

– Não, claro que não. Você não disse uma palavra.

– Eu não peguei nenhuma das denúncias que o cara fez, mas ouvi as pessoas falando.

Ela esperou, a caneta pronta sobre a caderneta.

– Ele disse que o anoitecer estava chegando, que o quarto dia acabaria logo, que ele não iria parar até que terminasse a história. Eu não sei o que isso quer dizer. Ninguém sabe. É isso. Mas não publique isso, ok? Apenas diga algo como “a polícia está investigando as ligações”.

– Eu prometo, não vou publicar – era uma promessa que ela não tinha certeza de que poderia cumprir, mas era a coisa certa a dizer no momento. – Eu não ia querer fazer algo que estragasse nossa amizade. Você sabe disso.

– Sim, obrigado... hum. Ei, eu tenho tido vontade de te ligar. Faz tempo desde que... Talvez pudéssemos nos encontrar para jantar.

– Sim, sim. Seria ótimo – ela precisava acabar com aquilo. Ela olhou para a porta fechada do quarto onde estava. – Espere, meu editor está vindo. Preciso desligar. Tudo bem? Eu te ligo.

– Ok..

Ela apressadamente se despediu, finalizou a ligação e olhou para suas anotações: anoitecer... quarto dia... ele está contando uma história... duas vítimas a cada dia.

*Talvez o bilhete que John deixou no vaso de manjeriço tenha algo a ver com a história que o assassino está contando.*

Lentamente ela escreveu as palavras na caderneta, pensando cuidadosamente em cada uma delas: devemos nós tratar das lágrimas alheias? Por favor, sra. Greer, tenha coração.

Espere.

Ela não havia reparado em uma palavra antes. Uma palavra crucial: nós. “Nós tratamos das lágrimas alheias”.

Seu coração acelerou.

Talvez John estivesse também na imprensa.

*Ele é um de nós.*

Ela abriu a lista de funcionários do *Denver News* em seu computador e começou a procurar por alguém que possa ter escrito recentemente uma história sobre anoitecer, ou o quarto dia de alguma coisa, ou alguém que estivesse de folga na hora dos assassinatos.

Ela começaria ali. Então passaria para outros meios de comunicação até encontrar o homem que havia enviado as flores.



Eu estava profundamente perturbado pelas duas histórias que li no *Decamerão*.

Se o assassino estava realmente reencenando as histórias contadas no quarto dia, quando ele chegasse ao nono conto, ele cometeria um dos crimes mais chocantes do qual se tem conhecimento.

O décimo conto era menos terrível, mas deixava a porta aberta para ainda mais crimes.

Meu tempo estava se esgotando.

Peguei emprestada a cópia da tradução de 1947 do *Decamerão* e corri de volta para a central da polícia.

Mesmo estando ansioso para compartilhar o que havia descoberto sobre a história número nove, eu sabia que, para entender o contexto geral da ligação do *Decamerão*, nós precisaríamos começar com a primeira história contada no quarto dia.

Essa era a história de Jake e ele já estava esperando na sala de conferência quando entrei. Kurt e Cheyenne chegaram menos de um minuto depois, e a reunião começou.



15h34

Kurt colocou as coisas no trilho.

– Esse cara vem crescendo e temos muito o que fazer ainda. Vamos ser minuciosos, mas também concisos – ele acenou para Jake. – Conte-nos.

Jake olhou para suas anotações.

– Na introdução para a primeira história, a narradora Fiammetta diz: “Nós devemos tratar das lágrimas alheias”, em referência ao objetivo que eles têm de contar histórias trágicas nesse dia. John apenas inverteu as duas primeiras palavras para tornar a frase uma pergunta dirigida a Amy Lynn.

– Como as palavras não estavam em ordem, uma ferramenta de procura on-line não encontraria a frase – Cheyenne disse. – Esperto.

Se ainda houvesse qualquer dúvida, essa referência confirmava a ligação entre os assassinatos e o *Decamerão*.

Peguei-me batucando meu dedo contra a mesa. Parei.

Jake continuou:

– Essa primeira história é sobre um pai que tem o amante da filha estrangulado por alguns homens. Ele envia para ela o coração do homem morto em uma tigela de ouro; ela derrama veneno sobre ele, bebe e morre.

– E eu aposto que ela é encontrada segurando o coração dele contra o seu – eu disse.

Jake não precisou checar suas anotações.

– Sim.

Tive um pensamento horrível, mas que não pude evitar: *John fez Heather beber uma tigela de*

*veneno que continha o coração do namorado dela.*

– Espere – Cheyenne disse. – A ligação anônima disse que o quarto dia terminava na quarta-feira. Isso é dez dias após Heather e Chris terem desaparecido. E existem dez histórias sobre as lágrimas alheias. Então isso quer dizer...

– Ele está reencenando todas as dez histórias – Kurt disse.

O silêncio pairou sobre a sala.

– Bem – Jake disse finalmente. – Não tenho certeza como ele vai reencenar a segunda história: é sobre um padre que finge ser o anjo Gabriel para conseguir fazer sexo com uma mulher que é bonita, mas não muito esperta.

– O que acontece com o padre? – Kurt perguntou.

– Ele é pego, humilhado e mandado para a prisão.

– Ele não é morto? – eu disse.

Jake balançou a cabeça.

– Ele é deixado por um tempo na floresta, acorrentado a uma árvore, com uma máscara presa ao rosto para que não pudesse pedir socorro.

– E a mulher? – perguntou Cheyenne.

– Ela sobrevive também.

Kurt olhou pensativamente para a parede por um momento e então disse:

– Eu não sei de nenhum padre da área que tenha sido pego recentemente em algum escândalo sexual, mas vou verificar com o tenente Kaison, da divisão de crimes sexuais, e vou dar uma ligada para a seção de pessoas desaparecidas – ele fez algumas anotações em seu bloco.

– Certo – Jake continuou. – A terceira história: essa soa como uma novela medieval. Ela trata de um triângulo amoroso que dá errado. Realmente complicado. No final, porém, um homem é envenenado e uma mulher é morta com uma espada.

– Então esses devem ser o envenenamento de Ahmed Mohammed Shokr e o esfaqueamento de Tatum Maroukas na quarta-feira – Cheyenne disse.

– Essas são minhas três histórias – Jake concluiu.

Era a vez de Cheyenne. Ela levantou-se.

– A quarta história obviamente relaciona-se com Sebastian Taylor e Brigitte Marcello: uma mulher é desmembrada enquanto o amante assiste, e então é jogada ao mar, ou, nesse caso, na Represa Cherry Creek

No final, o amante dela é decapitado.

– Então – Jake disse reflexivamente –, o UNSUB joga os corpos onde podem ser encontrados com rapidez, deixa pistas, bilhetes – ele fez uma pausa, olhou em torno da sala. – Ele é um contador de histórias. Ele quer uma audiência; precisa tratar com *alguém* das lágrimas alheias.

– Parece isso – Cheyenne disse. – A história cinco é sobre o vaso de manjeriço.

Algo não estava encaixando. O horário dos crimes não estava certo.

– Calma – eu disse. – Heather e Chris desapareceram na segunda-feira, mas foram encontrados na quinta. Se o assassino está reencenando os crimes na ordem, eles deveriam ter sido encontrados primeiro... Espere...

– O que foi? – Jake perguntou.

– Lembram da temperatura na mina? A perícia a mediu em 5 °C quando testaram as velas. A temperatura baixa preservou o corpo e o coração.

– Então eles devem ter sido mortos na segunda-feira – Cheyenne disse.

– Sim. Por enquanto, vamos chamar o assassino de John. Se ele realmente está recontando as histórias em ordem, e se o padre não morre na segunda história...

– Ele ainda deve estar vivo – Kurt completou meu pensamento.



– Certo.

Senti um pequeno calafrio.

Kurt levantou-se.

– Vou botar isso em prática agora; ver se encontramos algo incomum, qualquer coisa, envolvendo padres nesta semana – ele deixou a sala.

– Espere um pouco, Pat – era Jake. – A primeira denúncia anônima foi feita numa quinta-feira; se John matou Heather e Chris na segunda, por que esperar três dias antes de chamar nossa atenção para o crime?

– Quem sabe? – eu disse. – Talvez ele tenha esperado para dar a si mesmo uma vantagem. Não vamos nos preocupar em ler a mente dele, vamos nos focar em pegá-lo. O primeiro crime aconteceu na segunda-feira; hoje é sábado. Isso significa que ele vai reencenar a história número seis hoje.

Jake e eu desviamos nossa atenção para Cheyenne.

Ela começou a circular a mesa.

– Essa é sobre um homem chamado Gabriotto, que morre do que Boccaccio chama de “abscesso cheio de pus” estourando perto de seu coração. Mas lembrem-se: isso foi no século XIV, então estou imaginando talvez um ataque cardíaco; é difícil saber a que Boccaccio podia estar se referindo.

– Um ataque cardíaco? – balancei a cabeça. – Nada bom.

– Por quê? – ela perguntou.

– Dado o número de vítimas de ataque cardíaco na região metropolitana de Denver, será quase impossível rastrear. É muito vago.

Pensei por um momento.

– Esse assassino, ele gosta de um espetáculo, certo? O que você disse, Jake, que ele é um contador de histórias que quer uma audiência?

Ele acenou com a cabeça.

– Então ele faria algo mais dramático do que apenas deixar um homem morrer de ataque cardíaco. Cheyenne, tem mais alguma coisa na história que ele poderia usar? Algo mais incomum, mais chocante?

Ela havia parado de andar e agora percebi seu rosto ficando pálido.

– Antes de o homem morrer, ele tem um sonho no qual um galgo preto o ataca e come seu coração enquanto ele ainda está batendo em seu peito.



Um calafrio.

Nós três estávamos quietos.

Por um momento deixamos o impacto das palavras dela passar, e finalmente perguntei a Cheyenne:

– E quanto à amante do homem?

Ela consultou suas anotações.

– Ela sobrevive. Após repousar o corpo dele em um lençol de seda coberto de pétalas de rosas, ela entra para um convento. Então, não tenho certeza se isso nos ajuda muito. A ligação com o galgo, porém, acho que é sólida.

Acenei com a cabeça.

– Eu também acho. Antes de avançarmos mais, precisamos colocar alguns policiais atrás disso. Donos de galgos, veterinários, canis, pistas de corrida. Vamos ver se alguém perdeu um cão, ou se houve recentemente algum ataque. Se estivermos certos, John vai cometer seu crime hoje...

– então fiz uma pausa. Eu não queria acrescentar as próximas quatro palavras, mas senti que deveria. – Talvez já tenha cometido.

– Certo – Cheyenne disse. – Vou conversar com Kurt e o capitão Terrell – ela foi na direção da porta.

Ofereci-me para me juntar a ela, mas ela disse por cima do ombro:

– Eu volto logo. Dê-me cinco minutos.



Após Cheyenne deixar a sala, Jake foi até a máquina de salgadinhos no final do corredor. Eu levei um momento para anotar os nomes das vítimas e os detalhes da história dos crimes que conhecíamos até então; peguei meu telefone, verifiquei minhas mensagens de voz, não encontrei nenhuma, mas então me lembrei que havia prometido ligar para Calvin.

Tentei seu número.

Sem resposta. Deixei uma mensagem para ele retornar minha ligação.

Os fatos do caso ficavam tropeçando dentro da minha cabeça: os desmembramentos, os envenenamentos, as decapitações, a progressão das histórias de um a cinco, o vaso de manjerição. Os horários e a progressão...

Eu ainda não havia falado com Tessa desde que ela tinha ido com Dora. Liguei para ela.

– Sim – ela disse.

– Sou eu. Como você...

– Então, estava lá?

– O que você está dizendo?

– O vaso. Estava no vaso?

– Você disse que não queria que eu contasse.

– Eu sei, mas eu estou só pensando, tipo, estava lá ou... espere. Não me conte, ok?

– Ok – eu disse.

– Mas estava lá, certo? A cabeça.

– Não vamos conversar sobre isso.

– Sim, não, eu sei. Mas...

– Tessa, chega. A Dora ainda está aí?

– Estamos lendo as coisas da caixa de sapato da minha mãe. É muito legal – disse, fazendo uma pausa e completando: – Mas seria melhor se eu tivesse o diário.

– Discutimos isso depois. Quanto tempo Dora vai ficar aí?

– Ela precisa ir embora em mais ou menos uma hora, mas eu acho que vamos sair mais tarde, à noite, imagino. Sair para jantar. Assistir a um filme ou algo do tipo.

– Bem, se eu não te ver hoje à tarde, divirta-se. E quero você de volta à meia-noite.

Outra pausa.

– Sim.

– Ok, nos falamos depois.

– Então você vai me dar o diário?

– Não se você ficar perguntando sobre ele.

– Isso não é justo. Como eu posso conseguir o que quero se não posso falar sobre ele?

– Tchau, Raven.

Silêncio.

– Eu disse “tchau” – repeti.

Nenhuma resposta. Esperei e finalmente percebi que ela havia desligado.

Ótimo.

Eu estava guardando meu celular quando Kurt apareceu junto à porta.



Seu rosto estava contraído e mostrava traços de uma tristeza cansada.

– Você está bem? – perguntei.

Ele acenou com a cabeça e me disse que estava bem e que havia colocado policiais atrás de todas as pistas, mas dava para ver que havia algo a mais pesando em sua cabeça.

– Não é só o caso, né? – eu disse.

Após uma pausa embaraçosa, ele disse:

– É a Cheryl... mas vai ficar tudo bem. As coisas estão apenas, você sabe, um pouco tensas no momento.

Ver seu casamento se desintegrando havia sido uma das coisas mais dolorosas para mim nos últimos cinco meses.

– Talvez você deva tirar um tempo de folga, para cuidar dos problemas – eu disse.

Ele discordou da sugestão.

– Vai ficar tudo bem.

– Se tiver algo que eu possa fazer... – mas então Cheyenne e Jake entraram na sala, e achei melhor não entrar em mais detalhes.

– Obrigado – Kurt disse. – É bom saber disso.

Quando todos tomaram seus lugares, eu disse:

– Antes de continuarmos, vamos tomar um minuto para ver o que temos até agora. Resumir a progressão dos crimes.

Peguei emprestado o computador de Jake, que ainda estava ligado à televisão na parede, e digitei:

*Vítimas:*

*Segunda-feira – Heather Fain e Chris Arlington (encontrados na quinta-feira) Terça-feira – Desconhecida. Um padre? Ainda vivo?*

*Quarta-feira – Tatum Maroukas e Ahmed Mohammed Shokr* *Quinta-feira – Sebastian Taylor e Brigitte Marcello*

*Sexta-feira – Kelsey Nash (sobrevivente) e Travis Nash*

*Sábado – ?*

Olhamos todos para a lista.

– Fica pesado quando a gente faz uma lista desse jeito – Cheyenne disse, replicando meus pensamentos.

Ninguém disse nada e senti uma urgência centrada se abater sobre a sala.

Após levar alguns minutos para revisar as causas das mortes des critas em cada uma das histórias de Boccaccio até então, nossos olhos voltaram-se para Kurt.

– Bem – ele disse –, vou dar-lhes a versão resumida: na história sete, dois amantes morrem por esfregar veneno de sapos em suas gengivas, e na história oito, dois ex-amantes morrem de tristeza. O homem morre quando percebe que a mulher que ele ama está casada e feliz com outra pessoa; a mulher, quando vai ao seu funeral.

Ele acrescentou mais alguns detalhes mas manteve a sinopse breve.

Então era a minha vez.

– O nono conto me lembrou de uma história de horror gótica – decidi ser bem direto. – Quando a esposa de Sir Guillaume de Roussillon dorme com outro homem, ele o mata, arranca seu coração e então dá para o cozinheiro preparar o jantar.

– Por favor, não me diga que ele acabam comendo ele – Cheyenne disse suavemente.

Apanhei a cópia do *Decamerão* que havia pegado na biblioteca.

– Talvez fosse melhor se eu lesse essa parte da história.

A senhora, que de modo algum era melindrosa, provando-o e achando-o saboroso, comeu tudo; o que, quando o cavaleiro viu, disse a ela:

– Esposa, o que você achou deste prato?

– De bom gosto, meu senhor – respondeu ela –, me agradou por sobremaneira.

Pelo que:

– Pois com a ajuda de Deus – disse Roussillon – eu realmente creio em você, e nem me admiro que tenha lhe agradado, morto, aquilo que, vivo, deu-te prazer mais do que todas as outras coisas.

Um silêncio profundo.

– Não estou surpreso que te agrade morto – Jake disse – aquilo que te agradou mais do que tudo quando vivo. Isso é frio. É brutal. Como a história termina?

– A mulher se mata pulando de uma janela.

– Amor e lágrimas – Jake murmurou. – Encaixa-se perfeitamente.

– No que você está pensando? – Kurt perguntou.

– É a obsessão de John – Jake disse, improvisadamente criando o perfil do assassino. – Todas essas histórias são as consequências trágicas do amor; todos contos cruéis e fatais sobre amor e perda. É a isso que a frase se refere: devemos nós tratar das lágrimas alheias? Através de seus crimes, John está reencenando as lágrimas dos amantes.

Ninguém disse nada. Fosse verdade ou não, fazia sentido.

Kurt olhou para mim.

– E quanto à última história?

– Essa talvez seja a única que não é cheia de lágrimas – eu disse. – Na verdade, quando eu a

estava lendo, fiquei pensando se Boccaccio não a acrescentou apenas para aliviar o clima, e talvez fazer a transição para os contos do dia seguinte. De qualquer modo, ninguém morre na última história; no entanto, um homem é dopado e fechado dentro de uma grande caixa.

– Enterrado vivo? – Cheyenne perguntou.

– Não, mas do jeito que está escrito, você começa a pensar que é o que vai acontecer. Mas no final, não acontece nenhuma tragédia.

– Apenas lições – Jake refletiu. – Sobre amor e morte.

– Isso mesmo – enquanto concordava com ele, eu imaginava se o nosso assassino se contentaria com aquele final. Eu duvidava. – Isso nos dá muitos detalhes para continuarmos – eu disse. – Os galgos, os sapos venenosos, o padre.

As coisas estavam funcionando.

Tantos crimes. Tantas peças de um quebra-cabeça.

– Kurt – eu disse –, vamos arrumar um mandado para procurar nos registros da biblioteca e ver quem andou pegando emprestado os livros de Boccaccio. Também, vamos identificar quais faculdades oferecem cursos sobre Boccaccio ou sobre esse livro, o *Decamerão*. Comece pela Universidade de Denver e Universidade de Colorado, e continue a partir daí. Nosso cara deve ter estudado tudo isso por conta própria, mas podemos pelo menos comparar as listas de alunos com a lista de suspeitos.

– Procuraremos por todo o país, se for necessário – ele disse.

– E ainda precisamos descobrir quem é o dono da mina onde encontramos o corpo de Heather. Pode nos dar alguma indicação para encontrarmos John.

– Jameson está vendo isso – ele disse balançando a cabeça. – Mas existem centenas de minas abandonadas lá em cima e a maioria dos registros do Condado de Clear Creek ainda não foi digitalizada. É uma bagunça.

Ele está em Idaho Springs agora, procurando nos registros de propriedade, um por um.

Ficamos quietos.

– Jameson sabe o que está fazendo – ele acrescentou. – Se houver alguma coisa, ele vai descobrir.

Jake bateu na mesa com os nós dos dedos e levantou-se.

– Vou trabalhar no perfil psicológico do UNSUB.

Cheyenne também se levantou.

– Todas as histórias até agora têm a ver com pessoas casadas ou casos amorosos, e as vítimas são sempre casais. Estou pensando no seguinte: o cara está escolhendo as vítimas de algum jeito, mas não há uma ligação óbvia entre cada um dos casais, certo?

– Não que saibamos de algo até agora – eu disse.

– E, Jake, o que você disse? Contos fatais de amor e perda?

– Isso mesmo.

– Bom, quem mais lida com o amor e a perda de um casal? Sabe sobre suas solidões, suas tristezas, seus interesses e casos amorosos?

– Sim, ótimo – eu disse. – Um terapeuta. Ou um conselheiro matrimonial.

– Exatamente – ela disse. – Uma lista de clientes de um conselheiro é confidencial; em alguns casos, mesmo membros da família ou cônjuges não sabem que a pessoa estava frequentando um conselheiro matrimonial, e isso dificultaria muito para nós fazermos a ligação com as vítimas.

Parecia uma boa perspectiva para mim.

– Verifique isso. Pode ser uma ligação óbvia demais para esse cara, mas talvez ele não seja tão esperto quanto acha que é – recolhi minhas coisas.

– E quanto a você? – Jake perguntou.

– O perfil geográfico – fui na direção do corredor. – Vou descobrir onde John vive.



22 minutos depois

16h41

Giovanni olhava fixamente as janelas escuras e manchadas do Infiniti FX50 cinza de Thomas Bennett estacionado no segundo andar do estacionamento da 18th Street. Por causa dos vidros escuros, ele não podia ver o interior do carro, nem os bancos da frente, nem os de trás.

Perfeito.

Desse jeito ele não teria de esperar debaixo do veículo, ele poderia esperar dentro dele.

Mesmo com o sistema de segurança avançado do Infiniti, Giovanni levou menos de 30 segundos para abrir a trava da porta.

E menos de três minutos para desabilitar o rastreamento e o mapeamento do GPS do veículo.

Sentou-se no banco de trás, fechou a porta e parou um momento para ajustar o espelho retrovisor para que pudesse ver o rosto de Bennett quando ele entrasse no carro.

Ele colocou as duas agulhas que usaria sobre o assento ao lado.

Era uma caminhada curta do edifício Wells Fargo, onde Thomas Bennett trabalhava, até o estacionamento, então Giovanni não achava que precisaria esperar muito até o sr. Bennett chegar.



16h46

Eu estava sentado à minha mesa em meu escritório no 18º andar do Prédio Federal Byron G. Rogers, trabalhando no perfil geográfico.

E ficando mais e mais frustrado.

A equipe de Kurt havia feito um bom trabalho compilando informações de vitimologia: os endereços das vítimas, locais de trabalho e recreação, assim como locais conhecidos do sequestro e o local onde cada corpo havia sido encontrado. Eles haviam analisado também o uso de cartões de crédito e, baseados na frequência das compras das vítimas, identificaram os locais dos postos de gasolina, mercados, casas noturnas e farmácias que as pessoas preferiam frequentar.

Ainda assim, na primeira vez que inseri os dados no meu FALCON, a Rede de Operação Secreta e Localizador Aeroespacial Federal, os resultados foram inconclusivos. Avançados como eram os algoritmos e programas de mapeamento geoespacial do FALCON, consegui apenas limitar a zona de perigo para cerca de 22% do Condado de Denver. Não era exatamente uma precisão incrível.

Eu estava avaliando de que formas o conjunto de ruas de mão única poderia desviar a percepção das distâncias do assassino entre os locais dos crimes quando meu celular tocou. Olhei para o identificador de chamadas enquanto atendia.

Diretora-assistente Margaret Wellington.

Ótimo.

Atendi.

– Margaret, não estou com muito tempo agora...



– É um sinal de respeito se dirigir a alguém pelo seu título.

Meus dedos se apertaram em volta do telefone.

– Estou um pouco ocupado agora, diretora-executiva-assistente Margaret Wellington – eu podia imaginá-la sentada à sua mesa no quartel-general do FBI: terno feminino, lábios finos, olhos penetrantes, cabelo claro.

– Estou esperando que um relatório completo resumindo o tiroteio de ontem no tribunal esteja na minha mesa às 8h segunda-feira de manhã.

– Parece razoável. Agora...

– Também vou pedir uma investigação completa do incidente.

Uma perda de tempo. O Departamento de Polícia de Chicago já tinha depoimentos de dúzias de testemunhas. A única investigação que precisava ser feita era sobre como Sikora, ou seu cúmplice, havia conseguido carregar a arma antes que ela fosse levada para a sala do tribunal.

– Obrigado por me avisar.

– Jake já chegou? – ela perguntou secamente.

– Jake chegou hoje de manhã – como poderia dizer aquilo? – e ele já está sendo um estimável reforço para a investigação – percebi que as palavras estimável e inestimável poderiam querer dizer a mesma coisa, mas eu me senti melhor descrevendo as contribuições de Jake como estimáveis.

Ela fez uma pausa, sem dúvida tentando ler as entrelinhas de minhas palavras.

– Não seja condescendente comigo, dr. Bowers. Eu posso fazer sua vida ficar terrível.

Quem sou eu para discutir isso?

– Margaret, preciso desligar.

– Estou ansiosa para ver você lecionando na Academia nesse verão – o desprezo era ressaltado em cada uma das palavras. – Pense nisso, vamos nos ver todos os dias por três meses.

– Eu mal posso imaginar como será isso.

Antes que ela pudesse responder, finalizei a ligação e tirei Margaret e sua obsessão pela papelada burocrática da cabeça.

Decidi mudar as estratégias no perfil geográfico. Talvez, se eu não podia encontrar a base de John, eu pudesse pelo menos diminuir o número de rotas que ele usou para localizar e então transportar suas vítimas.

Para isso, reorganizei os dados e comecei a estudar as locações mais prováveis onde os padrões de locomoção das vítimas possam ter se cruzado com os do assassino.

E os minutos se passavam.



Thomas Bennett saiu do elevador e Giovanni abaixou-se dentro das sombras escuras do banco de trás do Infiniti, para garantir que não seria visto.

Ele colocou sua máscara de esqui, abriu a navalha e ouviu o som do alarme quando Bennett destravou as portas com o controle remoto.

O homem sentou-se no banco do motorista.

Fechou a porta.

Lentamente, Giovanni sentou-se e olhou para o rosto de Thomas no espelho retrovisor. Ele era um homem de mandíbula estreita, com olhos nervosos, e estava tão ocupado com a chave que ainda não tinha percebido que havia uma pessoa observando-o pelo espelho. Giovanni esperou. Ele queria que Thomas visse que não estava sozinho no carro.

Finalmente, quando Thomas deslizou a chave pela ignição, seus olhos instintivamente encontraram o espelho retrovisor.

– Mas o que...

Mas antes que ele pudesse terminar a frase, Giovanni já havia passado o braço em torno do encosto de cabeça e pressionado a lâmina da navalha contra a parte da frente do pescoço de Bennett.

– Olá, Thomas.

Os lábios do homem começaram a tremer.

– Quem...

– Essa lâmina é muito afiada, então vou ter de pedir para você ficar parado e não se agitar. Se você se mexer muito, vai fazer uma bagunça. Acredite em mim. Se você me entendeu, acene com a cabeça lentamente.

Giovanni afastou a lâmina levemente do pescoço de Thomas enquanto o homem assentiu firme com a cabeça.

– Certo. Vou dar a você algo para ajudá-lo a relaxar.

Seus olhos estavam arregalados de medo.

– Pode levar minha carteira, eu...

– Não estou interessado em seu dinheiro – Giovanni segurou a lâmina da navalha firmemente contra o pescoço de Bennett novamente para encorajá-lo a permanecer imóvel. – Agora, por favor, fique parado por um momento.

Então, observando-o cuidadosamente no espelho e segurando firme a lâmina, Giovanni pegou a primeira seringa com a mão livre e colocou a ponta contra o lado esquerdo do pescoço de Thomas Bennett.

– Não – Bennett implorou. – Por favor.

– Shhhh.

Pressionou o êmbolo.

Alguns segundos depois, após Thomas ter perdido a consciência,

Giovanni desceu do carro, colocou-o no banco de trás e desabotoou a camisa do homem para revelar seu peito.

Então cuidadosamente aplicou a segunda injeção, reabotoou a camisa, foi para trás do volante e partiu para o rancho.



Desde a hora da minha conversa com Margaret, cerca de 45 minutos antes, fiquei fazendo o que costumava achar que fazia melhor.

Eu não estava mais tão certo disso.

Não importava o quanto refizesse o perfil geográfico, eu não conseguia um resultado sólido e minhas ideias estavam acabando.

Apesar de odiar admitir isso, eu começava a acreditar que John poderia ter distorcido os resultados selecionando suas vítimas e locais dos crimes aleatoriamente.

Esfreguei os olhos.

Afastei-me da mesa e levantei. Alonguei as costas.

Meu escritório no 18º andar dava vista para a cidade de Denver; apoiei minha mão contra o vidro e deixei os olhos passearem pelo labirinto de hotéis e bancos espelhados que formavam o centro de Denver.

John morava ali, em algum lugar.

Ou talvez não morasse. Talvez ele fosse itinerante e estivesse apenas de passagem.

Os músculos em meu braço, meu ombro e meu pescoço endureceram de frustração e raiva.

*Você tem de encontrá-lo, Pat. Você tem de atraí-lo.*

Visualizei o tribunal original de Denver logo do outro lado da rua do meu escritório. Ele havia sido construído em 1910 como um exemplo em primeira mão da arquitetura da virada do século e como um atestado à justiça no Oeste. Mesmo tendo apenas quatro andares de altura, ele era imponente, monumental e tomava um quarteirão inteiro da cidade.

Da minha janela eu podia ler a inscrição em letras maiúsculas, no friso, de lado a lado do prédio, logo abaixo do telhado: “*Nulli Negabimus, Nulli Differemus, Jutitiam*”.

Tessa havia estudado latim no Ensino Fundamental, então alguns meses atrás eu a trouxe ao centro da cidade para dar a ela a chance de mostrar suas habilidades com a língua. Assim que passamos pelo prédio eu olhei para cima e disse:

– Olha, não é latim?

Mas ela já havia reparado nas palavras e estava trabalhando na tradução.

– Sim, mas é meio difícil de traduzir – ela parecia frustrada, e eu estava feliz por ser pelo menos um pequeno desafio para ela. – Acho que poderia ser: “Para ninguém nós negaremos, para ninguém nós adiaremos a justiça”. Mas *differemus* pode ser traduzido por “discriminar”. Então, basicamente está dizendo que eles não vão negar justiça para ninguém e nem discriminá-los – e então ela murmurou: – Claro. Talvez se você for rico.

O comentário dela pareceu ter vindo do nada, e eu tive a sensação de que eu deveria discordar dela, mas percebi que ela estava certa em partes. Então, em vez de comentar, eu a conduzi em torno do prédio para o lado sudoeste, para mostrar a segunda inscrição em latim, mas antes que eu pudesse, ela apontou com raiva para o prédio.

– Dá para acreditar nisso?

Ela não estava apontando para a frase em latim.

– No quê? – perguntei.

– Lá.

Ela pressionou um dedo leve contra meu queixo e virou minha cabeça na direção da inscrição de mármore sobre uma passagem de pedra ornamentada perto do canto do prédio. A placa dizia: “Entrada de Juizes”.

– Isso está ali faz uns 100 anos – ela disse.

– E daí? É por onde os juizes entram.

– Tá brincando? Isso não te incomoda?

– Por que incomodaria?

– Está faltando um acento.

Ok

Enquanto eu tentava descobrir como responder àquilo, ela leu a frase pela qual eu a havia levado para aquele lado do prédio:

– Ok, essa daí é de Cícero. É bem mais comum. Aprendemos na aula de latim. Quer dizer: “A lei não produz injustiça contra ninguém, não é desleal com ninguém”.

Injustiça com ninguém.

Então agora, enquanto apoiava minha mão contra o vidro e pensava naquele dia com Tessa, as palavras de Calvin ontem à noite ecoaram em minha mente: *“Nosso sistema judiciário está mais preocupado com acusações e absolvições do que com a verdade ou a justiça. Você sabe que é verdade. Ficamos reticentes quando deveríamos admitir”*.

Tessa pode não ter concordado com a primeira inscrição, mas eu estava começando a duvidar da verdade da segunda.

Porque às vezes a lei é injusta.

Às vezes a justiça não é feita.

Enquanto ponderava sobre isso, ouvi uma batida na porta do meu escritório.

Virei-me.

– Entre.

Mas a porta já estava aberta.

Cheyenne invadiu a sala e largou uma pasta de papel pardo sobre minha mesa.

– Sabemos quem é o dono da mina.



– Seu nome é Thomas Bennett – ela disse. – Ele mora aqui em Denver; trabalha como auditor de fim de semana no banco Wells Fargo. Ele saiu do trabalho há cerca de 45 minutos. Seu celular ou está desligado ou ele não está atendendo. Pode não ser nada, mas também não estamos conseguindo rastrear o GPS do seu carro. Sua esposa diz que ele nunca desliga o telefone e que já deveria estar em casa a essa hora.

Posicionei-me em frente ao meu teclado.

– Você tem o endereço dele?

– Claro.

– Vamos colocá-lo aqui, ver se ele mora na zona de perigo.

Ela me passou o endereço e enquanto eu atualizava o perfil geográfico,

ela me disse que não havia conseguido nada com a ideia dos terapeutas ou conselheiros matrimoniais.

– E você? – ela estudou a tela. – Alguma coisa?

– Não muito.

Usando uma cor diferente para a rota de movimentação de cada uma das vítimas, sobrepos os dados em um mapa tridimensional da região metropolitana de Denver. O resultado parecia um prato de espaguete multicolorido.

Ela colocou uma cadeira ao meu lado, talvez mais perto do que o necessário, mas não disse nada.

– Então me diga – ela disse. – O que estou vendo?

Lembrei-me de que ela estava um pouco familiarizada com minha pesquisa, mas eu também sabia que investigação geoespacial não era a especialidade dela, então aponte para o emaranhado de cores sobrepostas e disse:

– Estou tentando encontrar a base de John, então inseri as ruas mais movimentadas de Denver baseado no congestionamento padrão de veículos diário nas horas dos crimes, depois comparei

isso com os padrões de movimentação típicos das vítimas, mas até agora, mesmo com o endereço de Bennett, não parece que os dados estão suficientemente completos para termos o que precisamos.

– Ok – ela batucou com os dedos na mesa. – Vamos pensar nisso. Localização e horário, certo?

– Sim.

– Sabemos quando as denúncias anônimas foram feitas.

– Certo. E na maioria dos crimes até agora, sabemos os horários e localizações dos sequestros ou das mortes. Já inseri esses dados.

Ela levantou-se. Caminhou até minha estante.

– E por causa das câmeras da entrada do hospital, sabemos quando Kelsey Nash chegou ao necrotério...

– Sabemos quando Brigitte Marcello comprou a comida chinesa que levou para a casa de Taylor.

– E – ela acrescentou – sabemos que John voou para Chicago em algum momento depois de se livrar do corpo de Brigitte Marcello, e que quando ele voltou para Denver dirigiu do aeroporto até o necrotério.

Eu estava para dizer alguma coisa, mas fiz uma pausa.

– O quê?

– Bem, quero dizer, não com certeza, mas pelo menos é provável. Com base na mensagem de áudio na mina, podemos supor que John viajou para Chicago após descartar o corpo de Brigitte Marcello.

– Eu não gosto de supor.

– Mas você *está* supondo. Você está trabalhando com a premissa de que John *não foi* para Chicago. Não faz sentido executar seus dados pelo menos uma vez supondo que ele tenha ido?

Olhei para ela por um momento.

Percebi que apesar de não fazer parte do *Bureau* e de nós termos trabalhado juntos em apenas uma dúzia de casos no último ano, começava a parecer que ela era minha parceira. E eu gostava da sensação.

– Você pode ter razão – eu disse.

– Dói em você ter de dizer isso, não é?

– Você não faz ideia.

Pensamentos sobre os casos nos quais eu havia trabalhado com Lien-hua tentaram brotar na minha cabeça, mas deixei de lado e baixei os arquivos da agenda de chegada e partida da FAA<sup>13</sup>. dos últimos três dias para descobrir qual aeroporto John pode ter usado.



O rancho ficava na borda sul do Condado de Clear Creek, a 50 minutos de Denver e 915 metros mais alto nas Montanhas Rochosas do que a *Mile-High City*.<sup>14</sup>

A propriedade continha campos ondulados, pontilhados por pinheiros, e era cercada por espessas florestas e desfiladeiros inclinados e rochosos. Terras com florestas nacionais faziam divisa com o rancho em três lados.

Elwin Daniels havia sido dono daquela terra até três semanas atrás, quando ele a deixou para o homem que estava observando o sangue jorrar de seu pescoço.

A luz avermelhada do sol tomava conta do ar.

E como a propriedade ficava no fim de uma estrada de terra remota e não registrada, e as boas pessoas do Condado de Clear Creek tinham a tendência de não se meterem na vida dos outros, Giovanni não havia tido problema com vizinhos passando para conversar com o rancheiro recluso que ele havia matado.

Ele virou na Piney Oaks Road.

Cerca de oito quilômetros até o rancho.



Só levou alguns minutos para analisar os horários dos voos do Aeroporto Internacional de Denver e do Aeroporto Colorado Springs. Enquanto eu fazia isso, Cheyenne pegou um enorme mapa do Condado de Denver e desdobrou-o na outra ponta da minha mesa.

Comparando os horários de chegada e partida com a hora da denúncia anônima sobre a localização do corpo de Sebastian Taylor, percebi que John teria de ter pegado o voo no Aeroporto Internacional de Denver em vez de no Colorado Springs.

Para cobrir todas as bases, comparei os nomes da lista de suspeitos com as listas de passageiros e, considerando o quanto John havia sido cuidadoso até então, não fiquei surpreso quando não encontrei nenhum nome correspondente.

Com base nas teorias atuais de declínio de distância, reorganizei os dados e calculei as rotas de viagem mais prováveis da Mina Bearcroft até a casa de Taylor, da Represa Cherry Creek até o aeroporto e do aeroporto até o Hospital Memorial Batista nos horários do dia em que John estaria viajando.

Pressionei “Enter”.

A zona de perigo deslocou-se para o oeste da cidade.

Senti a emoção familiar de estar no meio de um caso quando as coisas começam a esquentar.

– Você tem a lista de donos de galgos?

– Deixe-me ver com Kreger; ele estava cuidando disso.

Ela mexia em seu telefone enquanto eu acessava a imagem da região metropolitana de Denver. Um instante depois, ouvia-a identificar-se para alguém do outro lado da linha.

– Pergunte sobre os galgos – eu disse. – Se alguém do Condado de Clear Creek recentemente comprou algum.

Ela repassou a pergunta, acenou com a cabeça para mim enquanto ouvia a resposta, então afastou o telefone e disse:

– Um homem chamado Elwin Daniels. Dez dias atrás. Pagou com MasterCard. Ele mora em um rancho na parte sul do condado.

O local ficava a pouco mais de três quilômetros da zona de perigo recalculada.

Digitei seu nome. Peguei seu endereço. Dei zoom usando o FALCON.

Fazia três minutos desde a passagem do último satélite, mas tinha mos a imagem de um carro a meio caminho da estrada de terra para o rancho. O Infiniti tinha janelas escuras, então era impossível ver o rosto do motorista. Focalizei no para-choque traseiro para tentar ler o número da placa.

Cheyenne falou ao telefone e depois me disse:

– De acordo com os registros de trânsito de Elwin, ele tem 72 anos.

Então, provavelmente não é nosso assassino.

*Você precisa chegar nesse rancho, Pat.*

– Cheyenne – congelei a cena. Aumentei a imagem. – Arrume um helicóptero.

Aumentei a resolução.

Sim.

Consegui.

Peguei a imagem da placa do carro, ampliei-a e depois digitei no meu teclado para pesquisar o número.

Ao meu lado, Cheyenne estava requisitando um helicóptero. A expedição deve ter sugerido Cody Howard, o piloto de helicóptero chefe do departamento, mas ela disse a eles de um jeito brusco:

– Já falei isso antes: eu não voou com Cody. Chame o coronel Freeman – seu tom afiado me surpreendeu, mas então o nome do homem que possuía o veículo surgiu em minha tela e parei de me preocupar sobre por que Cheyenne preferia voar com o coronel.

O Infiniti pertencia a Thomas Bennett.

O dono da Mina Bearcroft.

Derrubei minha cadeira para trás quando me levantei.

– Vamos.

Quando corria para o saguão, peguei meu celular e liguei para a expedição para mandar alguns carros e uma ambulância para a casa de Elwin Daniels.





O coronel Cliff Freeman acionou o helicóptero enquanto Cheyenne e eu colocávamos nossos fones de ouvido com microfones para que pudéssemos nos comunicar no caminho.

Quando decolamos, usei o celular para baixar as fotos do departamento de trânsito de Thomas Bennett e Elwin Daniels, para que pudéssemos identificar visualmente os dois homens se algum deles estivesse no rancho.

Quando olhei para a frente, já estávamos sobrevoando o sopé das montanhas, indo na direção das Montanhas Rochosas.



Giovanni arrastou o corpo inconsciente de Thomas Bennett para o celeiro e deitou-o sobre o chão coberto de feno.

Ele levou um momento para fechar e travar as portas deslizantes de três metros e meio de altura, de modo que elas pudessem ser abertas apenas pela parte de dentro. O único outro jeito de entrar no celeiro era pelo quartinho das selas.

Com as portas fechadas, o celeiro era iluminado apenas pelas lâmpadas esparsas penduradas nas vigas altas e pelas quatro pequenas janelas no lado leste.

O cheiro familiar de esterco seco e feno empoeirado o cercava, mas agora estava misturado com o fedor da urina seca no chão da jaula do galgo.

A jaula estava pendurada no meio do celeiro, a cerca de oito metros de distância, suspensa um metro acima do chão por quatro correntes presas nas vigas acima.

Giovanni havia chamado o galgo preto lustroso de Nadine, em homenagem à avó em quem ele havia enfiado a faca quando tinha 11 anos. E agora, que ele não havia alimentado o cão por

quatro dias, ele sabia que ela estaria motivada a comer qualquer tipo de carne que fosse oferecido.

Mesmo se ainda estivesse se mexendo.

Uma cadeira de rodas estava ao lado da jaula, mas o chão do celeiro era muito esburacado e tinha muitas tábuas soltas para empurrar Thomas na cadeira, então Giovanni pegou as pernas do homem e o puxou pelo meio do feno.

Ao passar pelos estábulos dos cavalos, um *appaloosa* e uma égua preta, os únicos dois cavalos que estavam no celeiro, observaram-no de seus portões.

O *appaloosa* relinchou e pisou no feno quando ele passou, mas ele o ignorou.

Ele chegou até a jaula personalizada de Nadine: 1,20m de largura, 2,40m de comprimento e com altura suficiente para ela ficar de pé. Por causa de seu peso, a gaiola mal balançava enquanto Nadine andava impacientemente para a frente e para trás.

Ele colocou Bennett na cadeira de rodas.

De dentro de sua jaula, Nadine soltou uma rajada de latidos furiosos que entregou o fato de ela ter sido criada em casa.

Ela parou e fixou os olhos em Giovanni. Rosnou.

Ele esperava que ela estivesse de péssimo humor, mas o som feroz e grave vindo da garganta dela o surpreendeu. As anfetaminas que ele havia injetado nela durante a semana devem tê-la tornado mais agressiva do que ele havia previsto.

– Calma, garota – ele disse. – O jantar está quase pronto.

O corpo mole de Bennett desabou na cadeira de rodas e Giovanni levou um momento para endireitá-lo.

Então, ele pegou um rolo de fita adesiva de uma prateleira perto do quartinho das selas e voltou para a cadeira de rodas para começar a preparação.



Passei o voo revisando o que eu sabia sobre o caso, tentando discernir se Thomas Bennett era mais provavelmente a vítima ou o assassino, mas eu não tinha dados suficientes para confirmar ou refutar qualquer das possibilidades.

Chegamos ao rancho em menos de nove minutos.

– Ali! – Cheyenne apontou para o Infiniti FX50 cinza estacionado ao lado do celeiro. Um campo se esticava entre a casa e o celeiro, mas tinha tantos pinheiros espalhados e o terreno era tão irregular que eu não conseguia ver nenhum local bom para pouso.

Perguntei a Cliff:

– O que você acha?

Ele balançou a cabeça.

– O mais perto que consigo chegar é naquele campo no sudeste – ele apontou para um prado que ficava a cerca de 600 ou 700 metros da casa.

Eu não tinha certeza do quão rápido Cheyenne podia correr, mas ela certamente parecia em forma. E mesmo não tendo praticado muito desde o último inverno, quando havia tomado um tiro na perna, eu tinha me recuperado muito bem e imaginei que podia chegar ao rancho em menos de três minutos.

– Que tal uma corrida? – perguntei a ela.

Um brilho em seus olhos.

– Só se for uma corrida.

Eu gostava dessa mulher. Gostava muito dela. Bati no ombro de Cliff.

– Leve-nos para baixo.

Ele acenou com a cabeça e mirou o helicóptero na direção de uma clareira nas árvores.



Giovanni terminou de prender com fita adesiva o pulso esquerdo de Thomas na cadeira de rodas. Prendeu forte. Cortou-a. Colocou o rolo de lado.

Pronto. Os pulsos e os tornozelos estavam seguros. Thomas não escaparia daquela cadeira.

Os espaços entre as barras da jaula de Nadine só eram largos o suficiente para seu focinho, mas isso não a impedia de atacar o ar com ferocidade a menos de 60 centímetros do braço de Giovanni enquanto ele estava parado lá perto.

Ele sentiu a saliva quente espirrando em seu braço.

– Está quase na hora – ele disse, tomando cuidado para não chegar muito perto dela. – Você foi mais do que paciente. Só mais alguns minutos.

Confiante de que Thomas não poderia se soltar, ele andou para além da jaula para pegar a bolsa esportiva e o balde de pétalas de rosas das prateleiras próximas ao labirinto de fardos de feno redondos no canto oeste do celeiro.

Ele carregou a bolsa esportiva e as rosas de volta para a cadeira de rodas, colocou-as no chão e olhou para Nadine.

A parte de cima da jaula podia ser destravada e possuía uma abertura através da qual Giovanni havia descido o cão tranquilizado uma semana e meia antes. A única outra porta da jaula ficava na ponta, a alguns centímetros do corpo inconsciente de Thomas Bennett. Quando destrancada, essa segunda abertura não era suficiente para o corpo do cão, mas era grande o suficiente para sua cabeça.

Essa era a porta de alimentação.

Galgos são inteligentes, então não levou muito tempo para que Giovanni condicionasse Nadine a comer qualquer coisa que fosse colocada em frente à porta de alimentação.

Ele abriu a bolsa esportiva e tirou um lençol de seda; depois o esticou sobre o chão.

Ele precisaria daquilo para o corpo.



Cheyenne ganhou de mim correndo até a casa do rancho, mas não por muito.

O celeiro ficava 100 metros depois da casa, do outro lado do campo.

Sacamos nossas armas.

– Você fica com a casa – tentei disfarçar o quanto eu havia perdido o fôlego. – Eu fico com o celeiro.

Um rápido aceno com a cabeça e então ela estava a caminho do alpendre da casa.

Rolei por debaixo de um trecho de cerca de arame farpado e corri na direção do celeiro.



Giovanni enfiou a mão no balde, acariciando as pétalas de rosa. Suaves. Aveludadas.

Perfumadas.

Ele pegou um punhado e as lançou sobre o lençol de seda, e elas caí

ram em delicados giros que o fizeram pensar em grandes flocos de neve carmesim. Vermelho sobre branco. Pétalas da cor do sangue pousando em um campo sedoso de neve.



Impulsionado pela adrenalina, cheguei ao celeiro feito de tábuas de madeiras secas pelo sol do Colorado.

*Avalie a situação.*

*Avalie e reaja.*

Verifiquei o Infiniti.

Vazio.

Então virei-me para o celeiro.

A maneira mais fácil de morrer é chegar apressado a uma situação, no estilo Rambo. Conheci muitos agentes e policiais que haviam morrido em serviço porque reagiram antes de antecipar a situação.

*Tome cuidado. Seja esperto.*

Corri em torno do canto sudeste e tentei imaginar como era dentro.

Eu havia crescido em uma fazenda no Wisconsin, então conhecia celeiros e esse provavelmente tinha um quartinho de selas, um quartinho de sementes, estábulos, fardos de feno, equipamentos agrícolas encostados. Esse celeiro tinha cerca de 25 metros de comprimento e 20 de largura – mais largo do que eu havia pensado de primeira.

Procurando uma entrada, circulei o lado sul e vi que as portas deslizantes de metal de quatro metros de altura estavam fechadas. Tentei abri-las deslizando-as.

Trancadas.

Dentro do celeiro, um cão estava latindo. Louco. Feroz. Não sou espe cialista em cães, então não sabia como um galgo soava, mas aquele soava mais como um cão de ataque do que de corrida.

Nenhum sinal de ninguém fora do celeiro.

O cão rosou, então latiu novamente.

Enquanto corria em torno do celeiro, percebi uma porta de tamanho padrão no lado oposto do celeiro. Provavelmente dava para o quartinho de sementes ou de selas. Ou talvez para uma oficina. Ou para a área de armazenamento de feno. Seja para onde levasse, eu iria entrar.

O latido agitado do cão me disse que ele não estava sozinho no celeiro.

Corri na direção da porta.



Giovanni ainda estava espalhando pétalas de rosas quando ouviu Thomas Bennett se mexer.

Ele pegou a máscara de esqui do bolso e a vestiu.

– Onde estou... – a voz de Bennett era ininteligível. Ele ainda estava acordando. – O que está acontecendo?

– Eu esperava que você estivesse dormindo durante isso, Thomas – Giovanni estava mentindo, mas tentou soar o mais convincente possível. Ele esvaziou as mãos, deixando cair as pétalas, e então encarou seu prisioneiro. – Acho que será um pouco mais angustiante para você desse jeito.



A porta estava trancada.

Espiei pelo canto do celeiro e não vi outras portas, apenas uma linha de pequenas janelas.

De volta para a porta, então. Eu poderia atirar na fechadura, mas se o assassino estivesse no celeiro com Thomas, o barulho do tiro o alertaria e colocaria Bennett mais em perigo ainda.

É claro, ele deve ter ouvido o helicóptero.

Mas com todos aqueles latidos, talvez não.

Pelo menos por enquanto, decidi não anunciar ainda minha presença.

Em vez disso, peguei meu chaveiro, abri meu conjunto de abrir fechaduras e deslizei uma das lâminas no buraco da chave.



Thomas ainda estava desorientado. Giovanni o viu olhar vagamente em sua direção, mas um momento depois, quando Nadine latiu e trombou contra as barras, o barulho do impacto pareceu acordá-lo com uma sacudida. Ele olhou para o cão, então inclinou a cabeça para baixo e percebeu a cadeira de rodas e a fita adesiva. Tentou se desvencilhar.

Fracassou.

Tentou novamente, mas estava bem preso.

Seus olhos se arregalaram confusos e com medo.

– O que você está fazendo? Onde estou?

Giovanni colocou o balde de pétalas de rosas no chão.

– Como eu estava um momento atrás? Quando eu disse que não esperava que você estivesse acordado. Consegui convencer você? É importante que eu saiba; tenho trabalhado duro na minha atuação.

– O quê? – ele disse com um tremor na voz.

– A verdade é que eu estava esperando você acordar.

Thomas deixou seu olhar percorrer o celeiro e então parar no cão.

– O que está acontecendo? Quem é você?

– Meu nome é Giovanni e eu mato pessoas; você está prestes a se tornar minha próxima vítima.

Thomas ficou descontrolado. Lutou inutilmente para se livrar.

– Me tire daqui!

Giovanni andou até a cadeira de rodas e soltou as travas das rodas.

Seu prisioneiro tentou desesperadamente libertar braços e pernas, mas a fita adesiva ficava mais apertada quanto mais ele lutava contra ela.

Ele posicionou a cadeira de rodas de modo que os joelhos do homem ficassem sob a jaula e seu peito estivesse a menos de 30 centímetros da abertura da porta de alimentação.

Nadine parecia satisfeita.

– Não – Thomas gritou novamente. – Por favor, pare. Por favor.

– Na quinta-feira à noite eu dei a um homem que estava prestes a morrer a opção de usar uma mordaca – Giovanni disse. – Eu gostaria de estender a mesma cortesia para você, embora eu provavelmente deva dizer que não espero que sua situação dure tanto quanto a dele, então isso pode nem valer muito a pena.

Nadine enfiou o focinho pelas barras e rosnou.

– Por que você está fazendo isso? – a voz de Thomas estava ficando estridente, afeminada.

– Ainda assim, eu trouxe uma – Giovanni disse, ignorando a pergunta de Thomas –, caso seja necessário, e ficarei feliz em atendê-lo, se você desejar.

– O que você quer? – a voz de Thomas tinha ido de um guincho para um apelo sussurrado. – Por favor, não faça isso. Você não tem de fazer isso. O que você quer? Dinheiro? Eu consigo dinheiro para você. Um milhão. Eu juro.

Giovanni entendeu isso como um não, a respeito da mordaca. Então, dois a dois. Talvez suas vítimas não o estivessem levando suficientemente a sério. Da próxima vez ele iria garantir que estivesse sendo inequivocamente claro sobre a situação delas. Ele prendeu as travas das rodas para que a cadeira não rolasse para longe da jaula quando as coisas começassem.

Então deu um passo para trás.

– Agora, na história de Pamfilo, após sua morte, sua esposa deveria entrar para um convento e viver uma vida piedosa e de abstinência, mas na cultura de hoje, isso parece improvável. Eu decido, portanto, que eu a ajudaria com a parte da abstinência. A cirurgia é relativamente simples. Irei visitar Marianne assim que acabarmos aqui. Prometo não fazê-la sofrer muito. Isso



seria um bom conforto para você.

– Não, por favor...

Ele colocou uma mão gentilmente no ombro de Bennett.

– Eu quero que você olhe cuidadosamente para esse cão. É muito importante para mim que você visualize o que está para acontecer – então ele desabotoou a camisa de Thomas para revelar seu peito nu.

Para facilitar a refeição de Nadine.



A fechadura me deu mais trabalho do que pensei e quando ouvi os gritos vindos do celeiro, eu estava me preparando para atirar nela, afinal.

Um clique.

Finalmente.

Arma pronta, empurrei a porta e verifiquei a sala. Um cheiro limpo e almiscarado de couro.

Selas, cabrestos e rédeas pendurados nas paredes. Dois jogos com spray para moscas, linimentos e escovas.

O quartinho das celas.

Nada.

Ninguém.

A porta na parede oposta.

Corri na direção dela, abri lentamente e penetrei na luz empoeirada e silenciosa do celeiro.

Uma rede de sombras se esticava pela parede. Bem à minha direita, uma escada grossa de madeira levava para o palheiro acima, que escurecia esse canto do celeiro mais ainda. Eu estava fora do campo de visão. Ótimo.

Meu coração estava acelerado.

Virei pelo canto de um estábulo vazio e visualizei o celeiro.

À esquerda, filas de fardos de feno e dois estábulos. Equipamentos agrícolas enferrujados. Um trator. Alguns tanques de gasolina. À direita, mais quatro estábulos. Lonas. Tábuas, rolos de barbante. Diversos baldes, dois contendo água, um contendo ração e o quarto vazio. Algumas rédeas penduradas em ganchos em uma parede próxima.

Um celeiro típico.

Com exceção da jaula pendurada.

E do cão.

Dois homens estavam ao lado da jaula. Um na cadeira de rodas, o outro de costas para mim.

John.

Cerca de 1,80m, 1,85m. Estrutura corporal média. Jeans. Moletom preto. Máscara de esquí preta.

Não era muito para eu poder continuar, poderia ser praticamente qualquer um.

Eu não podia ver a lateral do rosto da vítima e o reconheci por sua foto no Departamento de Trânsito como Thomas Bennett. Eu não podia ver as mãos do suspeito. Tinha de presumir que ele estava armado.

Se eu gritasse para o assassino se afastar, ele poderia matar o homem. Eu precisava chegar até ele, mas precisava fazer isso direito.

Nadine rosnou de novo, um fogo esverdeado saindo de seus olhos.

– Bom, então – Giovanni disse, alcançando a trava da porta de alimentação. – Vamos

começar.

Quando ouvi as palavras, soube que não poderia esperar. Saí das sombras.

– Pare! – mirei minha arma para o centro de massa do suspeito. – Coloque as mãos para o lado e afaste-se da jaula.

Giovanni congelou. Ele reconheceu a voz.

Bowers.

Impressionante.

Pontualidade impecável.

O suspeito não se moveu. Suas costas ainda estavam viradas para mim. Eu me aproximei.

– Coloque as mãos para os lados e vire-se. Agora, ou vou atirar. Mostre as mãos, agora!

Ele não se moveu.

– Ele vai me matar! – Thomas Bennett berrou.

– Mostre as mãos! – então ouvi um estalo metálico, o suspeito ergueu os braços, e foi quando Thomas Bennett começou a gritar.



Os dois segundos seguintes passaram como um borrão.

O suspeito mergulhou na direção do amontoado confuso de fardos de feno, e eu vi o cão enfiar a cabeça por uma pequena porta na jaula, lançando-se contra o peito de Thomas Bennett.

*Não!*

Mirei minha SIG no cão.

Giovanni estava rolando sobre o portão de um estábulo vazio quando ouviu o tiro.

Antes que eu pudesse puxar o gatilho, um tiro ricocheteou pelo celeiro e o cão desabou contra a lateral da jaula, o sangue escuro jorrando de um ferimento aberto na parte de trás da cabeça. Uma das pequenas janelas do lado oposto do celeiro estava estilhaçada.

Cheyenne.

Ela havia atirado através do vidro, mandando a bala entre as barras da jaula, e acertou o cão no olho, em meio ao ataque, a 15 metros.

Um tiro brilhante.

*Elogie-a mais tarde.*

Corri até Bennett, mas mantive a arma apontada para os fardos de feno.

– Você está ferido? – ele estava olhando fixamente para o cão morto.

– Sr. Bennett, você está bem?

Finalmente ele acenou com a cabeça. Engoliu. Acenou novamente. Nós estávamos muito expostos. Não havia tempo de soltá-lo.

Não havia tempo.

Tentei empurrar a cadeira até algum lugar seguro, mas as rodas esta vam travadas.

*Rápido. Rápido.*

Com um olho nos fardos de feno, soltei as travas e empurrei a cadeira de rodas pelo chão do celeiro, forçando-a sobre as tábuas e para dentro de um estábulo vazio em um canto sombrio do celeiro. Se o suspeito estivesse armado, o portão do estábulo ofereceria pelo menos um pouco de

proteção.

Cheyenne estava do lado de fora. Ela poderia cobrir a porta caso John tentasse escapar.

*A menos que houvesse outra saída.*

– Já volto – eu disse para Bennett.

– Não me deixe aqui.

– Eu voltarei.

– Solte-me!

Parti para os fardos de feno enquanto Cheyenne abria a porta do quartinho de selas.

– Ele está atrás dos fardos – gritei para ela, e ela deslizou para a posição do lado leste dos fardos. Bennett continuou gritando por ajuda, mas por enquanto o ignorei. Eu precisava encontrar John.

– Saia daí agora! – gritei.

Vi uma movimentação em algum lugar na escuridão, mas não podia ver o suspeito.

– Mãos para o alto! – sinalizei para Cheyenne que eu estava avançando e ela se abaixou por trás do trator para me dar cobertura.

Giovanni deitou imóvel e em silêncio ao lado dos tanques de gasolina e olhou pela mira de sua Wilson Combat Elite Professional .45 ACP para as costas da detetive Warren.

Ele tinha uma visão perfeita dela. Sim. Ele poderia atirar nela agora e então pegar Bowers quando ele viesse correndo para ajudá-la, mas não queria fazer isso. Não depois de todo o planejamento, de toda a preparação.

Giovanni considerou suas opções.

Ele duvidava que o FBI ou o Departamento de Polícia de Denver pudessem oferecer a ele adversários melhores que esses dois.

Bem, só havia um jeito de descobrir o quanto eles eram bons.

O som de um tiro me mandou girando para trás de um dos estábulos. Olhei para Bennett e vi que ele ainda estava lutando para ficar livre.

– Você está bem?

– Ele está atirando em mim! – ele não soava como se tivesse sido atingido.

Cheyenne ainda estava agachada atrás do trator. Perguntei a ela:

– Cheyenne, você está...

– Estou bem.

Então vi que a bala havia destruído um balde perto do portão e lançou pétalas de rosa sobre um lençol de seda esticado no feno.

– Largue a arma! – gritei.

*Acabe com isso agora.*

Acenei na direção de Cheyenne e ela ergueu a arma. Dei a volta no estábulo e entrei no labirinto de fardos de feno.

Nada.

O coração batendo.

Contornei outro fardo.

Ninguém.

*Onde ele está?*

Espiei em volta da segunda fila de fardos perto da parede do celeiro. Ainda nada. Ainda silencioso.

*Talvez tenha outra saída.*

Então, o cheiro de gasolina.

E daí, uma linha de chamas, pulsando, ganhando vida a partir do feno seco perto do estábulo

do *appaloosa*. O fogo correu pelo chão até uma das vigas de suporte do celeiro. Na iluminação confusa, vi uma figura disparar na direção do quartinho de selas, fora da linha de fogo de Cheyenne.

Mirei.

– Parado! FBI!

*Identifique o sujeito. Confirme que é...*

Esse homem vestia uma camisa polo cinza, não um moletom preto. *Não atire! Não atire!*

– Tem dois deles! – gritei para Cheyenne. Avancei correndo.

Ele deslizou pela porta do quartinho de selas. Um momento depois cheguei e agarrei a maçaneta.

Trancada.

Atirei na fechadura, depois bati com o ombro contra a porta, mas ela não se movia. Bati novamente, mas ela se manteve firme. Ele deve ter apoiado algo contra o outro lado da porta.

O fogo estava se espalhando rápido ao meu redor, devorando o feno em grandes tragos, serpenteando pelo perímetro do celeiro.

A fumaça subiu em ondas na direção do teto.

Mudança de prioridades.

Tirar Thomas e Cheyenne de dentro do celeiro. Agora.



Guardei minha arma no coldre e corri na direção de Bennett enquanto Cheyenne lutava contra as portas deslizantes de metal no lado oposto do celeiro.

– Vai aumentar o incêndio se eu abrir a porta? – ela gritou.

Eu não tinha certeza. A corrente de oxigênio podia fazer com que o celeiro se enchesse de chamas, mas não tínhamos nenhuma outra opção.

– Vai dar tudo certo. Abra!

Ao lado de um dos estábulos, reparei no moletom preto. *Ele mudou de roupa para que não atirássemos nele!* Cara, esse sujeito era esperto. Muito esperto.

*Era isso, ou havia dois homens...*

– Socorro! – Thomas gritou. Cheguei até ele e agarrei a cadeira de rodas, mas rapidamente percebi que o incêndio estava se espalhando muito rápido para empurrá-lo o caminho todo pelo celeiro. Eu precisava soltá-lo. Abri a lâmina da minha Wraith e cortei a fita que prendia seu braço direito.

Cheyenne abriu a porta deslizante.

O celeiro não explodiu em chamas, felizmente.

– Saia daqui! – gritei para ela, mas ela correu na direção dos estábulos para soltar os cavalos.

Cortei a fita do braço esquerdo de Thomas. Inclinei-me para soltar suas pernas.

A fumaça começou a acumular no teto. Os dois cavalos circulavam em seus estábulos, bufando, pisando forte. Agitando as cabeças.

– Rápido! – Bennett gritou para mim.

*Como esse incêndio está se espalhando tão rápido?*

Assim que cortei a fita de sua perna esquerda, dei uma rápida olhada ao redor do celeiro. Quase que imediatamente, eu podia ver que o feno e as tábuas não haviam sido espalhados aleatoriamente pelo chão, mas foram colocados cuidadosamente em fileiras cruzadas. Todas

arrumadas para bloquear a saída com chamas.

*John estava pronto para nós. Ele estava preparado.*

Cortei a fita da outra perna de Bennett. Guardei a faca.

– Você consegue se levantar?

– Não sei – ele tentou, mas caiu para trás. Balançou a cabeça. – Ele me dopou. Me apagou.

Uma rápida verificada no celeiro.

Nada bom.

O fogo já barrava a saída e estava movendo-se constantemente em nossa direção, nos prendendo no canto do celeiro que ficava mais longe das portas deslizantes. Eu não conseguiria carregar Thomas pelo caminho de chamas. Nós nunca conseguiríamos.

Cheyenne destrancou um dos portões dos cavalos. Um cavalo preto recuou, então disparou a esmo, pulando por cima do cume do fogo de 60 centímetros que circulava o perímetro do celeiro, e desapareceu pela porta.

Cheyenne foi agora para o portão do *appaloosa* e eu tive uma ideia.

– Espere! – gritei.

Ergui Bennett com o ombro e peguei uma rédea de um gancho na parede. Mesmo se eu não pudesse tirar Bennett dali, Cheyenne podia.



Ela deve ter lido minha mente, pois agarrou o cabresto do cavalo para estabilizá-lo.

– Leve Thomas! – gritei.

– E quanto a você?

– Não se preocupe comigo – baixe Thomas e passei um braço ao redor dele para apoiá-lo.

O cavalo ficou tenso e relinchou, mas Cheyenne tratou de acalmá-lo. Então ela gritou para mim.

– Não vou deixar você!

Duas das paredes foram completamente consumidas. Agarrei o braço de Cheyenne.

– Você precisa ir.

– Tire-me daqui! – Thomas berrou.

Passei a rédea para Cheyenne, mas ela a jogou de lado, agarrou um punhado da crina e pulou para as costas do cavalo.

– Vou voltar para te buscar – ela disse.

– Vou esperar ansioso.

Com uma onda de adrenalina e a ajuda de Cheyenne, ergui Thomas até o cavalo, onde ele envolveu os braços trêmulos ao redor da cintura dela e se inclinou para a frente. Eu só esperava que ele estivesse lúcido o suficiente para ficar em cima do cavalo.

O fogo subia pela parede à minha esquerda, na direção do palheiro.

Analisei o celeiro, mas não podia ver nenhum jeito de sair dali. Eu sabia que o cavalo podia galopar pelo feno queimando, mas eu teria sorte se conseguisse sequer chegar até a jaula.

Alcancei a tranca e analisei as correntes que seguravam a jaula.

*A abertura das portas deslizantes tem aproximadamente três metros de altura...*

O cavalo pisou e circulou.

– Abra o portão! – Cheyenne gritou.



*Você não consegue acertar esse tiro, Pat. Não daqui.*

*Não, mas Cheyenne consegue.*

Aponte para a parte da corrente presa ao canto da jaula mais próximo a mim.

– Atire na base da corrente!

– O quê?

– A corrente. A que está mais perto. Atire na base dela! – me segurar não seria fácil, mas seria muito mais fácil do que rastejar de cabeça para baixo pelo teto da minha garagem.

Ela me olhou intrigada, então eu aponte para o fogo serpenteando pela parede na direção do palheiro e finalmente ela entendeu. E sacou a arma.

– Abra a trava!

– Mas...

– Faça!

Abri o portão, mas em vez de mirar, ela atçou o cavalo que saiu a galope. *Não!*

*Agora eu nunca vou conseguir...*

Quando o *appaloosa* correu pelo meio do fogo, Cheyenne girou sua arma para a direita e disparou quatro tiros na corrente assim que passaram pela jaula.

Um som estridente.

A ponta da jaula caiu no chão e a corrente perto de mim balançou livre. Aquela mulher sabia atirar.

A corrente estaria muito quente para encostar e provavelmente muito curta para alcançar a base da escada, então agarrei um dos cobertores de cavalo e parti em direção à jaula.



Alcancei a jaula e enrolei a ponta do cobertor de cavalo em volta da corrente. Segurei firme e corri de volta para o palheiro puxando a corrente comigo.

Segurando o cobertor, subi pela escada. As chamas que estavam serpenteando pela parede disputaram uma corrida comigo até o palheiro.

Cheguei atrapalhado sobre a plataforma e levantei-me. Olhei por todo o celeiro.

Eu tinha uma passagem reta da plataforma alta até as portas deslizantes, e a abertura era alta o suficiente, mas eu precisaria evitar acertar as outras correntes e manter meus pés acima das chamas furiosas pelo chão.

Mas eu conseguiria.

Talvez.

As chamas começaram a aparecer pelas bordas do palheiro e lambiam o feno aos meus pés.

*Você precisa ir. Agora.*

Mudei o cobertor para um lugar mais alto na corrente. Segurei firme. Respirei fundo.

E pulei.



Balancei pelo meio do celeiro.

Medi o meu tempo. Esperei.  
Arremessei meu corpo na direção da abertura.  
E soltei.

Cai com força sobre meu lado esquerdo, logo além da borda das chamas, e rolei para fora da porta, pela terra. Rolei, rolei para longe do fogo até que finalmente levantei e cambaleei pelo campo.

O calor me perseguiu, mas com cada passo ele ficava menos feroz, menos intenso.  
Uma respirada rápida.  
Outra.

Com o canto dos olhos vi o celeiro desabar em uma bola de fogo em forma de cogumelo sob o céu azul profundo do Colorado. Uma rajada de calor passou por mim e tive de cobrir o rosto com o braço e virar de costas para o fogo.

Quando olhei para a frente, vi Cheyenne a cerca de cinco metros de distância, correndo em minha direção, conduzindo o *appaloosa*. Ela havia tirado Thomas do cavalo e ele estava apoiado em uma cerca próxima.

– Pat! – ela chamou. – Você está bem?

– Estou bem. – Olhando em direção ao celeiro, vi que o Infiniti cinza havia sumido. – E você?

Ela acenou com a cabeça e soltou o cabresto. O cavalo partiu e se juntou a seu parceiro, que já estava mais interessado em morder a grama do que em assistir o celeiro queimando. Apesar de os dois terem chamuscado os pelos, felizmente nenhum parecia seriamente ferido.

Sirenes de polícia ecoaram pelos desfiladeiros vizinhos.

Se John estivesse no Infiniti, poderíamos pegá-lo deixando a propriedade. Peguei meu celular, mas descobri que ele estava quebrado e apagado.

Devo tê-lo esmagado quando caí e rolei para longe do fogo. Cheyenne percebeu e me

emprestou o dela.

– Obrigado – disquei o número de Kurt e me afastei de Bennett para poder falar com privacidade.

Kurt respondeu antes que eu pudesse dizer uma palavra.

– Cheyenne, estamos a caminho.

– É o Pat – expliquei. – Cheyenne está aqui comigo. Escute, estamos procurando por um homem caucasiano, estatura mediana, vestido com jeans azuis e uma camisa cinza – dei a ele o número da placa do Infiniti.

– Anotei. Vou providenciar.

Então, um pensamento.

– Espere. Ele trocou de roupa uma vez. Ele pode ter trocado novamente. E é possível que sejam dois homens.

– Ok

Dirigi-me para o terreno íngreme com densas florestas que cerca vam o rancho e ponderei sobre as mais recentes pesquisas sobre padrões racionais de escolha em suspeitos furtivos.

– Se ele estiver a pé – eu disse a Kurt –, ele tende a manter à direita e a favorecer as encostas do sul. Ele vai seguir descendo a montanha. Se ele ainda estiver de carro, diga a seus policiais para procurarem por ele seguindo à esquerda na Piney Oaks Road e então virando duas vezes à direita. Ele vai evitar o primeiro acesso à autoestrada...

– Pat – ele disse e parecia um pouco incomodado –, cuidaremos disso.

– Peça para o coronel Freeman circular a área. E quanto a bloqueios nas estradas e suporte aéreo?

– Já providencie.

Olhei para o celeiro.

– E mande um caminhão dos bombeiros. Ele queimou o celeiro. Nenhuma fatalidade até agora. – Enquanto eu falava as palavras, percebi que quando os bombeiros chegassem, seria tarde demais para se fazer algo útil. Ainda assim, parecia melhor ter um caminhão dos bombeiros no lugar só para garantir. – E peça para a estação florestal de Arapaho mandar uma unidade de combate a incêndios caso esse fogo decida se espalhar.

– Vou chamá-los – Kurt disse. – Vejo você em um minuto – finalizamos a ligação e devolvi o telefone a Cheyenne.

– Eu ia voltar para te buscar – ela disse suavemente. Ela estava perto o suficiente, de modo que eu podia ver a preocupação intensa em seu rosto. – Eu pensei que você talvez...

– Ele tentou me matar – Thomas gritou em nossa direção.

Fomos até ele e, enquanto eu andava, percebi que ter caído sobre minha lateral não havia ajudado minhas costelas machucadas a ficarem melhor, mas eu me tranquilizei, pois certamente machucou muito menos que ser queimado vivo.

Ajoelhando-me ao lado dele, percebi que ele havia sofrido queimaduras de primeiro e segundo grau no lado direito do rosto, pescoço e braço, mas ele não parecia ter nenhuma queimadura de terceiro grau ou ferimentos letais.

– Você está bem? – perguntei.

Ele acenou com a cabeça duramente.

– Você está seguro agora. O socorro chegará em breve.

Ele olhou para mim com um ar de quem estava suspeitando de algo.

– Você é policial?

– FBI. Sou o agente especial Bowers. Você conseguiu ver o homem que o atacou?

As luzes giratórias das viaturas e de diversas ambulâncias apareceram na estrada esburacada

que levava até o rancho.

Thomas balançou a cabeça.

– Ele usou uma máscara – sua voz estava tensa. – Ele estava lá dentro? Ele morreu?

*Não, o carro sumiu.*

– Não tenho certeza – eu disse. – Escute-me, Thomas, é possível que fossem dois homens?

Ele pensou por um momento, então balançou a cabeça.

– Não. Acho que não – sua mão estava tremendo. Ele virou-se para Cheyenne. – Minha esposa. Tem certeza de que ela está segura?

– A polícia está a caminho da sua casa. Ela vai ficar bem.

– Não se preocupe – eu disse a ele. – Vamos pegar o homem que fez isso. Cheyenne se afastou para assinalar às viaturas onde estávamos.

– Ele ia me matar – Thomas murmurou. – Ele me dopou. Me apagou. Ele parecia estar falando comigo de outro lugar.

– Thomas, ele disse algo sobre as drogas que usou em você? Você sabe quais eram?

Thomas balançou a cabeça negativamente e repetiu:

– Ele ia me matar.

Dei um tapinha em seu ombro.

– Não se preocupe. Os paramédicos estarão aqui em um minuto.

Ele tomou fôlego agitado e acenou com a cabeça, vendo os veículos de emergência vindo em nossa direção.

Cheyenne voltou e eu gesticulei na direção de um pinheiro próximo.

– Ei, podemos conversar um minuto? – Garanti a Thomas que estaríamos de volta logo e ele acenou com a cabeça para mim, mas sua atenção já estava nas ambulâncias que se aproximavam.

– O carro já tinha sumido quando você chegou aqui fora?

– Sim. Mas nós o pegaremos, Pat. Ele não pode ter ido longe. Suor e fuligem escura cobriam o rosto de Cheyenne.

– Tem certeza de que você está bem? – perguntei a ela suavemente.

– Estou bem – ela pegou meus pulsos em suas mãos e gentilmente os virou de modo que as palmas de minhas mãos ficassem para cima. – E você?

Só então percebi as queimaduras em meus antebraços, não muito graves. Provavelmente de primeiro grau. Pareciam fortes queimaduras de sol.

– Eu vou ficar bem.

Ela ainda estava segurando meus pulsos. Não liguei.

– Você precisa lavar – ela disse. – E de um bom banho frio. E bastante aloe vera.

– Obrigado, mãe.

Finalmente ela soltou e senti minhas mãos caírem para os lados.

– Aquele tiro foi incrível – eu disse. – Na corrente. Obrigado – eu queria perguntar a ela sobre aquele tiro, algo estava me incomodando em relação a isso, mas decidi que podia esperar até as coisas se acalmarem um pouco.

Ela balançou a cabeça, obviamente frustrada consigo mesma.

– Eu precisei de quatro tiros – ela tirou o feno queimado que havia no meu ombro.

Sua voz era tão gentil quanto seu toque, e meu relacionamento conturbado com Lien-hua parecia algo que havia acabado muito tempo atrás.

Cheyenne deixou a mão parar ao lado do meu pescoço.

– Estou feliz por você ter conseguido escapar, agente Bowers.

– Estou feliz que você tenha escapado também – olhei em seus olhos e vi o fogo do celeiro

sendo refletido neles, dançando dentro deles.

– Você mandou eu sair primeiro – ela cochichou. – Você estava disposto a ficar para trás, para...

– Shhhh – eu disse.

Finalmente ela deixou a mão se afastar do meu pescoço.

E então ficamos quietos por alguns momentos, mas nossos olhos con tinuaram conversando entre si.

A primeira ambulância parou ao lado de Thomas. Dois paramédicos saltaram e correram até ele. Do outro lado do campo, três homens usando jaquetas da perícia estavam indo na direção da casa.

Eu queria ter ficado ali parado olhando para os olhos profundos de Cheyenne, mas sabia que precisava voltar ao trabalho.

– Vou dar uma olhada rápida lá de volta antes que as coisas fiquem malucas.

– Certo – ela disse, sua voz perdendo a suavidade, voltando ao normal. Estávamos trabalhando no caso novamente. Éramos profissionais.

– John gosta de cobras – ela acrescentou, e eu me lembrei de que ela havia revistado a casa rapidamente logo que chegamos ao rancho.

– Ele gosta de cobras?

– Ele tem meia dúzia de aquários cheios delas. E um dos cômodos da casa está trancado, eu não entrei nele. Ouvi os latidos e vim te ajudar no celeiro.

– Vou verificar.

– Vou ver se consigo uma descrição mais detalhada do suspeito com Bennett.

– Ótimo – eu disse.

– Certo.

Uma pausa desconfortável. Era difícil desviar o olhar dela.

– Então, te vejo em alguns minutos – eu disse.

– Ok

Então, simultaneamente, eu saí para a direita e ela para a esquerda, de modo que ficamos cara a cara novamente.

– Hum – ela disse. – Grandes mentes... – ela agarrou meus braços, segurou-me gentilmente no lugar e passou por mim pelo lado direito.

Não era fácil redirecionar meus pensamentos para o caso, mas fechei os olhos, respirei fundo duas vezes, então os abri e parti para a casa.

Fuligem e cinzas se agitavam pelo ar ao meu redor.

Pensei no coração repousado no peito de Heather... na larga man cha de sangue no chão da garagem de Taylor... Kelsey Nash encolhida no chão, deixada para morrer no freezer... Thomas Bennett amarrado na cadeira de rodas ao lado da jaula...

Considerando a natureza assustadora dos crimes que John já havia cometido, imaginei que tipo de evidências descobriríamos dentro da casa do rancho.



Enquanto eu me aproximava da casa, lembrei a mim mesmo que ainda que eu não tivesse pegado John ainda, estávamos muito próximos e cada vez mais perto.

Helicópteros.

Bloqueios nas estradas.

A rede estava se fechando.

*Eu vou te pegar, John, pensei. Você é meu.*

Mas logo que o pensamento passou pela minha cabeça, outro tam bém surgiu: *Não tenha tanta certeza.*

Olhei novamente para os escombros fumegantes do celeiro e pensei em como John havia estado pronto para nós, como ele havia preparado uma armadilha que quase queimou Cheyenne, Thomas e eu vivos. Pensei em como ele havia conseguido entrar e sair do necrotério sem aparecer em nenhuma câmera de segurança... em como ele havia sido capaz de encontrar Sebastian Taylor, um dos homens mais elusivos a figurar a lista de procurados do FBI...

E, então, enquanto eu pensava na gravação na mina e no bilhete escrito à mão que ele havia deixado para mim na garagem de Sebastian Taylor, todos os fatos, tudo, tive uma ideia perturbadora que eu gostaria de desconsiderar, mas que não conseguia ignorar. *Talvez não seja você que está se aproximando dele, Pat; talvez seja ele que está se aproximando de você.*

Mas então cheguei até a casa e meus pensamentos foram interrompidos pelos gritos que vieram de um dos membros da perícia que estava lá dentro.

Um policial parado ao lado da porta da frente correu para dentro e eu corri pelos degraus logo atrás dele.

A primeira coisa que me chamou a atenção foi o calor. Cerca de 30 °C, talvez mais. Alguém deve ter colocado o termostato no máximo. Todas as luzes estavam apagadas e, quando pressionei o interruptor perto da porta, nada aconteceu. O corredor estava praticamente negro.

Ligando minha lanterna, passei pelo policial de cara confusa que bloqueava meu caminho.

Dois técnicos da perícia estavam parados no fim do corredor olhando para a cozinha:

– Calma, Reggie. Calma – um deles disse. – Onde está Harwood com aquela pá?

– O que foi? – perguntei.

– Cascavel – o homem disse sussurrando, como se dizer a palavra suavemente faria de algum modo a cobra ficar menos perigosa. A janela encardida da cozinha deixava apenas uma névoa tênue de luz entrar no ambiente, e quando passei por ele, o feixe da minha lanterna encontrou a cobra: uma cascavel do Texas, enrolada no meio da cozinha, chacoalhando sua cauda.

Encurralado entre a cobra e a pia, estava Reggie Greer.

– Esqueça a pá – o cara ao meu lado disse. – Atire nela.

– Não com Reggie atrás dela – eu disse. – Se errarmos a cobra, a bala pode ricochetear e acertá-lo.

– É, não atirem nela – Reggie disse.

– Há outras maneiras... – fazia quase duas décadas que eu havia trabalhado como guia ecológico e tinha sido treinado para lidar com cobras venenosas, mas percebi que podia pelo menos lembrar o suficiente para tirar a cobra da casa com segurança.

– Tem outra no banheiro! – alguém gritou.

Ouvi os policiais ao meu redor recuando. Mas percebi os passos de alguém se aproximando. Uma mulher de cabelos escuros e aparentando cautela apareceu ao meu lado. A oficial Linda Harwood. Ela carregava uma pá e uma enxada.

– Permita-me – eu disse.

Peguei a pá e me aventurei a entrar na cozinha, enquanto ela recuou com a enxada.

A cobra ondulou a cabeça na direção de Reggie, depois encolheu o corpo em um círculo apertado.

Balançou seu chocalho.

– Ela vai atacar – Linda sussurrou.

– Shhhh – baixei a lâmina da pá na frente da cabeça da cobra; a cascavel mudou sua atenção para a pá e rasteou seu movimento. Reggie deu um passo nervoso na direção da geladeira. – Fique parado – eu disse. – Elas são atraídas pelo movimento.

Ele ficou imóvel.

A cobra estava agora focada na pá. Lentamente, levei a lâmina na direção de sua cabeça e então, girei o cabo, enganchando o pescoço da cobra no cabo, do mesmo jeito que seria feito com um pegador de cobras. Lentamente girei a pá, confiando na inclinação natural da cascavel para se enrolar e se segurar.

Levantei-a.

– Afastem-se – eu disse às pessoas no corredor. – Deixem-me passar. Elas pareceram concordar imediatamente.

Na hora em que me virei, o corredor estava livre.

Carregando a cobra, saí da casa e andei até uma cerca próxima. Mesmo sabendo que muitas pessoas não gostam de cobras e a teriam matado logo, eu lido o suficiente com a morte na minha vida e não sou a favor de matar coisas que não merecem morrer. Assim, cuidadosamente baixei a cascavel até o chão, balancei a pá até ela se soltar e voltei para trás. A cobra foi se proteger debaixo de um pinheiro, onde se enrolou novamente e de lá me olhou.

– Onde você aprendeu a fazer isso tudo? – um dos policiais perguntou.

– Eu assisto ao *Animal Planet* – eu disse.

– Por que você não a matou? – ele perguntou.

– Não era a hora daquela cobra morrer.



– Tem uma porção de aquários quebrados em um dos quartos – um policial gritou dos degraus na frente da casa. – Tem cobra pra todo o lado aqui!

Então ficou claro para mim por que o suspeito havia desativado as luzes e aumentado o termostato: ele sabia que revistaríamos a casa e havia confiado a seus bichos de estimação a tarefa de nos atrasar. O calor tinha deixado as cobras agitadas.

Esse cara tinha algo a mais.

Percebi Kurt andando em minha direção.

– Todos estão fora? – ele gritou.

Um olhar da oficial Harwood me fez esperar. Ela contou rapidamente.

– Sim.

– Certo, isso é tudo – Kurt gritou. – Ninguém mais volta para dentro. Vamos trazer o centro de controle animal aqui. Vamos começar analisando as portas externas e o alpendre.

Quando as pessoas começaram a se dispersar para fazerem seus trabalhos, fui até Kurt.

– Alguma notícia sobre John?

Ele balançou a cabeça.

– Ainda não encontramos o carro. Estamos verificando todas as rotas possíveis que saem daqui.

– Escute – eu disse. – Vou voltar para dentro da casa. Deve haver alguma coisa lá que pode nos levar a ele.

– Não, Pat. Não podemos deixar ninguém ser picado. Não se preocupe, vou pedir para a perícia trabalhar com o controle animal para garantir que eles não contaminem a cena.

Eu entendia que ele não queria colocar ninguém em perigo, mas eu estava decidido.

– Kurt, se houver uma mínima chance de encontrarmos alguma pista da localização do suspeito, ou de possíveis colaboradores, precisamos tratar disso agora – aponte para a cascavel que havia removido da casa. – Eu sou bom com cobras. Vou entrar sozinho. Tomarei cuidado.

Ele pensou por alguns segundos e disse afinal:

– Tudo bem. Vá.

– Deixe-me usar seu telefone.

Ele me olhou curiosamente.

– Vídeo – eu disse. – O meu foi inutilizado.

Ele entregou-me seu celular.

– Tome cuidado.

– Tomarei.

E, então, armado com a pá e a lanterna, entrei na casa infestada de cobras.



As cobras agitadas deslizavam pelas sombras ao meu redor, o som de seus chocalhos finos e secos me advertindo para tomar cuidado onde pisava.

Atendi ao aviso.

Com a casa deserta, as cobras pareciam à vontade explorando o cor redor. Enquanto deslizavam pelo feixe de luz da minha lanterna, a luz fazia suas escamas brilharem e seus corpos pareciam estar molhados e reluzentes, em vez de secos e ásperos.

E, mesmo sabendo o quanto as cascavéis eram perigosas, não podia deixar de admirar os elegantes desenhos em forma de diamantes enquanto se moviam com uma graça bela e mortal pelo carpete. Lembrei-me de que elas não queriam problemas comigo do mesmo jeito que eu não queria problemas com ela, mas isso não acalmou meu coração acelerado.

Percorri o caminho passando pela cozinha, pela sala de estar e pela sala de jantar. Mais cedo, Cheyenne havia me dito que o dono do rancho, Elwin Daniels, tinha seus 70 e poucos anos, e agora eu via que os móveis antigos, as bugigangas e as fotos da parede demonstravam isso.

Quando cheguei ao quarto que continha os aquários, eu tinha contado mais de uma dúzia de cascavéis e duas vezes tive de tirar cobras do meu caminho com a pá.

Os aquários estavam quebrados pelo chão. Mais 10 cobras rastejavam entre os cacos de vidro ou se encolhiam contra a parede.

Cuidadosamente, filmei o quarto, mostrando a perspectiva de quatro lugares diferentes.

Em seguida, o banheiro.

No balcão ao lado da pia havia uma escova de dentes, um aparelho de barbear e quatro tubos de pasta de dente. Abri o armário de remédios e encontrei-o vazio, com exceção de seis seringas hipodérmicas esterilizadas. Filmei tudo e fui para o próximo cômodo, que ficava no final do corredor.

O cômodo que ainda estava trancado.

Apoiei a pá contra a parede e saquei minha SIG e o conjunto para abrir fechaduras.

Levei só um momento para destrancar a porta.

Abri a porta lentamente. Uma rápida olhada pelo quarto me disse que não havia ninguém lá. Apenas mais algumas cascavéis.

Mas quando meus olhos encontraram a cama, um calafrio percorreu minhas costas.

Apoiada em um travesseiro e olhando sem piscar para a parede leste estava a cabeça decepada de Sebastian Taylor.

Insetos haviam chegado até ela e estavam fazendo seu trabalho.

Mas eu ainda podia identificar de quem havia sido a cabeça.

O cheiro embrulhou meu estômago.

Tirei os olhos da cena e virei-os na direção da parede para onde o rosto estava voltado.

Dúzias de recortes de jornais haviam sido presas na parede, e a posição da cabeça dava a ilusão de que seus olhos estavam lendo os artigos.

Assassinos adoram fantasiar, reviver seus assassinatos, seja lendo sobre eles, assistindo aos noticiários ou gravando os crimes por conta própria e depois assistindo aos vídeos, então não fiquei surpreso em ver os artigos. O choque veio quando direcionei minha lanterna para eles e percebi que aqueles não eram artigos sobre os crimes que John havia cometido no Colorado.

Não.

Cada um dos recortes era sobre os crimes terríveis cometidos por Richard Devin Basque há 13 anos no Meio-Oeste americano.



Verifiquei debaixo da cama, depois dentro do armário e confirmei que ninguém estava planejando uma emboscada dentro do quarto.

Então, evitando as duas cascavéis perto da cama, me aproximei da parede com os artigos. Reconheci cada uma das fotos das 16 vítimas.

Seus nomes flutuavam em minha cabeça: Sylvia Padilla, Juanita Worthy, Celeste Sikora...

“Por que, Patrick?”

“Por quê?”

John havia guardado recortes do *Milwaukee Sentinel*, do *Chicago Sun-Times*, do *Wisconsin State Journal* e até alguns dos jornais locais menores de Wisconsin, como o *Janesville Gazette*, criando um memorial jornalístico dos assassinatos de Richard Devin Basque.

Um santuário.

Desde a hora em que eu havia ouvido a gravação na mina na quinta-feira à noite, me parecia evidente que o assassino no Colorado tinha algum tipo de ligação com o julgamento de Basque em Chicago. Eu não havia visto como os dois casos podiam estar relacionados antes, mas percebia agora.

Richard Devin Basque tinha um fã.

Finalmente, encontrei 14 artigos que cobriam a prisão de Basque por mim. Em cada um deles, os repórteres incluíram uma foto minha. Um dos artigos, escrito por um jornalista chamado Zak Logan, que havia me perseguido por três semanas para conseguir uma exclusiva, me descreveu como “o corajoso detetive que localizou e capturou sozinho o homem suspeito de ser o responsável pelos assassinatos brutais de pelo menos uma dúzia de mulheres”.

Lembrei-me dele agora, e o quanto fiquei incomodado por ele ter escrito que peguei Basque sozinho, como se os outros policiais da minha equipe sequer existissem.

E em todos os recortes contendo minha foto, meu rosto havia sido circulado com uma caneta vermelha.

Então, talvez Basque não fosse o único a ter um fã.

Talvez eu tivesse um também.



Fazer a filmagem levou mais tempo do que eu imaginava, mas finalmente saí da casa e reparei em três membros da unidade de perícia reunidos em torno de Jake Vanderveld, que estava de pé ao lado do pinheiro onde eu havia soltado a cascavel. Ele havia arrastado a cobra para a parte desmatada e estava segurando a pá verticalmente, cabo para cima, lâmina para baixo.

Parti na direção dele, mas antes que eu pudesse pará-lo, ele levantou a pá e desceu com ela decisivamente, enfiando a lâmina pelo pescoço da cobra e para dentro da terra. A cabeça, juntamente com cerca de oito centímetros do pescoço, rolou pelo chão perto do corpo da cascavel, que se contorceu e se enrolou na terra.

– Ei! – percorri o espaço entre nós dois e tomei a pá de sua mão. – O que você está fazendo?

O corpo da cobra se contorceu ao lado do meu pé.

– É uma cascavel – Jake respondeu, como se isso explicasse alguma coisa. Ele estava olhando para a cabeça, que ainda estava sibilando, com as presas para fora. – É perigosa.

A oficial Harwood olhou para a cabeça.

– Ainda está viva.

– Reflexos de réptil – Vanderveld disse. – Ela pode continuar viva por uns 90 minutos. Cuidado. A cabeça ainda consegue morder. Ainda solta veneno.

Talvez a visão de Tessa sobre direitos dos animais tivesse sido passada para mim mais do que eu havia reparado porque, quando vi que nenhum dos membros da perícia parecia incomodado por Vanderveld ter acabado de matar aquela cobra sem motivo nenhum, fiquei ainda mais irritado.

– Afaste-se, Jake.

Ele deu um passo para trás. Olhou para mim friamente.

Pelo canto dos olhos, vi a cabeça da cobra levantar-se em seu curto pedaço e morder o ar, e enquanto ela fazia isso, me imaginei agarrando Jake e abaixando-o na direção da cabeça. *A ambulância ainda está aqui. Os paramédicos poderiam retirar o veneno. Não o mataria, só seria*

*doloroso demais para se sentar por um mês ou mais.*

Pensamentos ruins.

Pensamentos ruins.

Mas meio divertidos, mesmo assim.

Finalmente, Jake apenas disse, com uma voz de quem era meu grande amigo de tempos:

– Fica frio, Pat. É só uma cobra. Não vamos perder o foco e esquecer quem é o vilão da história.

– Eu não perdi o foco.

Ele parecia que ia responder, mas permaneceu em silêncio e caminhou na direção da casa. O corpo da cobra ainda estava se contorcendo e se enrolando, deixando manchas escuras na terra na ponta cortada que sangrava. A cabeça, com olhos que não piscavam, balançou sua língua para fora e sentiu o ar.

Tentei imaginar quanta dor as cobras podiam sentir. A cabeça estava obviamente ainda alerta. Talvez estivesse sofrendo, e se Jake estivesse certo sobre ela viver por 90 minutos, iria sofrer por mais uma hora e meia. Pensei em Tessa novamente e em seu amor pelos animais, sua visão progressiva sobre direitos dos animais e a santidade de toda vida, e no que ela diria se soubesse que deixei a cobra ali daquele jeito...

Finalmente, mesmo não sabendo se a cobra morta ainda estava sentindo dor, peguei a pá e acertei-a quatro vezes, acabando com qualquer dúvida.

Quando virei as costas para os restos da cobra, vi Kurt se aproximar de mim.

– Localizamos o Infiniti em uma antiga estrada de mina a cerca de uma milha daqui. Nenhum sinal de John – seus olhos encontraram a lâmina sangrenta da pá. – O que está acontecendo?

– Nada – joguei a pá de lado. – Alguma indicação de qual direção ele tomou?

– Não – Kurt estava olhando para os restos destruídos da cobra. Ficamos quietos por alguns segundos, então ele disse: – Pat, faça uma pausa. Vamos encontrar John. Estamos vasculhando completamente esse lado das montanhas. Saia daqui. Temos mais três helicópteros aqui em cima. Freeman pode te levar de volta para Denver. O dia já foi longo o suficiente – e então ele fez uma pausa enquanto um nó de tensão atravessava sua voz. – Para nós dois.

Reparei que ele estava esfregando a aliança com firmeza entre os dedos.

– Você está bem?

Não parecia que ele fosse me responder, mas então ele disse silenciosamente:

– Você sabe quantos casamentos sobrevivem à morte de uma criança? Era uma daquelas perguntas que você não responde com palavras.

Coloquei a mão em seu ombro, mas ele balançou a cabeça e disse:

– Esqueça isso – então ele afastou minha mão e levou um momento para enterrar suas emoções. – Então, o que você viu na casa?

– Kurt, podemos conversar sobre...

– A casa, Pat – sua voz havia se tornado nervosa e dura, e eu soube que devia recuar.

– Ok – levei um minuto para contar a ele sobre a cabeça de Taylor e os artigos de jornal.

Ele me ouviu e pareceu ter ficado mais interessado nos recortes de jornal do que na cabeça cortada do governador.

– Você disse que teve a sensação de que John fosse um fã de Basque? – sua voz ainda mantinha um traço da dor que havia acompanhado os comentários sobre seu casamento.

Acenita com a cabeça.

– Mas Grant Sikora tentou matar Basque – ele disse. – Então, se John estivesse envolvido de algum jeito na coordenação daquilo, ele estava tentando se livrar de Basque, e não honrá-lo como seu herói – Kurt balançou a cabeça. – Eu não acho que esses artigos sejam um tributo para

Basque.

– O que você acha que são?

– Talvez um relatório de observação.

Eu tinha de deixar aquilo assentar.

*Ele circulou sua foto, Pat. Talvez ele esteja observando...*

– Ei – era Cheyenne. Eu não havia notado ela vindo em nossa direção.

– O que nós sabemos?

– John ainda está foragido – eu disse.

A 100 metros de distância, vi que os paramédicos haviam colocado Thomas Bennett em uma maca e estavam levando-o na direção da ambulância.

– Como está Bennett? – Kurt perguntou.

– Parece que está tudo bem – ela disse. – Mas ele está muito abalado. Eles querem mantê-lo no hospital esta noite para observação. Ainda não sabemos com o que ele foi drogado.

– Ele falou mais alguma coisa sobre o sequestrador? – perguntei. Ela balançou a cabeça.

– Não. Ele falou que o cara falava sussurrando baixo; ele não acha que será capaz de reconhecer a voz se a ouvir novamente.

Kurt rabiscou alguns lembretes em sua caderneta.

– Vou garantir que tenha um policial esperando no hospital para protegê-lo quando ele chegar.

– Mais uma coisa – ela disse. – O assassino disse a Thomas que estava indo atrás da esposa dele, Marianne. Fiz uma ligação e a expedição já mandou um carro para a casa dela, mas estou pensando se poderíamos mandar uma policial feminina disfarçada para lá e colocar Marianne sob proteção caso John decida ir atrás dela.

– Hum... pode ser bom – Kurt murmurou. – Contanto que ela não se torne uma isca – ele pensou por um momento. – Deixe-me fazer algumas ligações – e estendeu a mão para mim.

– O quê?

– Meu telefone.

– Ah, sim – entreguei-o para ele. – Tem vídeos da maior parte da casa. Envie-os por e-mail para mim.

– Enviarei – então ele se afastou de mim e de Cheyenne, mas falou por cima do ombro: – Agora, saiam daqui e descansem. Vocês dois estão com cara de... – sua última palavra foi abafada enquanto ele ia embora, mas acho que sabia o que era.

E então, Cheyenne e eu ficamos a sós.





O sol dirigiu-se para trás das altas montanhas que se erguiam contra o céu. As Montanhas Rochosas estavam roubando minutos do dia.

– Ele deixou as cobras soltas – eu disse a ela. Então informei-a sobre a cabeça de Taylor e os recortes de jornal no quarto trancado.

Ela deixou tudo assentar.

– Não podemos divulgar essa informação sobre a cabeça de Taylor para a imprensa – ela disse. – Se a mídia souber disso, só vai causar mais pânico, mais obstáculos para a investigação.

Eu não tinha nenhum argumento contra aquilo.

Passamos alguns minutos revisando tudo que havia acontecido durante o dia, conversando sobre os fatos, pistas e conexões, mas eu tinha a sensação de que ambos estávamos esperando que a conversa se direcionasse para algo mesmo relacionado ao trabalho.

Enquanto conversávamos, vi que Cliff havia encontrado espaço suficiente para pousar no campo perto da casa. Eu não me lembro de ouvi-lo chegando. Ele estava ao lado da cabine, olhando para seu relógio. Imaginei quanto tempo fazia que ele estava ali.

– Vou voltar com Bennett – Cheyenne disse. Ela gesticulou na direção da ambulância ainda parada perto do celeiro. – Acho que ele precisa de alguém com ele agora. Talvez quando se acalmar ele possa nos informar algo mais específico.

– Acho que vou fazer companhia para Cliff no helicóptero – fiz uma leve pausa. – Bom trabalho hoje, Cheyenne.

– Obrigada – ela colocou de lado uma mecha de cabelo solta que havia caído na frente do olho.

– Então – eu disse.

– Então.

O crepúsculo surgiu por cima das montanhas. Por todo lado, à nossa volta, o dia estava se esvaindo. A ambulância começou a vir lentamente em nossa direção pela estrada esburacada.

– Você vai fazer alguma coisa mais tarde? – ela perguntou.

– Provavelmente vou trabalhar um pouco, recalculando o perfil geográfico agora que sabemos que o assassino usava esse local. Talvez seguir sua sugestão: tomar um bom banho frio. Passar aloe vera. Isso tudo.

Parecia que talvez houvesse mais a dizer, mas eu não sabia o que poderia ser.

– Bem, ok – eu disse. – Boa noite. Te vejo amanhã. Obrigado novamente por atirar na corrente.

– O prazer foi meu.

Segui na direção do helicóptero mas havia dado apenas alguns passos quando ela me chamou de volta.

– Espere.

Virei-me.

– Sim?

Uma leve pausa, então:

– Venha jantar comigo.

Senti uma onda tanto de excitação quanto de apreensão.

– Não tenho certeza se posso...

– Ah, você já tem planos.

– Não, eu... – Tessa havia me dito que ia sair com Dora para jantar e ir ao cinema hoje à noite, então eu ficaria em casa sozinho e provavelmente acabaria pedindo uma pizza. Não era exatamente o que pensei que Cheyenne queria dizer com a palavra *planos*, mas ainda assim...

– Ah, me desculpe – a voz de Cheyenne murchou. – Você está saindo com alguém, eu...

– Não, não. Não é isso. Não estou saindo com ninguém, eu só...

– A mulher com quem falou ao telefone hoje mais cedo? Cara, ela era boa.

– Lien-hua? Não, isso acabou – as palavras tiveram um gosto amargo em minha boca.

– Então você não está saindo com ninguém – Cheyenne disse decisivamente, e eu imaginei se ela não estaria tentando me convencer de que aquilo era verdade. – E eu também não, e nós dois estamos com fome e estamos livres para o jantar. Então, tudo que estou dizendo é: venha comer comigo.

Reparei em Reggie Greer andando na direção dos restos da cobra, não muito longe da gente.

– Eu não sei, Cheyenne...

– Eu não estou te pedindo em casamento, apenas para ir comer comigo em algum lugar na minha vizinhança.

A ambulância andou até parar a 10 metros de distância. Reggie pegou a pá e a usou para se livrar dos restos da cobra.

– Agente Bowers – ele chamou –, obrigado por me ajudar lá na cozinha – ele lançou a cobra morta para o meio do mato, fora de nossa vista.

– Por nada – enquanto respondia para Reggie, eu ainda estava tentando pensar no que falar para Cheyenne.

– Então? – ela disse.

Uma abordagem diferente. Abaixei minha voz, esperando que Reggie não ouvisse.

– Talvez eu seja antiquado, mas sempre pensei que era responsabilidade do cara chamar a garota para sair.

E, então, antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa, ela disse:

– Bom, obrigada, dr. Bowers. Seria uma honra me juntar a você para jantar.

– Eu não estava... – Às 20h então? – Às 20h...

– Perfeito. Eu conheço uma churrascaria que tem uma carne ótima, perto da Union Station,

aonde você pode me levar – ela colocou a mão no meu braço e deu uma leve apertada. – Dessa vez, você pode me buscar – então ela me falou seu endereço e partiu para a ambulância.

Peguei Reggie Greer sorrindo para mim.

– O quê? – eu disse.

– Essa foi boa.

– Do que você está falando?

– Me desculpe. Não pude deixar de ouvir. Ser chamado para sair pela detetive Warren e, então, inverter a situação para que ela não se sentisse desconfortável por ter tomado a iniciativa... bom. Muito bom.

– Ah, claro, uau – murmurei. – Obrigado.

– E você é um homem corajoso por topar um encontro com ela. Eu não tinha muita certeza de como entender aquilo.

– Não é um encontro.

Cheyenne desapareceu dentro da ambulância. Eu estava torcendo para que ela não tivesse ouvido nada daquilo.

– Ah – ele piscou para mim. – Saquei – as portas da ambulância se fecharam. Cruzei os braços.

– Só vou comer com ela nas redondezas de onde ela mora.

– Claro. Entendi.

Isso não ia chegar a lugar algum.

– Estou indo. Tchau.

Fui na direção do helicóptero, enquanto a ambulância ia embora.

E, quando pensei na noite próxima, lembrei-me do quanto Tessa ficara incomodada com o vaso de manjeriço.

Peguei emprestado o celular de Cliff e, quando Tessa não atendeu, deixei uma mensagem de voz dizendo para ela se divertir no cinema e que eu jantaria mais tarde e a veria quando ela chegasse em casa. Expliquei que meu celular estava quebrado, deixei o número de Cheyenne e disse a ela para “somente ligar para aquele número se precisasse entrar em contato comigo”.

Ela não sabia que era o número de uma mulher.

Então Cliff e eu subimos a bordo do helicóptero e alguns momentos depois estávamos sobrevoando as montanhas que escureciam, voando para o leste na direção de Denver, onde a Lua já estava começando a surgir.

Tessa estava emocionalmente arrasada.

Depois de ter mexido na caixa de memória a tarde inteira com Dora e de perceber o quanto ela não conhecia sobre a vida da mãe, decidi que precisava de um tempo para relaxar antes de sair novamente à noite.

Então, após Dora ter saído para cuidar de algumas coisas em casa, ela começou a mexer no cubo novamente e finalmente conseguiu resolvê-lo uma vez, mas ainda não estava nem perto de fazê-lo com os olhos fechados.

Ela estava trabalhando nele havia alguns minutos quando o telefone começou a tocar, distraíndo-a completamente.

Mas ela continuou com os olhos fechados. Tentava se concentrar.

Toque genérico. Continuou tocando.

Irritante, irritante, irritante.

Finalmente parou, mas aí já era tarde demais. Ela havia perdido com pletamente a noção de onde as cores estavam. Frustrada, abriu os olhos e foi ver se quem havia ligado tinha deixado alguma mensagem.

Encontrou uma mensagem de voz de Patrick.

Na mensagem ele explicou que estava a 25 minutos da cidade e que era para ela se divertir no cinema e não se preocupar com ele porque ele iria jantar mais tarde; que ele a amava e era para ligar para um número de telefone se houvesse algum problema.

E quando ela ouviu sua voz, ela se lembrou da última conversa nada cordial entre eles.

Ok, então ter desligado na cara dele talvez não tenha sido a melhor coisa a se fazer, especialmente num dia em que ele estava obviamente estressado com o julgamento e o vaso de manjeriço, ah, isso sim era perturbador demais, e com o término do relacionamento com a agente Jiang. Desligar daquele jeito provavelmente não havia ajudado a convencê-lo a lhe dar o diário.

Hum. Então, ok.

Ele iria jantar mais tarde, né? Isso significava que ainda não havia comido. E, pensando nisso, com exceção dos salgadinhos e do molho que ela havia comido com Dora, ela não tinha comido também.

E isso deu a ela uma ideia. Talvez, apenas talvez, se ela parasse de agir como uma pirralha reclamona, forçando a barra para ele dar a ela o diário, ele poderia mudar de ideia em relação a isso. Se ela mostrasse a ele que ela podia realmente ser madura e responsável...

Jantar.

Sim.

Não havia muita coisa que tanto ela quanto Patrick gostavam de comer, mas espaguete com molho sem carne era uma delas. Perfeito.

Mas, de acordo com sua mensagem de voz, ela tinha menos de 25 minutos para preparar tudo.

Ela ligou para Dora e cancelou o passeio delas, pegou um saco de espaguete na prateleira e encheu uma panela com água. Então, colocou-a no fogo e começou a preparar uma salada enquanto esperava a água ferver.



Senti cheiro de molho de espaguete quando entrei pela porta da frente.

– Tessa? – coloquei minha bolsa do computador ao lado do sofá.

Ela apareceu na porta da cozinha segurando uma concha que pin gava molho de tomate e vestindo o avental de churrasco que a esposa de Ralph, Brineesha, havia me dado no Dia dos Pais do ano passado, onde estava escrito “Rei do Carvão”.

– Bem-vindo – ela disse. – O jantar está na mesa.

– O que você está fazendo?

– Cozinhando.

– Cozinhando?

– Sim – ela disse. – Entre.

– Você está cozinhando?

– Uh-huh. Você quer uma taça de vinho ou alguma outra coisa para acompanhar?

Juntei-me a ela na cozinha e vi que minha mesa estava arrumada para dois. Nossas melhores louças. Uma taça de vinho, uma lata de refrigerante.

– Tessa, o que está acontecendo?

Ela piscou.

– Eu fiz o jantar.

– Você odeia cozinhar.

– Estou ampliando meus interesses – ela segurava duas garrafas de vinho. – Tinto ou branco?

Olhei pela cozinha, tentei entender tudo. A salada. O molho fervendo. A tigela de macarrão.

– Pensei que você e Dora iam sair para jantar e depois ver um filme.

– Cancelamos – ela apontou com a concha para o fogão, lançando gotas de molho vermelho pelos azulejos. – Deixei o molho fervendo para mantê-lo quente.

Eu não fazia ideia do que dizer.

– Isso é ótimo mesmo, mas já tenho planos para o jantar.

– Como assim?

– Prometi para alguém que os encontraria para jantar.

– Ah – ela baixou a concha. Soltou-a. – Ok – lentamente, ela virou-se na direção do fogão e então desligou a boca que estava aquecendo o molho.

– Não, escute. Estou impressionado que você tenha feito o jantar. Quero dizer, parece ótimo, mesmo.

Ela estava de costas para mim.

– Não, não é nada de mais. Sério.

Oh, não.

– Ei, olhe. Vou cancelar. Está tudo bem. Vou só ligar para minha amiga e dizer a ela...

– É uma mulher? – Tessa ainda não havia virado de volta.

– Isso não... isso não importa. O que quero dizer é que eu disse a ele, a ela, seja lá quem for, que eu iria jantar perto da casa deles.

Tessa me encarou.

– Da casa deles?

– Sim.

– Você pode não ter reparado, mas você fica mudando o pronome pessoal do singular para o plural, usando “eles” e “deles” para se referir a alguém. Você não faria isso se estivesse saindo para comer com um dos caras, então estou chutando que você vai jantar com uma mulher – ela cruzou os braços. – Estou certa, não estou?

– É uma colega de trabalho.

– Do sexo feminino.

– Bom, é...

– É um encontro?

– Não é um encontro.

– O que é?

– Um jantar.

– Um encontro para jantar.

– Não.

Ela inclinou a cabeça.

– Tem certeza?

– Sim, tenho certeza. Não é um encontro.

– Bom – ela tirou o avental e o pendurou sobre o encosto de uma das cadeiras ao lado da mesa. – Então eu posso ir também.

– Hum, talvez seja um encontro.

– Tarde demais. Vou junto. Me dá um segundo para eu pegar minha bolsa. Ela desapareceu no outro quarto.

*Que diabos aconteceu aqui?*

– Tessa, vou cancelar! – falei.

– Não, está tudo bem. Eu não ligo de comer fora – ela gritou de volta.

– Podemos comer espaguete amanhã.

– Não é disso que estou falando...

– Então, quem é? – ela estava gritando para mim de trás da porta de seu quarto. – É aquela ruiva bonita que estava no escritório do jornal?

Esfreguei a testa. *Isso não pode estar acontecendo.*

– Estou falando sério, vou ligar para ela e...

– Isso é falta de educação. Mantenha sua palavra. Vá para o seu encontro. *Não é um encontro!*

Ok, as opções eram (1) cancelar o jantar nas redondezas de Cheyenne;

(2) impor a lei com Tessa, dizer a ela que ia sair e que ela precisa ficar aqui, mas isso significaria deixá-la aqui sozinha com suas memórias daquele vaso de manjeriço. Além disso, nós havíamos discutido mais cedo sobre o diário, e seria bom passar um tempo com ela hoje à noite explicando que eu não estava bravo com ela.

Fui para o meu quarto.

– Tudo bem, você pode ir – eu disse na direção da porta dela. – Saímos em 20 minutos.

– Beleza.

– Vou tomar um banho rápido para me limpar. Quase fui queimado vivo essa tarde.

– Legal.

Parei e olhei para a porta.

– É legal que eu quase tenha sido queimado vivo?

– Que você *quase* foi queimado vivo – a porta abriu uma fresta e a cabeça dela apareceu. –

Se você tivesse sido queimado vivo, teria sido uma droga.

Ah, sendo assim.

Ela voltou para dentro.

Tomei um banho, troquei de roupa e quando voltei para a cozinha, descobri que Tessa havia guardado a comida. Então saímos para pegar Cheyenne.



Bati na porta de Cheyenne.

No caminho, peguei emprestado o telefone de Tessa e liguei para Cheyenne para contar a ela sobre a pequena mudança de planos, mas ela não atendeu. Deixei duas mensagens de voz, mas ela não retornou nenhuma delas.

Ela abriu a porta.

– Oi.

Eu mal pude reconhecê-la. Ela usava um vestido preto estonteante que acentuava todas as partes certas de sua silhueta de todas as maneiras certas. Eu não me lembrava de vê-la com maquiagem antes, mas talvez ela tenha pensado que aquela era uma ocasião especial. Ela estava deslumbrante.

– Uau! – eu disse. – Eu não sabia que *cowgirls* se vestiam assim.

– Já te disse, sou difícil de classificar. Como estão seus braços?

– Como é?

– As queimaduras.

– Ah, sim. Bem – eu disse. – Ei, hum, você recebeu meu recado?

– Recado?

– Mensagem de voz. Liguei para você faz... bom, não importa. Eu só estava tentando dizer a você que meus planos haviam mudado um pouco – dei um passo ao lado e apontei para o carro. Tessa abriu a janela do banco de trás e ergueu dois dedos para nós. – Temos companhia.

– É Tessa.

Tentei decifrar seu tom de voz, mas não podia dizer o que ela poderia estar pensando.

– Escute – eu disse. – É uma longa história. Se não for dar certo, tudo bem. Podemos adiar...

– Não, não, tudo bem – Cheyenne saiu pela porta e a fechou atrás dela. Dirigiu-se para o carro. – Como você disse para Reggie, não é um encontro.

E a noite começava de maneira brilhante.



A caminho do restaurante, Tessa mencionou que era vegetariana e acabou perguntando se o lugar que iríamos comer servia bezerras recém-assassinados ou outro animal tratado desumanamente e morto brutalmente, porque caso servisse, isso faria, e ela sentia muito, mas isso faria com que ela se sentisse totalmente enjoada.

– Vamos deixar a detetive Warren escolher o restaurante – eu disse a Tessa, lembrando que Cheyenne havia me dito que queria ir a uma churrascaria perto da Union Station. – Então, em qualquer lugar que ela quiser ir, nós vamos. E não acho que vegetariano esteja no cardápio.



Estacionei na frente da Cozinha Vegana de Sahib e suspirei, mas consegui não dizer nada quando saímos do carro.

Depois de sentarmos e pedirmos nossas bebidas e entradas para o garçom, Tessa olhou ao redor admirada.

- Esse lugar é demais. Eu nunca tinha vindo aqui antes.
- É o melhor restaurante indiano de Denver – Cheyenne disse.
- Obrigada por escolhê-lo.
- Por nada.

Tessa inclinou-se na direção de Cheyenne.

- Patrick esteve na Índia quatro vezes.
- Cheyenne me deu um aceno de aprovação.
- Verdade?

– Só para ensinar algumas coisas e servir de consultor em Mumbai. Não foi nada de mais..

– Claro que foi – Tessa interrompeu. – Ele ajudou a pegar cinco pessoas que estavam raptando garotas e vendendo-as para o tráfico sexual.

Cheyenne olhou para mim solenemente.

– Isso é algo para se ficar orgulhoso – percebi um quê de emoção em suas palavras que nunca havia sentido antes nela. – Falando sério.

– Obrigado.

Então as bebidas e o *naan* chegaram e nós pedimos nossa comida. Eu não me lembro dos nomes indianos para tudo, mas os nomes realmente não importavam. Tudo era praticamente apenas vegetais e arroz. Nada de carne. Nem mesmo perto.

Após o garçom sair, passei alguns minutos ajudando Tessa e Cheyenne a se conhecerem. Então Tessa disse:

– Detetive Warren, você sabia que a criação de perfis geográficos foi desenvolvida primeiro

na Índia?

Olhei para minha enteada intrigado.

*O que ela está fazendo?*

– Não, não sabia – Cheyenne disse.

Eu não queria falar de trabalho naquela noite, especialmente sabendo o quanto Tessa podia zombar do meu ofício.

– Tenho certeza de que a detetive Warren não está interessada na história...

– Na verdade estou. Continue, Tessa.

Como eu sabia que ela iria dizer isso?

– Bem – Tessa disse. – Por cerca de dois mil anos as vilas rurais do norte da Índia foram assoladas por gangues de bandidos que se esgueiravam pelas cidades à noite e atacavam, roubavam, sequestravam e matavam pessoas, e então escapavam protegidos pela escuridão de volta para suas próprias vilas ou para seus esconderijos na floresta. Não é isso, Patrick?

– Sim. Eles se chamavam...

– Dacoits – disse Tessa. – Então, para resolver os crimes, e eu não tenho certeza em que ano fizeram isso, teria de perguntar para Patrick, as autoridades indianas finalmente decidiram parar de procurar pelas três coisas nas quais os detetives dos Estados Unidos baseiam todas as suas investigações: motivos, meios e oportunidade. Primeiramente, os indianos não ligavam para o que motivava os crimes. Fosse por raiva, por ganância ou tradição, tanto fazia, porque era provavelmente todas as opções. E segundo, eles sabiam que a maioria das pessoas na região tinha a habilidade de atacar e roubar os outros, então focar nos meios não teria ajudado muito. E finalmente, quanto à oportunidade, bom, os crimes eram sempre cometidos durante a lua nova, quando estava mais escuro, de maneira que isso também não dizia muito para eles.

A comida chegou e fiquei feliz, pelo menos por interromper a palestra de Tessa.

– Só uma coisa antes de começarmos – Cheyenne disse. – Se quisermos ser culturalmente fiéis, precisamos comer com as mãos – ela demonstrou enfiando o dedão e os três primeiros dedos da mão direita no canto do seu prato, pegando um pouco de arroz e vegetais e levando a comida até a boca.

Eu conhecia isso tudo das minhas viagens para a Índia, mas nunca havia tido tempo de ensinar à minha enteada a etiqueta indiana à mesa.

– Legal – Tessa disse. Ela começou a comer com os dedos. Por instinto, ela usou a mão esquerda.

Cheyenne sorriu.

– Mas use sempre a mão direita.

Um olhar levemente ofendido.

– E quanto a pessoas canhotas?

– Bem – eu disse –, indianos usam a mão esquerda para outras... tarefas – mantive minha descrição propositalmente vaga, esperando que Tessa fosse capaz de preencher a lacuna que deixei vazia.

– Tarefas?

Cheyenne se inclinou para a frente e disse suavemente:

– A maioria das vilas rurais não possui sistemas de esgoto adequados, então as pessoas não usam papel higiênico.

Conversa de jantar assombrosa, essa.

– O que eles...?

– Água. Eles lavam.

Tessa olhou para seu prato.

– Bom, isso é informativo – senti que ela estava prestes a continuar com as perguntas, mas ela se segurou e, em vez disso, limpou os dedos em um guardanapo.

Nós três comemos por alguns minutos, depois Cheyenne engoliu um pouco de seus vegetais com curry e perguntou a Tessa, que estava agora comendo com a mão direita:

– Então, o que eles procuraram?

– Quem?

– As autoridades indianas.

– Ah, sim, desculpe – Tessa disse e completou, cutucando com o dedo no ar. – Horário e local.

– Assim como Patrick – disse Cheyenne, com admiração.

– Não exatamente... – comecei.

– Sim – Tessa disse. – Exatamente como Patrick.

*O que deu nela?*

– Eles estudaram o quão longe uma pessoa podia viajar a pé de noite, então reduziram a área de busca para incluir apenas aquelas vilas dentro daquele raio.

Ela alternava entre bocados de seu jantar e a exposição de sua resposta.

– Então eles avaliaram as rotas de viagem mais prováveis, estudaram padrões de uso da terra e compararam com a proximidade dos crimes e reduziram mais ainda a lista de suspeitos. Finalmente, eles consideraram a cultura e as tradições da região.

– Cultura e tradição? – Cheyenne perguntou.

– Sim. Eles sabiam que os homens nas gangues não atacariam membros de sua própria casta, então eliminaram mais suspeitos ainda. Naquele ponto eles começaram a procurar por evidências físicas, identificação de testemunhas oculares, confissões etc. ... Mas eles começaram procurando por horário e local.

– Uau, estou mesmo impressionada. Onde você aprendeu isso tudo? Tessa apontou os dedos engordurados e cobertos de arroz para mim.

– Nos livros de Patrick. Eles são muito cativantes e informativos. E muito bem pesquisados.

Ok, isso foi só ridículo.

Eu estava prestes a explicar que qualquer investigador poderia ter descoberto o mesmo método usando apenas lógica e dedução racional, mas Tessa afastou a cadeira da mesa.

– Bem, acho que preciso ir ao banheiro – ela fez uma pausa e então disse. – Hum, eles têm...

– Sim – Cheyenne disse –, aqui eles têm.

– Perfeito.

Tessa passou entre as mesas a caminho do banheiro e eu só balancei a cabeça.

– Eu não faço ideia do que está acontecendo com ela hoje. Desculpe-me.

– Pelo quê?

– Ela não é assim normalmente. Na maioria das vezes ela é muito menos... hum, aparecida.

– Ela tem orgulho de você, só isso – Cheyenne tomou um gole de sua bebida, então repousou seu *lassi*. – Eu gosto dela. Ela tem atitude.

– Sim – eu disse. – Atitude.

Comemos por alguns minutos, então apoiei meu garfo.

– Cheyenne, deixe-me perguntar uma coisa.

– Sim? – ela comeu um punhado de vegetais.

– Lá no celeiro, quando você atirou na corrente... – levei um momento para reunir meus pensamentos para que não soasse como se eu estivesse questionando a decisão dela. Ela mastigou a comida. Engoliu. Esperou que eu continuasse. – Por que você não atirou quando estava ao meu lado? Sabe, antes de o cavalo começar a correr. Acho que teria sido um tiro muito mais fácil do que acertar uma corrente de três centímetros de largura de um cavalo galopando.

– Você está certo. Teria sido mais fácil.

– Então, por quê?

Ela pegou mais um punhado de comida, empurrou seu prato para o meio da mesa e mergulhou os dedos em uma pequena tigela de metal com água que o garçom havia providenciado para os clientes limparem seus dedos.

– Eu precisaria de alguns segundos a mais para mirar, mas o fogo estava se espalhando tão rápido que eu não queria arriscar. Eu não estava confiante que o cavalo conseguiria se eu esperasse.

Aquilo parecia fazer sentido, mas fiquei com a impressão de que havia algo mais que ela queria dizer.

– No cavalo tudo é só instinto – ela explicou. – É desse jeito que trabalho melhor: com o instinto. Uma pessoa pode pensar demais, sabe? – na luz amarelada do restaurante, ela parecia mais atraente do que nunca. – Você confia na sua mente, Pat, e eu admiro isso. Eu confio no meu instinto.

Os sons ambientes do restaurante pareciam ter sumido.

– E o que o seu instinto está dizendo agora?

Um brilho surgiu nos olhos dela.

– Que estou querendo sobremesa.

Então ela deixou seu olhar se perder além do meu ombro quando Tessa reapareceu por trás de mim e sentou-se em sua cadeira.

– Você falou sobremesa?

– Isso mesmo. Assim que vocês dois terminarem.

Enquanto Tessa e eu terminávamos de comer, Cheyenne contou a ela sobre alguns dos cavalos que ela tivera na vida, e, considerando o amor de Tessa pelos animais, dava para ver que Cheyenne estava fazendo uma nova amiga.

Finalmente, Tessa terminou sua refeição, enxaguou os dedos e olhou animada para mim.

– Estou com vontade de tiramisú. Eles não fazem tiramisú indiano, fazem?

– Normalmente não – eu disse.

Cheyenne afastou-se da mesa e levantou-se.

– Tiramisú parece perfeito. Vamos.



Mesmo que estivesse esperando por isso, quando Reggie apareceu no esconderijo após trabalhar em uma cena de crime “nas montanhas”, isso incomodou Amy Lynn. Ela esperava que ele ficasse em casa e desse espaço para ela trabalhar. Típico do casamento deles: ela estava sempre buscando mais espaço, ele estava sempre buscando uma “ligação mais íntima”.

– Você está bem? – ele perguntou, depois que os dois agentes federais de guarda na casa saíram para o outro quarto.

– Sim, estou bem.

Ele pegou Jayson e levantou-o alegremente sobre sua cabeça.

– Tem certeza de que quer ficar aqui?

– Está sendo bom.

E estava mesmo. Ela havia conseguido bolar algo para sua coluna semanal e dar um jeito no artigo sobre os esteroides a tempo de entregá-los às 16h. Então ela havia passado o resto da tarde e da noite pesquisando o assassino. E mesmo não tendo encontrado nenhuma pista sobre a identidade de John, depois de procurar entre todos os funcionários do *Denver News* e no diretório de colaboradores terceirizados, além de listas de funcionários de outros jornais locais, TVs e estações de rádio, ela estava confiante de que descobriria algo, desde que tivesse um pouco mais de tempo.

Jayson gargalhou quando Reggie o levantou e o abaixou.

– Talvez depois que eu colocar esse malandrinho na cama, nós poderíamos, sabe, passar um tempinho juntos.

– Eu não sou “malandrinho”! – Jayson disse com um sorriso alegre.

– Hum, seria bom – Amy Lynn disse, mas seus pensamentos estavam em outro lugar.

Alguns minutos depois, enquanto Reggie estava no quarto colocando Jayson para dormir, ela entrou na internet e pesquisou sites que publicavam histórias sobre crimes reais. O ideal seria que ela estivesse escrevendo uma série de artigos para o *Denver News* sobre o assassino, mas como

Rhodes não dava permissão a ela para trabalhar na história, e o diretores estavam sendo muito precavidos, ela escolheu um método levemente diferente.

Havia outras maneiras de desvendar uma história além de apenas pela mídia impressa.

Na verdade, postá-la na internet daria a ela uma audiência maior, mais exposição, e ela podia atualizar a informação mais rapidamente. Além disso, permitiria a ela se manter à frente das outras agências de notícias.

É claro, ela precisaria escrever anonimamente ou sob um pseudônimo, mas no fim, quando a hora fosse certa, revelaria seu nome verdadeiro.

Ela estava no computador quando ouviu os passos de Reggie. O artigo não era algo que ela gostaria que ele visse, então rapidamente minimizou o navegador.

– Então – ele disse. Ela sentiu as mãos dele massageando sua nuca. – Quando você vai estar pronta para ir para a cama?

A massagem estava boa. Ele tinha mãos fortes e pressionou profundamente seus músculos tensos.

– Por quê? – ela disse. – Você está com sono? – ela fechou os olhos e curtiu seu toque.

– Não muito – sua voz havia se tornado um sussurro. Ele manteve as mãos no pescoço dela e continuou massageando.

– Vou para lá daqui a pouco. Só gostaria de verificar mais algumas coisas aqui.

Mãos fortes aliviando a tensão.

– Não demore – ele disse.

– Não demorei – a massagem parou. Ela abriu os olhos lentamente e ouviu a porta para o quarto principal se fechar.

Então ela continuou a digitar e, após alguns minutos, havia esquecido completamente do marido esperando por ela no quarto no fim do corredor.



Paramos para comer uma sobremesa no Rachel's Café, uma das minhas cafeterias preferidas no centro de Denver.

Construído no primeiro andar de um armazém remodelado, o Rachel's tinha um piso de tábuas centenárias, paredes de tijolos e dutos de ar e canos serpenteando pelo teto. Cópias do *Denver News* estavam espalhadas pelas mesas. Um torrador de café ficava no canto, perto do palco apertado.

Como na maioria das cafeterias pequenas, o Rachel's Café não tinha móveis que combinavam as cores e não vendia foquinhas de pelúcia “ecológicas” feitas pelo trabalho infantil na China, máquinas de espresso caríssimas ou balas de marcas famosas. Em vez disso, o Rachel's simplesmente oferecia uma atmosfera boêmia eclética e café excelente do mundo todo. Meu tipo de lugar.

Eu gostaria de fazer uma hora por lá, mas como não sabia por que Tessa havia ficado tão agressivamente simpática a noite toda, eu queria ir para casa o mais rápido possível antes que ela dissesse algo para Cheyenne que fizesse com que eu me arrependesse. Assim, certifiquei-me de que nossa parada para a sobremesa fosse breve e, então, partimos para o apartamento de Cheyenne.

Dez minutos após sair do Rachel's, estacionei em frente à calçada, mas antes que eu pudesse convidar Cheyenne para que se juntasse a mim fora do carro para que eu pudesse dizer boa-noite, Tessa falou:

- Seja um cavalheiro, Patrick Acompanhe-a até a porta.
- Tessa...
- Continue.
- Já chega – eu disse.
- Isso parece bom – Cheyenne disse. Então ela saiu do carro e esperou que eu me juntasse a



ela.

Diminuí minha voz e disse para Tessa:

– Vamos conversar sobre isso quando chegarmos em casa.

– Ok

Abri a porta.

– Já volto.

– Fique à vontade.

Enquanto andávamos pelo caminho até sua porta, Cheyenne segurou em meu braço e fez com que caminhássemos mais devagar.

– Bem, dr. Bowers – ela disse. – Obrigada por vir comer nas redondezas da minha casa esta noite.

– Por nada. Eu estive pensando, eu provavelmente precisarei comer em algum momento na semana que vem. Talvez pudéssemos fazer isso de novo.

– Hum – ela disse. – Vou ter de checar meus horários na minha agenda social superocupada.

– Está tão cheia assim, é?

Chegamos à porta, mas em vez de andar até debaixo da luz como eu esperava, Cheyenne parou na borda da noite.

– Você não faz ideia de como eu sou popular.

– E ainda assim você escolheu passar a noite com minha enteada e comigo.

– Sim, escolhi.

– Me sinto honrado.

A noite se assentou, calma, doce e fria ao nosso redor.

– Eu me diverti – ela disse. – E gostei muito de Tessa.

– Ela tem um jeito que faz a gente ir se afeiçoando – e depois acrescentei – Ela é tudo para mim.

– Dá pra ver – mesmo não me lembrando de termos nos aproximado, o espaço entre nós parecia estar encolhendo. Olhei para ela, parada no fraco brilho da penumbra.

Cheyenne Warren era realmente uma mulher linda.

Momentos se passaram.

O barulho do trânsito vinha em minha direção de muito longe, de alguma cidade distante que não tinha nada a ver com nenhum de nós dois.

Finalmente eu disse:

– Acho que já vou. Você sabe. Levar Tessa para casa – mas após dizer as palavras, não fui a lugar algum. Nem Cheyenne. Parecia que nenhum de nós queria que o “encontro que não era um encontro” acabasse.

Eu sentia vontade de pegá-la em meus braços, abraçá-la, beijá-la e ver aonde tudo iria dar, mas então lembrei-me de Lien-hua e de como as coisas haviam acabado com ela. Eu não queria começar com o pé esquerdo com Cheyenne. Não queria fazer nada de errado.

*Vá devagar, Pat. Ela vale a pena. Não faça nada idiota.*

O barulho de um carro buzinando em uma das ruas vizinhas quebrou o encanto, e dei um leve passo para trás.

– Ok – eu disse. – Acho que...

Cheyenne deu um leve suspiro.

– Foram duas vezes já.

Hesitei.

– Duas vezes?

– Sim. Uma vez no celeiro, hoje mais cedo, e então agora.

– O que você quer dizer?

Os olhos dela ainda estavam cheios da confiança e da força usuais, mas também tinham um toque de decepção.

– Foram duas vezes que eu pensei que você ia me beijar, mas em vez disso decidi se afastar de mim.

*Puxa.*

Meu coração estava disparado. Senti como se estivesse na escola de novo, atrapalhado com o que dizer para a garota com quem eu finalmente tinha arrumado coragem para falar.

– Não é que eu não queira...

Ela fechou os olhos com força e bateu na própria testa com a palma da mão.

– Ah, eu não deveria ter dito isso. Eu sempre faço essas coisas. Eu acabo dizendo o que estou pensando. Eu nem mesmo... é um mau hábito. Desculpe.

Eu queria dizer a ela que não era um mau hábito, mas que sua honestidade franca era das coisas que eu mais gostava nela, mas acabei apenas dizendo:

– Nunca peça desculpas por dizer a verdade. Ela combina com você – e então... – Boa noite, Cheyenne.

– Boa noite – ela disse, e dei um leve abraço amigável nela, mas foi só isso. Quando me virei e andei de volta para o carro, ouvi a porta se abrindo e então fechando suavemente atrás de mim.



De volta em casa, eu queria ir para a cama, mas Tessa só me deixou em paz por tempo suficiente para eu colocar minha escova de dentes na boca antes de bater na porta do meu quarto, entrar e me pegar no meio da escovação no banheiro contíguo.

– Por que você não deu um beijo de boa-noite nela?

Cuspi a pasta de dentes.

– Isso não é da sua conta.

– Ela é legal. Eu gosto dela. Acho que você deveria ter...

– Tá bom, já chega – soltei a escova de dentes. – O que você está tentando fazer?

– Só estou dizendo que você deveria ter beijado ela.

– Não, estou dizendo a noite toda – peguei um copo d'água. Enxaguei a boca. – O que está havendo?

– Nada.

– Você fez o jantar para mim. Ficou bancando o cupido. Você até elogiou meu livro. Algo deve estar seriamente...

– Será que não posso ser legal uma vez na vida sem você ficar no meu pé por isso?

– Não estou no seu pé. Eu só não entendo.

Ela apoiou uma mão na cintura.

– O quê? Talvez você prefira que eu me comporte mal.

– Bem...

– Que tal um pouco de teimosia? Assim seria melhor? Ou melancolia, talvez? É isso que você quer?

– Olha, é que você não estava parecendo você mesma hoje, só isso. Normalmente você é mais quieta e introvertida e meio que irritada com a vida no geral, e não tão...

– Não tão o quê?

– Absurdamente alegre.

– Bom, isso é fácil de resolver – ela disse.

– Tessa, por favor – tentei pensar em algo que possa ter acontecido mais cedo para causar isso tudo. – É porque vamos viajar no verão? Tem alguma coisa a ver com isso?

Ela ficou em silêncio.

– Com a caixa de sapato?

Sem resposta.

*O que mais?*

Ah, sim.

– O diário da sua mãe. É isso? Isso tudo tem a ver com ele?

O olhar de dor que tomou conta do rosto dela veio tão discreta e repentinamente que todo o clima do lugar mudou instantaneamente.

– Eu só estava tentando... – ela começou, mas não terminou.

O diário deve ter se tornado mais importante para ela do que imaginei.

– Eu a amava, sabia? Mais do que qualquer outra coisa – sua voz havia se tornado algo frágil e pequeno. A voz de uma garotinha.

– Venha aqui.

Segurei-a em meus braços e ela se apoiou em mim de um jeito que cortou meu coração. E quando ela o fez, pensei em Christie, na mulher que tanto eu quanto Tessa amamos tanto, e na promessa que ela havia me pedido para fazer em relação ao diário.

Mas agora, levando em conta o quanto Tessa havia ficado incomodada, eu não imaginava que Christie iria querer que eu escondesse o diário dela por mais cinco meses.

– Escute – eu me afastei e gentilmente segurei os ombros dela. Vi que ela não havia começado a chorar, mas ela era uma garota experiente em esconder sua dor. – Vou dar para você, ok? Amanhã. Vou te dar o diário de manhã.

– O quê? – ela olhou para mim com uma mistura de esperança e ceticismo. – Sério? Mentira.

– Sim. Acho que sua mãe entenderia. Tenho certeza de que ela nunca quis que isso fosse grande coisa, que te chateasse tanto.

Tessa olhou para meu quarto.

– Então, onde está?

– Não está aqui – soltei suas mãos. – Vou ter de pegá-lo amanhã. Está no meu escritório, no prédio da polícia federal.

– Você não poderia...

– Amanhã. Faremos isso amanhã.

– Você não está só dizendo isso para me manipular...

– Não. Vou dá-lo a você.

Ela analisou meu rosto por um momento e, então, disse suavemente:

– Obrigada, Patrick. Obrigada de verdade.

– Eu te amo, Raven – eu disse.

Ela sorriu para mim então, um sorriso suave e natural.

– Eu também te amo.

E por um momento, apenas um momento, os cadáveres no Colorado e o julgamento em Illinois sumiram da minha cabeça, e a vida parecia ser como deveria. Tessa e eu estávamos em sintonia, e eu senti como se pudesse dar a ela um dom, uma chance de se conectar com sua mãe de um jeito que ela nunca foi capaz antes.

Mas quase que imediatamente percebi que ler o diário de Christie, sem dúvida, traria de volta os sentimentos de tristeza e perda de Tessa, e poderia abrir feridas, possivelmente fazê-la se sentir mais solitária do que nunca.

Tentei não pensar nessas coisas e, em vez disso, apenas disse a mim mesmo que essa era a coisa certa a fazer.

Então Tessa foi para o quarto dela, mas percebi que a sensação de paz que eu havia tido apenas um momento atrás havia evaporado antes mesmo de ela ter saído pela porta.



45 minutos mais tarde

Eu não conseguia dormir.

Além das minhas dúvidas sobre dar o diário a Tessa, meus pensamentos voltaram para o rancho onde havíamos encontrado Thomas Bennett e quase havíamos pegado o assassino.

Quase.

Mas não pegamos.

Tentei tirar tudo da minha cabeça, mas não conseguia relaxar. Então desisti e peguei meu laptop, coloquei alguns travesseiros para apoiar as costas e naveguei até os arquivos on-line do caso.

Li por cerca de 20 minutos.

Não me deu sono.

Não reparei em nada novo.

Chequei meu e-mail e encontrei, entre 59 e-mails de spam e quatro memorandos internos do FBI, três mensagens que me chamaram a atenção: uma de Kurt, uma de Ralph e uma da United Airlines me dizendo que era hora de confirmar meu voo das 16h04 para Chicago amanhã.

É mesmo. O julgamento.

Outra coisa para pensar.

Mas não no momento.

Li o e-mail de Ralph primeiro.

Oi,

Por que você não está atendendo o telefone? Odeio digitar.

Nada de novo aqui. O oficial Fohay está limpo, porém. As digitais não bateram e ele não possuía nenhuma associação anterior com Sikora.

Calvin não saiu de casa o dia todo.

Falo com você amanhã.

Não me faça perder tempo. Atenda seu telefone.

– R

Então, nada de alarmante. As coisas teriam sido muito mais fáceis se tivesse sido Fohay quem havia carregado a arma; mas as coisas normalmente não são simples assim.

Respondi para Ralph, explicando que meu telefone tinha quebrado e que, se ele precisasse entrar em contato comigo, devia usar meu telefone fixo ou ligar no celular de Tessa.

Fiquei um pouco surpreso por Calvin não ter saído de casa. Afinal, ele não acreditava em aposentadoria, trabalhava em fins de semana e tirava apenas a quarta-feira de folga. Ele havia me dito na sexta que iria esperar e ver o que aconteceria a seguir. Fiquei pensando se realmente não tinha acontecido algo.

Então mandei um e-mail para ele também, para ver se ele podia me pegar no aeroporto amanhã à noite para me dar uma carona para meu hotel.

Depois abri até a mensagem de Kurt.

Pat,

Anexei o arquivo de vídeo da filmagem que você fez dentro da casa. Algumas coisas:

Encontramos o corpo de Elwin Daniels em uma cova rasa perto da casa. A análise preliminar da hora da morte indica de 18 a 20 dias atrás.

Nenhum DNA ou impressões digitais, mas o controle animal verificou que um dos aquários continha sapos, e não cobras: sapos do Rio Colorado. Com base no tamanho do tanque e na quantidade de excrementos, parece que o cara tinha cerca de 10 a 12 deles. O problema é que a pele deles contém 5-MeO-DMT e bufotenina, drogas psicodélicas, mas quando ingeridas em doses concentradas... você pode imaginar. Parece que John está se preparando para a história número sete.

Nada ainda sobre nenhum padre desaparecido, mas o pessoal do departamento de pessoas desaparecidas ainda está procurando. Vejo você amanhã. Teremos uma reunião às 13h, na sala de conferência do sexto andar. Descanse um pouco.

– Kurt

PS: Reggie me disse que você teve um encontro com Cheyenne hoje. Não se preocupe. Não vou espalhar a notícia.

Quanta consideração.

Chega disso. Eu precisava dormir um pouco.

Coloquei meu computador de lado, enfiei-me embaixo das cobertas e fechei os olhos.



Domingo, 18 de maio  
6h13

O domingo não começou bem.

Meu pesadelo com o matadouro e os cadáveres sussurrando havia voltado; quando abri os olhos, vi que o dia seria desolador.

Deus havia decidido mandar chuva para Denver, e o céu cinzento me lembrava mais uma manhã de novembro em Milwaukee do que um dia de primavera em Denver.

Abri a janela para checar a temperatura e uma brisa gelada com cara de inverno me recebeu. A temperatura havia caído mais de 11 graus desde a noite anterior, e pela cara das nuvens e queda da temperatura, imaginei se estaríamos preparados para uma tempestade de neve atrasada antes do fim do dia.

*Mas você não estará aqui no fim do dia.*

É mesmo.

Chicago.

Após um rápido banho acessei a internet, com esperança de mudar meu voo para mais tarde, mas não havia assentos disponíveis, o que significava que eu teria de partir para o aeroporto às 14h30, talvez 15h no máximo, e isso me dava menos de nove horas para fazer algum progresso nesse caso antes de viajar para o Meio-Oeste.

Eu certamente estava pronto para um pouco de café.





Eu havia acabado de colocar alguns grãos peruanos recém-torrados no moedor quando meu telefone fixo tocou. Sem fio, mas um modelo antigo. Sem identificador de chamadas, e como eu havia mandado um e-mail na noite passada para Ralph dizendo a ele para me ligar no telefone fixo se precisasse de mim, imaginei que provavelmente fosse ele.

Atendi o telefone.

– Pat falando.

– Parabéns – a pessoa sussurrava baixo, a voz eletronicamente disfarçada. – Por chegar ao rancho tão rápido.

Meus pensamentos se focaram, destacando um ponto.

– John?

– Pode ser.

*Faça isso direito, Pat. Faça isso direito.*

– Estou feliz por você ter ligado – sabendo como esse cara havia brincado com Sebastian Taylor e depois o tinha matado em sua própria casa, saquei minha SIG e garanti que estivesse carregada e com uma bala na agulha.

– Sim, bem, achei que fosse hora de a gente conversar.

Corri até o quarto de Tessa. Abri a porta. Andei até a cama. Sim, estava segura. Parecia estar dormindo.

Imaginei que John fosse muito esperto para o método “Então, qual é o seu nome verdadeiro? De onde você está ligando? Sobre o que você quer conversar?”, então decidi tentar uma outra coisa, e disse:

– Quase te pegamos no celeiro.

– Sim. Quase.

– Mudar de camisa foi inteligente. Pode ter sido a única coisa que me impediu de atirar em você.

– Bom, então fico feliz por ter feito.

Entrei na sala de estar.

Fui para a janela.

Analisei a vizinhança.

– Eu vi os artigos de jornal no quarto.

Ele não disse nada.

Nenhum carro estranho. Ninguém dentro dos carros estacionados na rua.

Nenhum movimento nas moitas da casa ao lado, nenhuma cortina balançando nas casas dos vizinhos.

– Por que você circulou meu rosto? – eu disse.

– Eu te admiro.

A fala é individualizada por vogais, pronúncia e os fonemas suprasegmentais de tom, ênfase e conjuntura, portanto, enquanto eu ouvia cada uma de suas frases, tentei ter uma noção das pausas, inflexões, entonações e cadência de John, mas não percebi nada distintivo.

Ignorei seu comentário sobre me admirar.

– Nós conseguimos tirar Bennett do celeiro a tempo – enquanto eu falava, terminei de verificar a casa quarto por quarto. – Salvei Kelsey também. Você está ficando desleixado, e eu vou pegar você.

Em vez de discutir comigo, ele disse:

– Eu queria te contar que estou me desviando um pouco do texto para a próxima história.

– Desviando?

Enquanto falávamos, olhei na garagem. No carro. Debaixo dele.

– Atualizando – ele disse. – Boccaccio não era tão politicamente correto em sua coleção de contos quanto o público de hoje exige. Então vou adaptá-lo para refletir melhor a diversidade da nossa cultura.

Eu não fazia ideia do que ele queria dizer, mas eu me lembraria disso.

Iria utilizar aquela informação.

Então ele acrescentou:

– Você já descobriu como estou escolhendo minhas vítimas? Suspeitei que ele não cairia no meu blefe se eu tentasse, então fui sin cero com ele. – Ainda não – fui até a porta dos fundos da casa, olhei pelo quintal. Nada. – Mas vou descobrir.

– Isso realmente seria a chave de tudo, aqui. O único jeito de me deter é estar à minha frente.

– Eu consigo pensar em algumas outras maneiras.

Uma breve pausa.

– Eu te daria os parabéns pelo resgate de Kelsey, mas sejamos honestos, aquilo foi por acaso. Você tropeçou nela por acidente.

– Você fugiu para o sul pelos penhascos, não é? Então provavelmente foi para o oeste por aquela velha estrada das minas que cerca a floresta nacional. Você cresceu na região, John? É por isso que a conhece tão bem?

Outra pausa, e tive a sensação de que tinha acertado.

– Lembre-se – ele disse –, Kelsey deveria ter morrido de tristeza, não de hipotermia.

*Verifique onde ela está, Pat. Ele está indo atrás dela.*

Sim, eu iria verificar onde ela estava, tanto ela quanto Bennett, assim que sáisse do telefone.

Ele continuou:

– E depois do que ela passou sexta à noite no necrotério, aquele tempo todo no freezer com aqueles cadáveres, eu acho que tem uma boa chance de ela morrer de tristeza afinal, e a história vai se desenrolar como deveria.

Suas palavras “A história vai se desenrolar como deveria” me perturbaram. *Lembra, Pat? Ele estava preparado no celeiro. Ele estava pronto para você.*

Se eu estava entendendo as coisas direito, Thomas Bennett estava em grande perigo.

– Por que você esperou tanto antes de abrir a porta da jaula, John?

– Ah, sim. O pesadelo de Gabriotto.

*Era um sonho.*

*Era tudo um sonho.*

John continuou:

– Do que ele realmente morre, Patrick?

*Não, por favor.*

Agarrei as chaves do carro no balcão da cozinha.

– Você sabe, não é? Não é o galgo que o mata.

*Vá para o hospital. Agora.*

Voei para a porta da frente mas imediatamente percebi que se John sabia o número do meu telefone, ele deveria saber onde eu morava. Eu não podia deixar Tessa aqui sozinha. Corri de volta para o quarto dela.

– Você vai precisar ligar para o hospital agora, suponho – John disse. – Para ver como está Thomas. Conversaremos de novo. Estou avançando no calendário. O anoitecer chega amanhã, assim como aconteceu em Londres.

Então ele desligou o telefone.

Meu coração martelava.

Quando liguei a luminária da escrivaninha de Tessa, procurei em meu catálogo mental de telefones. Encontrei o telefone do Hospital Memorial Batista. Digitei o número.

Chamou mas ninguém atendeu.

Bati no ombro de Tessa firme o suficiente para acordá-la, mas ela gemeu e colocou um travesseiro sobre a cabeça.

O telefone continuou a chamar.

*Vamos. Atendam.*

Como eu não estava em um celular, eu não podia levar o telefone comigo no carro. Eu tinha de esperar em casa até que eles atendessem.

*Atendam!*

Finalmente, uma recepcionista atendeu:

– Alô, Hospital...

– Aqui é o agente especial Patrick Bowers do FBI. Preciso que você mande um médico checar Thomas Bennett, não sei o número de seu quarto...

– Senhor, eu não posso...

– E mande um médico para Kelsey Nash no 228. E seguranças para ambos os quartos. Agora!

Houve uma leve hesitação na voz da mulher, mas ela concordou.

– Sim, senhor.

Dei a ela meu número de identificação federal, então larguei o telefone na escrivaninha de Tessa. Balancei-a novamente.

– Tessa.

Ela gemeu.

– Desligue a luz.

– Você precisa vir comigo. Temos de correr.

– Do que você está...

Agarrei seu braço, mas acho que a assustei pois ela parou de balbuciar, piscou os olhos e olhou para mim. – O que está acontecendo?

– Preciso checar alguém no hospital e não posso deixar você aqui.

– Por que não?

*Porque pode ser um truque para me fazer te deixar sozinha.*

– É importante. Você pode ir para a casa dos meus pais depois. Agora venha.

Ela olhou para os lençóis que a cobriam.

– Estou de pijama.

– Pegue algumas roupas. Seja rápida – meu tom de voz a convenceu e ela se arrastou da cama. – Onde está seu celular? – perguntei.

Ela apontou para a bolsa sobre a escrivaninha.

Peguei o telefone e enquanto ela juntava algumas roupas deixei uma mensagem de voz para Kurt ir até o quarto de Bennett assim que possível.

– Vá para o corredor – ela disse. – Preciso me trocar.

– Você pode se trocar no caminho.

– Hum, eu diria que *não*.

– Estamos partindo – e antes que ela pudesse discutir mais comigo, apressei-a até o carro.

Não dirigi abaixo do limite de velocidade permitido a caminho do hospital, mas eu tinha a péssima sensação de que não importava o quão rápido eu dirigisse, chegaria tarde demais.



Os médicos não chegaram até Thomas Bennett a tempo.

O policial que estava de guarda na porta me deu a notícia enquanto eu passava por ele e entrava no quarto do hospital. O médico forense de Denver, dr. Eric Bender, que também era pai da amiga de Tessa, Dora, estava parado no pé da cama onde estava o corpo de Thomas Bennett.

Não reconheci o médico e a enfermeira que estavam ao lado dele.

– Pat, eu ia ligar para você agora mesmo – Eric disse sobriamente.

Andei até a cama de Thomas. Seu peito não se mexia. Seu rosto, contorcido. Parecia que tinha morrido agonizando. Seus olhos estavam fechados. Seu corpo, imóvel.

Tão imóvel.

Senti uma fisgada crescente de fracasso, derrota. De algum modo, John havia chegado até ele. *Como? Como!?*

– Foi o coração? – perguntei.

Eric confirmou.

– Efusão pericárdica com fascite necrosante.

Eu sabia que “pericárdica” tinha a ver com o coração, e que uma efusão era um derrame de fluidos no corpo. Eu não sabia o que era fascite necrosante.

– Em termos leigos.

– Claro, desculpe-me – ele balançou a cabeça como se para se repreender. – A fascite necrosante é às vezes chamada de “bactéria comedora de carne”. É uma infecção. Muito perigosa. Espalha-se muito rapidamente. Parece que alguém injetou a bactéria na bolsa que envolve o coração dele.

– O pericárdio – eu disse.

– Isso mesmo. Não é um procedimento tão difícil; você só precisa de uma agulha longa, inseri-la sob a incisura xifoide...

– Hoje mais cedo ele reclamou de dores no peito – o outro médico interrompeu. – Fizemos

um ECG, depois um ultrassom e encontramos fluido e ar no pericárdio.

– A fascite necrosante só pode ser tratada removendo o tecido infeccionado – Eric explicou. – Mas como era o coração... – ele não precisou continuar.

Pensei na história de Boccaccio, a morte de Gabriotto.

– Então basicamente era pus, certo? – eu disse. – Ele morreu com pus infeccionando o coração dele?

Os dois médicos e a enfermeira ficaram quietos por um momento, então Eric disse:

– Essa é uma descrição correta do que aconteceu.

Um abscesso cheio de pus explodindo perto de seu coração. Exata mente como a história de Boccaccio.

Raiva e desespero tomaram conta de mim. Olhei de Eric para o outro médico.

– Mas eles fizeram exame de sangue e toxicológico na noite passada quando ele chegou aqui, certo? Por que não viram isso?

– O laboratório está com um atraso de 12 horas – Eric disse. – Metade dele ainda está em reforma.

– Nós íamos terminar o exame toxicológico hoje de manhã – o médico acrescentou.

Xinguei alto o suficiente para que a enfermeira respondesse colocando um dedo delicadamente sobre os lábios e percebi que ela estava provavelmente preocupada não apenas com minha linguagem mas com a possibilidade de eu acordar os outros pacientes no andar. Me afastei da cama. Tentei me acalmar. Me concentrar novamente.

O movimento ao lado da porta chamou minha atenção. O policial que eu havia visto no corredor tinha entrado no quarto e agora olhava para mim nervosamente.

– Quem esteve aqui na noite passada? – perguntei.

– Ninguém, senhor. Eu juro – ele apontou para a enfermeira de pé ao meu lado. – Ninguém até ela passar aqui duas horas atrás para checar seus sinais vitais. E eu fiquei com ela o tempo todo.

Nós interrogariamos os funcionários do hospital que estiveram cuidando de Thomas Bennett, sim, obviamente faríamos isso, mas eu duvidava que eles tivessem alguma coisa a ver com sua morte. De algum modo John havia sido capaz de chegar a ele.

– E quanto ao policial do turno anterior? O que você substituiu.

Ele balançou a cabeça e apontou novamente para a enfermeira, então para o médico.

– Ele me disse que eles foram as únicas pessoas que entraram aqui.

Tentei relaxar, me recompor, deixando minha cabeça revisar os últimos 20 minutos: após levar Tessa para o carro, eu havia ligado para minha mãe e combinado que Tessa ficaria com ela “enquanto eu me encontrava com umas pessoas com quem eu precisava falar” no hospital. Então havíamos chegado ao hospital e Tessa, que tinha conseguido trocar de roupa no banco de trás, foi para a casa dos meus pais.

Eu havia feito duas últimas ligações, uma para a divisão de crimes cibernéticos do *Bureau* para ver se eles podiam rastrear a origem da última chamada recebida no meu telefone fixo e, então, como John havia de alguma maneira conseguido o número do meu telefone e eu não queria correr nenhum risco de que ele chegasse até minha família, liguei para a expedição para mandar um carro de polícia para a casa da minha mãe.

E agora ali estava eu, no quarto, ao lado do corpo de outro homem que eu não consegui salvar.

Minha tentativa de me acalmar não funcionou. Bati minha mão com força contra a parede e as quatro pessoas no quarto olharam para mim silenciosamente.

– Estou bem – eu disse.

*Não, você não está.*

*John está vencendo.*

Eric discretamente acenou para os outros o seguirem para o corredor, mas eu disse:

– Não, estou saindo.

Então tomei o caminho do quarto 228 para ver Kelsey Nash.



Encontrei Kurt de pé fora do quarto, falando com o policial.

– Ela está bem – Kurt disse assim que me juntei a ele. – A médica está lá dentro agora.

Espiei pela fresta da porta.

Kelsey estava reclinada na cama, consciente e atenta. Uma mulher árabe magra com roupa de médico inclinou-se sobre ela enquanto um enfermeiro checava os sinais vitais de Kelsey. Kurt gesticulou para o policial ao nosso lado para entrar no quarto e, quando o homem entrou, ele deixou a porta parcialmente aberta. Kurt se afastou para que eu pudesse monitorar o que estava acontecendo dentro do quarto enquanto conversávamos.

– Bennett morreu de infecção – eu disse a ele.

– Eu sei, acabei de vir de lá.

Balancei a cabeça.

– Parece que John pensou em tudo: fosse pelas mordidas do cão ou de infecção no coração, a morte de Bennett ainda seria igual na história de Boccaccio.

A médica fez alguma anotações em sua prancheta, depois fez uma ligação do telefone do quarto.

– A esposa de Thomas está segura? – perguntei para Kurt.

Ele acenou positivamente.

– Custódia de proteção. Eles a estão trazendo para ver o corpo. Temos uma policial feminina disfarçada na casa dela e um carro no fim da rua. Se John aparecer procurando por Marianne, estaremos prontos para ele. Além disso, estamos procurando alguma ligação possível entre o rancho e a mina. Até agora, nada.

Quando ele terminou de falar, a médica se juntou a nós no corredor.

– A sra. Nash está estável – ela disse. – O laboratório acabou de ligar e o exame de sangue dela está bom. Fisicamente, ela está se recuperando muito bem. Mas mentalmente, emocionalmente... – ela hesitou – eu não sei. Ela não fala há quase 24 horas. Vou sugerir que a coloquem em observação de suicídio.

– Faça isso – eu disse. – Faça o que for preciso para ajudá-la. Ela é nossa única testemunha.

A médica acenou com a cabeça.

– Tudo bem. Vou tratar de transferi-la para a ala de psiquiatria.

Eu odiava admitir, mas era verdade: John estava certo sobre Kelsey também.

Ela estava morrendo de tristeza.



Após a médica sair, o policial voltou para o corredor e Kurt deu a ele instruções específicas.

– Fique com a sra. Nash o tempo todo, até enquanto a estiverem transferindo para a ala psiquiátrica.

– Sim, senhor.

– Se alguma coisa acontecer, qualquer coisa que for, ligue para mim. Entendeu?

Um aceno com a cabeça.

Uma tensão depressiva se arrastou para o corredor, envolveu-nos e, então, Kurt me disse:

– Eu não consigo ficar aqui. Venha comigo até o meu carro.

Partimos para as escadas e perguntei se ele teve alguma sorte com o desenhista de retrato falado na noite passada.

Ele balançou a cabeça.

– Eu não estava aqui. Reggie o trouxe, mas aparentemente Kelsey não quis vê-lo e Bennett não tinha nada novo para continuarmos. Ah, sim, o departamento de pessoas desaparecidas descobriu há meia hora que ninguém vê o padre Hughes, um dos padres da Igreja de São Miguel, desde terça-feira. Aparentemente, ele mandou uma mensagem de texto para alguns parentes em Baltimore, disse a eles que estava indo, mas nunca chegou. Vou pedir para o departamento de pessoas desaparecidas dar uma olhada nisso por enquanto. Eles vão me manter informado.

– Ele desapareceu na terça-feira? – eu disse suavemente.

– Sim, eu sei. A data encaixa na história número dois do *Decamerão*. Tentei te ligar de manhã para te contar, mas a linha estava ocupada.

De repente percebi que Kurt ainda não sabia que eu havia falado com o assassino.

– Você não vai acreditar nisso. John me ligou.

– O quê?

– Eu estava tão concentrado em saber se Kelsey estava bem que eu...

– Você tem uma gravação disso?

– Não. A divisão de crimes cibernéticos está fazendo o rastreamento, mas duvido que eles encontrem alguma coisa. Aposto que o cara usou um pré-pago e depois o jogou fora.

– Então, o que ele disse?

– Me provocou. Insinuou a causa da morte de Bennett. Vou transcrever a conversa. Podemos passá-la para a equipe, ver se dá alguma ideia para alguém.

– Você se lembra?

– Sim.

– A coisa toda? Palavra por palavra?

– Sim.

Uma breve pausa.

– Ok – a escada estava logo à frente. – Mais uma coisa: o mandado para os registros da livraria ainda está em andamento, mas nós descobrimos que a DU oferece dois cursos em literatura do humanismo renascentista. É a única faculdade no estado que tem o curso. As duas classes estudam o *Decamerão*. O instrutor é um professor inglês que também dá algumas aulas no departamento de jornalismo. Ninguém da lista de suspeitos cursou essas aulas, mas algumas pessoas do *Denver News* cursaram: Rhodes, Amy Lynn Greer e pelo menos mais uma dúzia.

– O nome do professor não é John, por acaso?

Descemos os degraus.

– Não. Adrian, Adrian Bryant. Mas ele não se encaixa nisso. Ele estava fora da cidade ontem, falando em uma conferência em Phoenix, então ele não pode ter sido o cara que você perseguiu no rancho.

Chegando ao andar térreo, passamos pela enfermaria.

– Temos uma confirmação confiável de que ele estava lá ou é apenas o que dizem? – perguntei.

– Estamos trabalhando nisso – as portas automáticas se abriram à nossa frente.

Saimos.

O dia estava ficando mais frio. O céu, mais escuro.

Kurt deu uma rápida olhada em seu relógio.

– Eu preciso ir para casa. Cheryl não está muito feliz com minhas horas de trabalho esta semana.

O mais sensivelmente possível, eu disse:

– Então, como vão as coisas? Alguma melhora?

Ele não foi rápido para responder.

– Elas estão como estão – senti um grande remorso em sua voz.

Então ele respirou fundo. – De qualquer maneira, vou ligar para Jake e Cheyenne; informá-los de tudo. Não se esqueça, nos encontraremos na central da polícia às 13h. Eu sei o quanto você adora reuniões, e essa vai ser especial. Jake vai introduzir o perfil psicológico do...

– Por favor, não diga UNSUB.

Meu comentário causou um pequeno mas bem-vindo sorriso.

– Assassino. Então, vejo você lá?

Não respondi.

– Pat?

– Estou pensando.

Percebi que, se tivesse de escolher entre participar de uma reunião conduzida por Jake Vanderveld e nadar em uma piscina cheia de sanguessugas, eu correria para pegar minha roupa de banho. Mas não mencionei isso. Não parecia ser a coisa mais educada a dizer.

– Ok, vejo você às 13h. Isso vai me dar tempo suficiente. Tem algo que preciso verificar.

– O quê?

– Todos os artigos de jornal colados na parede na casa do rancho eram sobre Richard Devin Basque. Como John obviamente sabe sobre Basque, quero descobrir o que Basque sabe sobre John.

– Como você vai fazer isso?

– Vou bater um papo com meu velho amigo.





Dez minutos após ter deixado o hospital, eu estava em meu escritório no prédio da polícia federal. Acessei a câmera de vídeo do meu computador, liguei para Ralph e disse a ele que precisava fazer uma videoconferência com Basque. Assim que expliquei por quê, ele disse:

– Vou cuidar disso. Estou a cerca de 10 minutos da cadeia. Vou providenciar tudo; te ligo de volta em 20 minutos.

Ele me ligou de volta em 12.

– Está tudo pronto – ele disse. – Não mencionei o assunto, porém. Imaginei que você pudesse falar.

– Ótimo. E quanto à advogada de Basque?

– Ele disse que não tem nada a esconder; que ele não a quer lá. Ele já assinou uma dispensa.

Basque era tão viciado em controle que não fiquei surpreso por ele não querer a srta. Eldridge-Gorman sentada ao lado dele, dizendo a ele o que dizer.

– É uma amostra de poder da parte dele – eu disse para Ralph. – Só de saber que estou pedindo um tempo disponível dele provavelmente já o faz se sentir importante.

– Por acaso você está criando um perfil dele, Pat?

– Isso não é criar perfil. Chama-se indução.

– Parece criação de perfil para mim.

– Não é criação de perfil.

– Pat Criador de Perfil. Esse vai ser o seu novo apelido. Espere até eu enviar o memorando.

– Daria para a gente se concentrar no caso aqui?

Então, pelo computador, ouvi o som de uma porta se abrindo.

– Espere – Ralph disse. – Tenho de ir. Eles estão prontos.

– Eu não estava criando perfil – eu disse, mas ele já tinha desligado.

Prevedendo que eu fosse querer fazer anotações durante minha conversa com Basque, posicionei uma caderneta ao lado do meu teclado, direcionei a câmera para o meu rosto e então

cliquei em “gravar” para que eu pudesse manter uma gravação digital de nossa conversa.

Quando eu já estava terminando de me aprontar, escutei meu computador apitar. Uma parede cinza de cela de cadeia apareceu no monitor.

A cabeça de Ralph preenchia a tela. Então a imagem virou para a esquerda, quando ele centralizou a câmera do computador em uma cadeira vazia. Ele olhou para a câmera novamente.

– Quase pronto, Pat Criador de Perfil.

– Você poderia inclinar sua cabeça para o lado? – eu disse. – A imagem está com muito brilho aqui deste lado.

– Ha. Muito engraçado. Ria o quanto quiser – seu rosto apareceu novamente. Ele deslizou a mão pela cabeça. – Isso deixa Brineesha doida.

– Compre uns óculos escuros para mim.

A imagem do rosto de Ralph estava granulada e por causa do delay entre áudio e vídeo, imaginei que estivessem usando um laptop mais velho, mais lento. Então ouvi o barulho de algemas e Ralph disse:

– Aí vem ele.

Houve um momento de movimento borrado quando Ralph se afastou, então Basque posicionou-se na cadeira e encarou a câmera.



Hoje, Basque usava um macacão laranja da prisão e não as roupas sob medida que ele havia usado no julgamento, e por alguma razão isso me trouxe uma pequena satisfação. A porta foi trancada assim que Ralph saiu.

– Olá, Richard – eu disse.

– Agente Bowers – mesmo estando algemado, ele parecia tão confiante e à vontade como nunca. – Eu gostaria de agradecê-lo novamente por ter salvado minha vida. Eu não estaria aqui hoje se você não tivesse reagido tão rápido.

Minha reação natural a um comentário desses teria sido dizer “por nada”, mas eu evitei e simplesmente disse:

– Sim.

– Descobriram como o pai de Celeste conseguiu carregar a arma antes de ela ter sido levada para a sala do tribunal?

– Estão tentando descobrir.

– Certamente estão – ele fez uma pausa, juntando as mãos algemadas no colo. – Esta conversa é a respeito da recente série de assassinatos em Denver sobre a qual tenho ouvido falar tanto?

– Sim – após os atentados contra sua vida, eu devia ter imaginado que ele estaria acompanhando as notícias. – Eu acho que você poderia nos ajudar a encontrar o assassino – parei por um momento e avaliei se deveria ou não dizer isso. Prossegui: – Ele me lembra você, Richard.

Basque ficou em silêncio. Por fim ele acenou levemente.

– Então, imagino que você não esteja procurando por motivos. O que você espera descobrir aqui hoje?

– Ele sabe sobre você. Encontramos recortes de jornal sobre seus crimes. Ele os colecionou.

Basque se ajeitou na cadeira.

– Recortes?

– Sim. Estou imaginando se ele alguma vez entrou em contato com você.

Como tantos assassinos em série, Basque havia atingido status de cele bridade entre um segmento anormal da sociedade. Na minha reunião pré--julgamento com o procurador-assistente Vandez, eu sabia que milhares de pessoas haviam escrito para Basque nos últimos 13 anos. Até onde eu sabia, nove mulheres haviam pedido para casar com ele quando fosse solto.

Pensei em dar a Basque mais uma pequena dica para ver se ajudava sua memória a funcionar.

– Esse assassino... ele gosta de literatura da Renascença.

Eu só havia conhecido em minha vida algumas poucas pessoas com a memória tão afiada quanto a de Basque, e agora parecia que ele estava mentalmente procurando entre todas aquelas milhares de cartas que havia recebido para tentar identificar o homem ao qual eu estava me referindo. Finalmente, um olhar de reconhecimento tomou seu rosto.

– Giovanni.

*Esse é o primeiro nome de Boccaccio, a forma em italiano para John.*

– Diga-me o que você sabe – eu disse.

– Bom, para começar, eu não sei quem ele é. Giovanni certamente não deve ser seu nome real. Eu nunca respondi – Basque era um mentiroso compulsivo assim como era um assassino, e mesmo parecendo que falava a verdade, eu não tinha certeza se deveria acreditar nele ou não. Ele deve ter notado meu ceticismo. – Você pode confirmar isso com o diretor da cadeia – ele disse. – Giovanni escreveu para mim seis vezes, mas nunca respondi.

Eu iria entrar em contato com o diretor assim que pudesse, mas por enquanto queria descobrir o maior número de detalhes possível do próprio Basque.

– Sobre o que ele escreveu para você?

Basque molhou os lábios, olhou diretamente para a câmera e disse:

– Sobre você.



Meu coração pareceu parar de bater por uma fração de segundo; quando voltou, estava mais rápido que o normal.

– O que você disse?

– Giovanni escreveu para mim falando sobre um agente do FBI que ele estava recrutando para desempenhar um papel crucial em sua história. Alguém que ele estava planejando enterrar vivo no clímax. Alguém que ele admirava.

Balancei a cabeça.

– Isso não é o suficiente. Poderia ser muita gente – eu podia ver as engrenagens girando na cabeça dele. Parecia que tinha algo que ele não estava me falando. – O que mais?

Ele batucou com o dedo suavemente contra a perna.

– Eu te ajudo se você fizer algo para mim.

– Eu não estou aqui para fazer acordos.

– Escute-me. Não é um acordo como você está pensando. É um favor.

Fiquei tentado a finalizar a ligação imediatamente, mas me lembrei de que nada do que eu havia feito até então tinha freado John, ou Giovanni, ou seja lá qual fosse seu nome. Ele sempre parecia estar um passo à frente, assim como Basque há 13 anos, nos meses que levaram ao matadouro.

Nos meses em que tantas mulheres morreram.

Lábios frios e sussurrantes.

As vítimas de Basque.

E agora, de Giovanni.

Tantas pessoas inocentes falando comigo de seus túmulos.

Basque olhou para mim da cela em Chicago, esperando minha resposta.

Finalmente, eu disse:

– Qual é o favor?

– Quando você voltar à bancada amanhã, e Priscilla perguntar a você sobre o que aconteceu no matadouro... – ele fez uma pausa.

Eu havia evitado pensar no julgamento, e não gostava de ser lembrado de que estaria lá em menos de 24 horas.

– Continue.

– Não diga a verdade – Basque disse.

Suas palavras me deixaram aturdido.

– O quê? – olhei para a imagem granulada na tela do meu computador e tentei decifrar a expressão de Basque. Não consegui.

– Quando ela perguntar se você me agrediu ou não, não diga a verdade.

– Eu não vou mentir no julgamento.

*Por que ele está pedindo isso?*

– Você considerou isso, não considerou? – Basque disse. – Acho que sim. Eu só estou pedindo para fazer o que você quer fazer, o que o seu instinto diz para você fazer.

As palavras de Cheyenne sobre seguir instintos imediatamente vieram à minha cabeça, especialmente porque os comentários de Basque eram tão desconfortavelmente familiares.

– Se essa é a sua única condição, então esta conversa está terminada...

– Ele está atrás de você, Patrick – Basque se inclinou para a frente e sua voz parecia carregar uma nota de genuína preocupação. – Ele está jogando com você. Cuidado. Ele tem uma reviravolta esperando por você, no final, que você nunca vai imaginar.

– Vou me arriscar. Adeus, Richard.

– Estarei rezando por você. Lembre-se, Êxodo capítulo 1, versículos de 15 a 21. Lembre-se...

Finalizei a ligação. Eu não estava com paciência para os jogos de Basque. Eu não estava com paciência para nada daquilo.

Enquanto salvava o vídeo e fazia seu upload para os arquivos on-line do caso da força-tarefa, senti uma onda de ódio.

Depois, confusão.

E, depois, alguma outra coisa. Algo mais profundo e mais primitivo:

um desejo de vingança, por uma justiça dura e definitiva a ser exercida contra Giovanni e Basque. E contra todos que zombassem dos mortos ou acabassem com vidas inocentes.

E com esses sentimentos, me enxerguei caindo na direção de algo que eu não queria me tornar. Lembrei-me de uma época alguns meses antes, quando Tessa havia me perguntado se eu era como eles, como as pessoas que eu perseguia, e tive de admitir para mim mesmo que existe apenas uma linha tênue que me separa deles. Um simples ato. Uma simples escolha.

*Lembre-se de quem você é, Pat.*

*Lembre-se.*

Olhei para a parede do meu escritório: meus diplomas, meus prêmios. *Você é o agente especial Patrick Bowers do Bureau Federal de*

*Investigação, o FBI... o homem que pegou Richard Devin Basque... criminologista, investigador, autor...*

Minha mente tentou ditar meu currículo, mas as palavras na minha cabeça foram cortadas abruptamente quando meus olhos pousaram na lombada do diário de Christie descansando em minha prateleira de livros.

E me lembrei da parte mais importante de quem eu era: *Você é o padrao de Tessa Bernice Ellis.*

Cruzei a sala e olhei para a lombada de couro desgastado do diário. Não era um desses diários pequenos com páginas do tamanho de papéis de lembrete, mas sim do tamanho de um romance

de capa dura.

Christie foi a primeira pessoa que fez com que eu me interessasse por misticismo e filosofia, e nos últimos dois anos eu havia lido tudo em que pude pôr as mãos de Guyon, de Fénelon, Merton e uma dúzia de outros. Eu havia colocado o diário de Christie entre *O caminho da perfeição*, de Santa Teresa de Ávila, e *O abandono à providência divina*, de Jean-Pierre de Caussade, dois dos meus favoritos.

Passei o dedo pela lombada.

A foto do meu casamento com Christie estava na prateleira logo abaixo do diário. Nós havíamos nos casado em uma pequena capela no Central Park e então saímos para tirar essa foto. E agora, olhando para o rosto sorridente dela, senti a mesma estranha mistura de gratidão e perda que sempre sinto quando a vejo.

Christie havia escolhido Tessa para ser sua dama de honra. Elas eram próximas assim. E era desse jeito que elas eram importantes uma para a outra.

Peguei o diário da prateleira.

E sai para dá-lo para minha enteada.



Unidade 14

Autoarmazenamento Safe-Lock

5532 Dayton Street

Denver, Colorado

Giovanni jogou seis ratos dentro do aquário que continha suas três últimas cascavéis do Texas.

Os ratos tentaram subir pelo vidro.

Mas as cobras se aproximaram.

Nos 15 minutos seguintes, ele deixou as cobras se alimentarem enquanto extraía a bufotenina da pele e das glândulas parótidas dos dez sapos que ele havia matado, dissecado e espetado no quadro à sua frente.

Após ter removido as drogas psicodélicas dos sapos, ele consultou um livro de toxicologia para determinar de quanto veneno precisaria para uma dose letal e descobriu que ele tinha bufotoxina suficiente para matar seis pessoas, mas só precisava para duas.

Ler as descrições dos sintomas era muito informativo: alucinações, vômito, convulsões, paralisia e então fibrilação ventricular. Como dizia em um dos livros:

Muitas vezes, alucinações envolvem a sensação de insetos rastejando pela pele da vítima ou saindo de orifícios do corpo. Frequentemente, aqueles que sofrem esses sintomas vão coçar furiosamente a pele ou tentar arrancar, cortar ou queimar os insetos.

Então, parecia que as duas próximas vítimas morreriam tão dramaticamente quanto Simona e Pasquino morreram na história de Emilia, o sétimo conto relatado no quarto dia.

Dado o sistema de entrega que ele havia escolhido, Giovanni não podia ter certeza se suas

vítimas se envenenariam fatalmente hoje à noite ou de manhã, mas ele estava relativamente certo de que ambos estariam mortos antes do meio-dia de amanhã.

Com base em seus hábitos, eles estariam fora de casa essa tarde. Ele poderia colocar o veneno então. E, se eles mudassem o padrão, ele alteraria seu plano. Talvez entrar lá tarde da noite enquanto estivessem dormindo. De qualquer maneira, a história seria encenada como deveria.

O ranger e arranhar trágico do último rato a morrer chamou sua atenção. Ele o observou até parar de se debater, assim como havia observado sua avó parar de ter espasmos tantos anos antes.

Finalmente, o rato olhou arregalado e sem piscar para o mundo, assim como vovó Nadine havia feito.

Assim como todas as pessoas através dos anos nas diferentes histórias que ele havia contado.

A cobra abriu sua mandíbula e começou a engolir a refeição.

Giovanni colocou as duas seringas cheias de bufotoxina em um estreito estojo de metal, fechou a tampa e o colocou em sua bolsa esportiva.

Então saiu das instalações de armazenamento e, como tinha de fazer alguns acertos antes de as quatro últimas histórias começarem, dirigiu até seu emprego, onde ninguém sabia, ninguém tinha a menor ideia, sobre quem ele realmente era.

E onde, na maior ironia de todas, ele era responsável implicitamente pelas vidas de pessoas todos os dias.





Tessa estava de banho tomado, vestida e sentada à mesa da cozinha dos meus pais esperando por mim quando cheguei à casa deles com o diário.

Ela estava bebericando um copo de suco de laranja gelado e tinha uma toranja comida pela metade à sua frente, e apesar de eu esperar que ela me perguntasse onde estive ou reclamasse que eu a havia arrancado da cama e a feito trocar de roupa no carro, tudo que ela disse foi:

– Então, hum... você está com ele?

Eu não consegui pensar em nada tocante ou profundo para dizer, então simplesmente entreguei o diário de Christie para ela e observei sua reação.

Ela o aceitou silenciosamente, olhou para ele. Girou-o em suas mãos.

Christie havia usado seu diário parcialmente como um livro de recortes, colando trechos de cartas, bilhetes e cartões-postais dentro dele, o que tornava o livro grosso e irregular e forçava a fechadura. Mas isso dava personalidade ao diário e, pelo olhar no rosto de Tessa, parecia apelar para a natureza curiosa dela.

Após alguns momentos, quando ela não disse nada, perguntei a ela:

– Onde está Martha?

– Na igreja – Tessa continuava olhando para o diário.

– Ela te deixou sozinha?

– Ela me perguntou se eu queria que ela ficasse em casa, mas eu disse que eu ficaria segura com aqueles dois policiais disfarçados no carro do outro lado da rua observando a casa.

– Como você...?

Ela virou os olhos.

– Por favor.

Ok, então eu precisaria ter uma conversinha com aqueles dois policiais.

– Então, você viaja hoje de novo? – Tessa estava olhando para o diário, mas falando comigo.

– Eu preciso ir para o aeroporto por volta das 14h30. Estou torcendo para conseguir voltar

amanhã à noite.

– Então partimos para Washington logo depois disso – ela não disse isso como uma pergunta.

Era possível que meu depoimento em Chicago afetasse a data de nossa viagem para Washington, mas decidi que poderia lidar com tudo aquilo depois.

– Está marcado para irmos na quarta-feira. Sim – ela não respondeu. Dei um tapinha em seu ombro suavemente. – Certo, bom, me conte quando você terminar de ler tudo, ok?

– Certo.

Então, deixando o copo de suco de laranja e o resto da toranja para trás, ela levou o diário para o andar de cima, para o quarto que meus pais reservavam para ela quando estou viajando.



Apesar da curiosidade enorme, Tessa olhou para o diário por um longo tempo antes de abri-lo. Quando Patrick havia falado pela primeira sobre ele, ela tinha ficado brava, brava, tão brava por ele tê-lo escondido dela, mas, depois, quando ele disse que sua mãe não queria que ele o desse para ela até seu 18º aniversário, ela deixou de ficar brava e ficou outra coisa.

Curiosa, sim.

Talvez com um pouco de medo.

Mas por quê? Do que ela estava com medo?

Ela olhou para ele, passou os dedos pela capa de couro.

*Ela escondeu isso de você. Sua mãe escondeu isso de você.*

*Ela não queria que você soubesse sobre ele até os 18 anos.*

Mas por que não?

Tessa colocou a chave na fechadura. Seu coração começou a acelerar como se um coelho corresse por seu peito enquanto ela girava a chave e abria o fecho. Abriu na primeira página.

*2 de novembro*

*Querido diário,*

*Não tenho muita certeza por que estou fazendo isso, escrevendo para você, quero dizer, começando um diário. Acho que espero que você seja um lugar para eu ser apenas eu mesma, o verdadeiro eu, a pessoa que ninguém nunca percebe de verdade. Acho que é bom ter um lugar assim. Não sei. É difícil ser honesto com as pessoas às vezes, talvez eu possa ser honesta com você.*

Um lugar para ser verdadeira.

Legal.

Com base na data, Tessa percebeu que sua mãe havia começado o diário quando tinha 17 anos: a mesma idade que ela tinha agora.

*Você foi concebida dois anos depois.*

Ela ficou tentada a pular para a frente, percorrer as páginas, meio que como olhando pelo blog de alguém para ver se você realmente quer ler a coisa toda ou não, mas ela já sabia que queria ler cada página e, assim como é lendo qualquer livro, você engana a si mesmo se pular para o final. Você perde todas as surpresas.

– Ei, Tessa – era Patrick, chamando do andar de baixo. – Deixei meu laptop em casa. Tenho algumas coisas para verificar e depois tenho uma reunião às 13h. Você vai ficar bem?

– Uh-hum – ela gritou pela porta do quarto.

– Vejo você hoje à tarde antes de viajar. Eu ainda estou com o seu celular, ok?

– Sim. Só fale para aqueles dois policiais não serem tão indiscretos.

Uma pausa.

– Vou falar. Ligue para mim se você precisar de alguma coisa.

– Ok

Então Tessa virou a segunda página do diário e começou a ler.



Minhas palavras foram rápidas e duras com os dois policiais que supostamente estavam vigiando a casa dos meus pais, disfarçados, e então dirigi para casa para pegar meu laptop.

Usando o celular de Tessa, verifiquei meu correio de voz, mas estava vazio. Quando chequei o dela, encontrei uma dúzia de mensagens de texto de seus amigos da escola. Eu queria que ela fosse capaz de acessá--los, então programei o telefone para automaticamente encaminhar todas as mensagens dela para sua conta de e-mail.

Liguei para o diretor do Instituto Correccional Waupun, a penitenciária de segurança máxima em Wisconsin onde Basque havia passado a maior parte dos seus 13 anos de encarceramento.

Encontrei o diretor Schuler em casa fazendo churrasco para sua família, e ele fez questão de deixar bem claro o quanto estava feliz por eu estar perturbando sua manhã de domingo, mas eu disse a ele que só levaria um minuto e perguntei se eu poderia dar uma olhada nas cartas que Basque tinha recebido enquanto estava na prisão.

– Claro, se ainda as tivéssemos.

– Como assim?

– Basque as rasgou e jogou na privada.

– Bom, vocês fizeram cópias, certo?

– Direito de privacidade. Podemos abrir as correspondências, inspecioná-las, mas não podemos copiar nada. A União Americana pelas Liberdades Civis teria muito trabalho com isso. Sinto muito.

– E quanto às correspondências de saída?

– Mesma coisa.

Pela segunda vez no dia, eu xinguei.

– Exatamente os meus sentimentos.

– Tudo bem, obrigado. Bom almoço.

– Gostaria de poder ter ajudado mais – quando o diretor Schuler disse as palavras, sua voz

passou do aborrecimento que eu havia sentido no começo da ligação para um mal-estar tenso. – Em 16 anos fazendo isso, agente Bowers, ele é o pior que eu já vi. Tire-o de circulação. No julgamento, eu digo. Não o deixe...

– Não deixarei – eu disse, e finalizei a ligação.

Com as cartas de Basque destruídas, não havia como verificar se John já tinha escrito para ele, mas ainda assim, Basque sabia de quem eu estava falando na hora em que mencionei literatura da Renascença, então imaginei que, de algum modo, eles haviam tido contato.

John.

Giovanni.

Como os assassinatos foram em Denver, e Kurt havia me dito que a única faculdade na região que oferecia cursos de literatura medieval sobre o *Decamerão* era a Denver University, parecia provável para mim que John, ou Giovanni, ou seja qual fosse seu nome, tivesse frequentado um desses cursos.

Quando cheguei em casa, fui diretamente para minha escrivaninha, pressionei a barra de espaço e acessei meu laptop.

De acordo com nossas informações, o dr. Bryant, o professor que dava as aulas sobre Boccaccio, estava em Phoenix ontem. É difícil viver no século XXI sem deixar pegadas eletrônicas em qualquer lugar aonde você for, então acessei o Banco de Dados Digital Federal e naveguei até os registros de voo da FAA. Verifiquei as listas de passageiros de todas as companhias aéreas que voaram para ou a partir do Aeroporto Internacional de Denver e do Aeroporto Colorado Springs ontem e hoje, mas não encontrei o nome Adrian Bryant em nenhum deles.

Expandi minha busca para incluir quaisquer chegadas ou partidas pelos últimos 20 dias.

Ainda nada.

Então, a menos que o professor Bryant tenha ido dirigindo para Phoenix ou viajado usando um pseudônimo, parecia que nosso especialista em Boccaccio nunca foi para essa conferência.

Interessante.

Levei menos de três minutos para fazer uma pesquisa on-line e descobri que o dr. Bryant não era casado, vivia sozinho e não possuía telefone fixo, então era uma boa coisa para mim a *National Security Agency*<sup>15</sup> manter registros pesquisáveis de todos os números de celular e nomes de assinantes das companhias de telefonia móvel em operação nos Estados Unidos.

A divisão de crimes cibernéticos do *Bureau* trabalha juntamente com a NSA, então liguei para eles e, alguns momentos depois, eu tinha o número do celular de Bryant e a confirmação de que a localização por GPS tanto de seu celular quanto de seu sedã BMW 328i 2009 indicava que ambos estavam em sua casa. Eu disse a eles para monitorarem as localizações via GPS e me ligarem se algum deles se movesse pelos próximos 30 minutos.

Para confirmar se Bryant estava em casa com seu celular, digitei seu número e após ele atender, perguntei se ele queria comprar um pacote de viagem gratuito...

Ele desligou sem nem mesmo perceber que eu havia oferecido a ele a chance de comprar uma coisa que era grátis.

Então, ele estava em casa. Ótimo.

Às vezes, fico pensando como os crimes eram solucionados antes de termos computadores.

Uma rápida olhada no relógio: 11h14. Eu precisava estar na central de polícia às 13h; então, considerando que Bryant morava em Littleton, poderia ser arriscado, mas percebi que teria tempo suficiente para dirigir até lá, encontrar-me com o professor e voltar a tempo da fantástica reunião de Jake.

Fiz uma última ligação e, quando Cheyenne atendeu, convidei-a para se juntar a mim e ela

aceitou, contanto que eu pudesse passar para pegá-la.

– Tudo bem – eu disse. – Desta vez eu vou te pegar – e então, percebendo como aquilo havia soado, acrescentei: – com meu carro. Para o caso. Para pegar o assassino.

– Certo – ouvi um sorriso na voz dela. – Te vejo daqui a pouco.



Apesar de Tessa ler rápido, ela estava gastando seu tempo percorrendo o diário da mãe.

De certo modo, ler aquilo parecia estranho, como uma invasão do espaço pessoal de sua mãe, meio como entrar no quarto de Patrick, mas muito mais pessoal. Mais íntimo.

Além disso, sua mãe nunca usava nenhum sobrenome no diário. Talvez fosse uma maneira de proteger a privacidade das pessoas. Difícil de saber, mas isso acrescentava um toque enigmático em cada página, e Tessa gostava disso.

A maioria das primeiras páginas lidava com as lutas de sua mãe em relação aos pais dela (que Tessa havia conhecido quando era mais nova, mas que haviam morrido antes que completasse 6 anos), seus problemas com garotos e a superação da solidão e do isolamento que ela sempre sentia no último ano do colégio. Até seus pensamentos sobre suicídio.

*Não muito diferente de você.*

Tessa sabia que, às vezes, garotas chegavam a um ponto no relacionamento com suas mães em que se tornavam quase irmãs. Ela nunca teve a chance de experimentar isso com sua mãe quando ela ainda estava viva, mas agora, lendo estas páginas, ela se viu próxima dela como nunca havia se sentido antes.

E claro, a cada página ela chegava mais e mais perto do dia de inverno, no segundo ano de faculdade de sua mãe, quando ela foi concebida.

Ela tentou não pensar muito naquilo e apenas seguir as páginas uma de cada vez, mas a cada página ficava mais e mais difícil não imaginar quando o verdadeiro nome de seu pai apareceria.



Enquanto Cheyenne e eu nos dirigíamos à casa do professor Bryant, revisamos tudo que havia acontecido durante a manhã. Kurt já havia contado a ela sobre a morte de Bennett e a ligação de John para mim, então me concentrei em resumir minha conversa com Richard Basque.

– Parece que você tem mesmo um fã, afinal – Cheyenne disse. – Talvez dois.

– Como você sabe?

– É muito possível que Basque tenha escrito de volta para Giovanni e que eles sejam conhecidos próximos. E isso abriria todo tipo de possibilidades interessantes.

Eu tinha de pensar sobre aquilo.

E o fiz, tudo durante o caminho.

Na verdade, as palavras dela ainda estava circulando pela minha cabeça quando chegamos à casa do dr. Bryant no subúrbio de Littleton.



Estacionei do outro lado da rua em frente à casa de tijolos vermelhos de Bryant.

A divisão de crimes cibernéticos não havia me ligado de volta para me dizer que o celular dele havia se movimentado, e como o BMW ainda estava estacionado em frente à garagem, imaginei que ele ainda estaria ali também.

Cheyenne tocou a campainha e, alguns segundos depois, um homem loiro usando papetes, uma camiseta cinza e bermuda atendeu a porta.

– Dr. Bryant? – eu disse.

– Sim? – caucasiano. De 45 a 50 anos. Esguiço. Atlético. Rosto bronzeado, tenso, com marcas do tempo. Ele parecia ter passado os últimos 20 anos fazendo mochilões e correndo maratonas em vez de dando aulas em uma universidade.

Mostrei a ele minha identificação.

– Sou o agente especial Bowers do FBI, e essa é a detetive Warren do Departamento de Polícia de Denver. Gostaríamos de saber se poderíamos fazer algumas perguntas.

Ele deixou seus olhos se moverem de mim para Cheyenne. Então de volta para mim.

– Sobre o que são essas perguntas?

– Uma investigação em andamento – Cheyenne disse.

– Podemos entrar? – perguntei.

Ele parecia que ia dizer não, mas então disse secamente:

– Claro.

Uma vez lá dentro, analisei sua sala de estar. Móveis novos que pareciam nunca ter sido usados. Sem televisão. Um violino e um suporte de partitura estavam no canto. O cheiro de café recém-coado na cozinha, ainda sendo filtrado. Café bom, do tipo que servem no Rachel's Café. Uma coleção de espadas medievais e adagas pendurada com destaque na parede.

Uma espada havia sido usada para matar Tatum Maroukas na quarta-feira.

– É uma coleção de espadas impressionante – eu disse.

– Obrigado.

*Não, Pat, pense um pouco. John nunca usaria uma espada que pudesse ser ligada a ele. Ele é esperto demais para isso.*

Guardei mentalmente a informação sobre as espadas, mas tentei não presumir demais. Poderíamos analisar isso mais tarde. Fui direto ao assunto.

– Eu tenho a informação que você dá aula em alguns cursos sobre os humanistas da Renascença.

– Dou – ele havia cruzado a sala e agora estava parado protetoramente na passagem para o corredor, com os braços cruzados.

Do outro lado da sala, uma mochila de hidratação Camelbak vazia estava pendurada no assento de uma mountain bike, uma 7 Point Freeride Iron Horse suja de terra. Era certamente uma bicicleta rodada. Ele me viu admirando-a.

– Vou encontrar alguns amigos para andar de bicicleta em 15 minutos. Eu realmente não tenho tempo para conversar agora.

– Tem chance de nevar esta tarde – Cheyenne disse.

– Sou um ciclista ávido – seu tom estava ficando cada vez mais ácido, e eu não gostava disso.

– Dr. Bryant – eu disse –, o senhor estava agendado para falar em uma conferência em Phoenix neste fim de semana mas não apareceu. Posso saber o porquê?

– Tive alguns problemas pessoais. Estive em casa o tempo todo. Isso é exatamente sobre o quê?

– Uma investigação em andamento – Cheyenne disse novamente, menos cordialmente do que antes. Eu podia sentir a tensão aumentando.

– Tem um livro – eu disse –, o *Decamerão*, de um autor italiano chamado Boccaccio. Você está familiarizado com isso?

– Sim, é claro. Falo dele em diversas das minhas aulas.

– Você consegue pensar em algum de seus alunos que tenha mostrado um interesse anormal em relação a ele?

– Muitos dos meus alunos gostam do trabalho de Boccaccio.

– Interesse ávido – Cheyenne especificou.

– Não vem ninguém à minha cabeça – ele respondeu a pergunta rápido demais para ter feito alguma consideração séria.

Eu estava começando a perder a minha paciência mundialmente famosa.

– Dr. Bryant, nós não estamos...

– Nós não estamos muito familiarizados com o livro – Cheyenne disse, interrompendo-me, no que eu assumi ser uma tentativa de me acalmar e de tirar alguma informação dele. Fiquei feliz por ela ter falado. As palavras que eu havia planejado dizer não eram nada amenas perto das dela. – Nos disseram que você é especialista – ela continuou. – Você poderia perder um tempo para nos dar um rápido resumo?

O dr. Bryant parecia estar prestes a negar, mas deve ter pensado um pouco melhor, ou talvez o elogio repentino tenha apelado para seu ego. Ele soltou um fino e preocupado suspiro.

– O *Decamerão: Príncipe Galeotto* é sobre sete mulheres e três homens que estão fugindo da Peste Negra...

– Espere um pouco – eu disse. – Do que você o chamou? Você disse algo em latim depois de “decamerão”.

– É italiano – ele disse impaciente. – *Príncipe Galeotto*. Boccaccio não chamou o livro apenas de *Decamerão*. Ele também deu ao livro um nome secundário, um subtítulo: *Príncipe Galeotto*.

– E o que isso significa?



– Galeotto é uma outra versão para Príncipe Galahalt, ou Galehaut.

– Você quer dizer Galahad? – Cheyenne perguntou. – O cavaleiro?

– Não. Galahalt – ele não escondeu sua condescendência. – Mas sim, ele também foi um dos cavaleiros da tábua redonda. Não um dos personagens mais comuns do folclore arturiano, apesar de ele ter um papel significativo na história.

– E qual seria? – perguntei.

O dr. Bryant deixou seu olhar pousar no relógio na parede e deve ter decidido que era melhor dar-nos o que queríamos e acabar logo com aquilo. Ele gesticulou na direção do corredor.

– Venham comigo, vou mostrar.



O professor Bryant nos levou até seu escritório.

No caminho, passando pela cozinha, vi o café sendo coado. Uma garrafa inteira.

E isso me fez pensar.

Chegamos ao escritório e vi que a maior parte dele era tomada por uma grande escrivaninha com altas pilhas de papel, cadernos e livros. As paredes estavam cobertas por prateleiras de livros. Um iMac estava no meio da mesa.

Imaginando se poderia ter sido ele quem pegou emprestado os cinco comentários do *Decamerão* da biblioteca, procurei em suas prateleiras por lombadas com o número 853 na classificação decimal de Dewey, mas não vi nenhum.

Ele se aproximou de uma das prateleiras.

– As lendas variam sobre as origens de Galeotto, mas em praticamente todas as histórias ele é o homem creditado por juntar Sir Lancelot e a Rainha Guinevere.

Cheyenne estava examinando a sala também, observando tudo.

– Mas Guinevere estava casada com o Rei Artur na época, certo?

– Exatamente. Galeotto organizou o encontro licencioso e os encorajou a se beijarem – o dr. Bryant estudou as lombadas dos livros em uma das prateleiras de cima. Com base nos títulos daquela prateleira, parecia que ele estava procurando um comentário sobre Dante em vez de uma coleção de lendas arturianas como eu tinha suspeitado.

– No entanto – o dr. Bryant disse –, como resultado do encontro de Guinevere com Lancelot, ela consequentemente se apaixonou por ele e eles tiveram um caso que destruiu a famosa harmonia da corte do Rei Artur – ele puxou um volume encapado em couro e empoeirado do meio de um grupo de outros volumes encapados em couro e empoeirados. – Boccaccio pegou a referência de Galeotto do *Inferno*, de Dante, uma das três partes de sua *Divina Comédia*.

O *Inferno*.

Ótimo.

A descrição do inferno mais famosa do mundo.

– A propósito, uma curiosidade – o dr. Bryant estava folheando as páginas da cópia desgastada da *Divina Comédia* de Dante que ele havia escolhido em sua estante –, Boccaccio era um grande fã de Dante. Foi ele que deu a esse livro o título “Divina”. Dante havia apenas dado o nome “Commedia”.

Curiosidade ou não, fiz uma anotação sobre isso na minha caderneta.

Ele parou de folhear o livro.

– Na época em que Dante escreveu sua obra-prima, Galeotto havia se tornado significado de infelicidade ou decepção com o amor... – sua voz foi sumindo enquanto ele analisava a página, então ele mostrou o centro dela com o dedo. – Aqui: Canto V, linhas 137 e 138 – ele inclinou o livro para que pudéssemos ver a passagem.

Cheyenne estava do lado oposto a mim na sala e agora se aproximou para dar uma olhada melhor na página.

– Viram? – o dr. Bryant disse. – Dante escreveu: “Galeotto era o livro e seu autor. Aquele dia não mais lemos adiante”.

– Então o que isso significa? – perguntei. – Galeotto era o livro e seu autor?

– Bem, existem interpretações diferentes, é claro, mas eu diria que Dante quer dizer que Galeotto era tanto uma parte do conto e quem dava forma ao conto. Alguns críticos literários acreditam que dando ao *Decamerão* o subtítulo de *Prencipe Galeotto*, Boccaccio estava se colocando no papel de Galeotto.

– Então você está dizendo que Boccaccio via a si mesmo como um cupido de um caso de amor?

– Sim.

Pensei nas implicações.

– Entre quem?

– Seu livro e seus leitores.

– Mas como isso continua? – Cheyenne disse. – O caso de Lancelot com Guinevere era ilícito. Não há nada de ilícito em ler um livro.

– Você precisa lembrar – Bryant disse – que o *Decamerão* foi escrito no século XIV. As histórias de Boccaccio podem não ser controversas hoje, mas naqueles dias seu livro causou grande agitação.

O dr. Bryant estava caindo no papel familiar do professor, sendo aquele com as respostas, aquele no comando, e isso parecia fazê-lo se abrir. Ele começou a andar, apesar de a sala apertada dar a ele pouco espaço para isso.

– Ler contos lúgubres não era considerado um bom uso do tempo de uma pessoa nos anos 1300.

– As novelas da Idade Média – Cheyenne disse.

– Algo do tipo – ele olhou de Cheyenne para mim. – Embora eu ache que seja mais preciso dizer que a Igreja daqueles dias considerava o *Decamerão* do mesmo jeito que eles considerariam hoje a pornografia na internet. Por isso era condenado.

Seus olhos viraram, provavelmente inconscientemente, para seu computador, e eu decidi que, levando em conta sua coleção de espadas, seu conhecimento íntimo sobre o *Decamerão* e sua falta de álibi para ontem, não seria má ideia pedir para meus amigos na divisão de crimes cibernéticos do *Bureau* darem uma verificada no histórico de navegação do professor. Nós provavelmente devemos ter motivos suficientes para conseguir o pedido.

Mas talvez não.

Então, um pensamento.

Talvez eu não precisasse esperar por eles.

Fiz mais algumas anotações na minha caderneta, então girei a caneta com meus dedos.

– Certo – eu disse para o professor Bryant. – Você está propondo que, para Boccaccio, o relacionamento entre o leitor e o texto, entre a pessoa e a história, era um caso ilícito.

– Sim.

Analisei as prateleiras novamente e repousei a caderneta e a caneta sobre sua escrivaninha.

– E Boccaccio era quem os estava unindo, fazendo o papel do cavaleiro, Galeotto – eu ainda não havia encontrado nenhum dos comentários com 853, mas o professor tinha milhares de livros.

– Está correto.

Ontem, Jake havia sugerido que todas as histórias do assassino eram sobre as consequências trágicas do amor: “Contos fatais e cruéis de amor e de perda”.

*Estaria John agindo como um cupido entre amantes e a morte? É esse seu jogo?*

O professor Bryant olhava impacientemente para Cheyenne e para mim.

– Agora, se isso for tudo, eu realmente preciso...

Meu telefone tocou.

– Com licença – saí para o corredor. Pela porta pude ouvir Cheyenne perguntando ao professor sobre o significado literário específico das histórias contadas no quarto dia.

Assim que atendi o telefone, andei lentamente para a cozinha para verificar uma coisa.

– Sim?

– Sou eu – Ralph disse. – Tinha uma agente observando Calvin. Ela disse que ele estava em casa, mas ele não respondia minhas ligações, então passei por lá para convidá-lo para almoçar. Ele não está lá.

– O quê? – eu estava olhando as bancadas do dr. Bryant, então rapidamente vasculhei seus armários.

– De algum jeito ele escapou da gente.

– Ele tem quase 80 anos – rápida e silenciosamente, verifiquei o conteúdo da lava-louças do professor.

– Eu sei. Estou tentando descobrir.

– Precisamos encontrar...

– Eu disse que eu sei – suas palavras eram como marteladas. – Estou tentando descobrir.

– Ok – eu disse. – Obrigado.

Ele terminou a ligação abruptamente. Não encontrei o que estava procurando na cozinha do dr. Bryant e, desanimado, voltei para o escritório.



Assim que entrei na sala, ouvi o professor Bryant concluindo sua explicação para Cheyenne:

– Veja bem, enquanto os 10 peregrinos tentavam escapar da Peste Negra, a morte estava apenas um passo atrás deles, mas é claro que ela os alcançaria, assim como alcança a todos nós. Então, em todas as histórias contadas nesse quarto dia da viagem, encontramos o tema subjacente não declarado de que o amor em si é uma praga, uma doença, que nos derruba e torna infelizes, que o amor inevitavelmente leva à desgraça.

Com base no que sabíamos sobre o assassino e seus crimes até aquele ponto, a análise de Bryant parecia acertar o alvo.

Peguei Cheyenne olhando para mim. Imaginei que ela apenas estava checando se eu tinha alguma outra pergunta. Balancei a cabeça.

Ela deu seu cartão para o dr. Bryant.

– Bem, obrigada pelo seu tempo. Você foi muito útil. Por favor, nos ligue se você pensar em algum dos seus alunos que possa ter mostrado interesse particular no *Decamerão*.

– Liguei – mas pelo olhar em seu rosto, suspeitei que ele jogaria o cartão fora assim que saíssemos pela porta.

– E se tivermos mais alguma pergunta – Cheyenne disse –, entraremos em contato.

– Sim – ele nos levou até a porta da frente. – Tudo bem.

– Ah, espere – tateei meus bolsos. – Esqueci minha caderneta e a caneta em seu escritório. Já volto.

Alguns segundos depois eu estava no escritório do professor Bryant novamente, dessa vez sozinho. Dei a volta na escrivaninha até seu teclado e pressionei a barra de espaço para parar os peixes nadando pela tela e acessar seu iMac.

Às vezes você tem de dar uma fuçada procurando por evidências para descobrir se existem motivos suficientes para se preocupar em conseguir um mandado de busca.

No fim do corredor ouvi Cheyenne dizer:

– Então, quando termina o semestre?

A tela do desktop apareceu. Rapidamente cliquei na maçã no canto superior esquerdo, desci até preferências do sistema...

– Em duas semanas – Bryant disse a Cheyenne.

Cliquei no ícone “compartilhamento”. Acionei “login remoto” e “com partilhamento de arquivos”.

A voz do dr. Bryant veio do corredor.

– Se você me der licença...

Memorizei seu endereço de IP para que eu pudesse acessar remota mente seu computador. Ouvi passos. Agarrei minha caderneta e a caneta.

Fechei as preferências do sistema.

Virei-me.

Ele estava parado junto à porta.

– Tudo pronto? – ele perguntou.

Mostrei a caderneta e a caneta que eu havia deixado propositalmente em sua escrivaninha alguns minutos antes.

– Missão cumprida.



Após Cheyenne e eu entrarmos no carro, rapidamente liguei o motor e saí pela rua.

– O que você está pensando? – ela perguntou.

– Ele estava mentindo.

– Como você sabe?

– O café.

– O café?

– Tinha cheiro de grãos Geisha, das fazendas Hacienda la Esmeralda, no Panamá, um dos cafés mais raros e mais caros do mundo.

– Você identificou o café pelo cheiro?

– Bem, sim, e pelo fato de ter visto a embalagem enquanto eu estava ao telefone dando uma olhada na cozinha, mas esse não é o ponto. O ponto é: ele não tem uma garrafa térmica.

Ela piscou.

– Ele não tem uma garrafa térmica?

– Não. Nem uma caneca para viagem, ou se tiver, ele está escondendo muito bem. E ele fez o suficiente para 12 canecas. Ok, agora é apenas meu instinto reagindo, mas duvido que alguém que compra um café que custa 200 dólares o quilo coaria essa quantidade de uma só vez a menos que esteja esperando alguém. Um conhecedor de cafés prepara pequenas quantidades para manter o café fresco. E ele estava sendo filtrado quando entrei, então eu não acho que ele esteja prestes a sair para andar de bicicleta.

– Você por acaso disse instinto? E aqui estou eu, pensando que você é o cara que não confia em seus instintos.

– Eu não confio – eu disse. – É por isso que estou dando a volta no quarteirão.

– Então ele mentiu sobre sair para andar de bicicleta – ela disse. – Você acha que isso tem importância?

– Tudo tem importância.

Cheyenne limpou a garganta, sempre muito delicada, mas percebi.

– Sabe, este é o sétimo caso em que trabalho com você, e você disse isso em algum momento em cada uma dessas investigações.

– Sério?

– Sim.

– Deve ser uma mania – estacionei atrás de uma minivan perto do cruzamento mais próximo da casa do dr. Adrian Bryant. – Vamos ver quem ele está esperando.

Alguns momentos depois, Bryant saiu da casa, olhou para um lado e para o outro da rua, então entrou em seu BMW e deu ré pela calçada. Ele não levou sua mountain bike consigo.

– Hum – eu disse. – Uma leve mudança de planos para o professor. Nenhuma visita, e acho que o passeio de bicicleta pode esperar.

– O que você acha? – Cheyenne perguntou. – Seguimos ou deixamos ele ir?

Olhei para o relógio: 12h32.

Em 28 minutos, Jake Vanderveld começaria a expor o perfil psicológico do assassino.

– Vamos segui-lo. Assim teremos uma desculpa para perder a reunião de Jake.

Ela levou um momento para avaliar meu comentário.

– Você está brincando.

– Sim. Talvez.

– Bem, você é o motorista desta vez. Você pode me levar para onde quiser.

Cara, essa mulher adorava duplos sentidos.

E eu não via mal nenhum nisso.

Talvez se tivéssemos sorte, Bryant fizesse algo ilegal e então poderíamos prendê-lo, e Cheyenne e eu teríamos uma ótima desculpa para perder a reunião.

Bryant entrou no emaranhado de pequenas ruas que cercavam sua casa e eu o segui, ficando a uma distância suficiente para que ele não me visse.

Memorizei a rota que ele fez enquanto dirigíamos.



Tessa ouviu a mãe de Patrick voltar da igreja e começar a colocar os pratos na mesa para o almoço.

O diário não tinha registros de todos os dias, e às vezes a mãe de Tessa pulava uma semana ou até mesmo um mês, assim como muitos blogueiros fazem. E muitas vezes, em vez de escrever, ela colava uma carta ou uma fotografia, mas ainda assim, Tessa acompanhou a mãe como uma amiga, como uma irmã, através de seu primeiro ano na faculdade e até o começo do verão seguinte.

Sua mãe havia apenas começado a escrever sobre um cara chamado Brad que estava um ano à frente dela na faculdade, quando Tessa ouviu a voz fina de Martha subir pelas escadas.

– O que você quer de almoço, querida?

– Não estou com fome – ela respondeu de volta.

Tessa gostava de Martha. Patrick havia dito a ela uma vez que a mãe dele havia crescido na Georgia, aprendendo a ser uma dama sulista, então Tessa percebeu que ela provavelmente não gostava muito do piercing na sobrancelha da enteada de seu filho, do esmalte preto, da tatuagem e do amor pelo *death metal*, mas ainda assim, Tessa nunca havia se sentido julgada por ela e sempre a respeitou por isso. Apesar de suas diferenças, elas se davam surpreendentemente bem.

Tessa ouviu passos na escada.

Martha não era muito ágil e Tessa não gostou da ideia de fazê-la subir a escada só para convencê-la a comer alguma coisa, então deixou o diário na cama, andou pelo corredor e apareceu no último degrau.

– De verdade – ela disse. – Estou bem.

Martha estava no meio da escada.

– Tessa, querida, você precisa comer – Martha era uma mulher frágil e delicada, com cabelos brancos como a neve e, ainda assim, era alguém que Tessa havia reparado que possuía um tipo de força difícil de medir.



E mesmo que desejasse muito voltar para o diário para descobrir o que acontecia entre sua mãe e Brad, Tessa não queria ser rude.

– Ok, claro, o que tiver está bom para mim.

– Bolo de carne está bom, então?

Tessa olhou para ela, esperando que seu rosto entregasse que ela estava brincando, mas Martha apenas olhava para ela inocentemente. Finalmente, Tessa disse:

– Na Bíblia, Adão e Eva não eram vegetarianos? Não era esse o plano original, que humanos não matariam para viver? E Daniel, o cara da cova dos leões também. Ele não era...

Um dedo leve no ar.

– Tem razão – Martha olhou orgulhosa para ela. – Então, bolo de salada, pode ser?

– Sim, claro. Bolo de salada – ela disse. – Obrigada. – Vindo de Patrick, “bolo de salada” teria soado como uma triste tentativa de ser engraçado, mas vindo de Martha, foi bonitinho.

Então Martha sorriu delicadamente para ela e desceu os degraus novamente, e Tessa voltou para o diário para descobrir se sua mãe e Brad acabaram ficando.



Quinze minutos após sair de sua casa, o dr. Bryant entrou no estacionamento do prédio do *Denver News*.

– Então – Cheyenne disse –, Bryant é um especialista em Boccaccio, tem uma coleção de espadas, esteve desaparecido ontem, a cabeça no vaso de manjeriço foi mandada para este prédio, ele dirige até aqui assim que terminamos de conversar com ele – e lembra? – Kurt mencionou que Bryant teve Amy Lynn em sua aula.

– Sim – eu disse. – Meu interesse está definitivamente desperto.

Olhada no relógio: tínhamos 12 minutos até a reunião na central da polícia e apesar da minha relutância em comparecer, eu sabia que precisaríamos estar lá.

– Temos de ir, mas vamos mandar um carro para cá; colocar alguns policiais para ficarem de olho no professor.

Cheyenne pegou o celular e eu direcionei o carro para a central da polícia.



Jake estava conectando seu computador à televisão da parede quando Cheyenne e eu chegamos à sala de conferência. Além de Jake, vi três dos policiais que estiveram nos ajudando no caso, dois agentes do FBI e Reggie Greer. Kurt ainda não havia chegado.

Uma cópia impressa do perfil psicológico de Jake estava na mesa à frente de cada uma das 12 cadeiras. Quando Cheyenne e eu tomamos nossos lugares, o capitão Terrell, chefe de Kurt e fã de programas de TV sobre criação de perfis, entrou na sala e sentou-se ao lado de Jake. O capitão era um homem de aparência severa, com cabelos curtos e bagunçados. O cheiro de colônia Old Spice o seguiu quando ele passou.

Cheyenne se inclinou para perto de mim, acenou na direção dele e cochichou:

– Dizem que é preciso mais músculos para franzir o cenho do que para sorrir.

Mantive minha voz baixa.

– Você está dizendo que o rosto dele gosta de fazer musculação? Ela piscou.

– Boa. Você está me acompanhando.

– Grandes mentes – cochichei.

Então ouvi o capitão Terrell perguntar a Jake se ele estava pronto. Jake acenou com a cabeça.

– Podemos começar.

O capitão limpou a garganta e todos se acomodaram em suas cadeiras.

– Primeiro, quero agradecer a todos por virem em um fim de semana – ele disse. – Como vocês sabem, o Departamento de Polícia de Denver está sempre procurando por melhores meios de servir seus colaboradores, então nos sentimos honrados e privilegiados por ter dois agentes federais trabalhando intimamente conosco neste caso – ele acenou forçadamente para mim e Jake.

Então ele apoiou as duas mãos sobre a mesa.

– Portanto, vamos direto ao assunto: esse psicopata precisa ser encontrado. Temos pelo menos sete mortes em nossas mãos e essa coisa está virando um pesadelo para as nossas relações

públicas. O Departamento de Polícia de Denver vai colocar todos os recursos à disposição para pegarmos esse cara.

Ele pegou uma das cópias do perfil de Jake. Acenou para nós.

– E o agente especial Vanderveld é o homem que vai nos ajudar a fazer isso – então cedeu o espaço para ele. – Jake.

Evidentemente, o capitão Terrell tinha muito mais confiança nas habilidades investigativas de Jake do que nas minhas. Abri minha cópia do perfil e comecei minha leitura obrigatória.

Jake levantou-se.

– Obrigado, capitão – ele apontou para os perfis impressos. – Não vou ler o que se encontra na frente de vocês, mas eu gostaria de destacar alguns pontos. – Ele apertou um botão em seu laptop e um logotipo do FBI apareceu na tela.

– Estamos lidando com alguém que foi capaz de encontrar um homem da lista dos mais procurados do FBI, subjugá-lo e matá-lo, mesmo esse homem sendo um assassino treinado – ele apertou um botão em seu lap-top novamente e uma imagem do rosto de Sebastian Taylor apareceu.

Olhei em volta.

Ninguém mais parecia perceber que o que Jake havia acabado de falar, apesar de parecer perspicaz, era inteiramente óbvio. Apenas reforçava a informação que já conhecíamos.

– O UNSUB é um homem caucasiano, de 30 a 35 anos de idade. As cenas do crime mostram uma mistura de comportamento organizado e desorganizado.

Dizer que o comportamento é uma combinação de organização e desorganização pode ser uma descrição precisa, mas é completamente inútil para encontrar um suspeito. Dava para ver que aquela seria uma reunião muito longa.

– Ele não é o típico assassino homicida com motivações sexuais. Ele foi divorciado pelo menos uma vez e deve ter vivido com a mãe depois da faculdade.

A cada uma das afirmações de Jake, eu podia sentir minha temperatura subindo. Isso era exatamente o que eu não gostava na criação de perfis: conjecturas baseadas em palpites em vez de fatos. Considerando apenas as evidências que haviam sido deixadas nas cenas dos crimes até agora, como alguém poderia dizer que o infrator tinha vivido com a mãe depois da faculdade? Aquilo era ridículo.

Jake continuou:

– Recomendo confronto direto com o suspeito durante o interrogatório. Façam a ele perguntas como “quantas outras pessoas você matou?”, “onde você escondeu o corpo de Chris Arlington?”, “de onde você tirou a ideia de reencenar os crimes do *Decamerão*?”.

– Com licença – Cheyenne disse.

– Sim?

– Não seria mais prudente nesse ponto focar nossas energias em prender alguém em vez de bolar uma estratégia de interrogatório?

Ah, sim. A mulher do meu coração.

Jake sorriu, mas dava para ver que não era realmente um sorriso.

– Precisamos estar preparados para qualquer coisa que cruzar nosso caminho, detetive. Quanto mais entendermos esse assassino, maiores as chances de pegá-lo e conseguir que ele confesse. Meu objetivo é ser o mais abrangente possível.

Pelo olhar no rosto de Cheyenne, suspeitei que ela estivesse a ponto de pular em cima dele, mas entrei no meio.

– Jake – eu disse –, Cheyenne e eu acabamos de conversar com o professor que ensina sobre o *Decamerão* na DU. Ele parece pensar que Boccaccio vê a si mesmo no papel de um cavaleiro

unindo amantes com a perda, a tristeza ou a morte. Você tratou disso em seu perfil escrito, mas o que você acha da ligação com Boccaccio?

– Sim, eu trato disso – ele disse. – Profundamente. Mas vou resumir para você.

Ah, obrigado, pensei.

– Obrigado – eu disse.

– A fascinação do UNSUB com o *Decamerão* revela que ele é inteligente e versado. QI alto. Estudou literatura medieval. Provavelmente fez faculdade, talvez tenha até feito alguma pós-graduação. Nas histórias de Boccaccio ele encontra a inspiração e o ímpeto para deixar suas tendências violentas caminharem livremente em sua vida.

– Então – Cheyenne disse pensativamente – você está dizendo que o assassino é inteligente e tem tendências violentas?

O sarcasmo dela pareceu não ter tido efeito em Jake.

– Sim – ele disse.

Inteligente e violento.

Essas ideias eram extraordinárias. Talvez eu devesse anotar essas coisas.

– Ele não muda seu padrão – Jake disse – porque ele não consegue. Ele mata porque ganha algo com a morte. E isso cresce da natureza específica de cada crime. É mais relacionado ao *porquê* do que ao *como*. Métodos são refinados. Assassinos aprendem com seus erros. Mas eles não alteram o porquê. É quase sempre por poder, dominação e controle. Nesse caso, o poder sobre o destino, sobre a vida e a morte. Para pegar esse cara, precisamos nos focar não *onde* os crimes ocorreram, mas no *porquê*.

Ele estava olhando para mim enquanto dizia as palavras, e eu podia sentir que ele estava querendo arrumar briga, mas mantive minha boca fechada.

– Então, aqui está o que devemos procurar: casais. Amantes. Seleção de vítimas. Por que ele está escolhendo esses casais? O que eles têm em comum? Onde suas vidas se cruzam com a dele?

Ele havia nos dito alguns segundos antes que o *onde* não importava, e agora estava sugerindo que nos concentrássemos em onde as vidas das vítimas se cruzavam com a do assassino, que é o que eu havia sugerido mais de 24 horas atrás.

Pelo menos agora estávamos indo para algum lugar.

– A preocupação do UNSUB com amor e morte revela uma grande quantidade de dor e confusão interiores – Jake disse. – Ele experimentou tristeza profunda em seus anos de formação. Provavelmente a perda de alguém que cuidava dele. Então, devemos procurar um homem altamente educado que teve experiências de tragédia ou traição quando criança. Ele está familiarizado com esta região, provavelmente cresceu ou estudou aqui; e talvez tenha acesso a arquivos confidenciais de casos ou a áreas restritas do Banco de Dados Digital Federal que o permitiram rastrear a residência de Taylor através das marcas de pneu comparadas com seu Lexus.

*Hum... Acesso ao Banco de Dados Digital Federal? Talvez até ao FALCON? Agora sim, uma ideia interessante...*

Mas antes que eu pudesse pensar mais nisso ou que Jake pudesse expandir sua afirmação, a porta da sala de conferência abriu com uma pancada.

Era Kurt.

– Alguém postou um artigo na internet sobre os crimes – ele disse.

– Ela sabe sobre o *Decamerão*. Ela está chamando o cara de “Assassino do Quarto Dia”.



– Abra isso – eu disse a Jake, cujo computador ainda estava conectado à televisão na parede.

Ele pressionou o teclado, abriu o navegador e digitou a frase “Assassino do Quarto Dia”.

O artigo “Manuscrito Medieval Inspira Assassinatos Brutais” apareceu. Jake clicou na página e todos lemos em silêncio.

No geral, o artigo era pouco mais que conjecturas, hipóteses e criação de perfil amadora, mas ele continha alguns detalhes que não tínhamos fornecido à imprensa: algumas das falas das ligações para a polícia, o fato de que o coração de Chris Arlington havia sido encontrado na mina juntamente com o corpo de Heather e informações sobre o atentado contra a vida de Kelsey Nash. A autora também mencionava o vaso de manjeriço, mas, incorretamente, afirmava que ele continha a cabeça de Sebastian Taylor em vez da de Travis Nash.

Apesar de não ser ilegal escrever sobre os crimes, era ilegal compartilhar publicamente informações privilegiadas sobre uma investigação em andamento, e essa autora havia feito isso. Perguntei a Kurt se ele sabia algo sobre a autora.

Ele balançou a cabeça.

– Foi escrito por um pessoa chamada Deniece Johnson, mas até onde podemos dizer, isso é apenas um pseudônimo.

Pela referência à cabeça no vaso de manjeriço, a escolha óbvia para a autora seria Amy Lynn Greer.

*Mas ainda assim, o artigo é muito específico para ter...*

– Temos um vazamento – o capitão Terrell disse. E dessa vez eu concordei com o fã de criadores de perfil.

Por um momento, todos na sala pareciam analisar uns aos outros, procurando por um gesto culpado, uma ação suspeita. Finalmente, Jake me surpreendeu e disse:

– Acho que devemos adiar a reunião e dar uma olhada nisso. Talvez possamos nos reunir novamente no fim da tarde.

Ele olhou para o capitão Terrell procurando por apoio.

O capitão pensou na sugestão e, então, acenou com a cabeça.

– Façam todos a lição de casa. Kurt, você e eu vamos dar uma olhada nesse artigo, rastrear o autor e encontrar nosso vazamento – ele olhou as horas. – Nos encontramos de volta aqui às 16h – algumas pessoas olharam nos relógios e pareciam estar prontas para reclamar, mas no final mantiveram as bocas fechadas.

Às 16h seria perfeito, pois eu estaria embarcando no avião para Chicago.

– Ótimo – eu disse –, Jake poderá concluir então.

O capitão Terrell dispensou todo mundo, com exceção de Reggie Greer, a quem pediu para se juntar a ele no corredor, e imaginei que o capitão compartilhava da minha suspeita de que a esposa de Reggie, Amy Lynn, era a autora.

Todos deixaram a sala, mas fiquei para trás. Algo no artigo havia me chamado a atenção. Abri meu laptop e naveguei até a página.

Li novamente.

Ontem, eu havia verificado as transcrições das ligações para a polícia a caminho da casa de Taylor, e quem quer que fosse que tenha escrito esse artigo havia incluído a frase “o anoitecer está chegando”, um fato que o autor definitivamente não deveria saber.

E isso era algo que eu poderia procurar imediatamente. Era possível que as ligações para a polícia nos levassem até o vazamento.

Após pegar minhas coisas, saí para o corredor e fiquei um tanto surpreso, e feliz, de encontrar Cheyenne esperando por mim.

– Ei – ela disse –, estive pensando naquele artigo.

– Eu também. Estava com esperança de dar uma olhada nas ligações anônimas. Preciso de mais detalhes. Acho que gostaria de ouvir o áudio eu mesmo.

Ela olhou para mim com admiração e um toque de suspeita.

– Como assim? Eu estava pensando na mesma coisa.

– Boa. Você está me acompanhando.

– Grandes mentes... – ela disse. Então partiu para o elevador. – A expedição fica no subsolo. Podemos conferir agora mesmo.



Assim que entramos no elevador, Cheyenne olhou para mim.

– Aliás, fiquei impressionada pelo seu autocontrole durante a reunião com Jake.

– Sim, bem, eu sou o tipo de cara com tato, controlado.

– Hum. Bom saber disso – ela pressionou “S” para o subsolo, que era na verdade o andar acima da garagem subterrânea. – Então, posso te fazer uma pergunta pessoal, sr. Tato? – ela observou as portas do elevador fecharem.

– Manda.

Descemos.

– O que aconteceu entre você e Lien-hua?

Ok essa foi inesperada.

Mesmo sendo um pouco estranho falar sobre Lien-hua, levei como um bom sinal o fato de Cheyenne perguntar sobre ela.

– Não tenho muita certeza – eu disse. – Mas honestamente, não foi o velho clichê do trabalho ser mais importante que o relacionamento. Tomávamos cuidado com isso – o elevador parou. Apitou. – Uma coisa talvez: um pouco antes de começarmos a sair juntos, ela quase morreu. Na verdade, ela morreu, mas consegui trazê-la de volta.

– Uau – as portas se abriram e nós saímos.

– Sim, bem, eu acho que isso, com o tempo, tornou as coisas entre nós mais tensas, criou uma dinâmica desconfortável, como se houvesse algum tipo de obrigação de ela gostar de mim, não simplesmente uma escolha.

Partimos pelo corredor.

– Além disso, antes de ela morrer, por um tempo curto, pensei que ela estivesse envolvida em uma conspiração biotecnológica. Ela me disse que não levou isso a mal, mas tenho uma sensação de que tenha afetado as coisas... então ela tirou licença por um tempo...

– Se você não quiser falar sobre isso – Cheyenne disse –, está tudo bem.

– Lien-hua ainda está em Washington – só depois que eu disse as palavras fui perceber como devem ter soado deslocadas. Eu nem sabia por que tinha dito aquilo. Talvez para deixar claro para Cheyenne que Lien-hua não estava mais na jogada.

– Washington – Cheyenne respondeu. – Então, a mesma cidade onde você vai morar esse verão?

– Hum. Sim – eu não queria mais falar sobre Lien-hua. Estávamos no meio do corredor. Arrisquei uma pergunta pessoal. – E quanto a você?

– Você diz sobre algum cara?

– Sim.

– Nada sério, não por um bom tempo. Isso pode te surpreender, mas me disseram que eu intimido os homens.

– Tá brincando. Sério?

– Chocante, né? No entanto, devo lhe dizer, eu fui casada uma vez, saindo da faculdade. Ficamos juntos por cinco anos.

– Você se importa se eu perguntar o que aconteceu?

Uma pequena pausa.

– Todo caso começa com um sorriso.

A cada momento, a conversa estava se tornando mais e mais íntima, e minha consciência me dizia para parar de emendar perguntas, mas eu continuei mesmo assim.

– Então, você estava sorrindo, ou ele?

Eu provavelmente havia passado do limite, mas Cheyenne não pareceu se importar.

– Por um instante ambos estávamos – ela disse. – No final, larguei o cara para quem eu estava sorrindo, e Cody me largou – ela fez uma pausa e então acrescentou: – Cody Howard era o meu marido.

– Cody Howard, o piloto de helicóptero do Departamento de Polícia de Denver?

– O próprio.

Por essa eu não esperava.

Pelo menos isso explicava por que ela não queria voar com ele.

Chegamos ao escritório da expedição e, quando ela estava prestes a abrir a porta, pedi a ela para esperar um segundo.

– Escute, eu queria me desculpar por ontem à noite.

– Pelo quê?

– Por quando você disse que estava pensando que eu ia te beijar...

– Sim?

– E não beijei.

Uma pequena pausa. Ela parecia estar se divertindo.

– Sim, eu me lembro disso, agora que você mencionou.

– Então, de qualquer forma, eu não estava tentando te afastar. Eu só... bem, eu me senti meio mal com a maneira como as coisas terminaram.

– Pat – ela disse, ajeitando meu colarinho –, eu não acho que elas terminaram.

E, enquanto fiquei procurando uma resposta, ela empurrou a porta do centro de expedição do Serviço Médico Emergencial e entrou.





Uma vez dentro da sala de expedição, Cheyenne foi procurar o supervisor encarregado enquanto eu esperava na porta e observava a sala, que era iluminada apenas pelo brilho azulado dos monitores de computador e pelas poucas lâmpadas fluorescentes que ainda não estavam queimadas.

Uma placa na parede à minha direita dizia:

Lembre-se dos três As!  
*Aonde* devemos ir?  
Precisa de *Ambulância*?  
Alguém está *Armado*?  
Vidas dependem de VOCÊ!!

Uma palavra escrita errada. Uso exagerado de pontos de exclamação. Letras maiúsculas desnecessárias. Tessa teria ficado louca.

Nove expedidores estavam de plantão no conjunto de cubículos, e a maioria deles tinha pelo menos dois computadores, dois fones de ouvido com microfone e um pedal no chão para transferir e receber chamadas. Todos pareciam ligados e privados de sono. A sala cheirava a mortadela velha e café queimado. Oito cubículos estavam vazios.

Com o estresse, longas horas de trabalho, baixo salário e o desgaste emocional, não é fácil encontrar pessoas para serem expedidoras do Serviço Médico Emergencial. Eu não conheço nenhuma grande cidade americana onde o departamento de serviços de emergência não esteja com falta de funcionários e constantemente procurando pessoas para contratar. Na verdade, um estudo recente da Johns Hopkins University descobriu que ser um expedidor em uma grande área metropolitana é tão estressante quanto ser controlador de tráfego aéreo. Talvez isso explique a taxa de rotatividade de 60% por ano.

E aqui está a ironia: a maioria dos colégios tem mais sistemas de computador atualizados do que os serviços médicos emergenciais e, ainda assim, apesar de os expedidores potencialmente terem a vida de uma pessoa nas mãos a cada ligação, a maioria dos estados não exige que seus funcionários tenham nem diploma de segundo grau.

Quando uma chamada é recebida, um expedidor pode ouvir um tiro, ouvir um corpo cair, ouvir a ligação ficar muda, e 60 a 70 segundos depois ele está ao telefone novamente com outra pessoa. Os expedidores nunca descobrem o que aconteceu com quem ligou antes, a menos que eles leiam sobre aquilo no jornal ou talvez peguem a história no jornal da noite.

Mas nenhum dos expedidores que conheço assiste ao noticiário ou lê o jornal.

É muito doloroso.

Cheyenne voltou com um homem que se identificou como Lancaster Cowler.

Ele gingou em minha direção como um ex-atleta, mas parecia que não fazia uma flexão de braço há mais de 20 anos. Uma bola de gordura abdominal escapava pelo espaço entre a camisa e o cinto como a ponta de uma língua gigante.

– Agente especial Bowers – ele disse, sua voz úmida e grossa.

Apertei sua mão.

– Sr. Cowler, eu não quero tomar seu tempo. Tenho algumas perguntas sobre as ligações anônimas reportando os homicídios duplos na quinta e na sexta-feira.

– A mulher que recebeu as ligações não está trabalhando hoje – ele disse.

– Ela tem folga nos fins de semana. Você sabe. Para ficar com os filhos.

– Podemos ver se mais alguém acessou esses arquivos?

– Claro – ele inclinou sua cabeça para o lado e chamou um homem sentado ao lado de um par de telas de computador. – Ari, preciso que você baixe alguns arquivos de áudio para nós.

O cara parecia que não dormia há uma semana.

– Quais? – seus olhos permaneceram grudados na tela da esquerda, que continha um painel de códigos de expedição e um mapa de Denver com pontos digitais representando a localização GPS atual dos veículos de emergência da cidade.

Cowler andou na direção da mesa do homem.

– Homicídios duplos.

Ari virou-se para a tela da direita e rapidamente rolou pelo banco de dados das chamadas gravadas digitalmente na semana.

– Você sabe as horas? – mesmo Ari parecendo ter mais de 30 anos, seu rosto era coberto por acne. As únicas coisas em sua mesa que mostravam que ele tinha uma vida fora daquela sala eram um boneco de um Star Trooper, uma placa de mérito por 10 anos de trabalho e um dragão de cerâmica prateado com as asas abertas.

Eu vi os horários das ligações rolando pela tela.

– Ali – apontei para um registro de quinta-feira à tarde. – E ali – identifiquei a segunda chamada.

Ari digitou no teclado e puxou o primeiro arquivo. Cowler analisou a tela.

– Não, o número de referência não mostra mais ninguém acessando os arquivos, exceto o escritório do médico forense. Mas é normal eles fazerem isso antes de uma autópsia.

– Vamos ouvir a primeira ligação – eu disse.

Enquanto Ari reproduzia o áudio, a transcrição automática ia passando pela tela:

EMERGÊNCIA: – Você ligou para emergência. Como...

INTERLOCUTOR: – Tenho algo para dizer. Preciso que você ouça com atenção.

EMERGÊNCIA: – Senhor, você pode me dizer seu nome? INTERLOCUTOR: – Tem um

corpo na Mina de Bearcroft, cinco quilômetros ao sul de Idaho Springs. Pegue a Wheelan até a Piney Oaks Road. Após 8,5 quilômetros, pegue a estrada de terra para a direita. Ela termina na mina. Quero que você mande...

EMERGÊNCIA: – Com quem estou falando?

INTERLOCUTOR: – A Força-Tarefa para Crimes Violentos das Montanhas Rochosas. Ninguém entra na mina antes deles, ou mais pessoas vão morrer. Vocês não vão encontrar Chris, então não percam tempo procurando por ele.

EMERGÊNCIA: – Senhor, você está aí agora? Você está em perigo...

INTERLOCUTOR: – O anoitecer está chegando. Não vou parar até que a história esteja concluída. O quarto dia termina na quarta-feira.

EMERGÊNCIA: – Senhor...

CHAMADA ENCERRADA PELO INTERLOCUTOR.

O segundo áudio era igualmente conciso, mas listava o endereço de Taylor e a Represa Cherry Creek como os locais dos corpos.

A voz do interlocutor era disfarçada eletronicamente, e apesar de eu não ter certeza, parecia que o tom, as pausas e a cadência da fala nas duas gravações batiam com os padrões do homem que havia me ligado hoje mais cedo.

No entanto, ouvi ruído de fundo em ambas as gravações. Enquanto eu pensava no que poderia ser aquilo, Cowler me perguntou:

– O que você está esperando encontrar, exatamente?

Em vez de soar arrogante, listando os identificadores fonéticos e de entonação, eu simplesmente disse:

– Estou tentando ouvir alguma coisa distintiva, individualizada. Qualquer coisa que possa nos ajudar a ligar o interlocutor com um suspeito – então pedi para Ari reproduzir as gravações novamente.

Sim, definitivamente tinha algo ali, apesar de ser um som diferente em cada gravação.

– Sabemos o que são esses ruídos de fundo? – perguntei para Cowler.

– Ruídos de fundo?

– Soa como pessoas murmurando na primeira gravação e algo diferente, não tenho certeza do que, na segunda.

– Certo, Ryman – Cowler disse. – Vamos ouvi-las mais uma vez – ele deu a mim e a Cheyenne fones de ouvido, pegou um par para ele, ligou-os no sistema e acenou para Ari Ryman reproduzir o áudio novamente.

Depois de ouvirmos as gravações novamente, todos removemos nossos fones de ouvido e Cowler balançou a cabeça.

– Fica barulhento aqui. Parece ruído de fundo dos outros expedidores. Provavelmente não é nada.

Se tem uma coisa que aprendi no decorrer dos anos é isso: quando alguém diz “provavelmente não é nada”, nunca acredite nele.

Eu sabia que a perícia havia estudado as gravações, mas eu precisava que eles analisassem com um pouco mais de cuidado. No entanto, antes que eu pudesse pedir uma cópia delas, uma ligação foi recebida e o homem com o boneco de um Star Trooper tomou um rápido gole de uma caneca velha cheia de café cinzento e falou em um de seus dois fones de ouvido com microfone.

– Emergência. Por favor, diga a natureza de sua ligação.

Nos afastamos.

Tirando o ruído ambiente, não percebi nada anormal nas mensagens de áudio.

– Bem – Cheyenne disse para mim a caminho da porta –, o que você acha? Tentei esconder o desânimo em minha voz.

– Os fonemas parecem bater com os usados pelo homem que me ligou hoje mais cedo, mas com a distorção de voz que ele usou, duvido que seria capaz de reconhecer sua voz natural se eu a ouvisse. Eu ainda estou imaginando como o autor do artigo na internet encontrou a transcrição das chamadas.

– Eu também.

Cowler nos conduziu à porta e eu estava prestes a dar a ele meu cartão e pedir para me mandar via e-mail uma cópia dos arquivos de áudio e das transcrições mas percebi que isso só levaria mais tempo, algo que não tínhamos. Então, em vez disso, perguntei a ele se eu podia usar um dos computadores por um minuto.

Ele encolheu os ombros.

– Claro, nós temos um conjunto separado para uso do departamento de polícia. Está bem aqui.

Ele me conduziu até uma das estações de trabalho vazias no lado oposto da sala.



Após ter me sentado, Cowler me mostrou como baixar os arquivos de áudio. Cliquei além dos links do localizador de endereço e GPS do Banco de Dados Digital Federal até chegar aos arquivos de áudio, então enviei via e-mail uma cópia de ambos os arquivos e transcrições, para mim mesmo e para Angela Knight, da divisão de crimes cibernéticos do FBI.

Adicionei um pedido para Angela: que ela passasse o áudio das ligações por um espectrógrafo de voz “Veja se você consegue isolar o ruído de fundo para mim”, escrevi. “E como sempre, preciso disso o quanto antes. – Pat”.

Agradei Cowler e quando Cheyenne e eu entramos no corredor, olhei para o relógio e percebi que precisava correr se queria pegar minha bagagem em casa, dizer tchau para Tessa e então pegar meu voo.

– Preciso ir – eu disse a ela.

– Espere – ela disse. – Passe pelo meu carro antes. Só vai levar um minuto. Tem algo que gostaria de dar para você.



Amy Lynn estava colocando outro vídeo para Jay son assistir quando recebeu uma ligação em seu Blackberry. Ela atendeu.

– Sim?

– Ele vieram aqui – era Ari. Ele parecia desesperado. – O que você escreveu?

Ela ligou a televisão e colocou um pacote de salgadinhos no chão para o menino comer.

– Quem apareceu? – ela havia abaixado a voz. – Do que você está falando?

– Alguns detetives. Você escreveu algo sobre...

- Fique calmo. Ok? – ela se afastou da televisão.
  - Eu só não quero que alguém descubra que nós conversamos.
  - Eu sei.
  - Mamãe – Jay son disse –, posso assistir...
  - Shhhh! – ela o calou. – Você sabe que não pode me interromper quando estou falando ao telefone. – Então ela falou com Ari novamente.
  - Vou dar uma verificada, ter certeza de que não tem jeito de relacionar as coisas a você.
- Ligo para você depois.
- Ela terminou a ligação sem esperar pela resposta dele.
- E sorriu.
- Então, o artigo dela estava mexendo com as pessoas. Ótimo.
- Hora de começar a trabalhar na segunda parte.



Três minutos após sair do escritório da expedição, eu estava parado ao lado do Saturn de Cheyenne e ela estava me dando o pingente de São Francisco de Assis que ela deixava pendurado em seu espelho retrovisor.

– Para que é isso? – perguntei.

– São Francisco é o santo padroeiro da arquidiocese de Denver – ela explicou. – E ano passado eu descobri que ele também é o santo protetor contra a morte solitária. Acho que esse é o pior jeito de morrer, então eu guardo isso como um... bem, ele me ajuda a lembrar por que eu faço o que eu faço. Ninguém deveria ter de morrer sozinho.

Ela fez uma pausa por um momento e então recitou as palavras que eu havia lido no dia anterior, do poema de Keats sobre o vaso de manjerição:

– “Pois Isabel, doce Isabel, morrerá; morrerá uma morte solitária e incompleta.” Quando você leu isso ontem, pensei no pingente, mas acabei esquecendo de dá-lo a você.

– Eu não posso aceitar, é...

– Por favor. Pensei que se você estiver com isso no julgamento de Basque, você não vai sofrer. Eu não sei... eu só... como um lembrete. Eu quero que você fique com ele. Eu consigo arrumar outro facilmente.

Apesar de ela ter mencionado ontem que havia frequentado uma escola católica, eu podia ver agora que ela era muito mais devota à sua fé do que eu imaginava. Ela deve ter percebido minha surpresa, pois disse:

– O que há de errado?

– Eu só estou um pouco... Eu não sabia que você era tão religiosa.

– Difícil de classificar, lembra?

– Certo – eu não acredito mesmo em relíquias, em rezar para santos ou em amuletos de boa sorte, mas o gesto significava muito para mim. – Obrigado – deslizei o pingente para dentro do meu bolso.

Um momento se passou.

– Bem – ela disse –, vou dar uma passada para visitar Kelsey Nash, ver como ela está; então talvez ver como estão os policiais que ficaram de olho em Bryant.

Percebi que meus sentimentos por Cheyenne estavam ficando mais fortes e mais intensos a cada hora, e comecei a imaginar o quanto do estresse desse caso estaria afetando minha atração por ela. Talvez meu coração estivesse procurando por ela porque ele precisava de algo que ela parecia oferecer: conforto, força, intimidade. Provavelmente as três coisas.

– Estarei com o telefone de Tessa – eu disse. – Mantenha-me atualizado, ok?

– Ligo para você de manhã.

Dei a ela o número e ela o registrou em seu telefone. Ela parecia que rer falar mais alguma coisa.

Eu odiava pensar na possibilidade de estar usando-a como um par de muletas, mas eu não conseguia deixar de pensar que eu estava.

– Eu preciso ir – disse apressadamente.

– Sim.

Então, antes que a conversa chegasse a algo mais pessoal, eu disse um tchau apressado e fui para o meu carro.

E não olhei para trás porque eu estava com medo de ela estar me observando, e apesar de uma parte de mim estar torcendo para que ela estivesse, outra parte havia começado a pensar se não seria melhor para ambos que ela não estivesse.



Tessa chegou à página do dia 15 de novembro do segundo ano de faculdade de sua mãe na University of Minnesota – apenas dois meses antes de ela ter sido concebida.

E sua mãe ainda estava saindo com Brad.

Tessa não sabia se ele era seu pai, mas estava ficando mais e mais provável que fosse, e sempre que ela lia seu nome, começava a sentir aquela antiga mistura de dor, raiva e mágoa que sentia sempre que pensava no pai ausente.

Então ela leu:

*2 de novembro*

*Não, não, não, não, não!*

*Então hoje ele me diz que gosta dessa outra garota, que ele “não está mais a fim de mim”. Não está mais a fim de mim??!! Estamos saindo juntos faz seis meses! E por que ele tem que me dizer que gosta de outra pessoa? Por que ele não podia apenas dizer que acabou? Por que ele teve que mencioná-la?*

O registro acaba abruptamente, mas então sua mãe passou as próximas 12 ou mais páginas falando sobre seus sentimentos em relação ao término, e Tessa descobriu que a mãe havia feito praticamente as mesmas coisas que ela fazia quando terminava com um cara: reclamava, chorava, fingia que ela nunca tinha gostado dele desde o começo, e então encontrava outro cara



um pouco rápido demais e ficava apaixonada demais por ele.

E foi isso que aconteceu com sua mãe no dia 20 de dezembro.

O nome desse cara era Paul.

Tessa sentiu um pouco de medo e ansiedade palpitando dentro dela e não conseguia mais esperar. Ela precisava saber. Ela procurou pelas páginas. Passou pelas semanas seguintes.

Até janeiro: sua mãe terminou com Paul. Mas eles dormiram juntos algumas vezes. Então, a menos que houvesse mais alguém sobre o qual ela não havia escrito...

Então fevereiro, março.

Sua mãe havia começado a se sentir enjoada, cada vez com mais náuseas. *Sim, tem de ser ele.*

Abril.

Sua menstruação estava dois meses atrasada, ela não estava pronta para as provas, só queria que as férias chegassem e estava tentando arrumar um emprego para o verão...

*Se houvesse mais alguém, se ela tivesse dormido com mais alguém, ela teria dito...*

Então Tessa leu a página que sua mãe havia escrito no dia 5 de maio, e o mundo virou de cabeça para baixo.

*Querido diário,*

*Hoje de manhã descobri que estou grávida. É do Paul. Não sei o que fazer. Eu não posso ter um bebê. Não posso! Este foi o pior dia da minha vida.*

E Tessa sentou-se imóvel, muda, olhando para a página.

Obviamente seria difícil para uma adolescente ouvir que ela seria uma mãe solteira. Obviamente. Tessa sabia disso. Mas ainda assim, as palavras a cortaram ao meio.

*"Este foi o pior dia da minha vida."*

Sua garganta se apertou tanto que ela mal conseguia respirar, e seus dedos estavam tremendo quando virou a página.

Mas a próxima página não foi escrita por sua mãe.

Em vez disso, era uma carta escrita à mão colada na página.

Uma carta de Paul.



*Christie,*

*Desculpe-me por como as coisas estão, por como as coisas foram. Mas por favor, eu sou o pai. Não faça isso. Eu faço o que você quiser: pago as despesas médicas, ajudo a criar o bebê, encontro alguém para adotá-lo, mas por favor, não faça isso. Não importa o que você pensa de mim, sou um idiota, OK, sou um fracassado, mas deixe-me fazer algo certo aqui. Deixe-me ajudar. Deixe-me fazer uma coisa boa.  
Por favor, fique com o nosso bebê.*

*– Paul*

Tessa não respirou por um bom tempo. Ela deixou os olhos passearem pelas palavras duas, três vezes.

Por toda sua vida, ela havia odiado seu pai, havia pensado que ele não queria nada com ela. Então agora, mesmo que a intenção principal da carta a tenha tocado mais que tudo, sua reação inicial foi ficar chocada por seu pai biológico, seu verdadeiro pai, ter tido a vontade de fazer parte de sua vida.

*O nome dele é Paul.*

*O nome do seu pai é Paul. E ele queria ajudar a criar você.*

Mas então o impacto mais óbvio, mais profundo das palavras, fez sentido. *“Por favor, não faça isso...”*, ele havia escrito. *“Eu sou o pai.”*

*“Eu faço o que você quiser: pago as despesas médicas, ajudo a criar o bebê, encontro alguém para adotá-lo, mas por favor, não faça isso.”*

*– Não... – ela sussurrou. – Por favor, não.*

*“Fique com o nosso bebê.”*

A verdade bateu com força nela.

Dura e brutal.

Sua mãe, a pessoa que Tessa havia amado e em quem havia confiado mais do que qualquer outra pessoa no planeta, quis abortá-la e seu pai, o homem que havia sempre odiado, tinha implorado para salvar sua vida.



Tudo em que Tessa havia acreditado sobre sua mãe e seu pai, todas as coisas, tudo, tinha sido uma mentira.

Uma mentira.

Uma mentira...

A porta da frente da casa se abriu, e ela ouviu a voz de Patrick

– Ei, pessoal. Vim dizer tchau.

*Ele sabia disso. Ele tinha que ter conhecimento disso!*

Ela agarrou o diário e, usando o dedo para marcar a página, desceu correndo pelas escadas até a sala de estar. Patrick estava ao lado da porta.

– Então, Raven, como está...

– O que você sabe sobre isto? – ela mostrou o diário.

– Como assim?

Martha apareceu vindo da cozinha.

– Diga-me. Não minta para mim – Tessa disse. – Você o leu?

– Eu já disse antes, eu não o li. O que está acontecendo?

– Você sabia sobre isto?! – ela abriu o diário na carta de Paul. – É uma carta do meu pai, meu pai de verdade. E ele está dizendo para a mamãe que ele não quer que ela faça um... um... – sua voz se partiu e ela não conseguiu terminar a frase.

Patrick olhou para a página, mas não respondeu.

– Você sabia?!

– Aqui – ele disse suavemente. – Deixe-me ver isso – ele pegou o diário dela e Martha deu alguns passos silenciosos na direção deles, e então tudo meio que parou enquanto Patrick lia a carta.

Após alguns momentos, ele lentamente fechou o diário e o devolveu para ela.

– Eu não sei o que dizer.

– Ah, imagine só.

– Você tem de se lembrar do quanto sua mãe a amava.

– Ah, uau! Jura? Acho que foi por isso que ela quis me abortar, então... porque ela me amava muito.

– Escute, ela amava você. Você sabe disso. Não é certo você...

– O quê? Julgá-la? Ela escreveu que o dia em que descobriu que estava grávida foi o pior dia da vida dela. O que há para julgar? Ela não me queria!

– Ela queria você, sim – Patrick encostou em seu ombro, mas ela se afastou. – Ela era uma mulher amorosa, uma mulher carinhosa...

– Não.

– Mas ela era humana.

– Pare.

– Tão humana quanto você ou eu. E ela...

– Pare! Eu sei o que você está tentando fazer. Não vai funcionar.

– Tessa – sua voz havia ficado firme, mas ela podia ver que ele não estava bravo. Não mesmo. – Eu sei que você está chateada, mas pare e ouça por um segundo. Por favor. Ela nunca se arrependeu de ter tido você. Ela me contou que você foi a melhor coisa que aconteceu para ela. Ela me disse isso antes de morrer.

– Três de junho, Patrick – ela disse, e podia sentir algo dentro dela quebrando. – Paul escreveu essa carta no dia 3 de junho. Você sabe quando é meu aniversário, certo? Então, faça os cálculos. Mamãe estava de 20 semanas quando ele escreveu essa carta. Você sabe o que isso significa.

– Tessa. Por favor, não faça isso.

– Meu coração estava batendo, meu cérebro estava funcionando. Eu podia aprender coisas. Eu podia sentir dor. Ser acalmada com música, ter mudanças de humor – ela conseguia ouvir a dor dominar sua voz, mas não ligava, não tentou mais esconder nada. – Eu posso ter nascido e sobrevivido, mas...

– Tessa...

– Você sabe o que eles fazem em um aborto tardio? Talvez uma dilatação e evacuação? Talvez ela pudesse ter feito isso para “resolver o problema”. Eles inserem um grampo dentro do útero, agarram uma parte do corpo, e então...

– Shhhh – Martha disse.

– ...o arrancam de lá...

Patrick balançou a cabeça.

– Tessa...

– ...pedaço por pedaço e então eles esmagam a cabeça e aspiram os pedaços. Ou uma dilatação e extração? Enfiam uma tesoura cirúrgica bem aqui – Tessa apontou para a base de seu crânio. Seu dedo estava tremendo. – Teria sido bem aqui em mim. Bem aqui! Eles arrombam um buraco... e enfiam uma...

Martha repousou a mão gentilmente sobre o ombro de Tessa.

– Não pense sobre...

– Então após eles terem aspirado o cérebro... o crânio quebra e eles... eles conseguem finalmente... – ela se sentiu tonta, fisicamente mal, e não conseguia dizer as palavras. Ela simplesmente não conseguia.

Patrick acolheu-a em seus braços, e dessa vez ela permitiu. E então ela sentiu Martha abraçando-a também, seu braço frágil em torno de seus ombros. E ela estava feliz por eles estarem ali.

Mas isso era tudo pelo qual ela estava feliz.

Tessa inclinou o rosto contra o peito do padrasto.  
E tremia enquanto chorava.



Tentei confortar Tessa mas não fazia ideia do que dizer, então eu apenas a abracei e disse a ela que a amava, e tentei pensar em algo, qualquer coisa que eu pudesse fazer para ajudar.

Momentos se passaram.

Minha mãe encontrou uma caixa de lenços para Tessa e após um tempo, ela começou a controlar a respiração novamente.

Finalmente, ela se afastou de mim, passou um punhado de lenços de papel pelo rosto e disse suavemente:

– Eu queria nunca ter lido isso. O diário. Eu queria...

– Eu sinto muito, Tessa. Se eu soubesse que machucaria você, eu nunca teria te dado. Acredite em mim.

Ela tomou um pouco de ar.

– Preciso ficar sozinha – então ela foi para o quarto e pensei que ela fosse bater a porta, mas em vez disso ela fechou gentilmente.

Tão gentilmente que, de certo modo, me assustou.

Não estava muito claro para mim o que eu deveria fazer: dar a ela um pouco de espaço, ou ir até ela, ver se tinha algo a mais que eu pudesse dizer.

No passado, Tessa havia lutado contra o hábito de se cortar como maneira de lidar com a perda, e mesmo ela tendo deixado isso para trás, eu ficava preocupado com ela, e não gostava da ideia de ficar ali sem fazer nada.

Subi a escada. Bati levemente na porta.

– Me deixa em paz – dava para perceber que ela estava chorando de novo.

Minha mãe estava subindo a escada para se juntar a mim.

– Por favor, Tessa – eu disse.

– Me deixe em paz. Quero ficar sozinha.

Tentei a maçaneta. Trancada.

– Vamos. Destranque a porta.

– Eu estou bem. Eu só quero ficar sozinha.

Enquanto fiquei lá parado, tentando descobrir como resolver as coisas, minha mãe se aproximou e cochichou:

– Ela precisa de um tempo, Patrick. Deixe-a por enquanto. Ela vai sair quando estiver pronta.

– Como você sabe? – mantive minha voz baixa o suficiente para Tessa não ouvir. – Talvez eu possa...

– Escute sua mãe – Tessa disse de dentro do quarto.

Eu pisquei.

Martha ergueu uma sobrancelha, sábia e gentil.

– Você me ouviu? – Tessa disse.

– Sim.

Sabidamente, minha mãe deu um tapinha em meu braço e então virou-se para sair.

– Acho que vou estar lá embaixo então – eu disse para Tessa pela porta. – Na cozinha. Não vou sair para o aeroporto até que você esteja bem para eu sair, ok?

Nenhuma resposta.

Fiquei parado no corredor por mais alguns minutos, pensando em tudo, então Tessa falou pela parede:

– Não fique me espreitando – e finalmente eu saí e fui me juntar à minha mãe na cozinha.

Olhei para o relógio.

Por mais que eu quisesse ficar e lidar com os assuntos de Tessa, eu realmente precisava sair nos próximos 20 minutos se quisesse pegar o meu voo.

Mas isso não era mais minha prioridade.

Na noite passada eu havia falado para Cheyenne que Tessa significava tudo para mim. E agora eu percebia o quanto isso era verdade.

Eu ficaria aqui se precisasse. Mesmo se eu não conseguisse ir para o julgamento.

Ainda assim, me senti um pouco culpado e em conflito, porque mesmo não sabendo sobre Paul ou sobre a carta, uma vez, enquanto estávamos namorando, Christie havia me dito sobre sua decisão de abortar seu bebê.





Christie e eu estávamos saindo juntos há cerca de quatro meses quando ela me contou a história.

Nós dois éramos solteiros, por volta dos 30 anos, e as coisas estavam ficando sérias, então nós finalmente decidimos abrir o jogo, ver se havia algo em nossos respectivos passados que faria o outro desistir de alguma coisa a longo prazo.

E decidimos compartilhar esses segredos em uma caminhada nas Montanhas Adirondack em uma fria tarde de domingo em setembro.

Caminhamos por algumas horas, lentamente revelando mais e mais detalhes íntimos de nossas vidas, quando perdi a trilha e acabei passando quase meia hora levando-a sem rumo pelo meio do mato procurando como voltar. Finalmente, fiquei tão irritado comigo mesmo que chutei um tronco.

– Ok. Aqui vai uma: às vezes eu posso ficar impaciente.

– Sério?

– Sim – chutei um galho para fora do caminho. Com força. Ele rebateu na direção de Christie e felizmente ela estava bem atrás de mim, de modo que o galho não a acertou no rosto. – E mal-humorado.

– Hum – não pude sacar seu tom de voz – Vou ter de ficar de olho nisso.

Então encontrei algo que podia ter sido uma trilha, pelo menos alguma vez, e ela estava seguindo vagamente na direção que queríamos ir, então decidi arriscar.

Enquanto caminhávamos, contei a ela sobre os problemas que tive durante anos para lidar com meu irmão mais velho, que era dono de uma loja de iscas em Wisconsin e passava a maior parte do tempo pescando quando poderia estar fazendo algo útil com sua vida.

– Bem – ela pisou sobre uma árvore caída em nosso caminho –, pelo menos você não julga as pessoas.

– Uma das minhas poucas virtudes.

Então admiti ter uma tendência a ficar um pouco preso ao trabalho.

Ocasionalmente.

De vez em quando.

E, então, apesar de ser um pouco vergonhoso, falei sobre lidar com algumas das tentações que todos os caras solteiros enfrentam.

Ela ouviu silenciosamente, fez algumas perguntas, mas não agiu como se algo daquilo fosse uma grande surpresa. E então ela me contou sobre como não era boa com dinheiro e havia acumulado quase 20 mil dólares de dívida de cartão de crédito, e como ela odiava trabalho de casa e às vezes tinha ataques de pânico quando estava muito estressada.

A trilha acabou.

Ela havia tentado cometer suicídio duas vezes no colegial; ela me contou isso também. E, após uma longa pausa, ela acrescentou que não podia mais ter filhos.

Então ficamos os dois em silêncio.

Tive a impressão de que ela não havia terminado de contar, então esperei que ela falasse. Depois de andar cerca de 100 metros, ela sugeriu que voltássemos e quando nos viramos ela disse:

– Eu nunca te contei sobre quando estava grávida da Tessa. Talvez eu devesse ter contado.

Chegamos até um mirante, mas ela continuou andando.

– Eu tinha 19 anos quando descobri que estava grávida. Eu fiquei com medo, estava solteira e não estava apaixonada pelo pai – Ela fez uma pausa e então acrescentou: – E eu estava com vergonha também. Meus pais não encaravam sexo fora do casamento numa boa. Na época eu não entendia o ponto de vista deles. Desde então, bem...

Ela não precisou discorrer sobre o assunto; eu sabia que ela era uma cristã ávida, uma mulher que não tinha vergonha de sua fé e de seu Senhor, e desde o começo de nosso relacionamento, ela quis que permanecêssemos, como ela disse, “castos”. Eu havia respeitado suas convicções, no entanto não foram meses fáceis.

– De qualquer modo – ela havia parado de caminhar agora e estava olhando para a maneira como a trilha se curvava para o leste –, levei um bom tempo para decidir. Mas finalmente marquei uma consulta na clínica: às 10h, e ainda cheguei mais cedo.

Ela estava olhando para além de mim, na direção de um horizonte escondido por entre as árvores.

– Enquanto eu estava esperando, comecei a folhear as revistas que estavam empilhadas na mesa entre as cadeiras e enquanto dava uma olhada nelas, comecei a reparar nessas propagandas de sabão em pó, de Kool-Aid e de férias na Disneylândia. E cada propaganda parecia ter uma criança: segurando uma meia suja, bebendo em um copo descartável, descendo um escorregador, mas elas não pareciam mais propagandas dessas coisas. Pareciam propagandas de crianças.

Ouvi silenciosamente. Peguei sua mão. Ela cruzou os dedos com os meus.

– Comecei a pensar em todas as coisas com as quais uma mãe lida: as fraldas, as cólicas e as noites sem dormir, a solidão e os sacrifícios. E depois, nas outras coisas também: ver minha bebê andar pela primeira vez, festas de aniversário, levá-la para a escola no primeiro dia, ajudá-la a escolher um vestido para a formatura.

– Está tudo bem – eu disse. – Podemos conversar sobre isso outra hora.

Uma lágrima se formou em seu olho, e ela a enxugou.

– Não consegui fazer, Pat. Não consegui seguir em frente com aquilo. Voltei para o meu apartamento e levei a revista comigo. E, então, como eu ia dar à luz no outono, cancelei minha matrícula na faculdade e comecei a trabalhar em tempo integral para ganhar dinheiro suficiente para ter a bebê – ela fez uma pausa. – Sempre foi tão... Nós nunca tivemos muito.

– Eu sei.

Christie nunca havia terminado a faculdade, nunca foi dona de uma casa, sempre trabalhou em dois empregos. Pelo tom de voz dela, eu podia ver que ela não estava reclamando, mas também dava para ver como sua escolha de ter Tessa mudou profundamente o curso de sua vida.

– Você desistiu de muita coisa – eu disse suavemente.

– Era o que eu pensava também – ela disse. – Até a primeira vez em que segurei Tessa em meus braços.



No momento em que encontramos a trilha, 20 minutos depois, eu havia decidido que pediria Christie Rose Ellis em casamento assim que tivesse escolhido uma aliança.

Como uma jovem mulher, ela tinha medo e estava sozinha e desesperada, mas ainda assim havia encontrado determinação para desistir de seus sonhos e colocá-los em outra pessoa. E ela havia feito isso por 15 anos, mesmo nunca tendo sido fácil. Uma mulher que faria isso era uma mulher com a qual eu queria passar o resto da minha vida.

Como acabou sendo, porém, nós tínhamos apenas mais alguns meses juntos.

Ainda assim, mesmo quando estava morrendo ela nunca me disse o nome do pai de Tessa. Ela apenas me disse que ele não fazia mais parte de suas vidas.

– Você precisa confiar em mim nisso, Pat, por favor. É melhor para todo mundo se ele continuar sendo parte do passado.

Isso foi tudo.

E até 15 minutos atrás, quando Tessa me mostrou a carta de Paul, isso havia sido o suficiente. Mas agora não parecia mais que era.



Tessa estava deitada na cama, encolhida em seu canto.

Ela havia parado de chorar por um momento, mas a dor dentro dela era tão aguda e real como sempre foi. Ela não conseguia parar de pensar na decisão de sua mãe de abortá-la e ela não conseguia parar de pensar sobre o que acontece em abortos. Ela desejou poder pensar nisso apenas nos termos seguros e inócuos que as pessoas usam: “interrupção de gravidez” por meio de um “procedimento” para “remoção do feto”. Mas quando você sabe o que acontece, o que realmente acontece, não dá para evitar a dor, não dá para evitar a sensação.

Por um longo e oscilante momento, ela lutou contra a ânsia de pegar uma navalha e cortar as emoções que pulsavam sob sua pele, mas finalmente pegou seu caderno e assim que a caneta tocou o papel, as palavras saíram.

flutuo na quietude...

a negra vida antes da vida.

em algum lugar, um coração bate e me conforta; e eu durmo no doce e promissor enigma do tempo.

mas o silêncio e as sirenes me envolvem com seus braços,

sussurros de facas e agulhas penetram minha pele;

e, no final,

nada permanece, exceto os ecos, de uma jovem alma caindo sozinha no ventre do dia.

Tessa olhou para as palavras, riscou algumas, arrumou algumas linhas e a sensação de escrever foi boa. Era bom tirar as imagens duras da cabeça.

Mas mesmo aquilo não fazia a dor ir embora.

Ela colocou o caderno de lado e pegou o diário. Olhou para ele.

Ok Então sua mãe mudou de ideia e teve um bebê. Ótimo. Maravi lhoso. Mas ela não *queria* dar à luz, esse era o ponto, e Tessa não conseguia lidar com o pensamento de ler mais uma palavra sobre o quanto sua mãe odiou a ideia de tê-la em sua vida.

Ela mirou a lata de lixo do outro lado do quarto e lançou o diário nela, onde ele rebateu e caiu no fundo com uma pancada forte e nervosa.

Então ela pegou a navalha que mantinha escondida na bolsa. Fazia muito tempo que ela não se cortava, mas sempre parecia ajudar. Pelo menos um pouco.

Ela puxou a manga, revelando a fileira de cicatrizes finas de uns cinco centímetros em seu antebraço. Ela colocou a lâmina contra o braço, logo abaixo da cicatriz mais baixa.

Olhou para elas.

Ela sabia que se cortar era só uma maneira de trocar uma dor por outra, é claro que ela sabia disso, mas pelo menos tiraria a cabeça dela do diário, pelo menos isso era algo que ela poderia fazer.

Então ela fez.



– Patrick– minha mãe disse –, você tem de sair para pegar seu voo.

Nos últimos poucos minutos enquanto eu pensava sobre Christie, eu havia sido capaz de tirar o caso da minha cabeça, mas quando minha mãe disse aquelas palavras, tudo voltou: as vozes sussurrantes, o julgamento de Basque, todo o sangue e todos os corpos.

– Patrick– ela disse novamente.

– Eu sei.

Meu voo partiria em menos de uma hora.

Fiz uma ligação para a United Airlines mas descobri que todos os voos pelo resto do dia já estavam lotados. Mesmo com minha autorização do FBI eles não conseguiriam me arrumar um assento.

Minha mãe me observava quando desliguei o telefone.

– Tessa precisa de mim aqui – eu disse. – Não vou deixá-la.

– Eu cuidarei dela. Pode ser melhor, considerando... Só quero dizer que como sou mulher, ela pode se sentir mais confortável...

– Eu entendo, mas...

– Está tudo bem – era a voz de Tessa, no começo da escada. – Você pode ir, Patrick. Eu estou bem.

Olhei e a vi parada, com um pé no primeiro degrau e o outro no chão.

– Tessa, você está bem?

Ela acenou com a cabeça.

– Ter lhe dado o diário... eu pensei que ajudaria.

– Não é isso. Não é você. É a mamãe.

Mesmo entendendo de onde isso estava vindo, doía ouvi-la dizer aquelas palavras.

– Sinto muito que tudo isso tenha acontecido.

– Não é sua culpa – ela cutucou o tapete com o pé por um momento, então me olhou

novamente. – Esse assassino, o cara do julgamento, você me disse que ele fez coisas terríveis com as pessoas, certo? Com mulheres?

Lembrei-me da conversa que havia tido com ela na sexta de manhã.

– Sim.

– E que ele fez você se questionar sobre a quantidade de maldade que somos capazes de fazer uns com os outros. E que isso te assustava – imaginei se as descrições explícitas de abortos que ela havia feito 20 minutos antes não estavam afetando a intensidade emocional que eu ouvia em cada uma de suas palavras.

– Sim.

– Então não o deixe machucar nenhuma outra mulher – ela disse.

– Não se preocupe comigo. Vou ficar bem aqui com Martha e os dois policiais lá fora que espertamente trocaram de carro para ficarem disfarçados.

Ótimo.

– Você tem certeza? Porque...

– Vai logo, antes que você perca seu voo.

Ela havia me convencido. Beijei-a na testa e disse a ela que voltaria assim que pudesse, por volta das 18h amanhã, a menos que as coisas não saíssem como planejadas, e que eu a amava.

– Eu também – ela disse suavemente.

Então, agradei minha mãe por deixar Tessa ficar com ela, ela disse que não era para eu me preocupar, e então peguei minha mala e a bolsa do computador, entrei no meu carro e dirigi pelo dia cinzento de Colorado até o aeroporto.

Justo quando os primeiros flocos de neve começaram a cair.



15h48

225.351 visualizações.

Foi isso que Amy Lynn conseguiu desde que postara o artigo três horas mais cedo.

Ela estava quase tonta.

Toda a ideia de um assassino baseando seus crimes em um livro antigo deu a ela o enredo perfeito para uma série de artigos on-line e para o livro de crime verídico que ela já havia começado a rascunhar. E ter inventado a alcunha “O Assassino do Quarto Dia” não foi menos que brilhante.

Os canais de notícias da TV a cabo haviam gostado da ideia, e toda a região metropolitana de Denver estava ansiosa pelo que um âncora havia chamado de “a próxima saga perturbadora de maldade inimaginável”.

E Amy Lynn adorava cada minuto daquilo.

Desde que Ari ligou, ela fez o que fazia de melhor: bisbilhotar e buscar fatos sobre os quais não deveria saber nada.

E se ela descobrisse um pouco mais sobre a história de fundo de algumas das vítimas, poderia estar com o segundo artigo pronto para postar amanhã de manhã.

Ela estava on-line, reavaliando os horários dos assassinatos, quando seu telefone vibrou. Reggie.

– Oi, querido – ela disse, fazendo o papel da esposa amorosa.

– Foi você, não foi? – sua voz era sombria e acusatória. – Você postou o artigo? Diga a

verdade.

– Que artigo?

– Aquele, da internet, sobre o qual todo mundo está falando. Sobre os homicídios.

– Claro que não. Não. Rhodes me disse para não escrever sobre os assassinatos – e ela descobriu que não era difícil dizer as palavras. Depois que ela encontrasse uma editora, ela explicaria tudo para Reggie. Ajeitaria as coisas. Mas, por enquanto, ela precisava de um certo espaço. – Além do mais, tenho andado ocupada com esse artigo sobre beisebol – ela havia entregado aquilo ontem, mas parecia uma coisa razoável a se dizer.

Silêncio.

– Eu juro, Reggie.

Ainda nenhuma resposta.

– Eu não mentiria para você. Você sabe disso.

Finalmente, ele suspirou suavemente.

– Ok, você está certa. É que eu não quero você envolvida com nada disso.

– Eu sei.

– Você sabe o quanto eu a amo. O quanto eu quero protegê-la.

Meu Deus.

– Eu sei.

– É que eu fico pensando que eu que deveria estar protegendo você e Jayson, em vez de alguns federais – ele não se importou em disfarçar seu desprezo pelo FBI. E, então, começou novamente a tentar convencê-la de que ela não precisava ficar em custódia de proteção. – Eu poderia tirar alguns dias de folga. Eu posso cuidar de você...

– Eu sei que você pode.

– Que tal isso: vou tirar folga do trabalho amanhã. Vamos todos para casa. Passaremos o dia juntos como uma família.

Ela refletiu sobre sua proposta e ficou surpresa em estar realmente considerando aquilo.

Sim, ela havia gostado da privacidade de trabalhar sozinha no esconderijo hoje, mas amanhã ela provavelmente precisaria sair, seguir algumas pistas, fazer algumas entrevistas...

– Reggie, acho que seria ótimo estar com você, mas não quero que sejamos incomodados por todos esses policiais e agentes nos seguindo por aí...

– Posso dar um jeito nisso.

– Tem certeza?

– Sim. É claro.

– Eu saio, contanto que seja para ficar só com você.

– Ótimo, isso é ótimo. Eu saio às 18h hoje. Posso te pegar, então.

– Não. Meu carro está aqui, lembra? Encontro com você em casa.

Uma breve pausa.

– Sim. Ok. Vai ser melhor assim. Você vai ver.

Eles se despediram e encerraram a ligação.

Então, isso pode ser exatamente o que ela precisava.

Mesmo se os federais enviassem alguns agentes para segui-la até em casa, uma vez que Reggie chegasse lá, ele poderia se livrar deles. Ela havia se certificado de que ele faria isso. E então, amanhã, quando apenas Reggie estivesse com ela, ela daria um jeito de escapar. Ele e Jayson podiam passar o dia juntos.

Ah, sim. Isso daria muito certo.

Ela ignorou Jayson choramingando no outro quarto e começou a editar seu próximo artigo.





O braço de Tessa doía.

Ela não tinha se cortado muito ultimamente e havia pressionado a lâmina um pouco forte demais. O sangue a incomodava demais e parecia que havia mais do que costumava; no final, ela teve de fazer um curativo no corte.

Mas pelo menos Patrick e Martha não souberam. Eles provavelmente ficariam bravos ou, pior, decepcionados.

E a pior coisa era que isso não tinha ajudado muito.

Não mesmo.

Meia hora atrás, após Patrick sair para o aeroporto, ela havia ido até sua casa com Martha para pegar seus livros da escola e algumas roupas. Os policiais disfarçados as seguiram por todo o caminho, sempre muito furtivamente.

Que beleza.

Por experiências passadas, ela sabia que quando Patrick depunha em um julgamento, ele era, às vezes, chamado de volta para a bancada por diversos dias seguidos, então ela não estava muito convencida de que ele chegaria em casa até segunda-feira à tarde. Ela colocou algumas mudas de roupa extras na mochila caso precisasse. Então pegou sua caixa de joias e o cubo mágico.

No caminho de volta para a casa de Martha, ela ficou feliz por sua avó adotiva não ter dado nenhum conselho bobo sobre como lidar com tudo, porque não teria ajudado. Em vez disso, Martha apenas dirigiu silenciosamente ao seu lado, e pareceu para Tessa que talvez isso fosse exatamente do que ela precisava.

Mas talvez não fosse, porque toda a coisa ruim ainda estava lá, dentro dela.

Os sentimentos retorcidos e raivosos não iam embora. De jeito nenhum.

Quando chegaram à casa de Martha, Tessa havia percebido que definitivamente precisava arrumar um jeito de parar de pensar em seu braço, em sua mãe, em seu pai, no vaso de manjeriço e em tudo que havia acontecido nos últimos dias.

Escrever não parecia ajudar. Cortar-se não tinha ajudado em nada.

Ela precisava de alguma outra coisa no que pensar.

Ontem, ela havia prometido para Dora que leria a história da Caixa de Pandora essa semana. Isso deve servir.

Ela navegou até uma versão on-line e baixou-a.

Não demorou muito para ela ler quatro versões diferentes da história de Prometeu e Pandora e, no final, ela descobriu que Dora estava certa: a história tinha mesmo um final surpreendente. Ela esperava que a última coisa a sair da caixa fosse doença, ou fome, ou morte, mas não foi.

Não, na verdade foi o contrário...

– Você precisa de alguma coisa, Tessa? – Martha perguntou pela escada.

– Não, estou bem.

Quando colocou seu laptop de lado, ela percebeu a pilha de livros olhando para ela e lembrou-se das provas que teria na manhã seguinte. Normalmente, ela ia muito bem nas provas sem precisar estudar, mas talvez isso fosse exatamente o que ela precisava fazer para se distrair.

Então, Tessa pegou seu livro de trigonometria e tentou desaparecer em meio às equações e números, mas seus pensamentos continuavam voltando para Paul, o homem que havia escrito para sua mãe e implorado para ser parte de sua vida. E quando pensou nele, ela percebeu que seu braço não era mais o que mais doía nela.



17h02

Estava começando a parecer que eu não sairia de Denver esta noite.

O voo já estava atrasado em cerca de uma hora por causa da tempestade de neve tardia descendo pelas Montanhas Rochosas, e o agente de embarque continuava afirmando que ainda iríamos decolar, mas com a quantidade de neve caindo na pista, eu tinha minhas dúvidas.

Primeiramente, enquanto eu esperava, liguei para ver como estava Tessa. Minha mãe garantiu que havia falado com ela havia apenas alguns minutos e que ela estava bem e estava lendo no quarto dela.

Então, como parecia que eu ia usar o telefone de Tessa pelo menos até amanhã à noite, se não mais, entrei na minha conta da polícia federal e sincronizei o celular dela com minha lista de contatos, para que eu tivesse acesso a todos os meus números.

Quando desliguei, vi que tinha perdido uma chamada de Cheyenne, então liguei de volta e ela me informou que havia acabado de sair da segunda reunião de Jake e que tinha sido “tão informativa e produtiva quanto a primeira”.

– Que pena que perdi. Alguma notícia sobre Bryant?

– Quando ele saiu do prédio do *Denver News*, Benjamin Rhodes estava com ele.

– Rhodes? Chefe de Amy Lynn?

– Sim. Eles pararam para almoçar tarde em um restaurante mexicano perto da *DU* e então foram para a casa de Bryant. Acabei de falar com um dos policiais que os estava seguindo. Ele me disse que ambos ainda estão lá.

Interessante.

Então Cheyenne me disse que me ligaria assim que soubesse mais, e após termos encerrado a ligação, decidi dar seguimento na investigação do dr. Bryant. Digitei seu endereço de IP que

havia pegado em seu computador quando estávamos em sua casa e entrei remotamente em seu sistema.

Ele não estava conectado no momento, mas pude acessar seu histórico do navegador da internet.

E foi onde encontrei os sites pornográficos.

Mais de cem deles: todos sites de sadomasoquismo que mostravam exclusivamente homens.

Pensei em minha conversa com Bryant, a garrafa de café que ele havia coado, seu jantar com Rhodes, seu interesse em pornografia homossexual...

*Então, Rhodes e Bryant...?*

Tudo pontas soltas. Nada sólido. Mas o suficiente para atizar meu interesse.

Eu estava pensando nas implicações possíveis quando o funcionário anunciou que o embarque havia começado, e que por causa do atraso, eles estavam acelerando o processo de embarque e recebendo passageiros de todos os assentos, todas as filas, para o embarque.

Então embarcamos. E eu deixei meus pensamentos passearem pelos fatos do caso.

Menos de 20 minutos depois estávamos no ar e eu estava voltando para o julgamento de Basque em Chicago.



Giovanni havia posicionado o veneno mais cedo, à tarde, e então dirigiu até a Mina de Bearcroft.

Agora, ele ligou a luz do capacete e entrou no túnel do lado oeste da montanha.

Essa entrada não aparecia em nenhum dos mapas ainda em circulação. E, embora fosse possível que alguém tivesse ouvido falar sobre ela, Giovanni acreditava que era muito mais provável, agora que Thomas Bennett, o antigo dono da mina, estava morto, que ele fosse a única pessoa viva que sabia sobre essa entrada.

Ele levou cerca de meia hora para passar pelo emaranhado de túneis e chegar até a segunda passagem mais baixa da mina.

Acendeu uma lamparina e a pendurou em um gancho em uma das vigas de madeira que suportavam o teto.

O túnel acabava a apenas alguns metros à sua direita, e ao lado dele estava a plataforma de 2m por 2m que os mineradores do século XIX usavam para descer os carrinhos de minério até o túnel nove metros abaixo. A plataforma era presa a uma corda que passava por uma polia dupla presa na viga sobre a cabeça de Giovanni. Ele havia substituído a velha corda de cânhamo por uma nova, de náilon, mês passado. A polia reduzia a força necessária para subir e descer a plataforma de maneira que uma única pessoa pudesse manuseá-la por conta própria.

Um único minerador.

Um único assassino.

Um único contador de histórias.

Ele subiu na plataforma, segurou uma ponta da corda e então soltou a alavanca na viga acima dele. Um dispositivo de freio, ao lado das polias, pressionava-se contra a corda, controlando a velocidade de descida da plataforma.

Lentamente, ele começou a descer pelo poço.

O túnel para o qual ele estava indo nunca havia sido completado quando a mina foi abandonada no começo do século XX. Ele seguia apenas por 12 metros, e tinha menos de 1,80m de altura, o que significava que, uma vez que Patrick Bowers estivesse fechado lá dentro, ele não

conseguiria ficar de pé pelo resto de sua vida.

Enquanto descia, Giovanni inspecionou a linha de explosivos plásticos que ele havia instalado na parede do poço. Mesmo não tendo nenhum treino formal sobre materiais explosivos, com seus contatos profissionais, não tinha sido difícil adquirir os C-4 e aprender habilidades rudimentares suficientes para armar a explosão do poço. Ele havia treinado em outras minas abandonadas nos últimos meses e havia se tornado relativamente bom em fechar poços de minas.

Quando alcançou o fundo, amarrou a corda, sincronizou seu detonador manual com os quatro receptores sem fio presos aos C-4 e então olhou ao redor.

Meses atrás, quando ele mal havia começado a investigação nessa mina, tirando algumas peças de equipamentos de mineração enferrujados, esse túnel estava completamente vazio. Mas agora ele estava abastecido com comida suficiente e garrafas d'água para manter uma pessoa viva por 10 ou 12 semanas.

Afinal, não será um clímax nada satisfatório se o agente Bowers morrer rápido demais após ser enterrado vivo.

Se o poço de acesso estivesse localizado no meio do túnel, Giovanni teria ficado preocupado, pois o túnel inteiro podia desabar quando o poço explodisse, mas como ele ficava na ponta, e ele havia reforçado as vigas do teto, ele estava confiante de que o túnel suportaria a explosão.

Mais uma coisa para verificar.

Ele pegou o medidor Matheson.

Quando o ar se move pelo espaço, ele age como um fluido, então, usando o medidor, ele testou a dinâmica fluida computacional do nível de oxigênio vindo do fluxo de ar de uma fenda de 5cm de largura. O mecanismo levou apenas alguns momentos para fazer os cálculos.

Sim, o oxigênio seria suficiente. Bowers sobreviveria até que morresse de fome ou ficasse louco.

No começo de seu planejamento, Giovanni havia decidido que seria mais aterrorizante para Bowers ver seu túmulo por conta própria, procurar nas paredes, no teto e no chão por alguma possível saída, mas não encontrar nenhuma. E daí, sua luz lentamente se apagaria. Morrer lentamente enquanto seu pequeno mundo era engolido pela escuridão para sempre. Então, quando chegasse a hora, Giovanni deixaria seu prisioneiro ter uma lanterna.

Seria um final muito melhor.

Giovanni desligou sua luz e deixou a escuridão densa e viva tomar conta dele. Ele abriu e fechou os olhos. Não havia diferença.

É assim que seria para Bowers no final.

Ele ouviu as batidas do seu coração e o som estável e constante de sua respiração.

Finalmente, luz acesa novamente, ele verificou seu relógio.

Ele ainda tinha 45 minutos de estrada até Denver.

Amanhã, antes de cuidar de Bowers, ele iria colocar duas pessoas em sua unidade de armazenagem e precisava ter certeza de que todos os preparativos estavam no lugar para a estadia deles. Ele deu uma última olhada no túnel onde Bowers iria morrer no clímax de sua história; então Giovanni deixou a Mina de Bearcroft e dirigiu até Denver debaixo da suave neve que caía.



Apesar de pensar em milhares de coisas que eu preferia estar fazendo, passei o voo para Chicago digitando meu relatório sobre o incidente no tribunal na sexta-feira para a diretora-assistente-executiva Marga-ret Wellington, detalhando as circunstâncias que envolviam a morte de Grant Sikora.

Quando chegamos ao O'Hare, levei um momento para enviá-lo por e-mail para ela antes de sair do aeroporto.

Com o meu e-mail aberto, percebi que não havia nenhuma mensagem de Calvin. Mas tinha uma de Angela Knight, minha amiga da divisão de crimes cibernéticos do FBI.

Pat,

Sobre as ligações para a emergência.

Não conseguimos rastrear nenhuma delas. Nada em relação à ligação para seu telefone fixo também. Seja quem as fez, sabia como encobrir seus rastros. Nada de mais também no espectrógrafo das gravações, mas posso dizer que é a mesma pessoa nas duas chamadas.

O ruído de fundo na primeira chamada é o barulho interno do escritório de expedição. O som na segunda gravação é chuva caindo no para-brisa de um carro. E não, não sei dizer qual a marca e o ano, mas estou trabalhando nisso.

É isso aí. Mais tarde mando mais informações. Tudo de bom.

-AK

Então, Cowler estava certo sobre os ruídos de fundo da primeira gravação, e mesmo que a chuva no segundo áudio não provasse que John estava em Chicago quando fez a ligação, como uma tempestade estava assolando a cidade naquela manhã, colaborava bastante com a hipótese

de que ele estava lá.

Verifiquei minha caixa de mensagens de voz.

Nada.

Então peguei minhas malas, chamei um táxi e fui para meu hotel.



Reggie estava muitas horas atrasado ao chegar em casa do trabalho, mas, quando finalmente chegou, Amy Lynn o recebeu com um beijo, disse a ele o quanto era bom vê-lo e apontou pela janela para a dupla de agentes sentada no carro parado no meio-fio.

– Mande aqueles caras embora. Vou ficar segura com você. Você pode me proteger.

– Tudo bem – Reggie disse galantemente. – Vou cuidar deles.

E saiu.

Sim, Amy Lynn passaria a noite rindo das piadas de Reggie, cor respondendo a seu toque, agradando-o, para que amanhã, quando ela precisasse de um tempo para ela, ele estivesse mais confiante, menos cauteloso, e seria mais fácil para ela escapar.

O dr. Bryant, o professor de jornalismo que havia ensinado tanto para ela sobre como usar pessoas para conseguir uma grande história, ficaria orgulhoso de seu método.

Alguns instantes depois, Reggie retornou e sorriu.

– Tudo resolvido.

Ela deu um sorriso malicioso.

– Agora, somos só nós dois.

– E Jayson.

– Claro – ela corrigiu. – E Jayson.

– Mas podemos colocá-lo para dormir cedo.

– Perfeito.

Ela pegou a mão de Reggie.

Sim, essa noite ela seria dele. E então amanhã ela seria livre.



Hyatt Regency Hotel

Chicago, Illinois

22h10, Fuso Horário Central americano

Levei alguns minutos para descarregar minhas coisas e, então, como meu corpo ainda estava no fuso horário de Denver e eu não estava pronto para dormir, decidi gastar algum tempo no caso. Coloquei meu laptop na mesa e, para dar espaço para minhas anotações, comecei a tirar o bloco de notas, as diretrizes do hotel, guias turísticos locais, quando reparei na Bíblia ao lado do telefone do quarto.

Fiz uma pausa.

E lembrei-me.

Na conclusão da minha conversa por vídeo com Richard Basque hoje mais cedo, ele havia feito referência a uma passagem bíblica, que eu não havia tido tempo para ler.

Pensei que me lembrava da referência, mas queria confirmar se estava certo, então acessei o arquivo do vídeo de nossa conversa e assisti aos segundos finais.

“Vou me arriscar. Adeus, Richard”, eu havia dito.

“Estarei rezando por você. Lembre-se, Êxodo capítulo 1, versículos de 15 a 21. Lembre-se...”

E foi quando desliguei.

Folhee a Bíblia até chegar ao primeiro capítulo do Êxodo.

A história era sobre o nascimento de Moisés, e eu a reconheci dos meus dias de infância, quando minha mãe me levava à igreja.

Na história, os hebreus estavam vivendo no Egito onde o rei do lugar, o faraó, ficou preocupado com o quão numerosa essa população estava ficando. Temendo que eles fossem se

aliar a seus inimigos em uma guerra, ele ordenou que as parteiras hebreias matassem todos os meninos nascidos das mulheres hebreias.

Então cheguei aos versos 17 até 21:

Mas as parteiras temiam a Deus e não fizeram como o rei do Egito as comandou, mas salvaram os filhos homens.

E o rei do Egito chamou as parteiras e disse a elas: – Por que fizeram isso, salvaram os filhos homens?

E as parteiras disseram para o faraó: – Porque as mulheres hebreias não são como as mulheres egípcias; pois são saudáveis e dão à luz antes das parteiras chegarem até elas.

Portanto, Deus lidou bem com as parteiras: e o povo se multiplicou, e se fortaleceu muito.

O verso seguinte reiterava que, como as parteiras haviam temido a Deus, ele as abençoou e deu a elas famílias próprias.

Olhei para os versos por alguns momentos, pensando na história. A mensagem da passagem parecia clara para mim: as parteiras haviam infringido a lei e então mentido para proteger vidas inocentes, e, por conta disso, Deus as abençoou.

Eu tinha de digerir aquilo.

Li e reli os versos e então comecei a folhear a Bíblia, lembrando de outras histórias, outros exemplos do mesmo princípio de que proteger os inocentes é mais importante do que dizer a verdade.

Raabe mentiu para proteger os espiões hebreus e foi honrada por Deus por sua escolha.

Jônatas mentiu para o pai sobre a localização de Davi para salvá-lo de ser morto.

Até os discípulos de Jesus não contaram às autoridades “a verdade, toda a verdade e nada além da verdade” sobre seu paradeiro porque eles sabiam que isso significaria sua morte certa. O único que contou toda a verdade sobre sua localização foi Judas, o traidor mais famoso do mundo.

Na verdade, enquanto eu folheava a Bíblia e revisava as histórias com as quais eu estava familiarizado, não consegui achar um único exemplo em que Deus ficasse descontente com alguém que mentiu para proteger uma vida inocente.

Eu sempre havia acreditado que Deus valorizava a verdade. Eu nunca havia duvidado disso.

Mas parecia que ele valorizava algo mais ainda.

Durante a entrevista, Basque havia me pedido para mentir sobre meu ataque contra ele, então me disse para lembrar-me desses versos bíblicos...

Um pensamento.

Um pensamento chocante: talvez Basque houvesse encontrado o Senhor, afinal.

Eu mal podia acreditar que estava considerando essa possibilidade.

Mas e se ela fosse verdadeira? Talvez Richard Basque tenha percebido que se eu confessasse o ataque, ele muito possivelmente poderia ser solto.

E, apesar de suas novas convicções espirituais, ele podia ser tomado por seus velhos hábitos, seus velhos apetites. Talvez ele soubesse que para a justiça ser feita, ele precisava continuar encarcerado...

*Pare com isso, Pat. Muita especulação. Muitos “se” e “talvez”. Não é assim que você trabalha. Mantenha-se nos fatos. Fique com o que você sabe.*

Não, os motivos de Basque não estavam em discussão aqui; meu depoimento estava.

As parteiras mentiram para proteger vidas inocentes.



Isso que importava para elas, mais do que todo o resto.

E era isso que importava para mim também.

Tudo bem, então.

Eu sabia o que iria dizer quando tomasse a bancada de manhã.



Segunda-feira, 19 de maio

6h54, Fuso Horário Central americano

Eu estava guardando meu laptop na bolsa, me apressando para me dirigir ao saguão para tomar café da manhã quando ouvi meu telefone tocando.

– Alô?

– Desculpe-me se o acordei, garoto.

– Calvin! Por onde você esteve? – exasperação e raiva ficaram evidentes na minha voz. – Tentei entrar em contato com você o fim de semana todo.

– Sim, e eu sinto muito por isso. Andei um pouco ocupado. Me atolei em meu trabalho, infelizmente. Mas descobri algo que pode afetar seu depoimento hoje – ele tomou fôlego. – Sem dúvida você fez a ligação com o *Decamerão* de Boccaccio antes da revelação da mídia sobre o caso?

– Sim – imaginei se Calvin não havia descoberto a ligação antes até de mim. – Mas como você...

– Como você o está chamando? Não de “Assassino do Quarto Dia”, espero.

– De John.

Calvin ficou quieto por um momento.

– Sim, isso é mais apropriado. – Então ele acrescentou: – Patrick, eu acredito que tenha feito isso antes.

Deixei-me cair na cama.

– Você tem evidências de que ele tenha cometido homicídios anteriormente?

– Sim, reencenando outras histórias. Especificamente, “O Conto do Magistrado”, na Inglaterra, em maio passado. A história é do livro *Os Contos da Cantuária*. Como você sabe, mais de 20% das histórias em *Os Contos da Cantuária* são baseadas no...

– Sim, sim – eu disse. – No *Decamerão*.

– Precisamente. Bem, nas linhas 428 a 437 do “Conto do Magistrado”, diversas pessoas são esfaqueadas e então cortadas em pedaços enquanto estão sentadas à mesa. Acredito que esse homem, John, reencenou esse crime e matou quatro pessoas ano passado, dia 17 de maio, em um casamento na Cantuária, e tenho certeza de que a cidade onde aconteceu o crime não foi escolhida aleatoriamente.

– Não – eu disse entorpecido, tentando registrar tudo aquilo. – Tenho certeza de que não foi.

– Mais tarde na história, a garganta de um homem é cortada e a faca com sangue é deixada na cama de sua amante. E esse mesmo crime ocorreu no dia seguinte, 18 de maio, em Gloucester.

– Como você descobriu isso?

– Pesquisa – ele disse com simplicidade. – Mas tem mais dois. Na parte seguinte do conto, um homem é morto por mentir, talvez para Deus; o contexto deixa isso em aberto para interpretação, e ele cai no chão com tanta força que seus olhos saltam das órbitas. Após remover os olhos do dr. Roland Smith em 19 de maio – ele acrescentou som-briamente –, John deixou-o viver. O professor cometeu suicídio uma semana depois. Na época de sua morte, ele era o maior especialista em Geoffrey Chaucer da Inglaterra.

Sentei-me aturdido em silêncio. As implicações do que Calvin estava dizendo eram desconcertantes.

– E, por último, nas linhas 687 e 688, um falso cavaleiro é morto. E em 20 de maio, um homem chamado Byron Night<sup>16</sup> foi assassinado em Londres, a cidade natal de Chaucer. Esse foi mais difícil de ligar, mas...

– A progressão da série de crimes e o horário do assassinato teriam feito com que o crime fosse coincidência demais.

– Na mosca.

– Inacreditável.

Quando Calvin falou dessa última morte, lembrei-me de que ontem, imediatamente antes de encerrar sua ligação para mim, John havia dito que o anoitecer chegaria hoje, “assim como aconteceu em Londres”.

É ele, Pat. Ele estava ligando os pontos para você.

Poderia ter havido mais ondas de crimes? Mais assassinatos sobre os quais não sabemos, talvez baseados nos outros autores que tiraram material de Boccaccio: Tennyson, Longfellow, Shakespeare, Faulkner... Agora, eu não tinha condições de pensar naquilo. Era muito aterrorizante.

– Então, até agora – eu disse – ninguém nunca ligou os crimes da Inglaterra porque cada um deles era muito diferente.

– Sim. *Modus operandi*, padrão, causa de morte, tudo diferente, e também não havia nenhuma ligação de evidências entre as vítimas ou motivos dos crimes.

– Cegueira de ligação.

– Exatamente.

Apesar de as informações de Calvin serem relevantes para os assassinos no Colorado, ele havia começado a conversa me dizendo que sua pesquisa tinha descoberto algo importante para meu depoimento.

– Calvin, há um minuto você disse que isso tinha algo a ver com o julgamento de hoje. O que você quis dizer com isso?

– Eu não acredito mais que Richard Basque seja culpado pelos crimes pelos quais ele está sendo julgado.

Encontrei-me olhando para o chão em completo choque.

– Do que você está falando?

– Acredito que John tenha sido responsável por pelo menos quatro dos assassinatos, possivelmente mais. Não posso falar todos os meus motivos no momento. Lembra das discrepâncias no DNA que os estudantes da professora Lebreau da Michigan State encontraram e que precipitaram o novo julgamento do sr. Basque?

Antecipei o que ele estava prestes a falar.

– Você tá brincando.

– Não, eu acredito que seja o DNA do homem a quem você se refere como John.

– Você tem alguma prova?

– Ainda estou no processo de coleta.

Minha mente percorreu todo o caso, da frente para trás. Procurando, analisando. Em um momento, tudo parecia fazer sentido, no momento seguinte, nada fazia.

Se John, em vez de Basque, houvesse cometido os crimes 13 anos atrás, isso explicaria as discrepâncias no DNA, assim como os jornais no rancho: John não estaria acompanhando os crimes de Basque, mas sim celebrando os seus próprios.

Também explicaria o atentado contra a vida de Basque pois, se Richard Basque estivesse morto, o caso provavelmente seria esquecido e John nunca viraria um suspeito.

Tentei reunir meus pensamentos em torno de tudo que Calvin havia acabado de me dizer.

– Onde você está?

– Denver.

Esfreguei minha testa.

– O quê?

– Eu acho que talvez saiba quem é John. Eu vou...

Uma rajada de adrenalina.

– Quem?

– Primeiro, preciso tentar provar para mim mesmo que estou errado.

– Você tem de me dizer – minha voz havia se tornado urgente. Intensa.

– Desculpe-me, Patrick, mas temo que eu não tenha mais confiança em nosso sistema de justiça como costumava ter. Francamente...

– Não, Calvin, espere. Vou voltar hoje mais tarde. Espere por mim.

Você precisa...

– Tenho esperança de que esse caso esteja resolvido até lá.

– Escute...

Ele desligou.

Imediatamente digitei o número da divisão de crimes cibernéticos para que eles rastreassem a ligação, mesmo já imaginando que Calvin seria cuidadoso o suficiente para não nos permitir encontrá-lo.

Mas eles o acharam, ou pelo menos o local do telefone que ele havia usado.

A ligação havia sido feita da central de polícia no centro de Denver.



Liguei para Kurt e contei a ele o que estava acontecendo.

– Calvin está lá agora, na central. Ele acabou de me ligar de um dos seus telefones.

– Calma. Já volto – enquanto eu esperava, pensei no que Calvin havia me dito: uma das vítimas na Inglaterra tinha sido o maior especialista do país em Chaucer.

*John disse que estava atualizando a história de Boccaccio para nossa cultura...*

Uma ideia.

Abri meu laptop, fui até meus arquivos de mídia. Então, enquanto Kurt falava em outra linha com os policiais do balcão da recepção da central de polícia, cliquei no vídeo que eu havia feito do interior da casa do rancho de Elwin Daniels.

Um reproduzidor de mídia apareceu em minha tela.

No telefone, ouvi Kurt designando policiais para cada uma das saídas do prédio. Finalmente, ele me disse:

– O que você quer que façamos se encontrarmos o dr. Werjonic?

– Detenha-o para interrogatório – eu estava arrastando o cursor pelo vídeo. Sabia o que estava procurando; deveria estar em algum lugar no meio da filmagem. – Tenho motivos para acreditar que Calvin tenha intenções criminosas.

Um momento de hesitação.

– Você tem certeza disso?

Mesmo Calvin não tendo feito nenhuma ameaça específica ao tele fone, eu sabia no que isso acarretaria.

– Acredito que a vida de um homem possa estar em perigo.

Cheguei até a parte da filmagem no banheiro.

– Tudo bem – Kurt disse –, estou confiando em você nessa, Pat; mas eu não acredito que você está me dizendo para deter o dr. Calvin Werjonic.

O armário de remédios.

A bancada ao lado da pia.

Pressionei “pause”. Aumentei a imagem o máximo que pude e encontrei o que estava procurando: marcas pontilhadas minúsculas, quase indistinguíveis, nos quatro tubos de pasta de dentes.

– Kurt, mande alguns policiais para as casas do dr. Adrian Bryant e de Benjamin Rhodes imediatamente. Para a casa de Bryant primeiro.

– Você acha que um deles pode ser o assassino?

– Não, acho que eles podem ser as próximas duas vítimas.

– O quê? – ele exclamou.

– Depois eu explico – me senti inútil estando em Chicago quando tudo isso estava acontecendo em Denver. – Mas se você encontrar os dois, leve-os para o hospital imediatamente. Acho que eles foram envenenados. John colocou a bufotoxina na pasta de dentes deles.

– Você não está fazendo sentido nenhum, Pat.

– Só faça, Kurt. Vai – ele me disse que ligaria de volta assim que soubesse de algo e lembrei a ele para me ligar no telefone de Tessa. Assim que desliguei, reparei na hora: 7h14.

Se eu quisesse chegar ao tribunal antes de os manifestantes e jornalistas cercarem o lugar, precisava ir logo.

Peguei minhas coisas e me certifiquei de estar com o pingente de São Francisco de Assis de Cheyenne no bolso, então saí do hotel, chamei um táxi e fui até o tribunal para que pudesse cometer perjúrio.



Reggie havia acabado de entrar no banheiro para seu banho matinal quando Amy Lynn Greer recebeu a mensagem de texto em seu Blackberry. A pessoa que havia mandado afirmava ter informações internas sobre o “Assassino do Quarto Dia” e incluiu um número de telefone para ela ligar.

O que ela prontamente fez.

– Eu trabalho para o FBI – um homem disse a ela em uma voz apressada e sussurrada. – Gostaria de discutir uma oportunidade com você.

– Que tipo de...

– Eu tenho acesso a arquivos da polícia. Eu posso te ajudar se você me ajudar. Você está interessada em discutir esse assunto?

Ah, sim. Isso era ótimo.

– Sim, é claro.

– Vou te mandar um endereço via e-mail. Venha sozinha. Nos encontramos ao meio-dia. Não se atrase. E não poste nenhum outro artigo até que tenhamos conversado pessoalmente.

– Espere, como vou saber se você realmente é do FBI?

– Você vai ter de confiar em mim.

É claro que ela não confiava nele; ela não confiava em ninguém. Mas isso não queria dizer que ela não podia usá-lo.

– Estarei lá.

E então ele desligou.

Ela ouviu o chuveiro ser ligado. Reggie não sairia em pelo menos 10 minutos.

Essa era a chance dela.

Jayson entrou no quarto, comendo um punhado de cereal.

– Venha aqui – ela chamou seu filho. – Você pode jogar seus joguinhos até o papai sair do banho. A mamãe precisa cuidar de umas coisas.

– Que “cosas”, mamãe?

– Só vou estar no outro quarto – ela mentiu. – Não se preocupe.

Ela colocou o filho em frente ao computador e abriu um jogo de orto grafia pré-escolar. O garoto ficaria bem jogando no computador até o pai terminar de tomar banho.

Assim que Jayson ficou completamente entretido, ela enfiou seu Blackberry e o gravador digital de voz dentro da bolsa, agarrou a chave do carro e então saiu pela porta dos fundos.



A Escola Secundária Ridgeland estava bem à frente.

Tessa odiava enfrentar o trânsito da hora do rush, por isso tinha ficado agradecida quando Martha se ofereceu para deixá-la na escola a caminho do seu clube de bridge.

Martha ainda não havia comentado sobre o diário ou sobre a carta de Paul. Mas agora, enquanto se aproximavam da escola, Tessa achou que deveria provavelmente dizer algo sobre aquilo.

– Ei, escute, sobre o que aconteceu ontem. Sabe, na sala, quando eu...

– Não precisamos conversar sobre tudo aquilo agora.

– Ok

Elas pararam na frente da escola.

– Vai ficar tudo bem – Martha deu um tapinha na perna de Tessa.

– Sim, obrigada – mas ela não saiu do carro. – Ok, é o seguinte: eu sei que você está provavelmente pensando que eu não deveria ficar contra minha mãe, que eu deveria perdôá-la, ou coisa do tipo, mas eu não vou. Eu não posso.

Martha ficou quieta por um momento. Finalmente, disse:

– Então você vai se machucar sempre que pensar nela.

Não era o que Tessa havia pensado que ela diria.

– Acho que sim.

– Isso é uma punição dura que você está aplicando a você mesma, não acha? Por alguma coisa sobre a qual você não tinha controle.

Isso não era o que ela havia esperado que ela diria também.

Alguém atrás delas buzinou, e Tessa finalmente saiu do carro.

– Boa sorte nas suas provas – Martha disse. – E cuide desse braço.

– Como você...

– Achei o curativo que você jogou fora ontem à noite. Estava na sua lixeira. Bem em cima do diário.

– Ah, certo... espere, como você sabe que era do meu braço?

– Eu vi suas cicatrizes, querida.

Então Martha sorriu para ela, e Tessa fechou a porta e atravessou a calçada.

Após alguns passos, ela olhou para trás para ver se Martha ainda estava lá, mas ela já tinha ido embora.

Então o sinal de cinco minutos tocou e Tessa jogou sua mochila por cima do ombro e subiu as escadas, mas sua cabeça não estava nas provas que iria fazer; em vez disso ela estava pensando sobre o diário e o curativo ensanguentado que ela havia jogado sobre ele.

E na dura sentença que ela havia dado a si mesma.

Existem muitos tipos diferentes de cicatrizes.

E ela tinha a sensação de que Martha havia visto mais do que apenas aquelas em seu braço.





Tribunal Criminal do Condado de  
Cook Chicago, Illinois

8h27, Fuso Horário Central americano

Eu sabia que o frenesi da mídia hoje seria ainda mais intenso do que havia sido na sexta-feira, e eu realmente não queria encarar nenhum repórter, então combinei com Ralph de encontrá-lo na porta dos fundos do tribunal. E agora, quando ele abriu a porta e gesticulou na minha direção para que eu entrasse, vi que seu rosto estava inchado.

– O que aconteceu com você?

– Acontece que eu sou alérgico a uva passa – ele grunhiu.

– Você tem quase 40 anos. Como você só descobriu isso agora?

– Não me pergunte. Acho que nunca comi tantas de uma só vez antes. Agora, entre.

Me juntei a ele na parte de dentro.

– Talvez você seja alérgico a ficar careca.

– Isso não tem graça.

– Tem um pouco de graça.

– Continue, sr. Criador de Perfil, para ver o que acontece – parti em direção ao saguão principal, mas ele me direcionou pelo corredor leste.

– Eu os convenci a montar um posto de segurança secundário, para que as pessoas envolvidas com o julgamento não precisem passar pelos manifestantes. É por aqui.

– Boa ideia.

– Tem muita coisa acontecendo – ele disse. – Preciso te informar sobre algumas coisas.

– Você está falando de Calvin?

– Calvin?

– Sim – eu disse. – Conversei com ele agora de manhã. Você sabia que ele está em Denver?

Ralph parou de andar.

– Você conversou com Calvin?

– Um pouco antes de sair do hotel.

– O que ele disse?

Ralph parecia curioso, mas não era só isso, e, enquanto eu resumia minha conversa com Calvin, ele ouvia com atenção, então começou a andar novamente.

– Ele não falou mais nada? Quero dizer, Calvin.

– Não – chegamos ao posto de segurança. – Por quê? O que está havendo? Após o tiroteio da semana passada, a segurança estava ainda mais rígida do que na sexta-feira, e a maioria das pessoas estava sendo revistada. Felizmente, Ralph e eu não precisamos passar por aquilo, apesar de termos de entregar nossas armas.

– Quando eu não consegui encontrá-lo ontem – Ralph disse –, verifiquei algumas coisas. Anisei completamente os antecedentes, todos os nove – Ralph não estava olhando para mim, e tive a sensação de que ele estava propositalmente evitando o contato visual. – Incluindo registros médicos.

Eu não gostei da direção que a conversa estava tomando.

– Você descobriu algo – ele estava quieto quando pegamos nossas coisas do outro lado da máquina de raios X. – O que é?

Ralph olhou para o corredor nas duas direções, então fez sinal para eu me juntar a ele em um canto fora do caminho no fim do corredor.

– Diga-me, Ralph. O que está acontecendo?

Após estarmos sozinhos, ele disse:

– Eu acho que há um motivo para Calvin ter ficado tão interessado em ver a justiça ser feita tão imediatamente.

Meus pensamentos saltaram para a conclusão mais óbvia, mas que eu não queria que fosse verdadeira. Uma que não poderia ser verdadeira.

– Você não está dizendo...?

Ralph não respondeu. Eu esperei. Ele parecia em conflito. Dividido.

Finalmente, ele colocou uma mão pesada sobre meu ombro.

– Sim. É isso que estou dizendo.

– Não – balancei a cabeça. – Não pode ser. Ele teria me contado.

– Conversei com alguns familiares dele. Até onde posso dizer, ele não contou nem para eles.

Uma tristeza arrasadora tomou conta de mim.

– Eu preciso voltar para Denver, Ralph. Preciso encontrá-lo.

– Você precisa depor antes.

– Não, Ralph. Eu preciso...

– Você acabou de me falar que Kurt estava atrás dele – Ralph disse com firmeza. – Ele vai encontrar Calvin. Você o vê quando voltar hoje à noite, vai dar tudo certo. Agora você precisa estar aqui neste julgamento – ele deu um leve tapa em minha cabeça. – Você precisa estar aqui por inteiro.

Ele estava certo, é claro, mas eu precisava de alguns segundos para pensar nas coisas.

– Você está bem?

O pedido à beira da morte de Grant Sikora passou pela minha cabeça.

“Prometa-me que você não vai deixá-lo fazer isso de novo.”

*“Eu prometo.”*

– Tudo bem – eu disse a Ralph. – Estou bem. Vamos.



– Então, você sabe o que dizer lá em cima? – era Emilio Vandez, e o julgamento estava prestes a começar.

Pensei na história das parteiras, sobre como elas haviam mentido para proteger vidas inocentes e foram honradas por Deus por isso. E, apesar das dúvidas de Calvin sobre sua culpa, eu ainda estava convencido de que Basque fora responsável pelos assassinatos e que ele mataria novamente se fosse libertado.

– Sim – eu disse a Emilio –, acho que sei o que vou dizer.

– Certo – ele balançou meu ombro, bem-humorado. – Então vamos resolver isso.

Peguei o telefone de Tessa e não encontrei nenhuma mensagem de Kurt informando se haviam encontrado Calvin ou não, ou se Adrian Bryant e Benjamin Rhodes ainda estavam vivos. Então o oficial de justiça levantou-se, eu guardei o telefone e o julgamento começou.



Os procedimentos de abertura do julgamento pareciam demorar uma eternidade, mas finalmente jurei dizer a verdade, toda a verdade e nada além da verdade, e então tomei meu assento na bancada de testemunhas e analisei o tribunal.

Emilio Vandez parecia ansioso.

O juiz Craddock, incomodado.

O júri, exausto.

Richard Basque, confiante.

E Priscilla Eldridge-Gorman parecia satisfeita em estar no centro do palco novamente.

Ela passou alguns minutos revisando os procedimentos da semana anterior, tomando cuidado

para não chamar muita atenção para o atentado contra a vida de seu cliente. Suspeitei que ela estivesse preocupada, pois a tentativa de assassinato poderia convencer o júri de que Basque realmente era culpado, afinal, por que Grant Sikora havia tentado matá-lo se ele era inocente?

Mas ela estava demorando mais que o necessário e, cinco minutos depois de eu ter pensado que ele devia ter protestado, Emilio finalmente o fez, dizendo que se ela não pretendia me fazer perguntas, por que me chamara de volta para a bancada?

O juiz Craddock disse para a srta. Eldridge-Gorman se apressar.

– Claro, meritíssimo – ela pegou uma pasta de arquivo.

– Apenas para lembrar aos jurados, imediatamente antes do terrível incidente de sexta-feira, eu havia perguntado ao dr. Bowers se ele agrediu meu cliente após prendê-lo 13 anos atrás no matadouro. Eu gostaria de retomar minha pergunta, mas, se o meritíssimo me permitir, gostaria que o relator da corte lesse a transcrição dos momentos finais do depoimento de sexta-feira para que o júri possa acompanhar com precisão a linha de questionamento.

O juiz Craddock acenou na direção do relator, que levou um momento para procurar em uma pilha de papel e então leu:

– Defesa: “Você quebrou a mandíbula de Richard Basque com o punho? Você o agrediu após ele estar algemado?” – ele fez uma pausa e perguntou para Priscilla: – É daqui que você quer que eu comece?

– Sim. Está bom.

O relator da corte continuou:

– Defesa: “Dr. Bowers, você está tendo problemas para se lembrar daquela noite no matadouro? Vou perguntar uma última vez. Você agrediu fisicamente Richard Devin Basque após ele estar sob sua custódia no matadouro? Juiz Craddock, por favor, ordene à testemunha que responda à pergunta”. Juiz Craddock: “Dr. Bowers, eu o aconselho a responder à pergunta da defesa. Você vai responder à pergunta da defesa?” Testemunha: “Não”. Juiz Craddock: “Não?” – o relator da corte fez uma pausa. – E então...

– Sim – Priscilla disse. – Assim está bom – ela olhou para mim. – Dr. Bowers, você respondeu não. Isso foi a resposta para minha pergunta, ou para a pergunta do honorável juiz Craddock?

Eu não havia percebido que tinha falado “não” em voz alta.

– Eu estava respondendo à movimentação de Sikora na direção da arma – eu disse –, e não à sua pergunta ou à do juiz Craddock.

Ela poderia ter rebatido, argumentando que eu deveria estar respondendo ou a ela ou ao juiz, mas ela não fez isso. Assumi que novamente ela estava evitando essa linha de questionamento para que pudesse ficar longe do que ela havia referido como “o terrível incidente”.

Em vez disso, ela abriu a pasta de papel pardo.

– Eu tenho aqui os arquivos originais do caso de 13 anos atrás em Milwaukee. Só para refrescar sua memória, dr. Bowers, aqui está o que você escreveu a respeito da prisão: “Houve confronto. Mais tarde foi descoberto que a mandíbula do suspeito foi quebrada em algum momento durante sua apreensão”. Essas são suas palavras?

– Sim, são, e...

– Verifiquei os arquivos do caso – ela me cortou, e mesmo isso me irritando, decidi deixar que ela fosse a grosseira. Eu ia esperar a minha hora.

– Sua descrição dos eventos se encaixa com a que meu cliente deu durante seu interrogatório, que ele quebrou a mandíbula quando você atirou um gancho de carne em seu rosto. Mas na preparação para seu julgamento, quando perguntei a ele sobre sua lesão, ele me disse que estava com medo de você e foi por isso que ele não disse a verdade durante o interrogatório.

Ela levou um momento para gesticular na direção de Basque.

– Meu cliente afirma que após você ter sacado sua arma e ele ter tentado fugir, você o derrubou, o algemou e então bateu nele. É claro, ele pode estar mentindo. Ele pode estar dizendo isso apenas para ser solto. Você poderia esclarecer tudo agora, e certamente o júri irá acreditar em você, agente especial Bowers, Ph.D.

Ah, ela era boa. Ela era muito boa.

*A verdade, toda a verdade e nada além da verdade.*

Esprei, mas a pergunta dela não veio.

E, enquanto eu esperava, lembrei-me daquela noite no matadouro, o olhar desesperado e aterrorizado no rosto de Sylvia Padilla enquanto ela morria...

Senti o pingente de Cheyenne me pressionar através do bolso da minha calça e lembrei-me de seu comentário dizendo que morrer sozinho era o pior jeito de morrer.

– Então, deixe-me voltar para minha pergunta original – Priscilla disse –, aquela que fiz a você na sexta-feira.

Lembrei-me de minha conversa com Calvin sobre a justiça. E lembrei-me das parteiras protegendo aqueles bebês.

– Você agrediu fisicamente Richard Devin Basque...

E da prisão de Basque.

E da satisfação em acertar meu punho em sua mandíbula.

– ...após ele estar sob sua custódia no matadouro?

A verdade e a justiça sempre lutaram uma contra a outra nas cortes.

Sempre.

Na sexta-feira eu havia dito a Calvin que a justiça não é feita quando a verdade é censurada.

Agora, percebia que Basque não era o único que estava sendo julgado.

Eu também estava.

Assim como meu passado. Minha consciência.

Abri minha boca para responder à pergunta de Priscilla.

E hesitei.

– Mais uma vez – Priscilla disse com petulância – esperamos por uma resposta.

Tomei uma decisão.

– Então aqui estamos... – ela começou.

– Foi isto que aconteceu – e então contei à corte a verdade sobre o que aconteceu naquela noite no matadouro.



Enquanto eu relatava os fatos, todos eles, eu sabia que estava assinando uma sentença de morte para a minha credibilidade, e provavelmente para minha carreira. Pior ainda: percebi que estava criando empatia por Basque entre os jurados e que aqueles sentimentos provavelmente influenciariam o veredicto.

Mas, ao contrário das parteiras ou das pessoas nas outras histórias bíblicas, no momento não estavam me pedindo para entregar pessoas inocentes para a morte certa. Só estavam me pedindo para dizer a verdade. Se Basque fosse libertado, eu lidaria com isso quando chegasse a hora.

– Eu acertei o réu na mandíbula – eu disse. – Acertei-o duas vezes após ele estar algemado, após ele estar sob custódia. Não foi o gancho de carne que quebrou sua mandíbula, foi meu punho.

O juiz Craddock se inclinou para a frente e parecia realmente interessado no julgamento. Pensei que o júri ficaria surpreso pelo que eu havia dito, mas em vez disso, a maioria deles parecia desapontado.

Priscilla sorriu.

– É tudo de que eu precisava – e, por um momento, ela me lembrou uma cobra que havia acabado de engolir um rato. – Sem mais perguntas, meritíssimo.

– A acusação quer reencaminhar?

– Sim, meritíssimo – Emilio levantou-se.

Olhei para o relógio na parede.

12h04.

Ainda tinha tempo de sobra para chegar ao O'Hare para o meu voo das 13h59, se Emilio não trouxesse outras coisas à tona.

Mas ele trouxe.

Ele se recompôs e, antes de me fazer qualquer pergunta, gastou um bom tempo distanciando minhas ações no matadouro dos crimes pelos quais Basque era acusado.

– A reação do agente Bowers apenas reflete a profunda raiva que qualquer um de nós teria sentido estando cara a cara com a cena no matadouro naquele dia – ele disse ao júri. – As evidências contam a história da culpa do sr. Basque, e é *nas evidências*, e *somente nelas*, que vocês devem basear seu veredicto.

Finalmente ele me fez algumas perguntas, e eu as respondi, mas no final suspeitei que o estrago já havia sido feito. Independentemente de quão culpado era Basque, o fato de eu tê-lo atacado e então aparentemente ter tentado encobrir tudo não sendo muito direto no meu relatório policial original seria o suficiente para desacreditar meu depoimento.

E como todo advogado de defesa sabe, desacreditar pelo menos uma das testemunhas da acusação, especialmente o policial que fez a captura, é suficiente para levantar dúvidas nas cabeças dos jurados. E como o nosso sistema de julgamento requer que o júri unanimemente decida se um réu é culpado além de qualquer dúvida, algumas dúvidas era tudo de que você precisava para uma absolvição.

Quando Emilio terminou, o juiz Craddock pediu um breve recesso para o almoço, eu desci da bancada de testemunhas e minha obrigação em Chicago estava oficialmente resolvida.

12h28.



Enquanto reunia minhas coisas e me preparava para ir embora, Emilio veio na minha direção.

– Bem – ele disse –, foi um pouco esburacado, mas acho que vai dar certo – ele estava sendo otimista em relação ao que havia acabado de acontecer, dava para perceber. – E eu não acho que você precise se preocupar sobre Basque dar queixa. A prescrição em Wisconsin para agressão física já...

– Expirou. Eu sei. Não é bem isso que me preocupa – reparei que Richard Basque estava me observando, balançando a cabeça lentamente como uma reprimenda por eu ter dito a verdade.

E então ele falou comigo:

– Ninguém está além da redenção, agente Bowers.

A velha e familiar raiva se agitou dentro de mim, procurando uma oportuna oportunidade de escapar. Não respondi, apenas me virei antes que me rendesse aos meus impulsos e o agredisse assim como havia feito na noite em que o prendi.

Ele não disse mais nada.

*Por que ele pediu para você mentir?*

Eu ainda não fazia ideia.

Emilio estava observando a srta. Eldridge-Gorman, que conversava amigavelmente com sua equipe de advogados.

– No entanto – ele disse –, é fato que as coisas ficaram um pouco mais complicadas.

Pensei no peso que estive carregando por todos esses anos, o poder súbito que Basque havia exercido sobre mim por saber meu segredo. Agora, não havia segredo.

– Não – eu disse para Emilio. – As coisas eram complicadas. Elas acabaram de ficar muito mais simples.

Então ele se afastou e olhei no meu relógio.

12h32.

Meu voo partiria em menos de 90 minutos e eu ainda tinha um trajeto de 40 minutos até o



Aeroporto O'Hare. Ia ser apertado.

A caminho do saguão, liguei para Kurt, perguntei a ele sobre Calvin e ele me disse bruscamente que me avisaria se descobrisse qualquer coisa e que eu não precisava ficar ligando para incomodá-lo sobre aquilo. OK?

Não tinha certeza de como encarar seu tom afiado, e por um momento nenhum de nós falou, então eu disse:

– Kurt, o que foi? O que acontece?

– É, é a... – Kurt era um homem durão, mas eu conseguia ouvir a derrota se arrastando para sua voz. Seja lá o que o estava incomodando, era algo grande. – É a Cheryl – ele disse finalmente.

Senti um ímpeto de preocupação e parei ao lado da porta.

– O que aconteceu?

Silêncio.

– Ela está bem? – eu disse. – Aconteceu alguma coisa com...

– Ela me deixou.

As palavras bateram em mim. Me deixaram procurando o que dizer.

– Kurt, eu... eu sinto muito.

– Ela foi para a casa da irmã dela em Breckenridge – parecia que ele queria falar mais, mas parou por aí.

Eu queria encorajá-lo, dizer a ele que tudo ia ficar bem, mas eu sabia por quanto tempo ele e Cheryl haviam lutado para fazer as coisas darem certo, e nada é fácil de consertar quando chegam nesse ponto. Finalmente, perguntei a ele se havia algo, qualquer coisa, que eu pudesse fazer.

– Preciso de um tempo – ele disse. – Não estou querendo te deixar na mão, mas preciso ir para lá, talvez tirar uns dois dias, ver se consigo salvar isso tudo. Eu não posso deixar tudo...

– Vá. Ficaremos bem. Vamos pegar John. E se você precisar de qualquer coisa, me ligue. Ok?

Ele me disse que ligaria.

– O sinal de celular lá em cima das montanhas é terrível, mas sim, eu te ligo – encerramos a ligação e fiquei desejando poder ajudar mais, mas como não havia voo direto, eu não pousaria em Denver até quase 18h.

Talvez Cheyenne pudesse falar com Kurt antes que ele partisse. Decidi ligar para ela, mas primeiro eu precisava pegar um táxi, então, enquanto eu seguia para o posto de segurança para pegar minha SIG e minha faca, liguei para um táxi e combinei de encontrá-lo a duas quadras do tribunal. Depois disquei o número de Cheyenne.

– Pat – ela atendeu. – Isso é estranho, eu estava pegando o celular para te ligar.

– Você soube sobre Kurt e Cheryl?

Um breve silêncio.

– Sim – ela disse. – Odeio que isso esteja acontecendo.

– Pensei se você não poderia passar lá para vê-lo antes que ele vá embora.

– Acabamos de conversar no corredor.

O silêncio se espalhou entre nós. Ficou claro que nenhum de nós sabia o que dizer.

Finalmente, Cheyenne tomou um pequeno fôlego.

– Preciso te contar: encontramos os corpos de Benjamin Rhodes e Adrian Bryant na casa de Bryant.

Algo pesado e escuro afundou dentro de mim.

– Foi a pasta de dentes, não foi?

– Sim. Eles morreram depois de esfregarem toxinas contra os dentes, assim como Simona e

Pasquino fizeram na sétima história. E eles não apenas morreram. Você sabe que o 5-MeO-DMT e a bufotenina são drogas psicodélicas?

– Sim – lembrei de um trecho das anotações das pesquisas nos arquivos do caso: *“Normalmente caracterizado por alucinações de insetos rastejando pela pele do sujeito”*.

– Com base nas manchas de sangue na parede – sua voz estava tensa e sombria –, Bryant deve ter batido seu rosto contra ela 20 ou 30 vezes antes de morrer. Rhodes arrumou uma faca e... bem...

Ela parou por aí.

Mais mortes. Mais rostos para me assombrarem. Mais culpa pelo que eu deveria ter feito se tivesse decifrado tudo mais rápido.

– Ok, vamos...

– Espere – ela disse. – Como você sabia que eles seriam os alvos de John?

– Quando ele me ligou ontem, ele disse que o anoitecer chegaria como aconteceu em Londres. Hoje de manhã, Calvin me disse que suspeitava que John havia assassinado o maior especialista em Chaucer da Ingla-terra, em Londres, no dia 19 de maio, um ano atrás, exatamente hoje.

– O quê? Você tá brincando!

– Não, eu conto tudo mais tarde. Só estou dizendo: foi isso que me fez pensar no nosso especialista em Boccaccio, o professor Bryant. Na noite passada, entrei em seu navegador da internet e ficou bem claro qual era sua orientação sexual. Juntei isso com o compromisso de John em fazer a história de Boccaccio ser mais politicamente correta. – Cheguei até o posto de segurança, peguei minha arma e minha faca e segui para a porta de trás do tribunal. – Então, quando você me contou que Rhodes havia ido à casa de Bryant na noite passada, lembrei que eles tinham o mesmo protetor de tela.

– O mesmo protetor de tela?

– Um aquário. O ponto é: eu não acredito em coincidências.

– E a pasta de dentes? – ela perguntou.

Nossa conversa era mais rápida agora e marcada pela urgência.

– As seringas hipodérmicas e os tubos de pasta de dentes no rancho. John devia estar praticando seu método de fornecimento. Nós não pegamos a pasta de dentes da casa de Elwin para ser analisada, não é?

– Não. Não consigo imaginar uma razão para isso.

– John provavelmente estava contando com isso.

– Mas todos esses detalhes são um pouco esboçados, não são? – seu tom tinha transformado a pergunta em sua própria conclusão. – Mesmo com tudo isso, você ainda precisou confiar nos seus instintos.

Eu hesitei.

– Acho que sim. Um pouco.

Enquanto esperava pela resposta dela, pensei em Bryant e Rhodes, fatalmente envenenando a si mesmos apenas escovando os dentes. Eu nunca mais iria olhar para um tubo de pasta de dentes do mesmo jeito.

– Mais uma coisa – ela disse. Enquanto ela falava, percebi que durante nossa conversa, pela primeira vez desde que a conheci, Cheyenne Warren soava agitada. – Eu pensei se deveria esperar até você chegar aqui mas... bem, lá vai: John deixou para você um bilhete no armário de remédios de Bryant.

Fiz uma pausa, olhei pela janela para a cerca de arame farpado circulando a Cadeia do Condado de Cook.

– Leia para mim.

Uma curta pausa, e então:

– “Agente Bowers, acho que faremos as três últimas histórias hoje à noite, assim que você voltar para Denver. Será um grande clímax. Vejo você em breve. – John”.

Raiva. Ódio. Crescendo dentro de mim.

– Alguma notícia sobre Calvin? – minha voz era dura como ferro.

– Não – ela disse. – Volte pra cá, Pat. Nós...

– Estou a caminho.

Eu estava na porta dos fundos quando Ralph me alcançou.

Ele não parecia trazer boas notícias, apesar de eu não saber como as coisas poderiam ficar piores.

– Fale comigo enquanto caminho – eu disse quando ele correu na minha direção. – Preciso pegar meu táxi. O que foi?

Fomos para fora.

– A diretora-assistente Wellington acabou de ligar.

– Uau. As notícias voam.

– Sim, bem, ela sempre esteve no seu pé. E agora... – ele deixou sua voz se perder, mas eu podia preencher as lacunas.

– Deixe-me adivinhar. Assuntos Internos quer falar comigo? – cruzamos a West 26th Street na direção da San Francisco Avenue, onde eu havia combinado de me encontrar com o taxista.

– Bem, isso e você está dispensado de suas tarefas atuais em Denver até segunda ordem. E sua posição como professor interino em Quântico foi colocada em suspenso até uma revisão completa ser feita.

Mesmo suas palavras não sendo uma surpresa completa, elas me acertaram em cheio. Margaret havia me dito ontem que poderia fazer minha vida ficar terrível, mas desta vez eu dei uma mãozinha contando a verdade no tribunal.

– E – Ralph acrescentou – ela achou que o relatório que você enviou na noite passada não estava “adequado em âmbito e profundidade”.

– Claro que ela não achou.

Chegamos na San Francisco. Um táxi parou no meio-fio a cerca de 20 metros de distância e fomos na direção dele.

– Então é o seguinte – ele disse. – Eu ia te dar a notícia sobre a suspensão, mas infelizmente você já tinha partido para Chicago quando chequei minhas mensagens. E como o seu celular está quebrado, eu levei até às 22h para conseguir te encontrar em casa para dar a notícia.

– Obrigado, Ralph. Te devo uma.

– Muito mais que isso, na verdade.

– Certo – o taxista acenou na minha direção e abriu a porta.

– Eu cuido de Margaret e do Assuntos Internos – Ralph disse para mim.

– Vou ajeitar as coisas desse lado. Trate de pegar o psicopata em Denver.

– É a minha intenção.

Entrei no táxi.

Então, duas coisas para fazer: encontrar Calvin e pegar John. E eu precisava fazer as duas coisas antes das 22h, quando eu oficialmente seria dispensado dos meus serviços pelo FBI.



Denver, Colorado

11h56, Fuso Horário das Montanhas Rochosas

Amy Lynn Greer estacionou ao lado do armazém abandonado.

O homem que havia entrado em contato com ela mais cedo tinha dado a ela o endereço, mas ela não viu nenhum outro carro. Talvez ele ainda não tivesse chegado.

Mesmo sabendo que ir até lá sozinha era correr um risco, na verdade, ela estava mais empolgada do que com medo. Valia a pena correr alguns riscos por essa história.

Ela saiu do carro.

Desde que havia deixado Reggie e Jayson em casa depois do café da manhã, ela havia passado a manhã dirigindo para locais relacionados com a onda de crimes: A Represa Cherry Creek, a central de polícia, as casas de Bennett e Nash e assim por diante. Em cada lugar, ela tirou fotos, fez anotações e ditou observações para seu gravador de voz portátil para que pudesse descrever as cenas com fidelidade em seu livro.

Mas por todo o tempo, seus pensamentos estiveram no encontro.

Em seu e-mail, seu contato havia dito a ela sobre uma abertura no canto sudoeste da cerca que rodeava o armazém e uma porta azul destrancada que levava até a área de expedição. Ela levou menos de um minuto para encontrar a parte quebrada da cerca.

Ela deslizou para dentro.

Viu a porta azul. Entrou.

Ar empoeirado e denso. Janelas altas por onde entravam grossas camadas de luz manchada.

– Olá? – sua voz soou fina e pequena no salão.

– Gostei do seu artigo – as palavras vieram de um canto sombrio à sua esquerda.

Ela não reconheceu a voz, não conseguia ver um rosto.

– Obrigada.

– Os elementos de perfil foram muito fortes, mostraram muito conhecimento.

Ela ainda não podia ver quem estava falando com ela, e agora, pela primeira vez, começou a questionar a decisão de ter vindo sozinha.

– Apareça para que eu possa ver você.

Ela ficou surpresa quando ele atendeu.

Um homem bonito, um pouco mais velho que ela, se aproximou.

Ele explicou que era um criador de perfis, mostrou sua credencial do

FBI e fez sua oferta.

Enquanto ele falava, ela podia ver o quanto eles tinham em comum e como seus objetivos eram similares. Eles passaram alguns minutos discutindo maneiras de se beneficiarem mutuamente e, então, ele explicou que mesmo a polícia não liberando nenhuma informação para o público até que pudessem entrar em contato com os familiares, o Assassino do Quarto Dia havia atacado novamente naquela manhã.

– Duas pessoas que você conhece – ele disse.

– Quem?

– Benjamin Rhodes e o dr. Adrian Bryant.

Ela sentiu uma mistura de tristeza e surpresa, mas logo foram sobrepostas por um turbilhão de empolgação quando ela percebeu sua inacreditável boa sorte: com sua ligação pessoal próxima com as vítimas, tendo trabalhado para uma e sendo ex-aluna da outra, ela era a pessoa perfeita para escrever o livro; quase que certamente a única escritora pessoal e profissionalmente qualificada.

Isso certamente garantiria um contrato.

Talvez o criador de perfis soubesse disso.

Talvez tenha sido por isso que ele a contactou.

Ela percebeu que ele ainda estava esperando que ela respondesse às notícias das duas mortes.

– Oh – ela disse. – Isso é terrível.

– Sim – ele respondeu com simplicidade. – Agora escute, você não pode mencionar que tem uma fonte no FBI até o livro sair.

– Claro que não.

– E não poste mais artigos até que eu te diga. A sincronia tem de ser perfeita.

Ela não estava muito animada com a condição, mas acabou concordando.

– Nós dois sabemos que essa é a grande história da sua vida – ele disse. *A grande história da minha vida.*

*Sim, sim, é mesmo.*

– Eu quero ver todos os contratos antes de você assiná-los.

Ela sentiu um arrepio. Estava acontecendo. As coisas finalmente esta vam dando certo para ela.

– Sim. Ok

Então eles acertaram os detalhes: ele continuaria anônimo até o lançamento do livro, e então ele pediria demissão do FBI e viajaria com ela para promover o livro. Ela gostou da ideia. Ele era bonito. Quem sabe, talvez essa amizade pudesse se tornar algo mais satisfatório do que apenas um relacionamento profissional?

Ela levou um momento para devidamente se lembrar de que era “uma mulher com um casamento feliz”. E em vez de fantasiar com o belo criador de perfis, ela se permitiu um rápido devaneio pensando no dinheiro e quase certamente nos direitos cinematográficos do livro.

A franquia valeria milhões.

Sim, especialmente se o Assassino do Quarto Dia conseguisse concluir sua onda de crimes e completasse todas as 10 histórias...

– Eu fico com 55% – seu contato disse. – E meu nome na capa.

– Não.

– Discuta comigo e eu faço ser 60.

– Eu não vou...

– Tudo bem – ele se virou para ir embora.

Ela precisava dele. Não podia perdê-lo.

– Espere. Vamos dividir no meio. Cinquenta para cada. Mais créditos na capa.

Ele pareceu aceitar isso.

– Mantereí contato.

– Estão me observando. Alguém pode descobrir.

– Deixe isso comigo.

– E nós não seremos os únicos a trabalhar em um manuscrito. Prometa-me que você vai me passar quaisquer informações sobre crimes posteriores assim que você souber para que eu possa continuar escrevendo e me mantenha à frente de todos.

– Prometo. Você será a primeira a saber sobre a próxima vítima.

Ele andou para dentro das sombras.

E então desapareceu.

Ela esperou por alguns minutos até que ouviu a porta do armazém se fechar, pegou seu gravador digital de voz da bolsa e verificou se tinha gravado a conversa inteira.

Ela trabalharia com o criador de perfis agora, mas, se precisasse, usaria a gravação para

mantê-lo na coleira.

Sim, estava acontecendo. A grande história de sua vida.

As coisas finalmente estavam acontecendo.

Ela imediatamente mandou e-mails para três das agências literárias com as quais havia mantido contato e contou a eles sobre as qualificações de seu coautor e sobre sua ligação pessoal com as duas últimas vítimas.

Após os e-mails terem sido enviados, ela saiu do armazém para transcrever sua conversa com o criador de perfis do FBI em seu laptop.

E ela percebeu o quanto gostava da sensação de estar no controle.

Uma sensação da qual ela nunca pretendia desistir.

Independentemente do que acontecesse.



Tessa Ellis.

Tessa Ellis.

Tessa Bernice Ellis.

Em cada prova ela tinha de escrever seu nome. Seu primeiro e último nome. E nessa prova idiota de química, seu nome completo.

Tessa Bernice Ellis.

Sua mãe havia reclamado que o dia em que descobriu que estava grávida tinha sido o pior dia de sua vida, e então, surpresa, surpresa, decidiu fazer um aborto.

Então ali estava Tessa: presa eternamente com o sobrenome de uma mulher que não queria ter nada a ver com ela. Que gostaria de tê-la abortado.

Ellis.

Quando pensou no nome, ocorreu a ela que não havia contado a Pan dora que tinha lido a história.

Mais tarde.

Não é grande coisa.

*Concentre-se nesta prova.*

Mas ao olhar para sua prova de química, seus pensamentos ficaram pesados e lentos, e apesar de as provas serem, normalmente, muito fáceis, ela não conseguia se concentrar. Seus olhos passaram até o nome na parte de cima da página.

Tessa Bernice Ellis.

Enquanto escrevia mais algumas respostas confusas, ela percebeu que pelo menos, nem que fosse a única coisa que fizesse, ela precisaria descobrir seu verdadeiro nome.

Mas sua mãe não usava sobrenomes nos diários. Então, como ela poderia descobrir o sobrenome de Paul?

Mas Tessa, ela colou cartões-postais no diário. Cartões-postais têm endereço de retorno.

Sim. Era possível...

– Dois minutos! – a professora anunciou. Tessa ainda tinha um quarto da prova para terminar. Ela se esforçou para olhar as perguntas da prova mas ainda estava distraída pensando no diário. Ela já havia decidido que não conseguiria ler mais nada naquela coisa, quer dizer, e se sua mãe escreveu sobre o quanto ela queria fazer um aborto primeiramente?

O sinal tocou.

– Certo – a professora disse. – Soltem os lápis e coloquem as provas em minha mesa quando saírem.

Tessa se juntou à multidão de garotos indo na direção da porta, entregou sua prova incompleta e foi encontrar Dora no corredor para ver se ela podia dar uma olhada no diário depois da aula para encontrar o sobrenome de seu pai.



Concluí que o bilhete que John havia deixado na casa do dr. Bryant prometendo completar os últimos três crimes hoje à noite justificava a quebra de algumas diretrizes da FAA. Então, apesar de o regulamento proibir o uso de dispositivos móveis de comunicação em voos comerciais, passei a viagem para Denver retrabalhando o perfil geográfico usando o acesso sem fio do meu computador à rede de satélites de defesa militar através do FALCON.

Nós ainda não tínhamos notícias do padre Hughes, o padre que havia desaparecido na terça-feira. E mesmo não havendo nenhuma garantia de que ele havia sido sequestrado, considerando os horários e a progressão da onda de crimes, achei que seu desaparecimento seria coincidência demais para não ter nenhuma relação com os outros crimes, então acrescentei sua residência, a apenas dois quarteirões do Rachel's Café, e a Igreja de São Miguel, ao perfil geográfico. Depois incluí as residências e os endereços de trabalho das duas últimas vítimas: Benjamin Rhodes e o professor Adrian Bryant, e a rota que Bryant havia feito até o prédio do *Denver News*.

Usando os dados atualizados, analisei a distribuição e a progressão temporal dos crimes e descobri que as rotas de locomoção das vítimas se cruzavam em quatro regiões geográficas: perto da *DU*, no Shopping Cherry Hills, em uma parte do centro da cidade e na vizinhança que cerca o City Park. O FALCON me disse que havia 58,4% de chance de o assassino morar ou trabalhar em uma daquelas quatro áreas.

Não era muito, mas era algo.

A maioria dos crimes ocorre na ligação de oportunidade com desejo: o infrator vê a chance de se dar bem com algo e age. Mas John era diferente. Com ele, tudo era premeditado. Tudo era planejado cuidadosamente. Na verdade, eu não consegui deixar de lado a ideia de que, até agora, nós só havíamos descoberto o que ele queria que nós descobríssemos.

Considerando tudo isso, o conselho que eu havia recebido do detetive ficcional de Poe, C. Auguste Dupin, veio à cabeça: “É essencial para o investigador entender o intelecto, o treinamento e a aptidão de seu oponente, e então, responder de acordo”.

Era isso que eu precisava fazer. Responder de acordo.

Digitei três títulos em um documento e completei com minhas ano tações sob cada um deles.

Descrição física

Homem, caucasiano, estatura média, aproximadamente 1,80m a 1,85m, atlético.

Treinamento

Dopou ou envenenou pelo menos seis pessoas. Conhece doses letais/como remover um



coração humano. Treinamento médico? Antecedentes médicos? Subjugou Sebastian Taylor. Possível antecedente em artes marciais/autodefesa?

Soube como distribuir o feno e as tábuas da maneira mais eficaz para queimar o celeiro. Táticas diversionistas/treinamento com explosivos? Incendiário?

Bloqueou o rastreamento GPS dos telefones que usou para fazer suas ligações. *Hacker*?

Experiência com comunicações/militar?

Intelecto/Aptidões

Inviadiu a casa de Taylor e do dr. Bryant.

Abriu a fechadura do necrotério. Habilidade em desativar sistemas de segurança, abrir fechaduras, localizar câmeras de segurança, invasão de domicílio.

Evitou deixar impressões digitais ou DNA. Consciente da análise forense.

Sabia a localização das câmeras de vídeo do Hospital Memorial Batista. Acesso à planta do prédio ou à segurança do hospital?

Sabia sobre a Força-Tarefa para Crimes Violentos das Montanhas Rochosas e que eu era membro.

Encontrou meu número de telefone fora da lista.

Examinando a lista, lembrei-me dos comentários de Tessa sobre os *dacoits*: para encontrá-los, as autoridades indianas analisaram as rotas de movimentação mais prováveis, estudaram padrões de uso da terra e compararam isso com a proximidade dos crimes para reduzir a lista de suspeitos.

Sim, reduzir minha lista de suspeitos.

Eu ainda não havia tido a chance de trabalhar na sugestão surpreendentemente coerente de Jake de que o assassino deve ter acesso ao Banco de Dados Digital Federal, então agora eu o acessei e baixei o diretório de acesso para todos os funcionários do governo federal, estadual e local da cidade.

Denver perde apenas para Washington DC em número de funcionários federais em uma cidade americana, e acabei com uma lista enorme: 21.042 nomes.

Mas a lista encolheu exponencialmente a cada critério de busca que fui adicionando: homem, caucasiano, altura entre 1,80m e 1,85m, peso entre 79kg e 86kg. Então refinei a busca considerando antecedentes médicos ou militares, condenações prévias, treinamento forense e de combate físico, inclusão na lista de suspeitos ou endereço residencial ou comercial em uma das quatro zonas de perigo.

Eu teria aparecido na lista se fosse dois centímetros mais baixo, mas seja como fosse, fiquei com 51 nomes.

Finalmente, cruzei esses nomes com as listas de voo de entrada e saída dos aeroportos na vizinha Chicago na quinta e na sexta-feira. A resposta veio vazia, mas olhando para a lista novamente, reconheci alguns dos 51 nomes: dois funcionários da expedição, seis policiais, incluindo o oficial Jameson, o homem que havia pesquisado o dono da Mina de Bearcro?, e Lance Rietlin, o jovem residente do escritório de medicina forense que havia levado a mim e Cheyenne até o necrotério.

Lancaster Cowler havia mencionado que alguém do escritório do médico forense acessou as transcrições das ligações para a emergência. Era lá que Lance trabalhava. Ele também foi uma das três pessoas que responderam quando Cheyenne pediu socorro pelo interfone do necrotério.

Coloquei a lista nos arquivos on-line do caso e mandei uma cópia via e-mail para Cheyenne, pedindo a ela para verificar todos os nomes, especialmente Rietlin.

Então o comissário de bordo anunciou que estávamos começando nossa descida para o

Aeroporto Internacional de Denver, e, quando o aviso dos cintos de segurança acendeu, fechei meu computador e me preparei para ir ao trabalho.



Nas últimas quatro horas, Giovanni havia levado um homem e uma mulher para sua unidade de autoarmazenamento contra a vontade deles. Porém, desde então, ele teve de cuidar de alguns assuntos do trabalho e só agora teve condições de voltar para ver como estavam.

Ele descobriu que ambos ainda estavam seguros. Ainda vivos.

Ótimo. Ele voltaria mais tarde, à noite, para cuidar disso.

Antes de deixar a unidade de armazenamento, certificou-se de que sua bolsa esportiva estava equipada com todos os itens necessários e verificou a temperatura do cobertor elétrico: 29 °C.

Perfeito. Ele colocou o cobertor no banco de trás do carro, colocou o saco de pano contendo suas três cascavéis restantes sobre ele, trançou a unidade de armazenamento e saiu para procurar Amy Lynn.



16h40

– Então? – Tessa disse.

– Calma – Dora respondeu, sua boca cheia de chiclete. – Estou procurando. – Mais cedo naquele dia, Martha havia tirado o diário da lata de lixo de Tessa, mas o devolveu a ela quando ela havia pedido ao voltar da escola.

Agora, enquanto Tessa esperava com a maior paciência possível que Dora encontrasse o sobrenome de seu pai, ela girava e desgirava os lados do cubo mágico, resolvendo-o duas vezes, mas não valia, pois estava com os olhos abertos.

Após mais cinco minutos de espera, Tessa perguntou novamente:

– E aí?

– Estou indo o mais rápido que posso, mas é difícil. Sua mãe não usava sobrenomes.

*Eu já te disse isso!*

– Eu sei – Tessa gemeu. – Como eu já disse, não procure muito nas coisas que ela escreveu. Mais nas outras coisas. Nas cartas. Nos postais. Nas coisas que ela colava aí.

– Estou procurando – Dora retrucou, em um tom de voz que Tessa nunca havia visto a amiga usar.

– Desculpe.

– Sim. Tá bom. É que eu estou fazendo o melhor que posso, ok?

Um momento de silêncio desconfortável arrastou-se pelo quarto. Finalmente, Tessa disse:

– Eu li sua história ontem à noite.

– Minha história?

– Aquela sobre o seu nome. A Caixa de Pandora. Eu devia ter lido antes, muito antes, eu sei. Mas ainda assim, você estava certa. Pensei que fosse terminar com algum tipo de praga ou infecção ou algo do tipo, mas não.

Dora olhou do diário para ela.

– Então, você sabe qual foi a última coisa que saiu da caixa?

– Sim – Tessa disse. – A esperança.

Dora voltou a folhear o diário novamente.

– Eu gosto como ela implora para ser libertada de lá e finalmente, quando ela o faz...

Mas Dora havia parado de folhear as páginas e estava olhando para o diário.

– O quê? – Tessa perguntou.

Sua amiga estava em silêncio.

– O que foi? – Tessa largou o cubo e se arrastou pela cama na direção dela. – O que você descobriu?

Dora respondeu entregando o diário a ela, e Tessa viu o cartão-postal colado na página:

Christie,

Achei seu endereço na internet. Ainda penso em você.

Espero que esteja bem.

Paul

O postal havia sido enviado há apenas três anos para o endereço em Nova York onde Tessa e a mãe viviam antes mesmo de conhecerem Patrick

E incluía um endereço de retorno escrito à mão: P. Lansing, 1682 Hennepin Avenue East, Minneapolis, MN 55431.

De repente, tudo sobre seu pai parecia mais real do que nunca. Ele era uma pessoa de verdade que viveu em um endereço de verdade em uma data específica.

*Seu sobrenome devia ser Lansing.*

*Tessa Lansing.*

*Tessa Lansing.*

*Tessa Bernice Lansing.*

Ela leu o bilhete novamente. Era muito breve para dizer alguma coisa, exceto que Paul Lansing nunca havia realmente esquecido de sua mãe. Silenciosamente, meio para ela, meio para sua amiga, Tessa disse:

– Ele não diz nada sobre mim.

Dora mastigou seu chiclete por um momento, então o tirou da boca e o grudou em um pedaço de papel amassado no lixo.

– Talvez ele não saiba sobre você.

– O quê? – Tessa observou Dora empurrar a lata de lixo para longe da cama. – Como assim? Quando ela estava grávida ele escreveu para ela pedindo...

– Não, eu sei disso. Quero dizer, e se ele nem ficou sabendo que você nasceu?

– Isso não é possível.

– Por que não? – Dora perguntou.

– Não sei, é que... ele tinha de saber.

Uma breve pausa.

– Sua mãe alguma vez chegou a dizer que foi *ele* que foi embora?

Tessa deixou o diário escorregar e cair na almofada ao lado dela.

– Você está dizendo que minha mãe que foi, em vez dele?

Dora encolheu os ombros.

– Sim, não sei. Por que não? – ela estava desembulhando um chiclete novo. – Quero dizer, ela estava com medo e não queria ele na vida dela. Talvez ela tenha pegado as coisas dela e ido

embora para recomeçar em algum outro lugar.

Parecia plausível.

Mas também tão inacreditável!

*Paul queria ajudar na sua criação. Se ele soubesse que você está viva, ele viria ficar com você, especialmente depois de mamãe ter morrido.*

Mas quando Tessa pensou nisso, ela percebeu que não conseguia se lembrar de sua mãe ter dito alguma vez que foi seu pai quem tinha ido embora. Talvez tivesse só presumido que...

– Então, e agora? – Dora estava mascando chiclete de novo.

O coração disparado de Tessa fazia com que fosse difícil pensar, difícil avaliar suas opções.

– Não sei.

Talvez ela pudesse fingir que não tinha encontrado a caixa de memórias ou o diário ou as palavras de Paul em seu postal e apenas continuar sua vida como se nada tivesse acontecido.

Sim, claro. Como se fosse dar certo.

Por outro lado... Tessa olhou para o cartão-postal. O endereço.

Ela pegou a mochila, tirou dela o laptop e o abriu.

– Espere – Dora se aproximou dela. – Você não está pensando...

– Sim – Tessa disse. – Estou.

Martha não tinha internet em casa, mas um dos vizinhos tinha e Tessa conseguiu conectar na rede deles. Ela acessou um site de busca on-line e digitou o nome de Paul Lansing na caixa de texto.

Pressionou “Enter”.



Assim que o avião pousou, peguei meu celular.

Eu precisava entrar em contato com Cheyenne para saber sobre quaisquer pistas que ela tivesse conseguido sobre a lista dos 51 nomes. Porém eu não gostava do fato de John ter deixado um bilhete para mim na cena do crime de hoje mais cedo. Então, antes de partir para passar o resto da noite atrás dele, eu queria garantir que Tessa e minha mãe estivessem seguras.

Talvez se Cheyenne pudesse me encontrar na casa dos meus pais, eu poderia matar dois coelhos com uma cajadada só.

Disquei seu número, mas a linha estava ocupada. Então, deixei uma mensagem de voz pedindo para ela se encontrar comigo o mais breve possível. Falei o endereço e, antes de desligar, agradeci a ela pelo pingente e garanti a ela que meu depoimento tinha corrido bem.

O que era verdade, tenha ou não garantido que a justiça fosse feita.

Alguns minutos depois, quando estávamos taxiando até o portão de desembarque, o telefone vibrou e pensei que fosse Cheyenne retornando minha ligação, mas quando atendi, percebi que era o dr. Eric Bender.

– Ah – ele disse –, eu devo ter ligado para o número errado. Pensei que esse fosse o telefone da Tessa.

– Estou com ele emprestado por enquanto.

– Bom, ei, aproveitando que estou com você na linha, Pat, a razão pela qual liguei é que eu preciso fazer outra autópsia hoje à noite, de um caso não relacionado, mas Dora não está atendendo o celular. É que... eu não quero que ela fique sozinha em casa. Não com John ainda solto. Eu só... estou preocupado.

Eu entendia completamente sua preocupação.

O piloto manobrava o avião até o portão.

– Você sabe que minha esposa está fora da cidade esta semana. Bem, Dora saiu para ficar com Tessa depois da escola; eu só queria perguntar se ela poderia passar a noite hoje. Não acho

que eu consiga sair daqui até 22h30, 23h. Eu posso passar lá para pegá-la se eu sair cedo...

– Não precisa. Ela vai ficar bem. Tessa está na minha mãe; as meninas podem ficar lá. Dois policiais estão vigiando a casa – o alerta do cinto de segurança se apagou. Levantei-me. Peguei minhas coisas. – Na verdade, estou indo para lá para ver como elas estão. Só uma pergunta rápida. Seu residente, Lance Rietlin, estava trabalhando com você no sábado à tarde?

– Sim. Estávamos no hospital juntos até quase 18h. Por quê?

*Então ele não poderia estar no rancho. Ele não poderia ser John.*

Beco sem saída.

– Só verificando todo mundo que está envolvido no caso – todos os passageiros estavam desembarcando. Me juntei ao grupo.

– Bem – ele disse –, eu aviso se meus planos de hoje à noite mudarem. E você pode pedir para Dora me dar uma ligada quando você a vir?

– Claro. Até mais tarde.

Desliguei, saí do avião, escapei do terminal.

E fui para o meu carro.



Quando Amy Lynn virou com o carro na rua, ela não conseguiu segurar um sorriso.

Desde que se encontrou com o criador de perfis do FBI e gravou sua conversa, ela havia passado algumas horas escrevendo, dirigindo até Evergreen para dar uma olhada na casa de Sebastian Taylor por conta própria, e então conversando com dois agentes literários de Nova York que estavam interessados em representá-la. Bem, ela e seu coautor.

E como ela havia sido cuidadosa em manter seu Blackberry desligado na maior parte do dia, e tinha um modelo antigo de carro sem GPS, ela havia aproveitado a liberdade de estar sozinha e sem ser seguida para todos os lugares por um policial ou um agente do FBI. Ainda assim, ela sabia que Reggie devia estar furioso por ela ter escapado dele. Era hora de ir para casa. Beijar e fazer as pazes.

Mas quando ela se aproximou da casa, viu que o carro dele não estava lá.

Hum.

Ele deve ter saído para procurá-la. Que gracinha.

Bem, uma vez que ela entrasse em casa, poderia ver se ele havia deixado um bilhete para ela e, caso contrário, ela checaria seu correio de voz. Ela ligou seu Blackberry. Apertou o botão para abrir a garagem.

Entrou com o carro.

E então fechou a porta.



Tessa não encontrou nenhum Paul Lansing em Minneapolis, Minne-sota; então expandiu a busca e acabou encontrando 82 deles espalhados pelo país.

Ela sabia que sua mãe havia feito faculdade com seu pai, então era simples ver em cada um dos casos, ou a quantidade de tempo que o homem havia estado em seu endereço atual, ou sua data de nascimento ou as universidades que havia cursado – filtros que mostrariam quem seria

seu pai.

Finalmente, após a última tentativa não ter dado certo, ela soltou um suspiro frustrado.

Dora estava arrumando o cabelo.

– Nada, então?

– Não.

– E agora?

Tessa suspirou.

– Não sei. Parece que ele não está em lugar nenhum na internet, e não é fácil apagar um histórico pessoal. Uma vez que algo vai parar na internet... você sabe.

Dora encolheu os ombros.

– Será que ele poderia ter mudado para fora do país ou algo assim?

– Talvez.

Por um momento, Dora deu um jeito de mascar seu chiclete silenciosamente.

– Você não acha que ele, talvez, digo... você sabe.

– O quê?

– Sabe, que ele, hum... bem... que ele morreu.

Isso era algo em que Tessa não havia se permitido pensar.

– Não sei – ela disse suavemente. Pensando nisso, ela percebeu que Dora havia parado de mexer no cabelo e estava com o olhar perdido em frente ao espelho.

Ela sorriu para Tessa, mas seu olhar a entregou.

– O que foi? – Tessa perguntou.

– Estava pensando sobre ele ter morrido e aí pensei sobre... bem...

– Hannah.

– Sim.

– Sério, Dora. Você precisa parar de se culpar por tudo isso. Você não fez nada de errado.

Dora ficou quieta.

– Você mandou uma mensagem de texto. Só isso. Foi tudo o que você fez. Foi a outra menina, a babá. Foi ela que deixou a bebê sozinha... – Tessa percebeu que isso não estava ajudando, e continuar descrevendo a coisa toda provavelmente pioraria tudo. Mas antes que ela pudesse pensar em algo melhor para falar, ou considerar a possibilidade sombria de seu pai estar morto, ela ouviu a porta da frente se abrindo e Patrick chamando.

– Tessa? Dora? Estão aí, meninas?

Ela e Patrick haviam passado por tempos difíceis juntos, por muitas coisas estranhas entre padrasto e enteada. A última coisa que ela precisava agora era que ele descobrisse que ela estava procurando seu verdadeiro pai sem discutir isso com ele antes.

Ela fechou o site e então gritou na direção da escada:

– Estamos aqui em cima.



Amy Lynn entrou na cozinha e colocou a bolsa sobre a mesa.

Vi uma bolsa esportiva preta no chão, perto da geladeira.

*Mas o quê...?*

Os passos atrás dela interromperam seu pensamento.

– Olá, Amy Lynn – ela reconheceu a voz, virou-se e viu um homem com uma máscara de esqui preta. – Bem-vinda ao quarto dia.



Ela engasgou, não acreditava quem era, mas antes que ela pudesse dizer uma palavra, antes que ela pudesse sair do caminho, ele a acertou, com força, no rosto, e o mundo ficou escuro.



A porta para o quarto de Tessa estava entreaberta e ela podia ouvir vagamente Patrick abrindo e fechando portas no andar de baixo. Ele falou um pouco com Martha, mas um pouco baixo demais para que ela pudesse escutar. Então ele subiu os degraus da escada e bateu uma vez antes de abrir a porta.

– Ei, Tessa. Dora – seus olhos varreram o quarto. Ele entrou e olhou dentro do armário. – Vocês estão bem?

Ok, essa era uma pergunta estranha.

– Por que não estaríamos? – ela disse. Fechou o laptop. Dora sentou--se com as pernas cruzadas na cama. Batucou com o dedo ansiosamente contra um travesseiro.

– Por nada – Patrick parecia estar tentando descobrir o que diria em seguida. Ele cruzou o quarto na direção da janela. – Foi bem nas provas?

Tessa encolheu os ombros.

– Acho que sim. Mas eu posso não tirar A em química. Só para você saber.

– Bem, isso vai ser bom para você. Um pouco de variedade – ele olhava intensamente para a rua.

– Ótima maneira de me levar para a mediocridade.

– Faço tudo que posso para ajudar. Só um segundo – ele saiu do quarto. As portas no andar de cima se abriram e se fecharam, então ele voltou e falou com Dora.

– Ah, seu pai me ligou. Ele disse que precisa cuidar de algumas coisas hoje à noite e perguntou se você podia ficar aqui até amanhã.

– Ficar aqui?

– Sim. Ele queria que você ligasse para ele.

Dora parecia um pouco preocupada. Ela pegou o celular e passou por Patrick, que a observou por um segundo e então olhou de volta para Tessa.

– O que está acontecendo? – ela disse.

– Está bem. Tudo está bem – ela podia ver que ele estava se esforçando para encontrar as palavras certas antes de continuar. – Você está se sentindo melhor? Digo, depois de ontem, com o diário e tal.

– Sim, é claro – definitivamente, essa não era a hora para se falar daquilo. – Como foi o julgamento?

Os olhos dele encontraram o cubo mágico sobre a cama.



Eu não queria falar sobre o julgamento.

Peguei o cubo.

Nenhum dos lados estava completo, então não parecia que Tessa havia feito muito progresso.

– Essas coisas são bem difíceis, né?

– Eu consigo fazer numa boa. Você não respondeu minha pergunta sobre o julgamento.

– Foi mais ou menos como eu esperava – mexi no cubo, girando alguns lados, então o entreguei a ela. – Mostre-me.

Ela o pegou, virou-o em suas mãos, analisou e rapidamente girou os lados até que, apenas alguns segundos depois, dois deles estavam resolvidos.

– Isso é ótimo. Bom trabalho.

– São apenas dois lados. Além disso, eu estava trapaceando. Eles vão soltá-lo?

– Não tenho certeza – eu disse. – Como?

– Como o quê?

– Como você estava trapaceando?

A expressão dela mostrava que eu havia feito a pergunta mais burra da semana.

– Eu estava de olhos abertos.

– Ah, ok... e?

– Tem umas crianças no YouTube que conseguem fazer vendadas.

– Uau – peguei o cubo dela novamente. Examinei-o. Eu mal podia acreditar que alguém conseguisse resolvê-lo vendado, a menos que tenha memorizado o padrão dos giros. – E você já conseguiu resolvê-lo inteiro?

– Sim, claro; não é tão difícil, você só tem de entender como as peças se movem em relação às outras; então quando vão decidir? Digo, o júri.

– Tessa, essas coisas levam tempo...

Dora apareceu ao meu lado. Passou por mim e entrou no quarto.

– Ele disse que vai fazer tudo que for possível para passar aqui e me pegar. Eu disse a ele que não tinha problema – ela virou-se para Tessa. – Pode me emprestar algumas roupas?

– Sim, sem problema.

*As meninas estão bem, Pat. Volte para o caso.*

Coloquei o cubo sobre a penteadeira, ao lado da caixa de joias de Tessa, que ela devia ter trazido de casa enquanto eu estava em Chicago.

– Preciso ir. Vejo vocês duas hoje mais tarde. Se precisarem de alguma coisa, me liguem.

– Aliás – Tessa disse –, você vai devolver meu telefone algum dia?

– Assim que eu arrumar um novo.

As duas se despediram de mim e me virei para ir embora, mas parei na metade do passo.

– Espere um minuto – voltei e entrei no quarto. – O que você acabou de dizer?

– Hum, que eu quero meu celular de volta.

– Não. Sobre o cubo. Agora há pouco. Você disse algo sobre resolver o cubo.

Ela olhou para mim intrigada, quase na defensiva.

– Não sei. Só disse que você tem de entender como as peças...

– Se movem em relação às outras – terminei a frase para ela.

– Sim, e daí? O que há de errado?

– Sim – os pensamentos giravam, rodavam, pulavam na minha cabeça. – É isso. Você é um gênio!

– Sim, claro – ela grunhiu. – Testes idiotas são direcionados a...

– Tenho de ir. Ligo para você mais tarde – meus pensamentos estavam girando quando desci correndo a escada.

Eu podia ver as peças do caso; um lado do cubo onde tudo se encaixava perfeitamente: a mina abandonada... a Represa Cherry Creek... as rotas de movimentação entre o Aeroporto Internacional de Denver e o necrotério... a compra do galgo com o cartão de crédito de Elwin Daniels; um lado resolvido.

Sim, no sábado, todas as evidências apontavam para o rancho, porque era para onde John

queria que apontassem.

“*Você já descobriu como estou escolhendo minhas vítimas?*”, ele havia me perguntado ao telefone. “*Isso realmente seria a chave de tudo, aqui.*”

Corri para o carro, peguei o laptop, coloquei-o sobre a mesa da cozinha. Liguei-o.

Relacionamentos.

Sim, essa era a chave.

“Sobre o que Giovanni escreveu para você?”, eu havia perguntado para Basque.

“Sobre você”, ele havia dito.

Sim, sim, sim. A décima história. Alguém é enterrado vivo.

Minha mãe entrou na cozinha e deve ter visto que eu estava ocu pado, pois voltou silenciosamente para a sala de estar para fazer palavras cruzadas.

*É essencial para o investigador entender o intelecto, o treinamento e a aptidão, e então responder de acordo.*

Mas eu não estive fazendo isso. Eu estive investigando John do mesmo jeito que faço com outros assassinos: olhando para as pistas, para os padrões, a hora e local dos crimes cometidos. Mas John não era como outros assassinos. Ele era inteligente, tão inteligente que havia planejado tudo desde o começo.

E era isso que ia me ajudar a pegá-lo.

Cliquei nos arquivos on-line do caso.

Em “arquivos de vítimas”.

Escolhi “novo”.

John sempre esteve um passo à frente.

Ontem, ao telefone, ele havia me provocado dizendo que o único jeito de pegá-lo era passando à frente dele, e agora percebi que ele estava certo, mas ele havia cometido o erro de me deixar saber aonde ele estava indo.

*Ele escreveu para Basque sobre você.*

*Ele ligou para você.*

*Ele escolheu você.*

O segredo para pegá-lo não era analisar as vítimas que ele já havia matado, mas as que ele tinha *escolhido*.

E a única vítima sobre a qual eu sabia, a única peça do quebra-cabeça que eu não havia incluído ainda no perfil geográfico era a última vítima da história.

Eu.



100

Giovanni deixou o corpo inconsciente de Amy Lynn, agora bem amarrado, no chão da cozinha e carregou a bolsa esportiva até o quarto principal.

Ele não queria que essa noite fosse interrompida, então ligou o rádio da polícia que havia trazido com ele e o sintonizou na frequência da expedição.

Pegou dez velas Chantel da bolsa e as colocou sobre a penteadeira.

Colocou as facas de que precisava ao lado delas.

Começou a acender as velas.



Usando o FALCON, abri um mapa de Denver e sobrepus a ele os locais de cenas de crime e as informações de vitimologia de todas as outras vítimas até agora.

Então, assim como eu faria para qualquer outra vítima, inseri meus dados pessoais no perfil geográfico: meus endereços residencial e comercial, rotas típicas de movimentação, padrões de atividade de rotina, tudo. E como eu conhecia o âmbito dos meus padrões geográficos melhor do que qualquer outra vítima que eu já havia analisado, eu tinha as informações de vitimologia mais detalhadas de toda a minha carreira.

No julgamento da sexta-feira, eu havia dito para a advogada de Richard Basque que quanto mais lugares, mais preciso é o perfil geográfico, e agora, incluindo meus dados, eu esperava ter informações suficientes.

*Você tem de entender como as peças se movem em relação às outras.*

Durante o voo, quando calculei os números, o computador havia identificado quatro zonas de perigo, mas agora, quando pressionei *Enter*, apenas uma área geográfica apareceu. De acordo

com os cálculos do programa, havia uma probabilidade de 71,3% de que o infrator trabalhasse, vivesse ou frequentasse um raio de quatro quarteirões no centro.

Isso era suficiente para mim.

Cliquei com o mouse e uma imagem em 3D do centro de Denver apareceu na tela. Usando o cursor como um avião, cruzei por entre os prédios. Eles se inclinavam, giravam e deslizavam por mim como fariam em um jogo moderno de videogame. Analisei a orientação dos apartamentos, dos prédios comerciais, das ruas.

Praticamente todas as rotas de movimentação, incluindo a minha, se cruzavam no canto sudeste de uma dessas quadras do centro.

Dei zoom na tela.

Revisei as rotas novamente.

Tudo girava em torno daquele local.

*É ali que nossas vidas tocam a dele. É ali que ele está escolhendo suas vítimas.*

Sim.

Era isso.

O comércio da esquina.

O lugar onde o cubo se encaixava.

Uma cafeteria.

O Rachel's Café.



Peguei o celular de Tessa. Corri até a porta. Digitei o número de Cheyenne.

Ela atendeu assim que a porta se fechou atrás dele.

– Ei, estou a caminho, eu só...

– Me encontre no Rachel's Café. Lembra? – eu estava correndo para meu carro. – Onde fomos naquela noite. Precisamos correr.

– O que está havendo?

– Tem tudo a ver com as peças. Como elas se movem em relação às outras.

– As peças? Do que você está falando?

– Quanto tempo você demora para chegar lá?

– Não sei, uns 15 minutos.

– Faça em 10.

Entrei no carro, pisei no acelerador e arranquei.



Tessa ouviu a porta da frente bater e um momento depois o carro de Patrick disparou pela rua. Ela imaginou o que estava havendo e partiu na direção da escada com Dora logo atrás dela.

– Ele sempre age assim? – a amiga perguntou.

– Não. Às vezes ele pode ser um pouco impulsivo.

– Ah.

Tessa olhou pela cozinha e viu Martha na porta da sala.

– Ele foi embora?

– Sim – ela deu um suspiro materno. – Típico. Vocês precisam de alguma coisa, meninas?

– Não, estamos bem – Tessa disse.

Com um leve aceno, Martha voltou para suas palavras cruzadas na sala e Tessa viu o computador de Patrick na mesa da cozinha. Ele deve ter saído com tanta pressa que se esqueceu dele.

Ele nunca esquecia seu computador. Nunca.

Espere um minuto.

Martha já havia recommçado a fazer palavras cruzadas. Tessa colocou um dedo sobre os lábios dizendo a Dora para ficar em silêncio, pegou o laptop de Patrick e sorratamente voltou para seu quarto.

Muito sorratamente.

Depois de entrar e fechar a porta, Dora perguntou:

– O que você está fazendo?

– Talvez *eu* não possa achar o meu pai – ela disse –, mas o agente especial Patrick Bowers pode. – Ela abriu o programa de e-mail de Patrick, achou o endereço de e-mail da divisão de crimes cibernéticos do FBI e digitou um pedido urgente para encontrarem a atual residência de Paul Lansing, antigo morador da 1682 Hennepin Avenue East, Minneapolis, MN 55431.

Ela olhou para a frente.

A boca de Dora estava entreaberta, um pedaço de chiclete repousado em sua língua.

– Você não vai mesmo...

Tessa assinou o e-mail com “Agente Especial Patrick Bowers”. Ela não sabia seu número de identificação federal mas imaginou que uma mensagem vinda de seu computador pessoal seria uma confirmação suficiente.

Pressionou “enviar”.

– Ok – Dora disse suavemente. – Acho que vai.

– Agora – Tessa disse –, tudo o que temos de fazer é esperar. Eles são bons no que fazem. Patrick liga para eles toda hora. Aposto que em uma hora nós saberemos onde meu pai vive.



Giovanni havia usado uma mordaca em Amy Lynn Greer sem pedir sua permissão.

Agora, ele a olhava, deitada imóvel no chão da cozinha, mãos e pés amarrados nas costas. E ele pensou em sua avó em outro chão de cozinha há muito tempo.

Com a luz do sol escorrendo dela.

Ele havia visto tanta luz do sol no decorrer dos anos.

Ele se ajoelhou ao lado de Amy Lynn e bateu em seu rosto para acordá-la. Isso deixaria marcas, mas em algumas horas não importaria.

Não funcionou, então ele bateu novamente, mais forte, e dessa vez ela acordou com um sobressalto. Piscou. Arregalou os olhos.

– Não se preocupe – ele disse a ela. – Não vou matar você – quando ele disse as palavras, um pensamento, um terrível pensamento deve ter passado pela cabeça dela porque ela se encolheu para trás o máximo que pôde. Tentou se livrar dele. – Não, eu não vim aqui para isso. Não vou tocar em você.

Respiração acelerada. Olhos procurando alguma saída.

– Mas embora eu não vá te matar, temo que você terá de morrer essa noite – ela fez barulhos que deviam ser seu jeito de tentar gritar por socorro, mas por causa da mordaca, ele não pôde entender suas palavras.

– Eu escolhi você para desempenhar um papel importante na história número nove. Você sabe o que isso quer dizer, não sabe?

Mais sons abafados. Ela lutava, mas ele a havia amarrado muito bem. Uma lágrima escorreu de seu olho esquerdo.

– Sim, está certo. Você leu a história. Você sabe: esta noite você vai se matar depois de comer o coração de seu amante morto.

Ela sacudiu a cabeça desesperada e freneticamente.

Giovanni olhou para o relógio.



– Mandeí a ele uma mensagem de texto urgente em seu nome há alguns minutos, dizendo para ele se apressar, então acho que ele vai chegar a qualquer minuto.

Então ele agarrou os tornozelos dela e a arrastou na direção do quarto. Ela se virava e lutava; não conseguia se livrar.

– Eu não vou poder deixar você tampar os ouvidos com as mãos, então você provavelmente vai ouvir alguns dos sons. Desculpe-me por isso. Peça perdão desde já.

Ele a colocou no piso do armário, fechou a porta e foi para a cozinha pré-aquecer o forno.



Entrei pela porta do Rachel's Café.

Senti o cheiro familiar de café recém-torrado, vi Janie trabalhando atrás do balcão: uma estudante do segundo ano de jornalismo. Óculos da moda, roupas retrô. Jornais espalhados na frente dela sobre o balcão, como sempre.

Um homem de 20 e poucos anos usando fones de ouvido estava sentado à mesa perto da torradeira de café, lentamente balançando sua cabeça com a batida de sua música. Uma pilha de livros de faculdade à sua frente. Tirando os dois, o Rachel's estava vazio.

Janie deve ter se perguntado por que eu estava observando o lugar.

– Tudo bem, dr. Bowers? – ela sabia que eu era doutor, sabia que eu trabalhava para o governo, mas isso era tudo que eu havia contado a ela. – Veio trabalhar um pouco?

Trabalhar um pouco. Sim.

*Não!*

Reparei no que tinha feito: deixei meu computador em casa.

*Não! Como você pôde ser tão burro?*

Espere.

O celular de Tessa. Sim.

– Dr. Bowers?

*Você pode acessar os arquivos on-line do caso pelo celular.*

– Janie – peguei o celular. – Isso pode soar como um pedido estranho, mas eu tenho algumas fotos para te mostrar e gostaria que você me dissesse se você já viu essas pessoas aqui. Se algum deles é cliente regular.

– Se forem clientes regulares – ela disse intencionalmente –, você os conheceria.

Balancei a cabeça.

– Eu só venho aqui no fim do dia. Eu faço meu próprio café de manhã – toquei na tela do celular e acessei os arquivos on-line do caso. – Você olharia as fotos para mim?

A confusão tomava o rosto dela.

– Claro.

Rapidamente, cliquei na seção “vítimas conhecidas” dos arquivos do caso e baixei as fotos de Chris Arlington, Brigitte Marcello, Benjamin Rhodes e todos os outros. Então as arrastei para a galeria de fotos do celular para que Janie não visse a palavra *vítimas*.

– É muito importante que você olhe para elas com atenção – eu disse.

A porta da frente se abriu. Cheyenne.

– Pat. Você está bem?

– Sim. Venha aqui.

Os olhos de Janie pularam de mim para Cheyenne e para o celular. Ela não mais parecia

apreensiva, mas sim assustada, e imaginei que seria melhor se eu falasse logo para ela o que eu fazia da vida. Ela não queria que o estudante no canto me ouvisse se ele tirasse os fones, então baixei a voz.

– Eu trabalho para o FBI, Janie. E eu acho que talvez você possa nos ajudar em um caso.

– Você trabalha para o FBI?

– Por favor. Olhe para as fotos – dei o celular para ela, mostrei como passar de uma foto para a outra. Ela olhou para o telefone por um momento, então começou a ver as fotos, uma por uma.

Cheyenne se aproximou de mim, começando a ligar as coisas.

– Você está achando que aqui é onde John escolhe...

Acenei com a cabeça.

– Sim.

Janie tocou a tela.

– Esta mulher. Sim. Eu já a vi. E este cara também – ela avançava e voltava entre as duas fotos, apontando primeiro para a foto de Heather Fain e então para a foto de Ahmed Mohammed Shokr, o homem que havia sido envenenado na quarta-feira.

– Então, é isso – respirei. – Isso é...

– Quem é ele, Pat? – Cheyenne perguntou. – Você sabe?

Balancei a cabeça.

Janie tocou a tela novamente, movendo para as próximas duas fotos.

– Este daqui é um padre, eu o reconheço... e claro, o dr. Bryant, que dá uma das minhas aulas. Ele vem aqui às vezes... – ela passou pelas outras fotos. – É isso. Essas são as pessoas que eu reconheço.

Era um começo, mas eu precisava de mais. Olhei em volta pela cafeteria e pensei em tudo que estava dentro da minha cabeça. O horário. As ligações. Os locais.

Pegando o telefone, naveguei até a lista de 51 nomes e comecei a pensar, procurando alguém com quem eu já tivesse cruzado no Rachel's Café.



De onde ela estava amarrada e amordaçada no armário, Amy Lynn podia ouvir o barulho de vasilhas e panelas batendo na cozinha e o som inconfundível de códigos de expedição policial sendo chamados por um rádio.

Ela estava tentando se convencer de que o homem que havia batido nela e a amarrado não era o Assassino do Quarto Dia. Ele era a última pessoa do mundo de quem ela teria suspeitado.

Mas *era* ele, não havia dúvida.

Ela ouviu a campainha tocar e tentou gritar, pedir socorro, mas mal conseguia emitir algum som.

O som do rádio da polícia parou.

A campainha tocou novamente.

Então, passos pesados atravessaram a casa. Ela lutava para se soltar.

A porta da frente se abriu. Ela ouviu um grito. Barulho de luta.

Uma pancada.

Então a voz de seu agressor:

– Bem, isso não é exatamente o que eu tinha em mente, mas vai servir.

Pensei em todos os 51 nomes, mas não me lembrei de ter visto nenhum dos homens no

Rachel's e eu não tinha informações suficientes para descobrir qual deles poderia ser John.

Então tive um pensamento: John mandou o vaso de manjerição e o bilhete escrito à mão para Amy Lynn. Ela era a única outra pessoa além de mim com quem ele entrou em contato pessoalmente.

*Ele a escolheu, Pat. Assim como escolheu você.*

O jornal de Janie estava no balcão. Abri na coluna política de Amy Lynn e apontei para a foto dela logo acima do título.

– Janie, esta mulher já veio aqui?

Ela acenou com a cabeça.

– Claro. Eu já a vi.

– Você chegou a notar algum cara reparando nela? Observando-a? Talvez a seguindo.

Ela balançou a cabeça.

– Não.

– E quanto a caras se encontrando com ela aqui? – Cheyenne disse. – Flertando com ela.

– Normalmente, ela está com um cara loiro. Mas ele não estava em nenhuma dessas fotos que você me mostrou.

– Reggie tem cabelo castanho, Pat – Cheyenne disse. – É outra pessoa.

Eu havia apenas mostrado para Janie as fotos das vítimas conhecidas, e não dos 51 homens.

Suspeitei que muitos dos arquivos pessoais do governo estariam incompletos e faltariam fotos, então copiei os nomes, naveguei até os registros do departamento de trânsito e rapidamente baixei as fotos das carteiras de motorista de todos os homens. Entreguei o telefone para Janie novamente.

– Ok, mais uma vez. O cara com quem ela esteve; veja se é algum desses homens.

– Não tenho certeza se estou sendo muito útil...

– Por favor – Cheyenne disse. – Você está indo muito bem.

Finalmente, com o incentivo de Cheyenne, Janie aceitou o celular.

E eu fechei os olhos e girei o cubo em minha cabeça.



Desesperadamente Amy Lynn tentou pensar em uma maneira de se soltar. Mas as únicas coisas que estavam no armário eram sapatos, cabides, vestidos e blusas.

Alguma coisa. Tinha de ter alguma coisa!

Uma luz fraca entrava por baixo da porta.

Ela olhou pelo armário.

Não. Nada.

Ela girou. Reposicionou-se.

Sua perna bateu em um dos seus vestidos e ela ouviu o cabide rasgando na barra sobre ela.

E ela percebeu como poderia escapar.



Um quebra-cabeça com tantas peças.

Quem poderia ter encontrado Sebastian Taylor? Quem poderia ter tra balhado com Grant

Sikora para planejar o assassinato de Basque? Quem poderia saber os tempos de reação e o fato de que eu estava na força-tarefa? Quem tinha acesso ao meu número de telefone fora da lista e...

Abri os olhos.

– É isso.

Cheyenne franziu as sobrancelhas.

– Isso o quê?

Se eu estivesse certo, o assassino estava debaixo do meu nariz o tempo todo. E ele tinha o álibi perfeito, mas eu ainda não tinha certeza. Havia mais uma coisa que eu precisava verificar.

Calculei a diferença de horário entre Denver e Washington e percebi que Angela Knight ainda estaria em seu escritório na divisão de crimes cibernéticos.

– Pat, fale comigo – Cheyenne disse. Dava para ver que ela estava ficando frustrada.

– Deixe-me checar com a divisão de crimes cibernéticos primeiro, mas acho que sei quem é John.



Usei o telefone de Cheyenne e digitei o número de Angela.

Janie ainda estava navegando pelas 51 fotos do departamento de trânsito.

Talvez eu estivesse errado. Talvez...

Angela atendeu.

– Alô. Aqui é a agente especial...

– Angela. É o Pat.

– Ah, eu acabei de enviar o endereço.

– Que endereço?

– De Paul Lansing.

Pisquei.

– Angela, eu não faço ideia do que você está falando.

– Seis minutos atrás você me mandou um pedido via e-mail para localizar Paul Lansing, anteriormente de Minneapolis, Minnesota.

Um mal-estar crescente.

– Eu não mandei pedido nenhum.

– Veio do seu computador.

Um pedido para Paul Lansing? Do meu computador?

*Você deixou seu computador na casa de seus pais, Pat!*

Paul... de Minneapolis...

Tessa deve ter encontrado um endereço antigo de seu pai.

Um mistura de raiva e um estranho tipo de solidão me atravessou.

– Angela, você disse que já respondeu?

– Sim – a confusão dela se transformou em preocupação. – O que está acontecendo?

*Isso pode esperar. Encontre John.*

– Depois eu explico, só não me mande mais e-mails até eu ligar de volta. Por enquanto, abra

aqueles arquivos de áudio que mandei para você mais cedo. Estou pensando na localização do interlocutor.

– Eu já disse, eu não consegui localizar...

– Eu sei, eu sei, mas será que você pode isolar o ruído de fundo da primeira chamada? Separar as trilhas de áudio dos dois lados da conversa e analisá-las individualmente? Você pode fazer isso?

– Claro – mas ela soava um pouco relutante. – Só um segundo.



Amy Lynn lutava contra as cordas que prendiam suas mãos às suas costas, tentando alcançar outro vestido. Se ela ao menos conseguisse agarrar um cabide de arame, ela poderia usar a ponta como um gancho para trabalhar nos nós.

Mas, mesmo tendo conseguido derrubar cinco vestidos até então, nenhum cabide tinha caído no chão.

Ela ouviu seu captor arrastar um corpo até o quarto.

*Rápido! Você precisa se apressar!*

Ela se inclinou o mais distante que pôde para a direita e agarrou outro vestido.

Puxou. Enrolou.

Ele caiu no chão.

Dessa vez, o cabide caiu junto, quicando em seu ombro e pousando no carpete ao lado do seu rosto.



Após apenas alguns segundos, ouvi Angela murmurar:

– Que estranho – e quando ela disse essas duas palavras, eu soube o que ela havia descoberto.

– O barulho do ambiente – eu disse – vem dos dois lados da conversa, não é?

– Sim. Mas isso significaria que a primeira denúncia anônima...

– Partiu de dentro do escritório da expedição.

– Mas isso...

– Sim.

– Aqui! – Janie apontou para o telefone. – É este cara – ela virou o telefone para que Cheyenne e eu pudéssemos ver a foto. – Eu o vi aqui com aquela repórter uma porção de vezes.

Mesmo antes de olhar para a foto, eu já sabia para quem ela estava apontando: Ari Ryman, o ex-fuzileiro naval que havia reproduzido os áudios para nós no escritório da expedição.

O Assassino do Quarto Dia.



Entreguei a Cheyenne seu telefone.

– Rápido. Ligue para a central da polícia e veja se Ari Ryman está lá.

Uma enxurrada de emoções cruzou o rosto dela enquanto ela olhava a foto de Ari.

– O cara da expedição? Você acha que ele é John?

– Sim, eu acho. Por favor, explicarei em alguns minutos.

Enquanto Cheyenne fazia a ligação, virei-me para Janie.

– Você tem certeza? A repórter, ela costumava vir aqui com este homem?

– Sim – ela baixou a voz – Eu acho que eles estavam tendo um caso. Quando se trabalha em um lugar desses há muito tempo, você observa as pessoas, e normalmente dá para dizer quando duas pessoas estão... você sabe.

Deixei meus pensamentos voarem através dos fatos que me levaram a suspeitar de Ari: como expedidor do serviço de emergência, ele teria acesso ao meu número de telefone não listado, saberia os nomes dos membros da força-tarefa e nosso tempo de resposta, e seria capaz de acessar informações sobre o hospital e o necrotério; ele foi fuzileiro naval.

Ele teria aprendido combate físico.

A ligação veio de dentro do escritório da expedição.

E ele andava com Amy Lynn Green no Rachel's Café, o lugar onde o assassino aparentemente caçava suas vítimas.

Cheyenne guardou o celular no bolso.

– Ari Ryman não voltou para o trabalho depois do almoço hoje.

Olhei pelo Rachel's Café novamente, tentando imaginar onde ele poderia estar.

*Ele vem aqui com Amy Lynn. Ele mandou para ela o bilhete: "Devemos nós tratar das lágrimas alheias? Por favor, sra. Greer, tenha coração. John".*

Eu girei. Encarei Cheyenne.

– Amy Lynn está no esconderijo?

Ela balançou a cabeça.

– Não sei – ela novamente pegou seu telefone.

Agradei a Janie pela ajuda, guardei o telefone de Tessa no bolso e estava me virando para sair quando Cheyenne exclamou:

– Amy Lynn saiu do esconderijo ontem à noite. A localização GPS de seu Blackberry indica seu endereço residencial, 7881 East 8th Avenue.

– Vamos – corri para a porta. – Ela é a próxima. O assassino quer que ela tenha um coração.



Sim!

Amy Lynn finalmente conseguiu agarrar o cabide.

Desesperadamente, ela entortou a ponta de arame e começou a tra balhar nas cordas.



Entramos no carro.

Tantos pensamentos. Eu estava furioso com Tessa, determinado a pegar Ari, apavorado com o que podia ter acontecido com Amy Lynn Greer e seu marido.

*Não, Pat. Em seu bilhete na casa de Bryant, o assassino disse que ia contar as três últimas histórias hoje à noite, depois que você voltasse de Denver. Então eles ainda podem estar vivos...*

Dei a partida.

– Cheyenne, mande alguns carros para a casa dos Greer...

– Já estou providenciando – ela estava com o telefone no ouvido.

Saí cantando pneus pela rua.



Giovanni tirou a camisa do homem inconsciente e a colocou ao lado dele sobre a cama. Então pegou o bisturi.

As velas tremeluziam ao lado dele.

Ele podia ouvir Amy Lynn se contorcendo no armário e parou por um momento para escutá-la. Carregando o bisturi, ele atravessou o quarto, abriu a porta do armário e descobriu que ela havia puxado uma meia dúzia de vestidos para o chão. Ela havia conseguido pegar um cabide e estava tentando usar a ponta do arame para soltar as mãos.

– Estou impressionado – ele disse. – Realmente estou. Foi uma boa ideia. Continue trabalhando nisso. Voltarei em alguns minutos para ver como você está. Vamos ver até onde você consegue ir.

Ele voltou para a cama, posicionou a lâmina do bisturi contra o peito nu do homem e estava prestes a pressioná-lo quando ouviu a detetive Warren ligar para a expedição pedindo que enviassem duas viaturas para a 7881 East 8th Avenue.

Giovanni parou.



Eles o haviam encontrado. Eles estavam vindo.

Então.

Ele olhou para o homem na cama, depois para a lâmina em sua mão.

Uma mudança de planos.

Ele colocou de lado o bisturi e foi retirar Amy Lynn do armário.



– Duas viaturas estão a caminho da casa dela – Cheyenne disse. – Agora, conte tudo.

Em um punhado de segundos, resumi a hipótese que havia me levado a suspeitar de Ari.

Cheyenne ouviu. Acompanhou meu raciocínio, então balançou a cabeça.

– Mas e o motivo? Qual seria o motivo dele?

– Perguntaremos a ele assim que o encontrarmos.

Tantos lados do cubo para encaixar. Era difícil ter prioridades. Eu podia pensar em pelo menos quatro pessoas para quem eu precisava ligar imediatamente.

Virei a esquina tão rápido que quase perdi o controle do carro.

– Cheyenne, faça algumas ligações para mim, tudo bem?

– Manda.

– Tente entrar em contato com Reggie e Amy Lynn. Diga a ela para contatar imediatamente o escritório do FBI, e não a central de polícia. A vida dela corre grande perigo.

Eu ainda não conseguia acreditar que Tessa havia usado meu computador para enviar um e-mail para a divisão de crimes cibernéticos do FBI para procurar seu pai. Ela deveria ter pedido ajuda para mim. E não feito pelas minhas costas.

Eu definitivamente precisava me acalmar antes de conversar com ela. Pensar no que dizer.

Assim, não liguei para ela, mas liguei para a expedição.

– Diga para os policiais que estão vigiando a casa entrarem, confiscarem meu computador e ficarem com as garotas.

Uma leve hesitação.

– Sim, senhor.

Atravessei um farol vermelho e entrei na I-25.



Amy Lynn estava no porta-malas de seu carro.

O homem havia soltado suas pernas, mas as mãos ainda estavam amarradas nas costas. Ela ainda estava amordaçada.

Eles estavam dando ré pela calçada.

Ela ouviu o portão da garagem se fechar e, enquanto o carro descia até a rua, em um momento de clareza irônica e sombria, ela percebeu que, a menos que encontrasse um jeito de escapar, acabaria como nada além de mais um capítulo no livro de outra pessoa.

E essa seria a grande história de uma vida.

Da vida dela.

O carro acelerou.

Ela não se importava que a mordaca e o barulho do motor abafassem seus gritos; Amy Lynn

chutava a porta do porta-malas o mais forte que podia.

E gritava.



Amy Lynn Greer não atendia o telefone, mas Cheyenne conseguiu encontrar Reggie. Eles conversaram por um momento, então ela me informou: naquela mesma manhã, depois de descobrir que Amy Lynn havia deixado a casa, ele tinha deixado seu filho na creche e saído atrás dela.

– Ele me disse que não pediu ajuda da polícia porque queria encontrá-la por conta própria, para protegê-la. Que estava envergonhado por tê-la perdido de vista.

Dei um soco no volante.

– Mas que ótimo.

Acelerei. Deslizei para a pista da esquerda.

– Durante a tarde, ele conseguiu a localização GPS do Blackberry dela. Aparentemente ela fez uma ligação para Nova York enquanto estava perto da casa de Sebastian Taylor, então ele foi até lá procurar por ela, mas ela havia sumido. Há cerca de 20 minutos, ele recebeu uma mensagem de texto dela dizendo que estava em casa. Ele está a caminho de lá, mas ainda vai demorar uns bons 15 minutos para chegar.

Ligamos para Jake e o informamos de tudo; pensei em ligar para Kurt, mas ele ainda estava em Breckenridge tentando salvar seu casamento, então, em vez disso, demos um toque para seu chefe, o capitão Terrell. Cheyenne disse a ele:

– Achamos que é Ari Ryman – e algo surgiu em sua memória.

Comecei a murmurar:

– Ari... ar... Ari... ar.

Alguns segundos depois, Cheyenne encerrou a ligação com Terrell e olhou para mim.

– Você está bem?

– Ele não disse “ar”.

Ela balançou a cabeça.

– Quem não disse “ar”?

– Na sexta-feira, quando Grant Sikora estava sufocando, morrendo, eu disse a ele que os paramédicos estavam vindo e perguntei a ele quem havia carregado a arma para ele. Ele falou: “Ar... Você precisa pegar... ar...”

Ela ligou os pontos:

– Você está achando que ele disse: “Ari. Você precisa pegar Ari”.

– Não tenho certeza, mas sim. Acho que ele estava me dizendo um nome, e não só com dificuldade para respirar.

– Considerando tudo que sabemos agora, faria sentido – Cheyenne disse.

Sim, faria.

Na verdade, sentido demais.

Se Grant tinha dito o nome de Ari, isso mudava tudo.

– Cheyenne, quero ver os horários de trabalho da semana passada. Estamos procurando por alguém que tenha qualquer coisa a ver com esse caso. Policiais, detetives, membros da perícia e também o pessoal do hospital e os funcionários do escritório do médico legista. Ligue para o Hospital Memorial Batista e para a central da polícia; peça para o RH colocá-los on-line nos arquivos do caso...

– No que você está pensando?

– Estou pensando que não devo tirar conclusões precipitadas. Eu tenho uma teoria. Estou torcendo para estar errado – passei voando por dois carros que deviam estar a pelo menos 120 km/h.

Estaríamos na casa dos Greer em menos de quatro minutos.



A caminho da central da polícia, Giovanni ligou para a expedição para requisitar um helicóptero da força-tarefa e um piloto para o agente especial Bowers.

Quase ninguém mais poderia tê-los convencido tão rápido e tão facilmente como ele a liberarem o helicóptero.

– O coronel Freeman está disponível aqui na estação – ele disseram. – Ele irá esperá-lo no heliporto.

– Obrigado.

Fim da ligação.

Apesar de Giovanni não ter esperado que as coisas acontecessem desse jeito, ele havia planejado diversos imprevistos e estava preparado: ele tinha um distintivo do departamento de polícia para poder entrar no estacionamento de funcionários da central de polícia. Dali, ele levaria Amy Lynn pelo elevador de serviço para o heliporto na cobertura.

E voaria até a mina.



Tessa sabia que estava muito encrencada.

Pouco antes, enquanto ela e Dora estavam esperando pela resposta do pessoal da divisão de crimes cibernéticos, Dora havia folheado o resto do diário e, bem quando ela estava terminando, os dois policiais idiotas que estavam supostamente protegendo a casa pelos últimos dias entraram, pegaram o computador de Patrick do quarto, fizeram Dora e ela se juntarem a eles no andar de baixo, na sala de estar, e agora não estavam deixando nenhuma das meninas sair da sala ou fazer nenhuma ligação.

Patrick deve ter descoberto sobre a mensagem que ela tinha mandado.

O que significava que era tarde demais para apagá-la antes que ele a visse.

O que significava que ela estava ferrada.

Especialmente porque ela havia visto a resposta do FBI antes de os policiais chegarem.



Estávamos perto.

Dois minutos, talvez menos.

Cheyenne abaixou o telefone e xingou.

– A central está dizendo que vai disponibilizar os horários “em uma hora”.

– Em uma hora? Nós não temos...

– Eu sei – ela disse entre os dentes cerrados. – Eu sei.

*O que mais? O que mais?*

O horário da morte de Thomas Bennett... os horários de voos... a hora em que Brigitte Marcello comprou comida chinesa... as velas na mina que estavam queimando por duas horas...

Eu estava imerso em pensamentos quando o telefone tocou, me assustando. O identificador mostrou que era Kurt e eu atendi. – Pat, o ...apitão ligou – sua voz estava cortada – ... fiquei ...abendo o que está havendo.

– Vire à esquerda aqui – Cheyenne gritou.

– Passei por cima do meio-fio, então acelerei.

– Escute, Kurt – eu sabia que o sinal era péssimo em Breckenridge, mas esperava que ele fosse capaz de entender o que eu estava dizendo. – As marcas de pneus que encontramos duas semanas atrás, do carro de Sebastian Taylor. Quem as analisou?

– O quê?

– As marcas de pneu. Quem você mandou a investigá-las?

– ...eggie.

Reggie Greer.

– Ali! – Cheyenne disse. – Vire à direita. É a quarta casa.

Nenhuma sirene.

Nenhuma luz piscando.

*As viaturas já deviam estar aqui!*

Kurt disse algo que não pude entender.

– Por acaso o *Denver News* escreveu um história sobre a morte de Hannah? – perguntei. – Eles fizeram algum artigo?

– Si...

– Quem te entrevistou?

Ele baixou a voz.

– Estou aqui co... Cheryl, não posso... Não ...tou ouvindo.

– Foi Amy Lynn Greer? – ...im.

– Você e Cheryl estão em perigo, Kurt...

– Te ...igo de volta.

– Kurt!

E mais nada. Bati o telefone contra o painel.

Chegamos à casa dos Greer.

Pulei do carro, saquei minha SIG e corri na direção do alpendre.



Forro.

Marrom.

Dois andares.

Ao nosso redor, crepúsculo na cidade.

Cheyenne assinalou para a direita.

– Vou pelos fundos.

Nenhum carro estacionado. A casa estava escura.

– Tome cuidado com cobras – gritei.

– Tá bom!

No alpendre. Tentei a maçaneta.

Destrancada.

Empurrei a porta, arma em uma mão, lanterna na outra.

– Reggie? Amy Lynn?

Silêncio.

Passei o feixe de luz pela sala de estar. Procurei por cascavéis. Não vi nenhuma.

*Firme, Pat. Firme.*

*Analise e responda.*

Então ouvi o rangido de outra porta e a voz de Cheyenne chamando por Amy Lynn. Um feixe de lanterna cortou a sala de jantar. Avisei sobre minha posição; Cheyenne entendeu e fui para a cozinha.

Ninguém. Algumas formas de assar em cima do fogão. A luz do forno estava acesa.

Estava programado para 230 graus.

O termômetro já marcava 225 graus quando me aproximei.

História número nove: ele mata o amante da mulher, arranca seu coração e o serve a ela no jantar.

Um tremor profundo. Medo primitivo.

Eu não queria olhar dentro do forno, mas sabia que precisava fazê-lo. Chequei o ambiente novamente.

Alcancei a porta do forno. Fiquei preparado.

Abri.

Vazio.

Graças a Deus.

Uma rápida olhada pelas bancadas, pela pia. Nenhuma louça suja.

Sem sangue. Sem carne.

Parecia que John havia ligado o forno, mas não teve chance de terminar seu conto.

– Ele ainda pode estar aqui! – gritei para Cheyenne.

Fechei o forno. Desliguei o fogo.

Cheyenne gritou do fim do corredor.

– Pat. Aqui.

Ela soava preocupada, mas não em perigo, então levei alguns segundos para garantir que cada cômodo estava seguro enquanto passava pelo corredor para me juntar a ela.

Sem pessoas; sem cobras.

Encontrei-a no quarto principal, usando o telefone, inclinada sobre a cama e checando o pulso de alguém. Eu não podia ver quem era, apenas que sua camisa havia sido removida. Então percebi que ela estava falando com a emergência e dei a volta em torno dela. E vi quem estava na cama.

– Calvin! – corri para o lado dele.

– Ele está inconsciente – Cheyenne disse –, mas seu pulso está estável – ela estava com o telefone no ouvido, mas estava falando comigo. – Estão mandando uma ambulância.

*Por que as viaturas ainda não chegaram?*

Oito velas Chantel tremeluziam na penteadeira. Duas tinham se apagado.

Gentilmente toquei a testa de Calvin e, enquanto o fazia, imaginei se o assassino não o tinha deixado vivo como algum tipo de armadilha, um jeito de brincar com o rato, de brincar comigo.

A porta do armário estava levemente aberta.

Cheyenne viu que eu olhava para lá.

– Já verifiquei, está limpo.

Dei uma olhada. Seis vestidos no carpete. Uma cabide de metal com o gancho desentortado.

Fui na direção do corredor.

– O que foi? – Cheyenne perguntou.

– Vou dar mais uma olhada por aí – falei suavemente. – Já volto.

E enquanto ela monitorava Calvin, deixei o quarto para garantir que ninguém estava nos esperando em algum outro lugar da casa. Ou na garagem.



Dora e Tessa estavam na sala de estar com os policiais. Martha tinha ido para a cozinha e Tessa a viu discretamente pegar o telefone.

Tessa ainda estava distraída, pensando no quanto Patrick estaria furioso quando chegasse, e não percebeu que estava nervosamente brincando com seu colar até que sentiu as mãos de Dora em seu braço.

– Você está bem?

– Sim.

Mas ela não soltou a pedra preta do colar.

– Eu preciso te contar uma coisa – Dora disse. – Eu ia contar lá em cima, mas os policiais chegaram.

– O que é?

– Sua mãe diz o porquê no final do diário, por que ela comprou para você aquela caixa de joias quando você era pequena.

Tessa parou de mexer no colar.

– Me conta.

– Para se lembrar do dia em que ela mudou de ideia.

E então Dora contou para Tessa sobre os três últimos registros no diário de sua mãe.



Terminei uma inspeção cuidadosa na casa e não encontrei ninguém. A bolsa de Amy Lynn estava na cozinha. Fiz um rápido inventário de seu conteúdo e vi que sua última mensagem de texto havia sido mandada para o celular do marido.

Voltei para o quarto principal, onde vi que Calvin ainda estava inconsciente. Respirando lentamente e sem profundidade.

Cheyenne estava colocando um cobertor sobre seu peito.

Ajoelhei-me ao lado da cama.

– Como ele está?

– Ele parece estável. A respiração está estabilizada. Os paramédicos devem chegar a qualquer minuto.

– Quando chegarem aqui, eles precisam fazer um exame de sangue imediatamente e um exame toxicológico completo.

– Está tudo no roteiro – ela disse. – Eles estão trazendo um médico com eles.

Olhei para as velas.

Com base na pouquíssima quantidade de cera derretida, dava para ver que elas não estavam queimando há muito tempo.

O forno havia aquecido a 225°C...

Ouvi um carro parar na frente da casa, então uma porta de carro bateu. Saquei minha SIG e disse para Cheyenne:

– Fique com Calvin.

Eu ainda não havia chegado à porta da frente quando ela se abriu.

– FBI! – gritei.

– Não se mova! – o homem berrou.

Eu conhecia aquela voz.

– Jake, sou eu. É o Pat.



Jake Vanderveld entrou na sala e, apesar de nunca ter pensado que me ouviria dizendo isso, eu acrescentei:

– É bom te ver.

– Você também, Pat. O que nós sabemos?



Estávamos no quarto e Cheyenne e eu tínhamos acabado de informar Jake sobre tudo.

– Por enquanto – ela concluiu –, parece que Calvin está bem.

– Sabemos se Amy Lynn esteve aqui? – Jake perguntou.

– A bolsa dela está aqui, mas a chave não. E o carro dela sumiu – eu disse, então apontei na direção da porta do armário. – Há sinais de que alguém foi arrastado da porta do quarto até o armário, mas não saindo dele. John a colocou ali, mas então a levou ou carregou de lá.

– Alguma ideia?

Balancei a cabeça.

– O carro dela não tem GPS, e seu Blackberry ainda está na bolsa. – Então, tive uma ideia. – Cheyenne, vamos arrumar um mandado de procura por ela e mandar algumas viaturas para o rancho de Daniels, só para garantir...

Fui interrompido quando o telefone de Jake tocou. Ele atendeu e olhou surpreso para mim.

– Ele está bem na minha frente – disse, então me passou o telefone. – Pra você.

– Quem é?

– É da central de polícia.

Peguei o telefone.

– Agente especial Bowers.

– Agente Bowers? – uma voz de mulher, e ela soava ainda mais surpresa do que Jake havia ficado. – Não conseguimos entrar em contato com seu piloto ou com seu número de celular. Pensamos que o agente Vanderveld poderia conseguir...

– Meu piloto? Do que você está falando?

Uma leve pausa.

– Senhor, seu helicóptero decolou há três minutos sem...

Hum... aquilo não era nada bom.

– Eu não pedi nenhum helicóptero.

– Você não...

– Quem está no helicóptero?

Outra pausa.

– Quem?!

– Não tenho certeza, senhor. Mas nós precisamos de um plano de voo e...

– Escute – percebi que estava gritando, mas àquela altura, eu não ligava mais. – O segundo helicóptero, está aí?

– Sim, senhor.

– Um piloto, tem algum piloto disponível?

– Senhor, não estou entendendo; você está me dizendo que não está no heli...

– Um piloto! Cli? está aí?

– O coronel Freeman está no helicóptero que você, ou que alguém... – ela não parecia conseguir juntar os pensamentos. – Cody Howard está aqui.

Cody era o ex-marido de Cheyenne, o piloto com o qual ela se recusou a voar, mas eu

poderia lidar com isso em um minuto.

– Peça para ele ir para o heliporto e ligar o helicóptero. Estarei lá em cinco minutos. E diga ao controle aéreo do Aeroporto Internacional de Denver para conseguir os códigos do transponder do helicóptero que acabou de decolar. Precisamos saber onde ele está. Faça agora.

A maior pausa de todas.

– Sim, senhor – fim da ligação.

Joguei o telefone de volta para Jake.

– John arrumou um helicóptero, mas ele decolou há poucos minutos. Nós o pegamos. Cheyenne, você vem comigo.

Jake acenou na direção de Calvin.

– Vou ficar aqui com ele até que os paramédicos cheguem.

– Ótimo.

– Tome cuidado – Jake disse.

Essa não é bem minha especialidade, mas decidi não tocar no assunto.

– Tomarei.

Cheyenne e eu disparamos para o carro.



Pelos fones de ouvido, Giovanni ouviu que o agente Bowers havia requisitado o segundo helicóptero. Perfeito. As coisas dariam certo finalmente.

Cinco minutos antes, quando Giovanni tinha aparecido no heliporto com a navalha na garganta de Amy Lynn, Cli? Freeman apenas olhou para ele em choque, mas finalmente subiu na cabine quando Giovanni tirou a mordaça da mulher e ela implorou por sua vida.

Agora, eles estavam sobrevoando as Montanhas Rochosas, a apenas alguns minutos da Mina de Bearcro?.

Giovanni sentou-se no banco de trás ao lado da mulher. As mãos dela ainda estavam amarradas nas costas.

Ele abriu a navalha e a segurava perto do rosto dela, para garantir que tinha toda sua atenção.

– Você lembra lá na casa quando eu disse que eu não ia matar você, que você iria matar a si mesma?

Ela se encolheu contra o assento.

– Então, chegou a hora.

– Deixe-a em paz – Cli? gritou da cabine –, seu filho da...

Giovanni passou a lâmina contra o braço direito do homem fundo o suficiente para fazê-lo gritar, mas não fundo o suficiente para incapacitá-lo.

– Por favor – Giovanni disse. – Não nos interrompa novamente.

Então, ele virou-se para Amy Lynn e começou a desabotoar a camisa dela.



Amy Lynn tentou se inclinar para longe dele, mas não havia para onde ir.

– Por favor, não – ela implorou.

Ele desabotoou o segundo, e então o terceiro botão.

– Eu já te disse, eu não vou tocar em você. Agora, por favor, fique parada.

– Não, não... – mas ela estava muito aterrorizada para concluir a frase. Ele estava pegando o saco de pano que havia trazido consigo, aquele que ele tinha levado rapidamente até o outro helicóptero do heliporto antes de fazê-la entrar nesse.

O conteúdo espesso e enrolado da sacola se mexeu.



– Oficialmente – Giovanni disse –, você deveria pular de uma janela, mas acho que não vamos tentar isso a esse ponto. Eu poderia jogar seu corpo mais tarde, de qualquer maneira, então...

De repente, o helicóptero tombou para a direita quando o coronel Freeman soltou o manche. Ele virou para trás e tentou arrancar a navalha da mão de Giovanni, mas Giovanni cortou o pulso dele. Um corte profundo. O sangue se espalhou pela cabine.

– Segure o manche ou corto a garganta dela! – ele percebeu que o coronel havia felizmente inclinado a perna contra o manche para impedir o helicóptero de cair.

Freeman balançou a cabeça.

– Não! Largue...

Giovanni segurou a lâmina contra o pescoço de Amy Lynn.

– Obedeça ou ela morre.

Ele hesitou por um momento, então finalmente virou para a frente, o sangue brotando do pulso, ergueu o helicóptero, xingou e ameaçou Giovanni, mas este não ligou.

– E pressione o joelho contra esse corte ou você vai morrer de hemorragia.

Giovanni esperou até que Freeman obedecesse, então desamarrou o bar bante que estava preso na abertura do saco. Ele faria um curativo no pulso do homem em um minuto, mas primeiro precisava cuidar de Amy Lynn.

Ele levantou o saco na direção da parte de cima da camisa dela.

– Não! – ela gritou.

– Lembre-se: eu não vou matar você. Nessa história você tem de se matar. Cascavéis são atraídas pelo movimento. Então, se você não quer morrer, é melhor ficar sentada e imóvel.

Ele puxou o tecido da camisa dela para longe da pele, para que houvesse espaço suficiente, e então ele colocou a cascavel de um metro de comprimento dentro da camisa de Amy Lynn.



Ela gritou.

E quando sentiu o corpo seco e musculoso da cascavel se flexionar contra sua barriga e deslizar pelo seu abdômen, Amy Lynn Greer não ficou imóvel.

Não mesmo.



O controle de tráfego aéreo nos informou a localização do outro helicóptero; quando ouvi as coordenadas em meu fone de ouvido, disse a Cody:

– Acho que ele está indo para a Mina de Bearcro?. Eu sei onde é. Siga na direção da borda sul do Condado de Clear Creek

– Entendido.

Ele virou o helicóptero para sudoeste e voamos na direção da luz do sol se esvaindo.

Cheyenne e Cody ainda não tinham falado um com o outro. Embora eu não tivesse ideia de quão turbulento tinha sido o divórcio deles, pelo silêncio tenso eu tinha a impressão de que a coisa havia sido ruim para os dois lados.

Por um momento, lembrei-me dos meus próprios problemas com Lien-hua, mas antes que pudesse pensar muito nisso, percebi um movimento no chão perto do kit de primeiros socorros...

E percebi do que se tratava.

– Fique parada! – gritei.

A cascavel deslizou por cima dos sapatos de Cheyenne e começou a se entrelaçar em seu tornozelo.

Ela congelou.

Eu teria pegado alguma coisa para atrair a atenção da cobra, mas ela inclinou a cabeça para trás e fiquei com receio que pudesse atacar, então balancei a mão na direção de seu rosto para que ela mordesse a mim em vez dela. Ela mostrou as presas e chacoalhou a cauda, mas com a minha outra mão consegui pegá-la logo abaixo da cabeça antes que ela resolvesse atacar.

O corpo comprido da cobra se contorceu loucamente em minha mão, mas segurei firme.

Com a mão livre, procurei minha faca. Eu realmente não queria matar a cobra, mas considerando as circunstâncias, pensei que até Tessa me perdoaria.

Chega uma hora para todas as coisas morrerem...

A cascavel sibilou e se debateu. Tentou girar a cabeça na direção do meu braço.

E a hora daquela cobra havia chegado.

Peguei a Wraith. Abri a lâmina. Cuidei da cascavel.

Seu corpo caiu no chão do helicóptero. Larguei a cabeça do lado dele e acabei com seu sofrimento usando meu calcanhar.

Cheyenne engoliu em seco.

– Obrigada.

– Levante os pés. Pode ter mais.

Ele apoiou os pés no assento da frente.

– Eu vi – ela disse. – Você ia deixar que ela te mordesse em vez de...

– Shhhh. Por favor. Me ajude a procurar.

E juntos vasculhamos a cabine, procurando por mais cobras.



Giovanni deixou o corpo de Amy Lynn no helicóptero.

Ele tinha dito a ela para ficar imóvel. Se ela tivesse ficado, a cascavel não teria atacado seu pescoço, e sua garganta não teria inchado até se fechar em menos de um minuto.

Manter um refém tornaria fácil atrair o agente Bowers para dentro do túnel, então ele decidiu deixar o piloto viver por enquanto. Ele certificou--se de que conseguiria controlar o sangramento do homem e então o levou para dentro da Mina de Bearcro?.



Não encontrei nenhuma outra cobra na cabine onde estávamos e estava prestes a verificar a cabine do piloto quando ouvi Cody gritar de dor.

O helicóptero mergulhou na direção das montanhas, me lançando para a frente.

– Ela me mordeu! – ele gritou.

– Segure o manche! – berrei, mas ele não estava ouvindo. Tropecei para a frente e agarrei o manche, mas só consegui parar momentaneamente nossa descida. – Você precisa...

– Cody, segure o manche! – Cheyenne gritou. Ela mergulhou na direção da cabine do piloto e eu deslizei para a direita quando ela pegou o manche, e então vasculhei o chão procurando a cobra. Não vi nada.

– Ela me pegou! – Cody gritou. Felizmente ele havia mantido a mão esquerda na alavanca de equilíbrio, mas estava segurando a coxa com a mão direita.

Cheyenne estava tentando nos erguer. Há dois dias, ela havia me dito que estava fazendo aulas de voo com helicóptero. Eu realmente esperava que ela soubesse como pousar.

– Onde está a cobra? – gritei. Cody apenas balançou a cabeça.

Baseando-me no lugar de sua perna onde ele estava pressionando, imaginei que a cascavel tivesse picado a parte de dentro da coxa, perto de sua artéria femoral, um lugar terrível para uma mordida.

A cada batida de seu coração, o veneno era bombeado através de seu corpo, destruindo mais tecido, causando mais sangramento, desacelerando sua respiração.

*Quanto mais o coração dele acelera, mas rápido ele perde a consciência.*

– Relaxe, Cody – eu ainda procurava pela cobra. – Tente ficar calmo – ele estava tremendo.

Deixei meus olhos virarem na direção da janela por um momento e reconheci as montanhas ao nosso redor. Estávamos perto da Mina de Bearcro?, a menos de 2 km de distância.

Procurei pelo chão novamente.

Vi a cobra serpenteando sob os pedais de controle.

– Não se mexam!

Mas Cody seguiu meu olhar e então gritou, arrancando os pés dos pedais. O helicóptero girou para o lado no ar e começou a despencar.

– Não! – Cheyenne gritou.

O mundo estava girando em volta de nós. Um borrão. Vi a cobra deslizar pelo chão na minha direção.

Tentei agarrar seu pescoço. Errei. Agarrei o corpo.

Cheyenne empurrou Cody contra a porta para alcançar os pedais com os pés.

Outro giro, outro, e então finalmente, de algum modo, Cheyenne fez parar os giros de cauda, mas estávamos a menos de 100 metros do chão e caindo rápido.

– Nivele! – gritei.

Ainda segurando a cobra, procurei pela faca, mas percebi que ela devia ter caído quando corri para agarrar o manche.

Senti o corpo da cobra ficar tenso para atacar.

Ok Medidas drásticas.

Cascavéis podem atacar mais rápido que o olho humano, mas não mais rápido que uma bala.



Saquei minha SIG.

O helicóptero balançava muito e a cobra estava movimentando tanto a cabeça que eu não tinha certeza se conseguiria acertá-la, mas certamente conseguiria acertar alguma outra coisa.

Mesmo a cabine não sendo pressurizada, com a força do ar sendo impelida para baixo pelo rotor, imaginei que haveria sucção suficiente.

Atirei na janela à minha direita.

Quando o vidro explodiu para fora, o ar na cabine foi atrás, carre gando o corpo da cobra com ele.

Soltei.

Chega de cobras.

– Estou descendo! – Cheyenne gritou.

Por mim, tudo bem.

Um par de óculos escuros e um calhamaço de papéis foram lançados pela janela quebrada.

Analisei o terreno abaixo de nós.

A estrada que levava para a Mina de Bearcro? ficava apenas a algu mas centenas de metros a norte de onde estávamos. Havia um campo que parecia plano o suficiente para Cheyenne pousar ao lado da estrada.

– Ali! – apontei.

A pouco menos de 1 km acima na montanha, o outro helicóptero já estava no chão perto da entrada da mina.

Bom o bastante. Eu poderia correr até lá.

Enquanto Cheyenne descia conosco, chamei por reforços pelo rádio e requisitei uma ambulância para Cody. Então, lembrando-me das fendas estreitas e profundas e da intenção do assassino de enterrar alguém (eu) vivo, disse a eles para chamarem a equipe de resgate da Floresta Nacional de Arapaho. Às vezes escalo com os caras da equipe, e se precisássemos de



resgate vertical, eles eram os melhores para isso.

Estávamos a 20 metros do chão.

Cheyenne lutava para nos manter com estabilidade.

Cody oscilava entre perder a consciência e acordar de novo.

Dez metros.

Olhei para o chão procurando por mais cobras.

Tudo limpo.

Cinco metros.

E então tocamos o chão. Um pequeno solavanco, mas isso foi tudo.

– Linda aterrissagem – eu disse. Estávamos vivos. Estávamos no chão. – Perfeita.

Fôlego.

Um pequeno instante.

Uma chance de pensar.

Cheyenne e eu estávamos bem, mas Cody parecia estar apenas parcialmente consciente. Tentei animá-lo. Sem resposta. Senti seu pulso. Fraco. Medi sua respiração, pensei no tempo de resposta do serviço de emergência. Não parecia bom.

– Cheyenne, eu não tenho certeza se ele vai conseguir a menos que o levemos para um hospital – ainda estávamos com os fones de ouvido ligados; as hélices giravam sobre nossas cabeças.

Ela olhou para mim.

– Como?

– Voe com ele.

Ela balançou a cabeça.

– Eu não consigo.

– Eu tenho de ir atrás de John. Não podemos deixar Cody sozinho.

– Eu sei, mas eu não... Não. Eu não consigo.

– Sim, você consegue. Você acabou de nos salvar do giro de cauda e pousou sem nenhum problema – vi minha faca no chão. Peguei-a de volta. – Confie em seu instinto...

– Os paramédicos chegarão aqui em cima.

Discutir sobre isso não nos levaria a lugar algum. Eu cuidadosamente cortei a perna da calça de Cody para dar uma olhada melhor na picada.

A área em torno do ferimento já estava escura e distendida. Nós dois olhamos.

Ele estava bastante mal, e ela podia ver. Ela colocou a mão gentilmente sobre seu joelho e fechou os olhos, respirou profundamente, então soltou o ar lentamente.

– Ok – ela abriu os olhos. – Mas vou voltar para te ajudar – suas palavras tinham uma intensidade ardente.

– Estou ansioso por isso.

Colocamos Cody em outro assento, então ela posicionou-se na cabine do piloto.

– Você vai conseguir! – gritei. Eu havia saído do helicóptero e estava de pé bem ao lado da porta. Eu tinha de gritar para ser ouvido com o barulho do motor.

– Encontre-o – ela gritou. – Detenha-o!

– Sim!

Alcancei a porta, mas antes que eu pudesse fechá-la, ela roçou a mão contra a minha. Ela não disse nada, mas comunicou tudo.

Naquele momento me encontrei desejando que fosse Lien-hua comigo em vez dela. Me senti vagamente culpado e apertei a mão dela gentilmente, então soltei e acenei para ela.

– Vá!

Fechei a porta e ela reposicionou o fone de ouvido e mexeu nos con troles à frente dela. Então corri da forte ventania causada pelo rotor e depois de ter andado por volta de 10 metros, virei-me e a vi decolar para o anoitecer avermelhado do Colorado.

Tremendo um pouco, mas nada mal.

Assim que ela foi embora, disparei pela estrada na direção da mina.



Tessa estava tendo dificuldades em digerir tudo aquilo que Dora estava contando.

Aparentemente, não havia sido a carta de Paul que fez sua mãe mudar de ideia sobre o aborto.

– Você está me dizendo que foi um punhado de anúncios de revista? – ela disse. – Como aquela foto da menina e da caixa de joias?

Dora acenou com a cabeça.

– Foi isso que ela escreveu no diário.

A campanha tocou.

Os dois policiais olharam um para o outro por um momento.

Outro toque. Martha levantou-se.

– Eu atendo.

– Não – o mais baixo dos dois policiais disse. – Cuidamos disso – os dois foram até a porta.

Eles abriram seus coldres.

O policial mais alto abriu a porta, e Tessa viu o pai de Dora, o dr. Bender, parado em frente a eles.

– O que está havendo aqui? – ele parecia nervoso. – É verdade que você não deixou minha filha me ligar?

Tessa olhou para o lado e viu Martha sorrir para ela com um sorriso maroto de avó, e ela se lembrou de tê-la visto ao telefone alguns minutos antes.

Sim, é isso aí, garota.

– Dora – o dr. Bender disse –, vá pegar suas coisas. Não vou sair daqui sem você.



Cheguei ao outro helicóptero e encontrei uma poça de sangue no piso da cabine do piloto e manchas finas espalhadas pelos painéis de controle e pelos assentos.

*Ela cortou Cli?. E o corte foi feio.*

Nenhum sinal de Cli? ou do assassino, mas o corpo de Amy Lynn estava no banco de trás.

Ela não estava se movendo e quando fui medir o pulso, percebi que seu pescoço estava grotescamente inchado. Sem pulso, sem respiração e com as vias aéreas bloqueadas, eu não podia tentar reanimação. Não havia nada que eu pudesse fazer por ela. Então, uma protuberância espessa se mexendo embaixo de sua camisa confirmou o que o assassino havia feito.

Senti os dentes travando.

Como um pequeno gesto de respeito, balancei a cobra para fora de sua camisa e a chutei para fora do helicóptero.

Eu sabia que o assassino estaria pronto para mim, mas Cli? obviamente estava sangrando

abundantemente, e eu não iria ficar por ali esperando os reforços chegarem. Agarrei o kit de primeiros socorros do helicóptero, tirei um rolo de esparadrapo e enfiei no bolso.

Uma trilha de sangue ia do helicóptero até a mina. Mirei minha arma para a entrada. Saquei minha lanterna.

E entrei no túnel.



Logo na entrada da mina.

Ar frio.

Silêncio, exceto pelos sons fracos de água pingando em algum lugar fora de vista.

Passei a luz pelo túnel. Vi as vigas toscas de suporte, os minerais brilhando nas paredes, os trilhos estreitos aos meus pés. O lugar onde John havia deixado o corpo de Heather Fain.

Por um momento, visualizei seu corpo deitado ali, o coração arrancado de Chris Arlington repousando sobre seu peito, as dez velas que a cercavam. Senti minha raiva se tornar determinação. A história aterrorizante de John havia começado nesta mina abandonada há uma semana e terminaria aqui, esta noite.

Nenhum sinal de alguém no túnel.

A trilha de sangue acabava aos meus pés. No distante alcance do feixe de luz da lanterna, um túnel cruzava, levando para o leste. Corri até ele, desliguei a lanterna e me abaixei. Após tomar fôlego para me estabilizar, virei a esquina, ligando minha lanterna novamente. O feixe cortou o ar negro.

Ninguém.

Desliguei a lanterna e espiei pelo escuro, primeiro este túnel, então o principal, mas não vi nenhuma outra luz. Não ouvi nada.

*Qual túnel ele pegou?*

Lanterna ligada novamente, inspecionei as duas ramificações da mina.

Nada na passagem principal, mas finalmente, cerca de cinco metros para dentro do túnel lateral, encontrei mais sangue.

Apenas alguns passos depois, ele desaparecia.

As gotas de sangue eram ovais, e baseado em seus tamanhos, formas e proximidade, percebi que os homens deviam estar se movendo rapidamente. A trilha ainda estava úmida, mas fácil de desaparecer no solo escuro.

Levei um momento para marcar o túnel, para que Cheyenne e a equipe de resgate pudessem encontrá-lo quando chegassem, então corri pela passagem na direção da próxima intersecção.



Dora fechou a mochila da escola.

– Então, acho que vejo você amanhã.

– Sim – Tessa disse. – E olha, muito obrigada por toda sua ajuda hoje, sabe, com o diário.

– Sem problemas. Espero que você encontre seu pai.

– Eu também.

Dora jogou a mochila sobre o ombro e, quando virou na direção da porta, acertou a caixa de joias de Tessa sobre a penteadeira e todos seus colares e brincos se espalharam pelo carpete.

– Ai, me desculpe!

– Está tudo bem – Tessa se inclinou para pegá-los. – Não tem problema.

– Quase pronta? – o dr. Bender chamou do andar de baixo.

– Já estou indo! – Dora gritou. Ela estava ajoelhada ao lado de Tessa, ajudando a recolher as joias. – Sério, eu devia ter tomado mais cuidado. Bagunçando as coisas. Pandora, né? Faz sentido.

Tessa fez uma pausa, com a mão sobre a caixa de joias.

– Espere. O que você disse que minha mãe escreveu? Sobre esta caixa.

– Ela queria lembrar o dia em que mudou de ideia.

– Certo – Tessa levantou a caixa, tirou tudo que estava dentro e a deu para Dora.

– O que você está fazendo?

– Quero que fique com você.

O rosto de Dora estava surpreso.

– Não, sua mãe deu isso pra você.

– Lembra da história, da sua história? A última coisa a sair da caixa.

– Dora! – a voz do dr. Bender subiu pela escada. – Tudo certo?

– Eu já vou! – ela gritou.

– Hoje de manhã, Martha me disse que eu não deveria me castigar por alguma coisa sobre a qual eu não tenho controle.

– Você quer dizer sobre sua mãe não querer ficar com você.

– Sim. Mas você está fazendo a mesma coisa. A morte daquele bebê não foi culpa sua. Eu quero que você se lembre disso. Esperança. Um novo começo. A última coisa a sair.

Dora finalmente aceitou a caixa.

– Obrigada – ela disse suavemente. – Eu entendo.

Quando estavam saindo do quarto, Tessa viu o diário sobre a cama.

Ela o pegou e partiu para a escada.



Nada.

Andei pelo túnel o mais rápido que pude, mas após 10 minutos ainda não havia encontrado nem o coronel Freeman nem o assassino.

A trilha de sangue parava e recomeçava intermitentemente, mas sempre aparecia em

cruzamentos ou no topo das escadas de madeira que levavam para o fundo da mina. John estava controlando o sangramento de Cli?, usando o sangue para me guiar.

Como um cordeiro para o abate.

Eu descia uma escada ou uma série de escadas, chegava em outro túnel, seguia a direção do sangue, então a trilha desaparecia até eu chegar em outra intersecção ou poço marcados com mais sangue, e então eu descia de novo.

Tudo um jogo elaborado.

Mas desta vez ele não ia ganhar.

Mais cedo, quando comecei a imaginar se Grant Sikora havia me dito o nome “Ari” e descobri que Ari havia sido visto em público com Amy Lynn, comecei a duvidar de que ele fosse John.

O verdadeiro assassino era muito meticuloso, muito cuidadoso. Basea do em tudo que sabíamos sobre ele, com seu intelecto, sua aptidão, ele nunca teria contado a Sikora seu nome verdadeiro. Ou ainda: não teria sido visto em público com Amy Lynn.

Mesmo a ideia de ligar para fazer a denúncia anônima de dentro do escritório da expedição era muito perfeita. Muito elaborada. Deixava uma seta gigante apontando para ele.

A rota sinuosa marcada por sangue me levava cada vez mais fundo, para as partes mais primitivas e menos conservadas da mina. Aqui, mais fissuras e rachaduras percorriam as paredes. Menos vigas de suporte sustentavam o teto, e eu podia ver evidências de mais desmoronamentos.

Mas se Ari não era o assassino, quem era?

Eu ainda não sabia.

Desci por mais três escadas, todas marcadas levemente pelo sangue, e estava prestes a descer uma quarta quando ouvi um movimento abaixo de mim. Acendi a lanterna. Escutei.

Mais nada.

Olhei pela escuridão e vi um fraco indicio de luz vindo de algum lugar no túnel onde a escada terminava, cerca de 15 metros abaixo.

Mantive a lanterna desligada, descii o mais rápido que pude, tateando os degraus com pés e mãos.

Eu havia descido até o décimo degrau quando ouvi uma voz, definitivamente uma voz. Congelei. Escutei.

Sim, era Cli?, isso eu podia dizer. E mesmo não conseguindo entender a maior parte do que ele estava gritando, ouvi as palavras “manipulado” e “explosão” antes que ele fosse abruptamente calado.

Comecei a descer de novo, observando cuidadosamente quaisquer movimentos abaixo de mim. Pensamentos se atropelavam na minha cabeça.

A sala de evidências em Chicago... o centro de expedição em Denver... a localização das câmeras de segurança do hospital... quem poderia ter tido acesso a todos eles?

*Ele tem noção de técnicas forenses. Ele sabe sobre venenos e toxinas, incêndios, autodefesa, sabe como mascarar localizações por GPS...*

Alcancei o túnel.

Estrategicamente, eu estava em uma posição terrível. Se John tivesse uma arma apontada para o final da escada, assim que eu descesse, tudo estaria acabado.

Eu precisava descobrir se havia alguém esperando por mim, e parecia que havia luz suficiente para isso. Dobrei minhas pernas contra a lateral do poço, me pendurei em um degrau com uma mão como eu fazia quando escalava pelo teto da minha garagem e segurei a arma com a outra mão. Então, mergulhei a cabeça para dentro do túnel por uma fração de segundo. Não vi

ninguém.

Rapidamente me reposicionei, e então, com a arma preparada, desci até o chão.

Ainda ninguém.

Apenas um fino borrão de luz chegando a mim de uma curva a cerca de 10 metros. Tremeluzindo. Ondulando. Provavelmente de uma lanterna ou uma tocha.

Pensei nas velas cercando o corpo de Heather Fain.

Todas as dez estavam queimando quando chegamos.

Todas as dez.

*O fluxo de cera nos disse que estavam queimando há duas horas.*

E havia velas na casa de Reggie também.

*O assassino mandou a ele uma mensagem de texto para se apressar em ir para casa.*

Reggie havia tentado manter Amy Lynn fora da custódia de proteção... Foi ele que levou o desenhista de retrato falado para visitar Kelsey Nash e Thomas Bennett...

Três das velas se apagaram enquanto estávamos investigando o corpo de Heather.

Duas estavam apagadas no quarto dos Greers.

Reggie foi chamado para analisar a mina, a casa do rancho, a garagem de Taylor, as marcas de pneus... O vaso de manjerição foi enviado para sua esposa...

Era tudo tão perfeito. Tão inteligente.

Um cordeiro sendo levado para o abate.

*O forno ainda estava sendo pré-aquecido.*

Sim.

Era isso. Essa era a chave.

O cubo girou. O último lado se encaixou no lugar.

O assassino não podia ser Reggie.

Só uma pessoa poderia ter cometido esses crimes.

Lenta e cuidadosamente, com a SIG preparada, me movi pelo túnel na direção do homem que havia provado ser um dos mais brilhantes criminosos que eu já tinha conhecido.

John.

Giovanni.

O Assassino do Quarto Dia.

Meu amigo, o tenente Kurt Mason.



A curva do túnel e a luz dançante e tremeluzente estavam bem à minha frente.

– Kurt – chamei. A palavra ecoou assustadoramente pelo ar empoeirado. – Solte Cli?. É hora de acabar com isso.

– Parabéns, Pat – ele respondeu de algum lugar depois da curva. – Bem-vindo à história.

Respirei fundo, ergui minha SIG e virei a esquina.

Cli? estava parado a 10 metros de mim, um pedaço de fita adesiva sobre a boca.

Kurt estava atrás dele, uma navalha contra seu pescoço. Ele havia torcido o braço de Cli? para trás das costas para imobilizá-lo.

Olhei pela mira.

– Mãos para o lado.

– Você acabou de dizer o meu nome. Você sabia que era eu. Como?

Sangue pingava do braço direito de Cli?, formando uma mancha escura no chão. Com base na quantidade de sangue que ele já havia perdido, fiquei surpreso por ele ainda estar consciente. Ele precisava de cuidados médicos, e rápido.

– O forno. Ele ainda estava sendo pré-aquecido quando nós chegamos.

Confusão.

– O forno?

Kurt havia se posicionado cuidadosamente atrás de Cli?, de modo que apenas uma parte de seu rosto estava visível. Mirei minha arma em seu olho.

– Não estou brincando, Kurt. Largue a lâmina – mas mesmo dizendo essas palavras, eu sabia que não conseguiria acertar o tiro. Cheyenne era a única pessoa que eu já havia conhecido que poderia ter acertado uma bala no olho de Kurt daquela distância.

– Você não vai atirar em mim, Pat. Me conte sobre o forno.

Uma rápida avaliação do túnel: uma lâmpada estava pendurada em uma viga de suporte entre nós. À esquerda de Kurt, uma plataforma que provavelmente havia sido usada para descer



carrinhos de minério estava suspensa a cerca de um metro por um poço de acesso. Mesmo de onde eu estava, dava para ver explosivos C-4 ligados às paredes do poço. Considerando as palavras de Cli? “manipulado” e “explosão”, eu tinha uma boa ideia do que Kurt tinha em mente. Uma viga no teto acima da plataforma segurava uma polia dupla e o mecanismo de soltura da corda.

– Você deveria ter comprado velas de melhor qualidade – eu disse.

Ele não respondeu.

– Quanto tempo demora para um forno esquentar até 230 graus?

Ele levou um momento para pensar. – Então você sabia que o assas sino não tinha ido embora há muito tempo.

– Sim. E duas das velas na penteadeira haviam se apagado, mesmo tendo acabado de ser acesas. Então isso me fez pensar na mina. Como poderiam todas as 10 velas estar queimando quando nós chegamos? Todas as 10 queimando continuamente por duas horas? Três se apagaram no curto tempo em que ficamos analisando a cena.

– Ah – ele disse. – Muito bom.

– Você foi o primeiro a chegar à mina, Kurt, você me disse. Você não acendeu as velas quando deixou o corpo de Heather, você se acendeu depois que respondeu à chamada de emergência, logo antes do resto de nós chegarmos.

– Você realmente é bom, Pat, mas tudo isso é conjuntural.

– Talvez eu esteja aprendendo a confiar no meu instinto – apoiei o dedo sobre o gatilho. – Agora, estou lhe dizendo, coloque as mãos para o lado.

– Isso não vai acontecer. Jogue sua arma.

– Solte a navalha, Kurt, ou juro, eu atiro em você.

Ele olhou para o sangue pingando da mão direita de Cli?. – Você realmente quer ficar enrolando? Não o deixe morrer assim, Pat. Ele tem uma família. Vou deixá-lo viver se você cooperar comigo aqui. Agora, por favor, jogue sua arma para mim.

Uma corrente de ódio e desespero.

*Pense, Pat. Pense.*

Opções: (1) atirar e arriscar acertar Cli?; (2) enrolar e vê-lo morrer; (3) obedecer e ganhar algum tempo.

O rosto de Kurt era apenas parcialmente visível. Apenas parcialmente.

*Atire, Pat. Atire.*

Tomei um pequeno fôlego.

Mirei.

Mirei.

Mas não pude fazer. Eu não podia arriscar atingir Cli? no rosto.

*Obedeça, Pat. Ganhe algum tempo.*

Soltei a coronha da SIG, deixei a arma se pendurar apenas pelo meu dedo do gatilho. Então, lentamente, levantei as mãos. – Você não tem como escapar disso, Kurt – eu não podia acreditar que esse homem havia sido meu amigo. Que eu cheguei a confiar nele. – O reforço vai chegar aqui a qualquer minuto.

Ele balançou a cabeça. – Você estava sozinho quando entrou na mina. Cheyenne partiu no helicóptero. Nós temos bastante tempo. Agora, jogue sua arma para mim. Assistir a garganta de alguém sendo cortada é muito perturbador. Uma vez que você vê, a imagem nunca vai embora.

Vi Cli? tremendo. Kurt gesticulou na direção do poço equipado com C-4. – Não é algo que você quer repassando na sua cabeça pelos próximos três meses.

*Três meses?*

Olhei para o poço por um momento e entendi o que ele estava dizendo.

Ele pressionou a navalha contra o pescoço de Cli?, e uma fina linha de sangue apareceu.

– Ok! – gritei.

– Da próxima vez vai ser mais fundo.

– Tudo bem. Estou fazendo – me inclinei para o chão.

– Lentamente.

Lancei a SIG a meio caminho entre a gente.

– Não se preocupe – eu disse para Cli?. – Vou tirar você dessa.

Ele acenou discretamente com a cabeça.

– Agora, sua faca e seu celular – Kurt disse. – Desta vez, jogue até aqui.

– Deixe-me estancar o sangramento dele, Kurt. Daí você pode...

– Jogue-os para mim.

Pensei por um momento, então lancei minha Wraith para ele. Ela caiu aos pés dele e ele a chutou para o lado, mandando-a para dentro do poço. Então joguei para ele o telefone de Tessa, que ele destruiu com o calcanhar.

– Minha enteada não vai ficar feliz com isso.

– Esvazie os bolsos, Pat. Devagar. Não tente nenhuma gracinha.

Tudo que eu tinha comigo era minha lanterna, a chave do meu carro e o rolo de esparadrapo do kit de primeiros socorros do helicóptero. Comecei a pegá-los, um de cada vez.

– Cheryl não está na irmã dela, não é, Kurt?

– Ela está com Ari. Bolsos de trás.

– Mortos? Eles estão mortos?

Ele não respondeu. Guardei no bolso a lanterna, a chave e o esparadrapo.

– Onde eles estão, Kurt? Você pode pelo menos me dizer isso.

– Acontece que Ari alugava uma unidade de autoarmazenamento. Vou visitar os dois quando tiver acabado aqui. Agora, deixe-me ver seus bolsos de trás.

*Se ele vai visitá-los, eles ainda estão vivos.*

Mostrei a ele que meus bolsos de trás estavam vazios, então o encarei novamente bem a tempo de vê-lo enfiando uma agulha no pescoço de Cli? e apertando o êmbolo.

– Não! – corri na direção deles.

– Pare! – Kurt puxou a cabeça de Cli? para trás, a lâmina em seu pescoço.

Eu congelei, mas procurei uma chance de agir. Minha arma estava a apenas alguns metros de mim.

Os olhos de Cli? viraram para trás, ele ficou mole e Kurt o colocou no chão.

– O que você injetou nele? – gritei.

– É só para derrubá-lo. Para nos deixar um pouco a sós. Afaste-se da arma.

Fiquei onde estava.

Ele sacou uma Wilson Combat 1911 e mirou em mim.

– Para trás.

Eu fui.

– Mais longe.

Ele gesticulou para eu recuar até que eu estivesse longe demais para pular até a SIG, então ele fechou o navalha e a enfiou no bolso. Continuou com a arma e chutou a minha para dentro do poço.

– Kelsey deveria ter morrido no freezer, não é? – eu disse. – E ela podia identificar você, por isso você mandou Reggie com o desenhista de retrato falado e também não quis entrar no quarto dela no hospital. Você vai voltar atrás dela? De Calvin também? Sem deixar pontas soltas?

Ele não respondeu, e eu entendi aquilo como um sim.

Ele sacou um par de algemas. Lançou-as para mim. Elas caíram aos meus pés.

– Normalmente, eu prefiro cordas, mas é muito difícil para uma pessoa amarrar a si mesma – ele gesticulou na direção das algemas. – Coloque-as.

Não me movi.

– Além de Londres no ano passado, houve outras histórias? Há quanto tempo você vem fazendo isso?

Ele mexeu a arma apontando para as algemas.

– Algeme-se com as mãos para trás, Pat. Quando você chegar lá embaixo eu jogo a chave.

Eu ainda não me movia e ele disparou a 1911, fazendo uma nuvem de poeira explodir aos meus pés.

– Coloque as algemas ou a próxima bala vai ser na sua perna.

Acreditei nele. Peguei as algemas.

– Vou conseguir escapar.

– Não tem como escapar. Não depois que o poço tiver explodido.

– Você não me conhece. Eu vou escapar.

– Eu conheço você, Pat. Lembra? Fui eu que pedi para você participar da força-tarefa. Estive observando você. Eu o conheço muito bem. Não há escapatória. Eu me certifiquei. Agora, coloque...

– Ótimo.

Ele estreitou os olhos.

– Ótimo?

– Que não há escapatória – enquanto eu falava, analisei o sistema de polias, a alavanca de soltura, as cordas, todos acima do poço. – Porque podemos levar muito tempo cavando para te encontrar depois que eu deixar você lá embaixo, e eu não gostaria que você fosse a lugar algum – fechei a aljava em volta do meu pulso esquerdo.

Ele me observava cuidadosamente, com bastante cautela.

– Continue. O outro pulso.

Tive uma ideia e comecei a fechar a outra aljava em volta do meu pulso direito...

– Não. Atrás das costas. Espere. Primeiro, jogue suas chaves. Você tem um conjunto de abrir fechaduras em seu chaveiro. Eu já vi.

Ah, aquilo não era bom. Não mesmo.

Saquei minha lanterna para poder pegar as chaves.

– Você pode ficar com a lanterna. Eu quero que você passe alguns dias explorando sua nova casa.

Lancei minhas chaves para ele e coloquei a lanterna de volta no bolso.

– Onde está o padre Hughes? De acordo com a história de Boccaccio, o padre deve sobreviver. Ele ainda está vivo?

– É difícil dizer. Ele está acorrentado a um poste, assim como o padre Alberto na história de Pampinea. Mas agora que ele está há quase uma semana em Dover's Ridge, e nevou ontem, não acho que as chances dele sejam muito boas.

O ódio latente dentro de mim se acendeu. Eu precisava relaxar ou cometeria um erro. E um erro fatal.

– Agora, a outra aljava.

Se eu a trancasse, não teria como escapar. Estaria tudo acabado.

– Vai ser você que vai encontrá-lo? O herói? – coloquei os dois braços para trás das costas.

– Existem muitas maneiras de as coisas acontecerem. Essa é uma delas.

– E Cheryl e Ari?

– Estou trocando Amy Lynn e Cli? para a história oito...

– Você disse que iria deixar Cli? vivo.

– Eu menti para você, Pat. E quanto a Ari e Cheryl, eu ainda tenho que contar a história número nove, então parece que vou servir o coração do sr. Ryman para minha esposa no jantar de hoje à noite.

Kurt havia planejado cada detalhe, cada acontecimento, e mesmo percebendo que havia algumas pontas soltas, não eram muitas, e eu tinha a sensação de que ele já tinha tomado providências para corrigir isso.

*Pense, Pat. Pense!*

Eu estava com as mãos nas costas, mas não havia fechado a segunda algema.

– Mas por quê, Kurt? Por que matar essas pessoas?

Ele pensou por um momento.

– É interessante ver as pessoas morrendo.

Ele não disse mais nada, e sua resposta simples e forte me deu calafrios.

– Mas e quanto à morte de Hannah? – eu disse. – Você sofreu quando ela morreu. Eu mesmo vi.

– Eu não sofro. Eu atuo – ele mirou a arma no meu rosto. – Agora, termine de fechar a algema. Quero ouvir o estalo de quando ela fecha.

Eu não tinha mais certeza de que poderia escapar.

– Você vem planejando isso desde a morte dela, não é? Quando Amy Lynn entrevistou você, foi aí que você a escolheu para a história.

Senti o volume da minha lanterna no meu bolso de trás.

*Sim, é isso.*

– Você é Galeotto? Do *Inferno* de Dante? É isso? Você se vê como um cavaleiro que une amantes com a morte?

– Bryant te disse isso – então ele partiu na minha direção. Ele deve ter se cansado da minha enrolação.

Pressionei a algema contra as costas e a fechei até estalar.

– Vire-se – ele parou de andar, mantendo a arma apontada para mim. – Deixe-me ver.

Virei-me. Mostrei a ele meus pulsos, algemados juntos.

– Ok – ele disse. – Venha aqui.

Então eu o encarei e, enquanto me aproximava dele lentamente, peguei minha lanterna do bolso de trás e comecei a desatarraxar o cilindro da tampa que protege a lâmpada.

*Responda à altura.*

Tudo bem.

Acredito que responderei.



Consegui desatarraxar o cilindro, mas não era essa a parte que eu precisava. Deslizei o corpo da lanterna de volta para dentro do meu bolso.

*Mais tempo. Um pouco mais de tempo.*

Analisei novamente o túnel. As paredes e o teto de pedra me lem bravam a caverna de escalada em minha garagem. Como eu poderia transformar isso em vantagem para mim? A lanterna? Jogá-la nele? Arrumar um jeito de tomar sua arma?

Kurt mantinha sua 1911 apontada para mim, mas usava um dedo para batucar em um detonador remoto que segurava na outra mão. O visor do detonador mostrava 30 segundos, mas ele ainda não havia começado a contagem. Ele colocou o dispositivo no bolso.

Parei de andar.

– Então, 13 anos atrás no Meio-Oeste. Foi você ou Basque?

– Não fui eu. Mas os crimes chamaram minha atenção – ele veio na minha direção.

*Só mais um pouco.*

– Você era um fã.

– Não. Um competidor. Por uma audiência. Como eu te disse no sábado, os artigos eram meu relatório de avaliação – ele agarrou meu braço e me puxou na direção da plataforma pendurada a um metro abaixo de nós no poço que estava programado para explodir. – Agora, chegou a hora da história número dez.

Deixei-o me conduzir.

– E o julgamento de Basque? Você carregou a arma?

– Mês passado, na sala de evidências.

Quando chegamos até a borda, ele pegou o detonador.

– Desça – ele disse.

Não me movi.

– Antes de descer, tenho um pequeno conselho para você, Kurt.

– O quê?

– Nunca deixe um homem algemado que sabe como abrir fechaduras sozinho com a mola de arame da sua lanterna.

E então, eu estava sobre ele.



Uma expressão de choque passou pelo seu rosto quando derrubei a arma de sua mão e soquei-o na mandíbula o mais forte que pude, assim como havia feito com Basque.

E a sensação foi tão boa quanto.

Kurt tropeçou para trás, mas se endireitou.

– Certo, que seja assim – eu estava para pegar a arma quando ele sacou a navalha. Ele tocou a tela do detonador e a contagem regressiva começou. :29

:28

– Hora de terminar a história, Pat.

Ele correu na minha direção, atacando com a navalha, mas pulei para o lado. Agarrei seu antebraço, e ambos caímos sobre a plataforma.

Nos estatelamos contra as tábuas, e ele conseguiu segurar a navalha, mas o detonador voou de sua mão.

Vi na tela.

:23

Ele atacou com a lâmina para o lado do meu pescoço, mas eu o empurrei para longe de mim e me levantei.

Eu estava do lado errado da plataforma, preso no canto oposto ao túnel.

Ele segurou a navalha contra uma ponta da corda que passava pelo dispositivo de freio. Cortou-a. A plataforma vacilou mas não caiu.

Ela cairia se ele cortasse a outra ponta.

:20

Ele se afastou um pouco na direção do chão para poder sair da plataforma antes de cortar a corda.

– Adeus, Pat.

– Tchau, Kurt.

Pulei e agarrei a viga de madeira que segurava as polias, então balan cei minhas pernas e o chutei com os dois pés, com força, no peito.

:17

Ele voou para trás sobre a plataforma e antes que pudesse levantar, ergui meus pés até o teto, assim como quando estou praticando escalada. Plantei um pé contra o dispositivo de freio segurando a ponta da corda e o outro contra a alavanca de soltura. Chutei com força. A alavanca se abriu completamente.

E a plataforma caiu.

:13

– Não! – o grito de Kurt cortou o ar ao meu redor.

Mantive a contagem em minha cabeça, joguei as pernas para o lado. Cai no chão ao lado do poço.

:10

Ouvi o barulho sólido do impacto vindo do fundo do buraco.

– Eu vou te pegar! – ele berrou. Ele não parecia seriamente ferido.

Corri até Cli? e arrastei-o na direção da curva.

:06

Virando a esquina.

:04

A explosão seria ensurdecadora. Me ajoelhei ao lado dele.

:02

Apertei meus joelhos contra os ouvidos dele...

:01

...botei as mãos sobre os meus.

Bum.

Uma explosão estrondosa, um som destruidor.

Então, o ar me sufocou. Poeira. Terra. Rochas caindo ao meu redor.

Uma pancada em minha cabeça.

E tudo ficou preto.





53 minutos depois

Olhos fechados.

Movimentos abaixo de mim. Centenas de serras elétricas zumbindo em minha cabeça.

Uma leve oscilação, o chão balançando. Ou talvez não fosse o chão. Talvez fosse tudo um sonho, outro sonho. Eu gemi e ouvi uma voz doce e próxima. Uma voz de mulher.

– Pat.

Minha cabeça estava latejando, martelando.

– Lien-hua – murmurei.

– Sou eu. Estou aqui.

– Eu sabia que você viria – abri os olhos para um mundo borrado e a vi inclinada sobre mim. – Nós ainda podemos... – sussurrei – ... vamos tentar novamente... eu preciso de você.

Mas quando pisquei e espantei o sonho, o rosto de Lien-hua se dissipou e o de Cheyenne apareceu em seu lugar. Atrás dela vi paredes de metal. Um teto. Prateleiras de suprimentos de primeiros socorros. Estávamos dentro de uma ambulância.

– Me desculpe – eu disse suavemente. – Eu pensei...

– Shhhh – ela passou a mão em minha testa. – Está tudo bem. Você está... você sabe onde você está?

Acenei levemente com a cabeça.

– Era Kurt – minha voz soava grossa e seca.

– Nós sabemos – Cheyenne disse. – Cli? acordou antes de você. Ele nos contou tudo – ela balançou a cabeça em descrença. – É inacreditável.

– Sim – mesmo já tendo tido mais tempo do que ela para digerir tudo, eu ainda estava me recuperando do fato de Kurt ser o assassino.

Testei meus membros. Tentei me mover. Tirando minha cabeça dolorida, eu parecia estar bem. Um paramédico estava sentado ao lado de Cheyenne.

Sorri com fraqueza para ela.

– Então, você encontrou minha trilha?

– Seria difícil errar com aquelas faixas de esparadrapo em cada cruzamento.

– E Cli?, está bem?

– Ele vai ficar. Foi levado de helicóptero – ela gesticulou para o veículo. – Você ficou com esse carrinho de açougue.

– É justo – minha cabeça ainda estava um pouco atrapalhada. – Cody?

– Consegui levá-lo para o Hospital Evergreen sem cair. Ele está passando bem, até me agradeceu por ter salvado a vida dele, então acho que voltamos a pelo menos nos falar novamente. Pequenos milagres.

O paramédico, um homem latino de 30 e poucos anos, colocou dois dedos contra meu pulso, para checar meus batimentos. Eu não fazia ideia de por quanto tempo tinha ficado desacordado.

Tentei vasculhar o emaranhado de lembranças que lutavam pela minha atenção: a entrada na mina... seguindo a trilha de sangue... a conversa com Kurt antes da explosão...

– Dover's Ridge – murmurei para Cheyenne –, procure pelo padre Hughes em Dover's Ridge, ele está acorrentado a um poste... talvez um poste de telefone, eu não sei... e Cheryl e Ari estão presos em um serviço de armazenagem... no nome de Ari – eu podia me sentir desmaiando, mas vi Cheyenne pegar o celular. – Eu não sei qual... você precisa checar...

– Eu vou checar. Relaxe.

Tentei pensar, mas tudo estava ficando embaçado. Enquanto desmaiava, vi o paramédico se inclinar por cima de mim enquanto Cheyenne digitava em seu telefone.

E caí no sono novamente.



Sonhos. Vozes. Sussurros. Promessas feitas e quebradas.

Então, uma pressão suave em minha mão direita e eu abria os olhos novamente.

Ainda na ambulância. Cheyenne ao meu lado, sua mão sobre a minha. Ela estava falando ao telefone com alguém.

Tirei minha mão de debaixo da dela e perguntei ao paramédico por quanto tempo fiquei apagado.

– Apenas alguns minutos. Encontramos você há cerca de uma hora. Seus amigos de escalada da equipe de resgate são bons.

Acenei com a cabeça.

– O que aconteceu comigo? – minha voz ainda não soava natural.

– Uma pedra caiu na sua cabeça. Parece uma concussão. Tirando isso...

– Levante-me.

Precisei convencê-lo, mas finalmente ele inclinou a parte da cabeça da maca para cima. Cheyenne ainda estava ao telefone, então pedi a ele para me emprestar o dele. Meio relutante, ele entregou-o para mim.

Digitei o número da divisão de crimes cibernéticos. Estava com medo de ficar inconsciente novamente, então assim que Angela atendeu, expliquei a ela que não tinha muito tempo para conversar.

– Me fale sobre Paul Lansing. Acho que ele pode ser o pai biológico da minha enteada.

Ela não respondeu imediatamente.

– Angela, o que foi?

– Eis o que você precisa saber por enquanto: ele mora nas montanhas de Wyoming. Não tem carteira de motorista. Não tem conta em banco. Ele não possui telefone nem computador; não usa cartões de crédito nem paga contas de serviços públicos.

– Ele está vivendo escondido – murmurei.

A ambulância desacelerou.

– Seus registros são impecavelmente limpos – ela disse.

– Limpos demais?

– Talvez.

– Escute, descubra tudo que puder sobre ele. Eu te ligo quando pegar meu computador. Espere pela minha ligação, ok?

– Certo.

– Continue procurando. Veja o que você consegue encontrar.

– Verei.

Pelas janelas de trás da ambulância eu podia ver que já havíamos chegado ao hospital. As palavras de Angela me perturbaram. Um homem normalmente não desaparece nas montanhas e some do mapa a menos que esteja fugindo de alguma coisa.

O paramédico pegou seu telefone de volta. Cheyenne encerrou sua ligação e então perguntou:

– Pat, você sabe se Kurt sobreviveu à explosão?

– Eu acho que ele teve tempo suficiente para entrar no túnel antes que o poço explodisse. Mas não tenho certeza.

– Existe alguma outra saída naquela passagem?

– Eu acho que não. Ele escolheu aquele túnel por uma razão: não havia como escapar – imaginei o quanto demoraria para uma equipe de resgate tirá-lo dali. Talvez semanas. Talvez eles não se importassem. Esse era um pensamento satisfatório.

Cheyenne pensou nas minhas palavras por um momento.

– Thomas Bennett e a esposa eram donos da mina. Ela deverá saber se existem outras passagens.

– Boa ideia – eu disse.

A ambulância parou e o paramédico abriu as portas de trás enquanto Cheyenne ligava para a central de polícia para pedir o número de Marianne Bennett.

Dois paramédicos correram em nossa direção do hospital e, com a ajuda do homem que havia me acompanhado, me tiraram da ambulância.

– Vejo você lá dentro – eu disse para Cheyenne, e então as portas da sala de emergência se abriram e os três homens me empurraram para dentro do prédio.



6 minutos depois

Minha enfermeira colocou de lado o medidor de pressão arterial.

– O médico virá falar com você em um minuto.

– Obrigado.

Eu tinha ficado tão grogue na ambulância que nem pensei em perguntar para Cheyenne como Calvin estava. Então, assim que a enfermeira saiu do quarto, levantei-me para encontrá-lo.

Me senti um pouco tonto, mas consegui dar dois passos antes de a porta se abrir novamente.

Cheyenne.

Um pequeno sorriso.

– Vai a algum lugar?

Apoiei uma mão contra a parede.

– Só ia ver como Calvin está.

– Eu estava com ele agora a pouco. Nenhuma mudança – ela olhou para mim com preocupação. – Você não deveria estar andando por aí.

– Eu estou bem.

Tirei minha mão da parede e mostrei a ela que podia ficar em pé por minha conta, mas ela segurou meu braço para me apoiar.

– Pat, desde sexta-feira você escapou por pouco de ser queimado vivo, picado por uma cascavel, trancado em uma mina, explodido e esmagado por uma pedra.

– Imagine se tivessem sido dias movimentados – eu disse.

Ela me deu um meio sorriso.

Ela havia deixado a porta levemente aberta. Atrás dela eu podia ver as portas da frente do hospital.

– Obrigado por me tirar daquela mina – eu disse. Ela ainda segurava meu braço.

– Eu disse que voltaria para buscar você.

Suas palavras me lembraram dos comentários que eu havia feito enquanto estava acordando na ambulância. Eu murmurei o nome de Lien-hua, e falei que estava feliz por ela ter voltado.

Que eu precisava dela.

Gentilmente, tirei a mão de Cheyenne do meu braço.

– Cheyenne, quando eu acordei na ambulância, pensei que você fosse outra pessoa.

– Lien-hua.

– Sim.

– Está tudo bem. Eu sei. Você estava grogue.

Procurei pelo melhor jeito de equilibrar honestidade com sensibilidade. Obviamente eu gostava tanto dela quanto de Lien-hua, mas achei que deveria ser sincero com ela. Contar tudo para ela.

Cheyenne deve ter percebido que eu estava lutando para saber o que dizer.

– Sério, Pat. Está tudo bem. Eu entendo. Você não precisa explicar.

Aqui as coisas ficaram complicadas.

– Bem... veja... talvez eu precise.

Silêncio.

– Ah – ela disse suavemente. Seu tom imitou a distância que já estava aumentando entre nós.

– Entendo.

– Escute, talvez eu só precise de um tempo para entender meus sentimentos.

– Sim, claro, faz sentido.

A voz dela estava se quebrando, uma fina rachadura que percorria cada palavra.

*Ela é tão solitária quanto você e você a machucou.*

*Você a machucou.*

Eu queria pegá-la em meus braços, abraçá-la, dizer a ela que eu sentia muito, mas eu sabia que se fizesse, seria uma maneira de fazer uma promessa que meu coração não estava pronto

para cumprir.

– Cheyenne, isso é muito...

– Você pode me dizer só uma coisa, Pat? Por favor.

– Claro.

– Ano passado eu convidei para sair mais de uma vez e nunca dava certo, e eu entendi tudo aquilo, mas... – ela tomou fôlego suavemente. – Tem alguma chance de ainda acontecer?

Ah, não!

Não era assim que as coisas deveriam acontecer.

– Cheyenne, você é uma mulher incrível e eu... quero dizer, se eu não estivesse...

Mas ela me interrompeu levantando a mão.

– Não, tudo bem. É o suficiente.

– Me desculpe.

– Por favor, não precisa se desculpar. A verdade – ela disse suavemente – cai bem em você.

No momento que se seguiu, nossos olhos disseram adeus e eu me senti desamparado, aprisionado pelos meus sentimentos em relação a essas duas mulheres que pareciam, de maneiras diferentes, estar fora do alcance: Lien-hua, por causa do meu passado. Cheyenne, por causa de Lien-hua.

Então, pela porta, vi Tessa e minha mãe entrando na sala de emergência.

– Talvez possamos conversar mais sobre isso depois – eu disse.

Cheyenne virou-se para ver quem eu estava olhando.

– Está tudo bem. Acho que conversamos o suficiente sobre isso – sua voz não continha nenhuma hostilidade e, por algum motivo, isso fez com que eu me sentisse pior.

Antes que eu pudesse responder, ela saiu e acenou para Tessa, e então desapareceu pela curva, e minha mãe e minha enteada se apressaram para me encontrar no quarto.

Percebi que era hora de conversar com Tessa sobre o pai dela.



Minha cabeça ainda doía, mas, tirando isso, me sentia bem. Então, após assegurar para minha mãe que eu estava bem, pedi a ela para esperar no saguão por alguns momentos para que eu e Tessa tivéssemos a chance de conversar.

Ela não parecia convencida de que eu estava bem.

– Eles nos falaram que uma pedra caiu na sua cabeça.

– Uma pedra pequena – eu disse.

Ela sorriu de um jeito cuidadoso e preocupado.

– Tudo bem, mas nós não vamos sair desse hospital até que um médico dê uma olhada em você.

– Combinado.

Isso a satisfez e ela saiu para o saguão enquanto eu guiava Tessa na direção da estação de enfermagem, onde descobrimos que Calvin estava no quarto 131.

– Patrick – Tessa disse –, estou muito feliz que não era uma pedra grande.

– Obrigado. É muito gentil da sua parte.

Seguimos pelo corredor e eu estava prestes a tocar no assunto do e-mail para a divisão de crimes cibernéticos quando ela mencionou que havia visto a detetive Warren deixando meu quarto.

– Eu reconheci o olhar que ela tinha.

– Que olhar?

– Por favor.

Eu não gostava do rumo que aquilo estava tomando.

– Tessa, eu queria conversar com você sobre...

– Então, é assim: menino conhece menina. Menino se apaixona pela menina. Menino perde a menina. Fim.

Contive um pequeno suspiro.

– É assim.

– Que tipo de história é essa?

*A história da minha vida.*

– Acho que certas coisas não funcionam como você espera – era tudo que conseguia pensar para dizer.

– A detetive Warren é o que você esperava?

Definitivamente, era hora de mudar de assunto.

– Então você está procurando seu pai?

Ela deu alguns passos antes de responder.

– Meu sobrenome deveria ser Lansing.

– Você leu o e-mail da divisão de crimes cibernéticos?

– Sim.

– E você quer conhecê-lo?

– Sim, eu quero.

Um terrível turbilhão de emoções soprou na minha direção. Embora Tessa não fosse minha filha, para mim era como se fosse, e doía ouvir suas palavras. Mas mesmo tendo sérias preocupações sobre esse homem, eu disse:

– Tudo bem.

– Tudo bem?

– Se Paul Lansing for seu pai, seu pai de verdade, você tem todo o direito de conhecê-lo – como o dizer isso? Não havia jeito delicado. – Mas...

Passamos pelo quarto 123.

– Mas?

– Você se lembra de como se sentiu ontem quando descobriu que sua mãe lutou com a decisão entre fazer ou não um...

– Aborto. Sim. Eu me lembro.

Respirei fundo.

– Você chegou a pensar na possibilidade de o sr. Lansing não...

– O quê? De ele não me amar? De não querer nada comigo?

– É possível – eu disse.

Quarto 127. O quarto de Calvin estava logo à frente.

Ela mexeu a mandíbula para a frente e para trás por um momento, então disse:

– Eu só quero saber a verdade. Quero dizer, ele é meu pai – então ela olhou para mim. – Você entende, né?

Um momento de silêncio desconfortável.

– Sim. Entendo.

Chegamos ao quarto de Calvin. Abri a porta e o vi deitado na cama. Um médico que eu não conhecia estava lendo seus prontuários. Jake Vanderveld estava de pé ao lado da cama.

Calvin não estava se movendo, e eu temia pelo pior.

– O que sabemos?

O médico olhou em minha direção.

– Sua condição é estável, mas ainda não recuperou a consciência.

Tessa havia encontrado Calvin algumas vezes, e percebi uma nuvem de preocupação em seu rosto.

– Ele está bem?

– Você espera com a minha mãe? – eu disse. – Conversamos mais em um minuto, ok?

Ela ainda estava olhando Calvin.

– Tessa, vá sentar com Martha. Estarei lá daqui a pouco.

Ela finalmente recuou para o corredor, mas então olhou para mim.

– É sério, né? Que eu posso conhecer meu pai? Não foi só...

– É sério. Vamos combinar tudo, eu prometo. Agora, por favor – gesticulei na direção da sala de espera.

Após mais um olhar demorado para Calvin, Tessa saiu.

E eu puxei o médico de lado para dizer a ele que seu paciente estava morrendo.





Expliquei para o médico que eu não sabia bem quais eram as condições de Calvin, mas que o agente especial Ralph Hawkins sabia. Passei para ele o número de Ralph e ele imediatamente saiu do quarto para fazer a ligação.

Fui para o lado de Calvin. Meu mentor. Meu amigo. Ele parecia tão velho e frágil.

– Então era Kurt? – Jake disse.

– Sim – eu disse com simplicidade.

– Incrível. Você o conhecia o tempo todo e ainda assim nunca suspeitou de nada.

– É difícil conhecer as pessoas – senti um nó de tensão em meu peito. – Conhecê-las realmente. Saber do que são capazes.

– Isso é verdade, Pat. É uma boa observação.

Jake tomou fôlego lentamente e depois continuou.

– Encontraram o padre. Aquele homem e a mulher também, na unidade de armazenamento. Estão todos bem. Parece que chegamos até eles bem a tempo.

Era bom ouvir boas notícias.

Minha atenção voltou para Calvin. Eu tinha tantas perguntas: como ele sabia que deveria ir para a casa dos Greers? Por que ele me ligou da central da polícia? Que evidência o levou a suspeitar de que Richard Basque era inocente?

Eu havia reparado que Calvin tinha feito anotações no julgamento. Talvez sua caderneta me desse alguma resposta.

Sua roupas e pertences pessoais estavam na cadeira ao lado da cabeceira da cama. Andei até eles.

– O laptop dela sumiu – Jake disse repentinamente.

– Como é?

Não vi a caderneta de Calvin, mas encontrei um pedaço de papel no bolso de sua calça.

– De Amy Lynn Greer – Jake disse. – Parece que foi ela quem postou o artigo na internet.

Mas é difícil dizer com certeza, porque o computador dela desapareceu.

Calvin havia escrito o nome e o número de telefone da dra. Renée Lebreau no pedaço de papel. Ela era a professora de direito da Michigan State University que havia encontrado as discrepâncias no DNA que havia levado ao novo julgamento de Basque. A folha também continha uma mensagem criptografada: H814b Patricia E.

Eu não fazia ideia do que aquilo queria dizer.

Outro mistério.

Memorizei a informação e devolvi o papel.

– Para mim – Jake disse –, Kurt o pegou e o destruiu.

Eu não conseguia entender por que estávamos tendo aquela conversa sobre o computador.

– Bem, talvez encontremos algo no gravador dela – não descobri nenhuma outra resposta para minhas perguntas nas coisas de Calvin, então voltei para o lado dele.

O comportamento de Jake mudou. Esfriou.

– No quê?

– Vi um gravador de voz na bolsa dela quando eu estava na casa.

Jake parecia estar debatendo algo internamente.

– O que foi? – perguntei.

Ele olhou para o relógio e parou.

– Preciso ir. O capitão Terrell e eu temos uma conferência de imprensa logo mais – ele bateu no meu ombro. – Não se preocupe, Pat. Vou garantir que todos saibam o quanto você nos ajudou nesse caso.

Quanto mais eu falava com Jake, mais minha dor de cabeça voltava.

– Por favor – eu disse –, não se preocupe. Apenas conte a verdade: que nunca teríamos resolvido isso sem o seu perfil.

– Obrigado, Pat. Isso significa muito para mim.

– Por nada.



Após Jake ter saído, sentei-me em silêncio por alguns minutos ao lado de Calvin. Então, eu disse suavemente:

– Nós o pegamos. Pegamos Kurt.

Em seu estado atual, eu não sabia se Calvin podia me ouvir, mas acrescentei:

– E eu disse a verdade hoje. Na bancada de testemunhas. Não sei se foi a melhor coisa a fazer, mas estou feliz por ter feito. Veremos o que vai acontecer a seguir.

Calvin permanecia imóvel. Em silêncio.

Alguns minutos depois, o médico voltou e me disse que havia aca bado de falar com o médico de Calvin em Chicago.

– E?

– Sinto muito, mas é desejo da família que sua condição permaneça confidencial. Você vai ter de falar com eles.

Não era a notícia que eu queria, mas não era hora de discutir. Imaginei que pudesse entrar em contato com a família de Calvin amanhã.

– Tenho de ir – eu disse. – Mas preciso que você me ligue se a situa ção dele mudar. Isso você pode fazer. Não quebra nenhum tipo de confidencialidade.

O doutor acenou com a cabeça. Dei a ele o número do meu escritório, silenciosamente disse

para Calvin que o veria novamente em breve e sai do quarto pra me juntar a Tessa e minha mãe.

Olhei as horas: 22h02.

Então, a menos que Ralph tenha conseguido mexer alguns pauzinhos com o departamento de Assuntos Internos, eu estava oficialmente em licença administrativa do FBI.



Uma semana depois  
Uma estrada de terra  
84 quilômetros a oeste de Riverton, Wyoming  
14h51, Fuso Horário das Montanhas Rochosas

Nosso voo havia pousado duas horas antes e, enquanto eu dirigia o carro alugado na direção da cabana de Paul Lansing nas montanhas, Tessa estava sentada ao meu lado, com os olhos fechados, tentando resolver o cubo mágico que a amiga havia lhe dado.

À nossa volta, a luz do sol brilhava na Cordilheira Wind River, mas nuvens estavam se aproximando.

Estávamos a menos de 10 minutos da cabana.

Durante a última semana, Angela não havia encontrado nada que tivesse sobre Paul Lansing. Nenhum antecedente. Por algum motivo, isso me incomodava. Eu havia prometido a Tessa que ela poderia conhecê-lo, e Angela não havia descoberto nada que me desse motivo para quebrar aquela promessa.

Então aqui estávamos.

No entanto, de jeito nenhum eu deixaria Tessa sozinha com Lansing. Nem por um instante.

Observei as nuvens se juntarem no oeste e Tessa, com os olhos ainda fechados, disse:

– Você teve alguma notícia sobre o dr. Werjonic? Desde hoje de manhã?

Ela girou o cubo.

Clique. Clique.

– Ainda nenhuma alteração – eu disse.

A família de Calvin havia decidido manter sua doença confidencial, e mesmo que eu pudesse mexer os pauzinhos para descobrir os detalhes, preferi respeitar o desejo deles e deixar aquela

informação ficar entre eles e seus médicos. A família já estava furiosa o suficiente por Ralph ter descoberto sobre os problemas de saúde de Calvin antes deles e eu não queria perturbá-los mais. A condição de Calvin era estável, ele estava sendo tratado, e estavam me mantendo informado sobre seu estado. Isso era suficiente para mim.

Eu havia feito uma ligação para a professora Renée Lebreau para ver o que “H814b Patricia E.” poderia querer dizer, mas ainda não havia recebido retorno dela.

Então, nada ainda sobre aquilo.

– Quase lá... quase lá... – Tessa murmurava, girando os lados do cubo em rápida sucessão.

Um pouco de boas notícias, porém: Ralph havia conseguido agilizar a revisão do departamento de Assuntos Internos e, como eu não estava ainda no FBI quando agredi Basque fisicamente, eu havia recebido apenas uma reprimenda oficial. Meus primeiros alunos do verão chegariam em dois dias.

– Consegui! – Tessa levantou o cubo. Abriu os olhos.

Nenhum dos lados estava resolvido.

Ela gemeu.

– Ah! – e jogou o cubo por cima do ombro, para o banco de trás. – É impossível! Eu nunca vou conseguir!

– Não se sinta mal – eu disse. – Hoje de manhã durante o nosso voo, enquanto eu estava olhando você resolver o cubo, pensei naquelas pessoas no YouTube que o resolvem vendadas. Acho que deve ter algum segredo pra isso. É tão óbvio que eu sequer levei em conta de primeira.

– Que segredo?

– Comece com um cubo resolvido, filme alguém te vendando, então misture os lados, remova a venda e então rode o vídeo de trás para frente.

Uma pausa.

– Você tá brincando?

Encolhi os ombros.

– Podemos conferir depois, mas aposto que dá para reparar se assistirmos aos vídeos com muita atenção.

Ela deixou as mãos caírem no colo.

– Ah, isso é uma droga. Eu passei a semana toda naquela coisa idiota.

– Bem, Raven – eu disse –, às vezes o processo para se resolver um problema é mais valioso do que encontrar uma solução.

Ela olhou para mim.

Olhei de volta para ela.

– O quê?

– Dr. Phil?

– Quê? Não! Eu não assisto dr. Phil.

– Isso foi muito dr. Phil.

– Não, não foi.

– Então da Oprah.

Olhei para trás, para a estrada.

– Isso é ridículo.

– Você acabou de evitar contato visual. Ha! Foi da Oprah. Eu sabia.

Dirigi por alguns momentos.

– Eu estava trocando de canal uma vez e cruzei com isso. Só assisti alguns minutos.

– Sim, claro – ela tentou dizer as palavras sarcasticamente, mas percebi um sorriso por baixo delas.

- Ainda assim, é um bom conselho.
- Não é conselho. É um aforismo.
- Certo.

Chegamos ao cruzamento da Glory View com a Eastern Timber Road.

Para chegar à casa de Paul Lansing nós precisávamos dirigir um qui lômetro subindo a Glory View e depois cair em uma antiga estrada de madeireiros que terminava em sua cabana. Desacelerei, talvez mais do que precisasse, hesitei por um momento, então virei na Glory View.

Tessa pegou o diário do chão. Colocou-o no colo. Ela o folheou por um momento, então disse:

- Então, 90 minutos. Foi isso que levaram para decidir?

Demorei para responder. Eu sabia que esse assunto ia surgir, eu só não sabia quando.

- É assim que acontece, às vezes – eu disse. – Alguns júris não precisam de muito tempo para deliberar – a notícia do veredicto dessa manhã estava em todas as telas de TV do aeroporto. E como meu nome e meu rosto foram parte da saga de Richard Basque, tenho certeza de que não levou dois segundos para ligar os pontos.

- Então o que acontece agora? Ele simplesmente é solto?

Emilio Vandez havia pedido a anulação do julgamento, mas por enquanto a resposta para a pergunta dela era sim.

- É assim que o sistema funciona. O sr. Basque foi considerado inocente.

- Mas ele é culpado, certo?

- Ele foi considerado inocente – repeti, apesar de saber que não era a resposta que ela estava procurando. – De acordo com a lei, ele é um homem inocente.

Um silêncio comprido.

- De acordo com a lei – ela disse.

Subíamos pela Glory View Road.

Não respondi.

Mais nuvens se juntavam sobre nós.

- Ele vai atrás de outras mulheres, não vai?

- Não. Eu não vou deixá-lo fazer isso. Eu fiz uma promessa de que eu não o deixaria machucar mais ninguém.

Ela olhou para mim.

- Como você vai fazer isso?

Pensei a respeito.

- Não tenho certeza.

O espaço entre nós pareceu aumentar e, após alguns momentos, ela ♦ disse:

- Você sabia, não é? Todo esse tempo. Que a mamãe ia me abortar.

Por um longo tempo, pensei em como responder a ela, e finalmente optei pela verdade.

- Sim, eu sabia. Foi uma propaganda de revista. Foi isso que a fez mudar de ideia.

- De uma menininha. Com uma caixa de joias no fundo.

Olhei para ela curiosamente.

- A história não termina com dor – ela disse suave e misteriosamente. Então acrescentou. – Mas você nunca me contou, porque achou que me machucaria, certo?

Essa era uma conversa incrivelmente difícil de se ter.

- Tessa, às vezes, para proteger pessoas, você não pode se abrir completamente com elas... É... Acho que o que estou tentando dizer é que é difícil equilibrar a verdade com a compaixão.

- Obrigada.

Suas palavras me pegaram de surpresa.

- Você está feliz por eu não ter contado?

– Não – ela respondeu. – Mas estou feliz pelo *motivo* pelo qual você não me contou.

Chegamos à entrada da estrada de terra que ia até a casa de Paul Lansing e deixei o carro parar.

– Então – eu disse –, você ainda quer fazer isso?

Eu tinha esperança de que ela fosse dizer não, de que em algum momento durante a viagem ela mudasse de ideia e decidisse que tudo isso tinha sido um erro e que as coisas seriam melhores para todos se nós apenas voltássemos para casa.

Mas, em vez disso, ela acenou com a cabeça e cruzou os dedos sobre o diário.

– Vamos.

Milhares de perguntas pairaram ao meu redor.

E, gostando ou não, a resposta para a mais importante delas estava no fim da estrada.

Quando o sol deslizou por trás de uma nuvem e algumas gotas solitárias bateram no para-brisa, fiz a curva e dirigi em direção à casa de Paul Lansing.



## EPÍLOGO

O tempo desmoronou para o vazio.

Uma semana pode ter passado. Ou um mês. Ou mais. Não havia como saber. Em uma escuridão tão profunda, o tempo não significava nada.

Mas Giovanni percebeu sons motorizados bem acima dele, no poço que ele havia lacrado com uma explosão.

Alguém o estava desenterrando.

E então.

Mais tempo se passou, areia de ampulheta que ele não podia medir.

Os sons ficaram mais altos, mais nítidos, conforme mais pedregulhos e detritos eram removidos.

Finalmente, raios de luz começaram a atravessar o poço, cortando como sabres brilhantes o ar denso e escuro.

Como raios do sol do verão.

Então, vozes abafadas.

Indistinguíveis, mas que se tornavam mais distintas conforme as pilhas de entulho eram removidas.

Alguém chamou:

– Olá? Você está aí, senhor? Você está bem aí embaixo?

– Estou machucado – Giovanni respondeu, atuando novamente. – Por favor, preciso de ajuda – ele abriu a navalha e andou até o limite das sombras.

Dentro de minutos, os últimos três pedregulhos foram removidos e dois membros da SWAT desceram de rapel pelo poço, cada homem fortemente armado e usando colete à prova de balas. Mas isso não importava para Giovanni, porque ele ainda podia atingir seus pescoços.

Assim que apareceram, ele os apresentou para sua lâmina.

A luz do sol se derramou e espirrou ao redor dele.

Gritos úmidos ecoaram pelo túnel.



E o Cavaleiro começou a contar uma nova história para o curioso mundo que aguardava.



## AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais para Sonya Haskins, Pam Johnson, Rhonda Bier, Pamela Harty, Jennifer Leep, Tricia Hafley, Je? Walker, Geo? e Linda Stunkard, Kristin Kornoelje, Lizbeth Burkhardt, Dave Beeson, dr. Todd Huhn, detetive Sharon Hahn, Eden Huhn, Liesl Huhn, William Cirignani, Chris Haskins, Pam e dr. John-Paul Abner, Shawn e Carly por terem me proporcionado um lugar onde eu pudesse escrever sossegado; Al Mosch e a turma pelo passeio na Phoenix Mine; Eddie Jones pelo cartão; Amy Lynn pelo seu nome; e Randy, Jerry e Delberta, pela hospitalidade.

Estou em débito com o dr. D. Kim Rossmo pelos textos e pela pesquisa e com o dr. David Canter pelas informações sobre criação de perfis geográficos e sobre os *dacoits*. Aos interessados em investigação geoespacial, recomendo muito seus livros.

**O BISPO**

*Os arquivos Bowers*

*volume 4*

*“Consideramos estas verdades como autoevidentes, que todos os homens são criados iguais, dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes estão a vida, a liberdade e a procura da felicidade.”*

– Declaração da Independência dos Estados Unidos

*“Você aspira pelas livres alturas, sua alma é sedenta pelas estrelas. Mas seus instintos perversos também são sedentos por liberdade.”*

– Friedrich Nietzsche

*“Seja ou não verdade, uma coisa é certa: o homem não é aquilo que deveria ser.”*

– G. K. Chesterton



Duas semanas depois

Sábado, 31 de maio  
Igreja de St. Ambrose  
Chicago, Illinois  
18h36

O corpo do dr. Calvin Werjonic jazia austero e imóvel em um caixão solitário na parte da frente da igreja. Fiquei na fila, a nove pessoas de distância dele, aguardando minha chance de prestar minha última homenagem ao meu amigo.

O ar na igreja tinha gosto de poeira e de cânticos fúnebres.

Tendo passado seis anos como detetive de homicídios e os últimos nove como criminologista do FBI, eu havia investigado centenas de homicídios, mas nunca havia tido a chance de olhar para os cadáveres com objetividade criminológica. Toda vez que vejo um, penso na fragilidade da vida. Na tênue linha que separa os vivos dos mortos – o fluxo de um momento, a amplitude de eternidade contida em uma única e delicada batida de um coração.

Elembrei-me das vezes em que tive de contar para familiares que havíamos encontrado seus entes queridos, mas que “suas condições eram comprovadamente fatais”, que “havíamos chegado tarde demais para salvá-los”, ou que “havíamos feito tudo que podíamos mas eles não sobreviveram”. Banalidades cuidadosamente ditas para suavizar o choque.

Banalidades que não funcionavam.

Em diversos programas criminalísticos do horário nobre, quando investigadores chegam a uma cena de crime e observam o corpo, eles fazem piadas sobre isso, mexem nele como se fosse um pedaço de carne. E vão para os comerciais.

Mas não é assim que funciona na vida real.

A fila andou.

A morte não é banal porque a vida também não é, e no dia em que eu parar de acreditar nisso, não mais farei bem meu trabalho.

Outra pessoa se afastou do caixão e percebi que podia ver parte do rosto de Calvin, enrugado e contraído, e cansado pelos anos. Sua pele estava colorida artificialmente com maquiagem, o que deveria ajudar a fazê-lo parecer vivo novamente, mas servia apenas para deixá-lo parecendo com um manequim, uma réplica pálida do homem que eu havia conhecido.

Aos 72 anos, ele tinha o dobro da minha idade, mas isso não havia impedido nossa amizade.

Quando nos conhecemos, ele era meu professor de criminologia; logo se tornou meu orientador, e quando concluí meu doutorado em investigação geoespacial, ele era um dos meus amigos mais próximos.

Ele morreu há dois dias, após passar dez dias em coma.

Um coma no qual ele não deveria ter estado.

Apesar de não ter sido oficialmente consultor do caso, Calvin havia começado a rastrear independentemente um assassino brutal pelo qual eu estava procurando em Denver. O homem, que chamava a si mesmo de Giovanni, havia chegado até Calvin, atacou-o e o drogou. E após Giovanni ter sido pego – conseguindo matar dois oficiais da SWAT durante sua apreensão –, ele se recusou a nos dizer que droga havia usado.

Apesar de todos os esforços por parte da polícia de Denver e do FBI, não fomos capazes de extrair a informação ou identificar a droga, e como Calvin já estava fraco após lutar contra uma insuficiência cardíaca congestiva, ele acabou falecendo.

Sua condição foi comprovadamente fatal.

Havíamos chegado tarde demais para salvá-lo.

Havíamos feito tudo o que podíamos, mas ele não sobreviveu.

Banalidades.

Que não funcionam.

Três pessoas à minha frente.

A fila estava andando mais devagar do que eu esperava, e olhei para o meu relógio. Minha enteada de 17 anos, Tessa, estava esperando por mim no carro. Desde o funeral de sua mãe no ano passado, a morte a tem perturbado profundamente, fazendo-a se sentir oprimida. Então, mesmo conhecendo Calvin e tendo vontade de ter entrado, ela me disse que não conseguiria. Eu entendi.

Tínhamos menos de uma hora para pegar nosso voo às 19h34 no O'Hare. Seria apertado.

Apenas uma pessoa na fila.

Antes de entrar em coma, Calvin havia descoberto uma pista que estava aparentemente relacionada ao caso de Giovanni, mas também tocava no caso mais famoso da minha carreira: o assassinato e canibalismo de 16 mulheres há mais de uma década no Meio-Oeste. A pista: H814b Patricia E.

Um psicopata chamado Richard Devin Basque havia sido originalmente condenado pelos crimes mas havia recentemente passado por um novo julgamento bem aqui em Chicago, à luz de um novo exame de DNA, e foi considerado inocente. E agora ele estava livre.

Ceguei ao caixão.

É um clichê dizer que os mortos parecem estar dormindo. É um jeito de romantizar a morte, uma tentativa de mandar a dor embora. Se você falar com qualquer policial, médico ou cientista forense, eles não falarão desse modo porque conhecem a verdade.

Os mortos não parecem estar dormindo; eles parecem mortos. Seus corpos se enrijecendo de jeitos estranhos e cheios de sangue. Sua pele pastosa e cinzenta, se desprendendo do cadáver, ou se prendendo a ele em pedaços apodrecidos e malcheirosos. Às vezes suas peles se contraem e se movem por causa de uma grossa subcamada de insetos se contorcendo dentro do corpo.

Não há como confundir a morte com sono.

Então, agora, vi os lábios eternamente selados de Calvin. Seus olhos silenciosos. A maquiagem que deveria esconder as rugas e as evidências de sua deterioração.

A verdade da vida é tão dura, tão brutal, que fazemos tudo que podemos para ignorá-la: nós nascemos, lutamos, perduramos, morremos, e não há nada que sobre para mostrar que estivemos aqui além de algumas poucas marcas, algumas possessões pelas quais as pessoas

deixadas para trás brigam entre si, e então todo mundo segue em frente.

Do pó ao pó.

Das cinzas às cinzas.

A sombria poesia da existência.

Coloquei uma mão na madeira delicada e fria do caixão.

Mais cedo, eu havia prometido a mim mesmo que não iria chorar, mas ao pensar na vida de Calvin e em tudo que ela significava para tantas pessoas, senti meus olhos ardendo.

Me afastei.

Indo para o saguão, passei pelas outras pessoas de luto, acenando para algumas delas, colocando gentilmente a mão em um cotovelo ou sobre um ombro para confortar os familiares ou amigos enquanto seguia na direção da porta.

Ao passar pela porta, percebi que a luz no saguão havia sido diminuída e ele parecia vazio, mas ao me aproximar da saída, ouvi um homem chamar meu nome.

Ele estava de pé, meio escondido pelas sombras, parado perto dos degraus bloqueados que levavam à sacada. Seu rosto estava encoberto, mas reconheci a voz e senti um surto de raiva quando percebi quem era: o homem que eu havia encontrado há 13 anos com o bisturi na mão, inclinado sobre sua última vítima, o homem que um júri de Chicago havia inocentado mês passado.

Richard Devin Basque.

## 2

Ele se aproximou de mim.

– Eu posso apenas imaginar – ele disse – como isso deve ser difícil para você. – Ele usava um paletó cinza-escuro e sua boa aparência morena e europeia fazia com que parecesse ter 30 anos, dez anos a menos que sua verdadeira idade. Um homem poderoso, coberto de músculos, ele parou a menos de um metro de mim. – Eu sei que vocês dois eram muito próximos. Estou orando por vocês.

Logo antes de seu novo julgamento, ele havia convenientemente “se convertido a Jesus”.

Na hora certa.

Táticas. Jogos.

O ódio invadiu minha tristeza e eu não sentia vontade de chorar. Eu sentia vontade de acertar Basque. Com força.

– Sugiro que você saia da minha frente – eu disse.

Ele hesitou por um momento e então fez como sugeri.

Durante seu último julgamento, houve um atentado contra sua vida por parte do pai de uma das jovens que ele havia massacrado. Fui capaz de impedir o atirador, mas no processo, a arma disparou e o homem foi ferido fatalmente.

Enquanto estava caído, moribundo, ele havia me implorado para prometer que impediria Richard Basque de matar novamente, e eu havia prometido, esperando que um veredicto de culpado resolveria o problema, para que eu não tivesse de resolver as coisas com minhas próprias mãos.

Então, Grant Sikora morreu em meus braços.

E meses de duas semanas depois, Basque foi considerado inocente.

Eu só podia imaginar que ele havia aparecido ali naquela noite porque sabia que eu estaria no

velório de Calvin e queria apenas me provocar.

*Ele tem todo o direito de estar aqui. Ele é um homem livre.*

Senti a raiva queimando dentro de mim e percebi que se ficasse na quele saguão por mais tempo, eu faria alguma coisa da qual me arrependeria pelo resto da vida.

Ou talvez eu realmente não me arrependesse.

Parti para a porta. Então parei.

Uma ideia.

Virei-me.

As sombras pareciam no lugar certo ao redor de Basque.

– Quem é Patricia E.? – perguntei.

– Patricia E.?

– Sim.

Seu olhar foi na direção das portas da igreja, por onde duas pessoas estavam saindo. Não parecia que elas haviam nos notado.

– Não sei de quem você está falando.

– Não acredito em você.

Ele me deu um sorriso lento e longo que, apesar de sua aparência de galã, parecia reptiliano sob a luz fraca. Basque pareceu ter lido meus pensamentos.

**Continua...**



Este livro foi publicado em 2013 pela Companhia Editora Nacional.  
Impresso pela IBEP Gráfica, São Paulo.

1. *Violent Criminal Apprehension Program*, ou Programa de Apreensão de Crimes Violentos, unidade do FBI responsável pela análise de crimes violentos ou sexuais. (N. T.)

2. Centro Nacional para Análise de Crimes Violentos, departamento do FBI especializado em crimes violentos. (N. T.)

3. Corvo. (N. T.)

4. Agência do Departamento de Justiça dos EUA. (N. T.)

5. Grupo de elite do exército dos EUA. (N. T.)

6. Centro Nacional de Tecnologia da Aplicação da Lei e Recuperação. (N. T.)

7. Academia Americana de Ciências Forenses. (N. T.)



8. Agência Nacional de Inteligência Geoespacial. (N. T.)

9. Federal Aerospace Locator and Covert Operation Network (N. T.)

10. Parque temático de Denver. (N. E.)

11. Em inglês, *black cloud*, referência ao nome da música que Tessa está ouvindo. (N. T.)



13. Federal Aviation Administration, ou Administração de Aviação Federal. (N. T.)

14. O apelido da cidade de Denver, por situar-se a uma altitude média de 1.600 metros, ou uma milha. (N. T.)

15. A Agência Nacional de Segurança, ou NSA, é uma agência responsável pelo controle de toda a comunicação externa e pela defesa dos sistemas de comunicação e de informação dos EUA.  
(N. T.)



16. No inglês, as palavras *Night* (noite) e *Knight* (cavaleiro) têm exatamente a mesma pronúncia. Por isso o assassinato de Byron Night, na visão do assassino, um “falso cavaleiro” ou “*false knight*”. (N. T.)